

## EDITORIAL

### A IDENTIDADE DO POVO DE DEUS NO TEMPO DO FIM

**Rúben Aguilar, Ph.D.**

Professor de Antigo Testamento da  
Faculdade Adventista de Teologia do  
Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)  
[ruben.aguilar@unasp.edu.br](mailto:ruben.aguilar@unasp.edu.br)

A religião é uma expressão natural do ser humano através da qual o prosélito manifesta seu sentimento de dependência do poder de um ser sobrenatural, ao qual tributa adoração e obediência. Ao longo dos séculos da história da civilização, dezenas e até centenas de manifestações religiosas passaram por um ciclo social: elas surgiram, tiveram seu apogeu e finalmente sucumbiram na ausência de devotos e de esperanças capazes de consolidar a fé. Tal o caso das antigas religiões nacionais de Mitani, etrusca, assíria, babilônica, egípcia, grega, romana, escandinava, azteca, maia; e os grandes movimentos religiosos como o Mitraísmo, Jainismo, Sintoísmo, Zoroastrismo, etc.. Outras grandes religiões parecem estagnadas na expressão numérica de adeptos e restritas a uma determinada área topográfica; como o Taoísmo, Shikismo e Budismo.

A causa da decadência das religiões, segundo assevera Friedrich Max Müller e outros eruditos das Religiões Comparadas, estaria na origem das mesmas que fundamentalmente é mitológica. Consideram o mito como uma elaboração um tanto racional diante de um fenômeno irracional. Essa afirmação implica a convicção de que toda religião supostamente elaborada por esforço mental não pode persistir, por carecer da revelação divina.

Visto por outro ângulo se observa que algumas religiões estão em constante crescimento como o Confucionismo, Islamismo, Induismo e o Cristianismo. Sendo religiões milenares, sua vigência na consciência humana parece depender do código de normas que cada uma delas sustenta. Cabe assinalar que essas normas levam o epíteto de serem frutos de revelação sobrenatural e dessa maneira estabelecem propostas verdadeiras.



Para o investigador de fundamentos fidedignos sobre a autenticidade de uma religião, a orientação prudente é: verificar se as tais respondem aos enigmas da existência. A religião verdadeira, motivada por genuína revelação deve responder e elucidar as profundas questões do ser, como: a origem e o fim dos mundos, o propósito da vida, a origem do mal e da transgressão, a proposta de salvação, a justiça retributiva, a salvação como dom divino, a natureza e atributos da divindade e outras.

O Cristianismo à diferença das outras religiões ostenta na Bíblia a fonte de toda verdade. Nela estão escritos o destino das nações, a história do povo de Deus, os vaticínios em relação à vinda do Salvador, e sobre todo expõe em símbolos e figuras metafóricas, os eventos que devem ocorrer como atos preliminares do desenlace final da história humana. Um desses eventos é a segura orientação que satisfaz os anseios de quem procura identificar, na culminação dos tempos, a comunidade dos filhos de Deus. Essa guia certa encontra-se no livro de Apocalipse, onde se descreve a figura de três anjos com mensagens que devem ser propaladas pelos emissários terrestres, sendo a primeira a que caracteriza o povo de Deus: “ Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, [...] dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, a terra e o mar e as fontes das águas” (Ap 14:6,7).

A interpretação do texto é simples, sem figuras literárias nem de linguagem; descreve uma comunidade que prega o “evangelho eterno”, ou seja, a salvação mediante o sacrifício de Cristo; exorta a adorar a Deus, pois, a “hora do seu juízo” está próxima, sentença que destaca o Advento de Jesus; adverte referendar a adoração ao “criador”, celebrando culto no único dia que comemora a criação divina, o Sábado semanal, conforme instituído no Decálogo. A pregação da Segunda vinda de Jesus e a adoração ao Deus criador, no dia Sábado, obedecendo o quarto mandamento da Lei Divina, é o papel missionário que caracteriza à Igreja Adventista do Sétimo Dia, o qual também é, característica e propósito de “Kerygma”.

A emissão do presente número de “Kerygma”, obedece ao propósito de apresentar esta revista com um estilo mais acadêmico estimulando a produção de trabalhos de pesquisa que possam contribuir a evolução da consciência cristã. Motivada com essa intenção, o leitor apreciará o novo “layout” da sua formatação.



Neste número apresentamos o trabalho do professor Emilson dos Reis, titulado “De Frente com o Inimigo. Saiba como Prevenir, Identificar e Lidar com a Possessão Demoníaca”. Uma instrução capaz de encorajar os tímidos e vacilantes, e sobre todo animar os comissionados ocasionais ao enfrentar os casos aludidos. O professor Wagner Kuhn, apresenta seu trabalho titulado: “Proclaiming the Everlasting Gospel to All People Toward a Creative Adventist Mission Response”, fundamentado nos resultados da sua experiência missionária em terras separadas da antiga União Soviética. Para o enriquecimento no campo do desenvolvimento histórico e teológico, apresentamos o trabalho do professor Jean P. Zukowski, titulado “Joseph Bates on Atonement and Salvation” que trata especificamente da doutrina expiatória na mente desse pioneiro do advento.

Com muito sentido de proliferação, nosso presente número apresenta um bom número de trabalhos literários, previamente apresentados em eventos acadêmicos de alto nível como é o programa “Jornadas Bíblicas”, que acontece cada ano nas dependências do UNASP no município de Engenheiro Coelho, SP. São trabalhos de pesquisa do mais elevado valor cultural, especificamente do campo da teologia, cujo conteúdo vale a pena o dispêndio de algum tempo de concentração e meditação sobre os mesmos.

Finalmente, o leitor terá um vislumbre dos temas de duas teses doutorais apresentadas recentemente nas dependências do UNASP. O autor e o título das teses são: o primeiro, Emilson dos Reis; “A Ira de Deus. Estudo Bíblico Teológico e Proposta Homilética”. O segundo, Pr. Aroldo Ferreira de Andrade; “O Casamento entre Adventistas e não Adventistas. Análise do Problema e Proposta de Procedimentos”.

Assim, é com muita disposição de utilidade que apresentamos o conteúdo do presente número de “Kerygma”, desejando que sua sensação de satisfação por uma leitura edificante seja uma experiência real na sua vida.

## ARTIGOS

### JOSEPH BATES ON ATONEMENT AND SALVATION

**Jean Carlos Zukowski, Dr.**

Professor de História do Cristianismo  
da Faculdade Adventista de Teologia do  
Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)  
[jean.zukowski@unasp.edu.br](mailto:jean.zukowski@unasp.edu.br)

**Abstract:** This study analyzes the understanding of Joseph Bates, one of the main pioneers of movement the Seventh-day Adventist, on the doctrine of atonement in the plan of salvation. All his theology is consigned in a prophetic schema that makes necessary to study his understanding on atonement and salvation within this structure. He saw both atonement and salvation as a process and not as a punctual act. For Bates, the work of Christ in favor of humanity is done in two stages, the first being the forgiveness of sins and the last their purification. The pioneer was not concern in explaining this process of atonement in two stages, because for him salvation and full atonement were an integral part of the great prophetic historical context of the conflict between good and evil. Bates defended the importance of the obedience to God's law, especially in the time of the end, for the process of purification of the character; but he believed that man is saved by grace and not by the obedience to the law.

**Keywords:** Joseph Bates; Salvation; Atonement.

### A TEOLOGIA DE JOSÉ BATES ACERCA DA EXPIAÇÃO E SALVAÇÃO

**Resumo:** Este estudo analisa o entendimento de José Bates, um dos principais pioneiros do movimento Adventista do Sétimo Dia, referente a doutrina da expiação no plano da salvação. Toda sua teologia é colocada em um esquema profético fazendo necessário estudar seu entendimento em expiação e salvação dentro desta estrutura, pois ele via tanto a expiação como a salvação como sendo um processo e não um ato pontilhar. Para Bates, o trabalho de Cristo em favor da humanidade é feito em duas fases sendo a primeira o perdão dos pecados e a última a purificação dos mesmos. O pioneiro não se preocupava em explicar este processo de expiação em duas fases, pois colocava salvação e expiação como parte integral do grande contexto histórico profético no conflito entre o bem e o mal. Bates defendia a importância da obediência à lei de Deus principalmente no tempo do fim neste trabalho de purificação de caráter, mas cria que o homem é salvo pela graça e não pela obediência da lei.

**Palavras-chave:** José Bates; salvação; expiação.



## 1. Introduction

Joseph Bates, James and Ellen White are considered the founding leaders of the Seventh-day Adventist Church. Captain Bates, due to his significant role in the formation of the Adventist movement has been considered as the real founder of Adventism.<sup>1</sup> He is well known today as the “apostle of the Sabbath truth,”<sup>2</sup> the “Outrider of the Apocalypse”<sup>3</sup> and the temperance reformer.<sup>4</sup> His contact with William Miller’s<sup>5</sup> views on the second coming of Jesus led him to become a careful student of Bible prophecies and an enthusiastic evangelist.

The three aspects above mentioned (Sabbath, prophecies, and Health reform) about Joseph Bates have been extensively explored in Adventists literature.<sup>6</sup> However, his theological

---

<sup>1</sup> George R. Knight, *Joseph Bates: The Real Founder of Seventh-Day Adventism* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2004), ix.

<sup>2</sup> Virgil E. Robinson, *Cabin Boy to Advent Crusader* (Nashville: Southern Publishing Association, 1960), 119-124.

<sup>3</sup> Godfrey Tryggve Anderson, *Outrider of the Apocalypse: Life and Times of Joseph Bates* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1972).

<sup>4</sup> Wayne Judd, "Father Bates's Story," *Adventist Heritage*, Summer 1975, 64. Even though he was the oldest of the Adventist pioneers, N. Gordon Thomas states that “he remained remarkably free from serious illness at a time when younger Adventist leaders were patients at health resorts.” “Joseph Bates - Adventist Pilgrim Father,” *Adventist Review*, 26 November 1987, 12.

<sup>5</sup> William Miller is considered the founder of the Millerite or Second Advent Movement of America. Studying Bible prophecies he came to the conclusion that Jesus second coming was near. He formulated fourteen rules of Bible interpretation. The conclusions of Miller’s prophetic studies are: “1. The popular view of a temporal millennium before the second advent, and the end of the age, was a fallacy. 2. The theory of the return of the Jews was not sustained by the Word. 3. Jesus will come again personally, with all the holy angels with Him. 4. The kingdom of God will be established at that coming. 5. The earth will perish in a deluge of fire. 6. The new earth will spring forth out of its ashes. 7. The righteous dead will be resurrected at the advent. 8. The wicked dead will not come forth until the close of the thousand years. 9. The papal Little Horn will be destroyed at the advent. 10. We are living in the last phase of the outline prophecies—such as, in Daniel 2, in the period of the ‘feet and toes.’ 11. All prophetic time periods—such as the 70 weeks, the 1260 days, and the rest—are to be computed on the year-day principle. 12. The 2300 year-days, extending from 457 B.C. to about A.D. 1843, will bring the climax of prophecy and of human history; and that Jesus will come ‘on or before’ the Jewish year ‘1843.’” Le Roy Edwin Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers; the Historical Development of Prophetic Interpretation*, 4 vols. (Washington, D.C.: Review and Herald, 1946-1954), 4:463.

<sup>6</sup> See for example: Anderson; Joseph Bates, *The Autobiography of Elder Joseph Bates: Embracing a Long Life on Shipboard, with Sketches of Voyages on the Atlantic and Pacific Oceans, the Baltic and Mediterranean Seas, Also Impressment and Service on Board British War Ships, Long Confinement in Dartmoor Prison, Early Experience in Reformatory Movements; Travels in Various Parts of the World and a Brief Account of the Great Advent Movement of 1840-44* (Battle Creek: Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association, 1868); Joseph Bates and Clarence Creager Crisler, *Life of Joseph Bates: An Autobiography* (Takoma Park, Washington, DC: Review and Herald Pub. Association, 1927); Joseph Bates and James White, *Early Life and Later Experience and Labors of Elder Joseph Bates* (Battle Creek, MI: Press of the Seventh-day adventist publishing association, 1877); George Burton Boundey, “Spiritual Lineage from James White and Joseph Bates to George Boundey” (Term paper, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1977); Mark L. Bovee, “Pioneers in the History of This



contributions for Sabbatarian Adventism have not been explored comprehensively. George Knight's recent biography, *Joseph Bates: The real Founder of Seventh-day Adventists*, has started to fill the gap on Bates' theological contribution to Adventism. He points to Bates as the first Adventist theologian and tells how Bates set the foundation of our understanding of theology as history. Among other subjects, some aspects of Bates's understanding on salvation are discussed in fifth section. However, Bates's understanding on atonement is not explored as a specific subject in the book.

Since few works have been done on Bates's explicit theological points of view, the purpose of this article is to analyze in Joseph Bates's writings his understanding on atonement and salvation. Bates did not write any particular article or book on salvation or atonement. Sabbath, prophecies, and typology are the main subjects in his works. His main focus continued to be the perfect synchronism between Bible prophecy and history following Miller's historical method of prophetic interpretation.<sup>7</sup> Since all his theological contributions were interrelated with prophetic understandings, it is essential to explain Bates's eschatology before analyzing any other aspect of his theology.

Atonement and salvation will be discussed in the following way in this article: after a general introduction to the research presented in the first section, the second section will describe Bates' eschatology pointing out the different phases of the development of his prophetic understanding. The third section will analyze Bates's understanding on covenant, sin, and salvation. The fourth

---

Denomination" (Term Paper, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary); Everett Newfon Dick, *Founders of the Message* (Takoma Park, Washington DC: Review and Herald Publishing Association, 1938); Sadie Owen Engen and James Converse, *God Set the Sails* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1982); Timothy Edwin Henderson, "Joseph Bates, Health Reformer" (Term paper, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1977); "Historical Notes from the Land of Joseph Bates -- New Bedford and Fairhaven Massachusetts, James White Library; James Joiner, *These Were the Courageous* (Nashville: Southern Pub. Association, 1968); Veikko Olavi Leppanen, "Itineraries of Joseph Bates in 1849-56" (Photographic reproduction of typescript copy, Andrews University Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1975); C. Mervyn Maxwell, "Joseph Bates and Seventh-Day Adventist Sabbath Theology" (Typescript copy, 1977); Kenneth Randolph Riley, "An Investigation into Whether Joseph Bates, E. G. White or F. M. Wilcox Taught Sabbath Observance as a Means of Salvation" (Term paper, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1966); Robinson; Clarence Edwin Stenberg, "A Study of the Influence of Joseph Bates on the Denomination of Seventh-Day Adventists" (Thesis, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1950); Kenneth Wadworth, "Joseph Bates" (Term paper, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1971); Carl R. Wilcox, "The Travels of Joseph Bates" (Term paper, Andrews University, Undergraduate Colleges, 1964).

<sup>7</sup> See appendix 1.



section will analyze Bates's typology. The Jewish annual feasts and their correspondent applications to the plan of salvation will be explored. The section will describe Bates's understanding of atonement based on his typological biblical scheme. Finally a summary and conclusion will be presented.

## **2. Prophecy and History**

Joseph Bates's theology is found mainly in his six books—*The Opening Heavens (1846); Second Advent Way Marks and High Heaps; An Explanation of the Typical and Anti-Typical Sanctuary, by the Scriptures; The Seventh Day Sabbath, a Perpetual Sign, from the Beginning to the Entering into the Gates of the Holy City, According to the Commandment (first and second edition); A Vindication of the Seventh-Day Sabbath, and the Commandments of God: with a Further History of God's Peculiar People, from 1847 to 1848*—and from some articles and pamphlets. His works follow the Millerite historical prophetic method of biblical interpretation.

To understand his works properly it is necessary to describe the Millerite movement, a little. In this section Bates's involvement in the Millerite movement will be presented, then the principal historical events and prophetic framework of the Millerite preaching that resulted in the great disappointment, and finally Bates's new insights on prophetic understanding will be analyzed.

### **2.1 Historical Background**

Joseph Bates spent most of his life as a sailor. His conversion occurred while he was a captain and had listened to Miller's preaching on the imminent coming of Jesus.<sup>8</sup> His Christian and health reform convictions led him to engage actively in health reform and anti-slavery societies.<sup>9</sup> After his acceptance of Miller's preaching on the second coming of Jesus, he started to dedicate most of his time as a leader of the Millerite movement.

The Millerite movement was characterized by its understanding of Bible prophecies, which led their leaders to proclaim the imminent return of Christ to earth. Miller's interpretation of

---

<sup>8</sup> Bates, *Autobiography*, 181-192.

<sup>9</sup> *Ibid.*, 205, 230-241.



Daniel's prophecies, mainly Daniel 8:14—"Unto two thousand and three hundred days; then shall the sanctuary be cleansed"<sup>10</sup>—set the basis for his beliefs in the soon return of Jesus Christ to earth. For Miller, the sanctuary to be cleansed was the earth, and the cleansing of the earth was the final elimination of sin from this world. Since the second coming of Jesus to earth is the biblical event when all earth will be purified from sin, he concluded that the end of the prophetic period of the 2300 days would culminate with the second coming of Jesus to earth. Miller, based on the day-year principle,<sup>11</sup> understood that the end of the prophetic period of the 2300 days would occur around 1843.

Beyond the 2300 days prophecy, other Bible passages received special attention from the Millerite movement. From these passages they applied specific terminologies to identify the different prophetic periods.

### 2.1.1 Prophetic Terminologies and the Disappointment

The most common terminologies used by the Millerites were: time of the end, judgment hour and midnight cry. The expression 'the time of the end' was taken from Dan. 12:4 and 9, and for the Millerite leaders and Bates had its beginning at the end of the 1260 days prophetic period in 1798.<sup>12</sup> The judgment hour was the period from 1798 to 1843, the accepted date at that time for the second coming of Jesus. Josiah Litch<sup>13</sup> presented the judgment in two phases: judicial and

---

<sup>10</sup> Unless specified in the paper all the Bible quotations will be from the King James Version.

<sup>11</sup> According to the historicists in Bible prophecies, when apocalyptic chronological events are predicted the correspondent number of days appointed by the prophecy must be understood as years. One day in prophecy covers the period of one year. For further studies in the day-year principle see Albert Barnes, *Book of Revelation: With a Prefatory Essay on the Year-Day Principle*, [Illustrated annotated edition] ed. (London: Blackie, 1832); Paul A. Gordon, *Pioneer Articles: On the Sanctuary, Daniel 8:14, the Judgment, 2300 Days, Year-Day Principle, Atonement, 1846-1905* (Washington, D.C.: Ellen G. White Estate, 1983); William H. Shea, "The Year-Day Principle: The Reckoning of Time in Apocalyptic Prophecy, 1981," Typescript.

<sup>12</sup> P. Gerard Damsteegt, *Foundations of the Seventh-Day Adventist Message and Mission* (Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1988); C. Mervyn Maxwell and P. Gerard Damsteegt, *Source Book for the Development of Seventh-Day Adventist Theology*, Rev. ed. (1989), 20-25.

<sup>13</sup> Dr. Josiah Litch (1809–1886). Litch was a well-known minister in the New England Methodist Conference. He was born in Higham, Massachusetts, and joined the Methodist Episcopal Church at his conversion, at the age of 17. He accepted Miller's prophetic interpretation and became an active leader of the movement. He wrote books and articles that helped the spreading of the Millerite message. He lectured in many places about the Millerite prophetic interpretation, and he was one of the leading editors of the Millerite paper, *The Signs of the Times*. Ken McGaughey, *Seventh-Day Adventist Roots* [On line Magazine] (1998, accessed April 1 2004); available from [http://www.steps2life.org/php/view\\_article.php?article\\_id=1079](http://www.steps2life.org/php/view_article.php?article_id=1079).



a penal executive. The judicial was in progress since 1798 and had two dimensions, a trial for the dead and for the living. The penal executive judgment was associated with the second coming of Jesus and the resurrection.<sup>14</sup> The midnight cry was an expression taken from the parable of the ten virgins of Matthews 25. It was first understood as the urgent necessity of preaching the message of the second coming in a time where everybody was sleeping—not aware of the nearness of the second coming of Jesus.<sup>15</sup> After the first disappointment, it was identified with proclamation “behold, the bridegroom is coming” in the tarrying time of the period between spring-autumn of 1844. This period was called the true midnight cry of the seventh month movement.<sup>16</sup>

The Millerite movement had set the year 1843 for the second coming of Jesus, but a more accurate analysis of the Jewish calendar led them to fix October 22, 1844 as the end of the 2300 days period. However, on the appointed date Jesus did not come. Many Adventist believers were disappointed and gave up their historical prophetic understanding. However, some of them continued studying the Bible seeking for more light. They believed in the accuracy of the prophetic chronology, but were looking for answers regarding what kind of event had occurred at the end of the prophetic 2300 days.<sup>17</sup>

## 2.2 Bates Prophetic Outline After 1844

Joseph Bates was part of those who continued believing in the correctness of the prophetic chronology. For him all Millerite Adventist interpretations—for example: the seven churches, the midnight cry, the shut door—were correct except what should take place at the end of the 2300 days. The second coming of Jesus to earth continued to be an imminent event to him. His discovering of the Sabbath and a deeper study of the priestly ministry of the earthly sanctuary led

---

<sup>14</sup> Damsteegt, *Foundations*, 45-46; P. Gerard Damsteegt, *Development of Seventh-Day Adventist Theology an Outline* (Berrien Springs, MI: Christian Heritage Media, 1995), 17.

<sup>15</sup> Miller interpretation of the parable in the context of the proclamation of the first angel message was as follow: ten virgins, humanity in general; the lamps, word of God; the oil, faith; the bridegroom, Christ; the Marriage, Christ's coming to earth to marriage His church; the midnight cry, the ignorance of the people about the second coming of Jesus; the trimming of the lights, the distribution of the Bibles by tract societies, missionary societies, Sabbath schools, and Bible classes; the shut door, the closing of the door of mercy or probation. Damsteegt, *Foundations*, 40-45; Damsteegt, *Development of Seventh-Day Adventist Theology an Outline*, 17.

<sup>16</sup> Damsteegt, *Development of Seventh-Day Adventist Theology an Outline*, 27.

<sup>17</sup> Damsteegt, *Foundations*, 99-115; Damsteegt, *Development of Seventh-Day Adventist Theology an Outline*, 25.



him to see in the end of the 2300 days, the beginning of Jesus ministration in the Most Holy Place of the heavenly sanctuary. For him the Bible was not contradictory to itself. All Bible students should be careful in their research to allow the clearness of the Bible to explain itself.

### **2.2.1 The Second Coming, the New Jerusalem and the Sanctuary**

After the disappointment Bates wrote a book<sup>18</sup> confirming his belief in the correctness of the biblical chronology. In response to those who spiritualized the second coming of Jesus,<sup>19</sup> he affirms his belief in the literal second coming of Jesus and consequently in the implementation of His everlasting kingdom on the renewed earth. He states to “believe [that] he [Jesus] is in the third Heaven, in Paradise, with God, the Father; (see 2 Cor. 12:2,4; Rev. 3:21; Heb. 1:3,9 and 24) that he is now about to come with the Holy CITY, THE CAPITAL of his everlasting kingdom, and locate it in the ‘midst’ of the promised land where he was crucified.”<sup>20</sup> He identifies this New Jerusalem as a literal city, the place where God dwells, and God’s sanctuary. He quotes many Bible verses to prove that Moses’ tabernacle was a figure of the true heavenly tabernacle. He uses many biblical heavenly descriptions, where the same furniture present in the earthly tabernacle is present in the heavenly one. He presents Jesus as our High Priest working in our behalf in this heavenly sanctuary.<sup>21</sup> He quotes Ezekiel 37 to prove the necessity of the “place”– God’s temple on earth–applying it to the coming down of the New Jerusalem to earth after the second coming of Jesus. He sometimes presents the whole city as the Sanctuary and other times a part of the city as the sanctuary.<sup>22</sup>

### **2.2.2 2300 Days Prophecy**

Since Miller believed in the correctness of the prophetic chronology, Bates did not question the beginning and end proposed by the Millerites–457 AC to 1844 AD–for the prophetic

---

<sup>18</sup> Joseph Bates, *The Opening Heavens or, a Connected View of the Testimony of the Prophets and Apostles, Concerning the Opening Heavens, Compared with Astronomical Observations, and of the Present and Future Location of the New Jerusalem, the Paradise of God* (New Bedford: Press of Benjamin Lindsey, 1846).

<sup>19</sup> For more details on the Millerite historical accounts post-disappointment see Knight, 71-74.

<sup>20</sup> Bates, *The Opening Heavens*, 3.

<sup>21</sup> More details of his understanding on Christ ministry in the heavenly sanctuary will be given in chapter IV.

<sup>22</sup> Bates, *The Opening Heavens*, 25-39.



period of the 2300 days of Daniel 8:14. As the fulfillment of the prophecy, he presents Jesus' two-phase ministry in the heavenly sanctuary. Christ's ascension to heaven after His resurrection is pointed out by him as the beginning of His mediation in the first part of the sanctuary—the Holy place. The cleansing of the sanctuary, predicted by the prophecy took place when Jesus entered in the second room of the heavenly sanctuary, the Most Holy Place, to do the work of judgment after 1844.<sup>23</sup>

### 2.2.3 The Ten Virgins

Bates relates Daniel 7:9, 10, and 13 with the coming of the Bridegroom in the parable of the ten virgins. The coming of the Son of Man to the Ancient of Days of Daniel he understood as Jesus, the Bridegroom, coming to the wedding to receive His kingdom. This was the coronation of Jesus as King of Israel and the beginning of His work of judgment not His second coming to earth. After this work of judgment He would come to gather His people in the clouds of heavens.<sup>24</sup>

In the first years after the disappointment he believed that only those who had participated in the Millerite movement and were waiting for the Second Coming of Jesus in 1844 would go in with Jesus to the marriage. When Jesus entered in the Most Holy place to cleanse the sanctuary the door was shut.<sup>25</sup> However, for those who had left the apocalyptic church of Sardis and were part of the church of Philadelphia the door was open. According to him, Jesus had opened a door for the Philadelphian church that nobody could close.<sup>26</sup> This understanding limited Adventist missiology (in the first years after the disappointment) to those who participated in the Millerite movement. Later on, Bates changed his position in the shut door belief.<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> Joseph Bates, "The Holy Sabbath," *Advent Review and Sabbath Herald*, April 7 1851, 8-9. More details on Christ' two-phase ministry will be given in chapter IV.

<sup>24</sup> *Ibid.*, 9-11.

<sup>25</sup> *Ibid.*

<sup>26</sup> *Ibid.*, 13-15.

<sup>27</sup> George Knight says that Bates changed his opinion on the shut door belief only after 1852 when David Hewitt—a non participant in the Millerite movement—converted listening to Bates' preaching. Knight, 132.



#### 2.2.4 The Seven Churches and the Three Angels Message

The Sabbath truth opened a new door for Bates to interpret the three angels messages, the sealing of the 144,000, and to explain why Jesus did not return to earth in 1844. In the beginning Bates maintained the same interpretation of the Millerite movement on the Three Angel messages. He continued interpreting the preaching of Jesus second coming by Miller and others after 1840 as the fulfillment of the first angel's message; the nominal churches rejection of the first message as the fulfillment of the second angel's message, and the calling for all people to leave Babylon and be prepared for the Advent of Jesus as the third message.<sup>28</sup>

Bates's new insights in Revelation 14 are connected with his understanding of verses 12-14. He saw a singular characteristic of those who would be prepared to meet Jesus in His second coming—they had the testimony of Jesus and kept the commandments of God.

For Bates, the Sabbath truth should be restored before Jesus second coming. The Sabbath was the seal of the living God which the 144,000 would receive. Bates posits that

When the 144,000 on the earth, individually, keep God's Holy Sabbath according to the commandment, see the examples in Luke 23:56, and decalogue, Exo. 20:8-10, then the sign of that Sabbath is manifest, and this sign will be a seal of their righteous act and faith, as circumcision was to faithful Abraham, Rom. 4:11, and the act ratified, by their being 'sealed by the holy spirit of promise unto the day of redemption'.<sup>29</sup>

Bates shut and open door understanding after 1844 led him to see those who participated in the Millerite movement but after the disappointment had abandoned the historicist prophetic interpretation as the Laodicean church. For him, only these Millerites had an open door, a new opportunity to turn back to the Philadelphia church, accept the commandment of God—the Sabbath—and doing that to be prepared to meet Jesus at his imminent second coming. He states that

the seventh state is the Laodicean, organized by those who left the Philadelphia after the 2300 days, the appointed time, had ended. Hosea describes all their converts, v. 7. This is the state which the great head of the church is laboring to disband and dissolve: 3:14-21; see particularly 19th verse. Repent (and turn to the Philadelphia) for there is no other

---

<sup>28</sup> Joseph Bates, *Second Advent Way Marks and High Heaps : Or a Connected View of the Fulfilment of Prophecy, by God's Peculiar People, from the Year 1840-1847* (New Bedford: Press of Benjamin Lindsey, 1847), 45-67.

<sup>29</sup> Joseph Bates, *A Seal of the Living God. A Hundred Forty-Four Thousand, of the Servants of God Being Sealed, in 1849* (New Bedford, MA: Press of Benjamin Lindsey, 1849), 36.



state of the Church since 1844, where the new commandment can be kept: John 13:34,35. Bible definition shows it to be the state or church of brotherly love.<sup>30</sup>

In this context Bates presented the Sabbath as the present truth, the sealing message, and its acceptance or rejection essential to salvation for those who were part of the Laodicean church. Bates was always open to receive further light from the Word of God. His later understanding on the three angel messages was influenced by James White. He saw the three messages not one following the other, but beginning in different times and continuing until the atonement in heaven be ended. He added to the third angel's message Revelation 14:12.<sup>31</sup> Bates explain also that the open door was for those who not participate in the Millerite Experience.

### 2.3 Summary

Bates kept the same prophetic framework of the Millerite movement. However, he had new understandings about the end of the 2300 days and other Bible prophecies. He believed in the chronologic accuracy of the 2300 days prophecy. He believed that this prophecy had its beginning in 457 BC and its end in 1844 AD. He believed that in 1844 Jesus came to the Father as Bridegroom to be crowned and begin His ministry of judgment in the Most Holy place of the heavenly sanctuary. He believed that the Sabbath was the seal of God and that it should be restored before the second coming of Jesus in fulfillment of the third angel's message. He believed that the Sabbath will be the sign that will differentiate God's peculiar people, the 144,000, before Jesus second Advent. Before he gave up that the shutting of the door of mercy happened in 1844, he believed that only those who participated in the Millerite movement had an open door for new development on the Bible truth and could be saved.

### 3. Covenant, Sin, and Salvation

After the disappointment Bates came to the conclusion that the missing point in the Millerite view of God's salvific plan delineated through out prophetic timeline was Jesus two phases work of atonement in the heavenly sanctuary. The cleansing of the sanctuary was part of the second

---

<sup>30</sup> Joseph Bates, *An Explanation of the Typical and Anti-Typical Sanctuary by the Scriptures, with a Chart* (New Bedford: Press of Benjamin Lindsey, 1850), 13.

<sup>31</sup> Bates, *Autobiography*, 295-306.



phase and had implications both in heaven and earth. While in heaven Jesus was performing the work of judgment, on earth God's people should be purified. The main point of this special work of purification on earth was for Bates the unfolding of all biblical truth, specially the keeping of the Sabbath. The rejection of the Sabbath was for him the rejection of the present truth. This led Bates to preach the Sabbath as essential to salvation for the last people of God on earth.

Bates emphasis on Sabbath observance led some Adventists that had abandoned the historicist way of interpreting the Bible to accuse him of being a legalist. To better understand Bates' concepts on salvation and atonement in this section his views on covenant, sin, and salvation will be discussed. His views on atonement will be the topic for the next section.

### **3.1 Bates on Covenants**

Bates presents in his works two explanations on covenant. He talks about covenant as four everlasting covenants, and he comes up with the Ten Commandments as God's covenant. The fact that he declares the Ten Commandments as God's covenant does not mean that it is a fifth one. He has the Ten Commandments as the base of all covenants.

#### **3.1.1 Four covenants**

Bates says that the Bible presents God's four everlasting covenants with humanity. He presents the Sabbath as one of these everlasting covenants. He describes it as the fourth covenant and the one that, if observed faithfully, can validate the other ones. He describes the four covenants in the following way:

1. Is the covenant of inheritance 'confirmed unto Jacob for a law, and unto Israel for an everlasting inheritance.' - Psalms 105:8-12. Acts 7:3-6. Eph. 1:14.
2. Is an everlasting covenant of redemption. 'I have made a covenant with my chosen; I have sworn unto David my servant. - His seed shall endure forever, and his throne as the sun before me. It shall be established forever as the moon, and as a faithful witness in heaven.' - Psl. 89:3,36,37. Heb. 9:12,15. Eternal redemption.
3. Is an everlasting covenant of peace. 'Behold I give unto him my covenant of peace; even the covenant of an everlasting priesthood.' Num. 25:12,13. Eze. 20:37. 37:26, my covenant of peace shall be an everlasting covenant.

Now mark! These three eternal, and everlasting covenants are conditional to God's children here, and are yet in the future; and can only be inherited by the living saints in



the future, by keeping the 4th everlasting covenant. It is not the 4th or last in order in the Bible, I have merely called it so in this explanation.<sup>32</sup>

In the first covenant—covenant of inheritance—Bates includes the Ten Commandments and all other ordinances related with the sanctuary services. In the second covenant—covenant of redemption—he includes the Ten Commandments, but now no ordinances are established because it is established in better promises, Jesus is the mediator of this new covenant. The first covenant is still everlasting for Bates when he considers that the true Israel will inherit the promise land, the New Jerusalem.<sup>33</sup>

The third covenant he identifies with the first covenant when the presence of God through the temple was with Israel. He states it as an everlasting covenant and not limited to the Jews. The presence of God is part of the second covenant through Jesus Christ now on earth and in the future in the New Jerusalem. In this way he links this third covenant with the second one. With the fourth covenant—Sabbath keeping—he makes the same connection. It was part of the first as well as the second.<sup>34</sup>

### 3.2 The Definition of Sin

Bates understanding on salvation is connected with his definition of sin. He defines sin as transgression of the law. In his explanation about the Sabbath not being a shadow of Christ, he gave the following definition of sin: “But the weekly Sabbath, that never was given for a feast day as the above were, is not a shadow, neither can it be unless all of God's commandments are shadows. If they are shadows, then of course they are blotted out, and there can be no sin. ‘For sin is the transgression of the law.’ ‘Where no law is, there is no transgression.’ This settles the question forever.”<sup>35</sup>

For Bates, any kind of sin that was not confessed would be enough to keep somebody out of heaven. However, he is clear in presenting that God through Jesus can forgive any confessed sin. “Under the gospel, God for Jesus' sake gives the Sabbath-breaker, and all other sinners space

---

<sup>32</sup> Bates, *Seal of the Living God*, 59-60.

<sup>33</sup> Joseph Bates, *A Vindication of the Seventh-Day Sabbath and the Commandments of God : With a Further History of God's Peculiar People from 1847-1848* (New Bedford, MA: Press of Benjamin Lindsey, 1848), 50-51.

<sup>34</sup> *Ibid.*, 50-53; Bates, *Seal of the Living God*, 59-61.

<sup>35</sup> Joseph Bates, "New Testament Seventh Day Sabbath," *Advent Review and Sabbath Herald*, January 1851, 31-32.



for repentance”<sup>36</sup> “My limited views of conversion, and strong desire not to be deceived in this important matter, caused me to overlook the simple manner in which God graciously condescends to pardon the guilty, pleading sinner.”<sup>37</sup>

### 3.3 The meaning of Salvation

Bates has statements on Sabbath and salvation like “Much more is said about it than any doctrine in the Bible, beginning in Genesis, and continuing down to the closing up of the last message which God ever gave to man, proving clearly that the continuing doing of these commandments saves the soul,” “the keeping of GOD’S SABBATH HOLY, GOD’S SANCTIFIES AND SAVES THE SOUL!,”<sup>38</sup> that links salvation with Sabbath keeping. Was Bates teaching salvation by works through these statements? What was Bates concept on salvation?

Bates’s views on salvation are connected to the context in which he preached his messages. Bates was preaching for those who were living in a specific prophetic time. In section one was presented that for him the door of mercy was shut for those who had rejected the Millerite message and a door was open by Jesus for those who had not rejected this message. The special message for these believers in the second coming was the restoration of all truth, which included the keeping of the Sabbath. Bates posits that God is calling His remnant people to make a covenant with Him and be sanctified and prepared to overcome in the last time of probation. The covenant for those who lived after 1844 is based on the law of God and the testimony of Jesus. This is not a covenant of acceptance of Jesus as savior. However, because of the specific time that they live, those who do not meet the conditions of this covenant—for example the keeping of Sabbath—can lose their salvation. Bates says:

All that are saved now, must keep the commandments of God, in accordance with the third angel's message. - Rev.xiv,12. No matter how much else we do, if this third and last message is unheeded, we cannot be saved, any more than those who are now condemned for rejecting the first and second messages in verses 6-8. When the Master of the house (the Lord Jesus) rose up and shut to the door, all honest believers, that had submitted to his will, and children that had not arrived to the years of accountability, were undoubtedly

---

<sup>36</sup> Bates, "The Holy Sabbath," 57.

<sup>37</sup> Bates, *Autobiography*, 203.

<sup>38</sup> Bates, *Vindication of the Seventh-Day Sabbath*, iii, 55.



borne in on his breast-plate of judgment which is over his heart. - The names of all that fully keep the commandments are retained. These that do not, will have their names erased before Jesus leaves the Holiest.<sup>39</sup>

Bates says also that the Sabbath covenant is a test for God's people before Jesus comes to earth. For those who reject the chronological understanding of the 2300 days and the Sabbath message he affirms that Jesus cannot save them.

We say, that as long as they continue rebellious against their lawful Prince, it is morally impossible for them to beget for him one peaceful subject. God has a true test, by which to try every individual since the Midnight Cry. It is 'the commandments of God and the faith of Jesus,' Rev.xiv,9-12. [...] I entreat you, seize the glimmering light of salvation, that is about to be forever extinguished from this guilty world. Grasp it with all your soul, and might, and mind. Plead with the blessed Jesus, for immortality and eternal life. Talk about searching out sinners, that the work of the Midnight Cry left in outer darkness six years ago! He will not save you, if you do not quickly flee from the dreadful snare you are now in.<sup>40</sup>

For him the major problem is voluntary disobedience, not accidental acts of sin. According to his definition of sin—transgression of the law—a sinner that persists in sin cannot be saved. He says:

The test, for keeping them to obtain eternal life, is found in this verse also. For he says, 'Whosoever shall violate, or teach others to violate,' 'shall be in no esteem in the reign of heaven.' But all such as 'practice and teach them, shall be highly esteemed in the reign of heaven.' We cannot be made 'kings and priests unto God,' unless we are esteemed; therefore, all such as *knowingly* violate God's commandments, will not reign in heaven.<sup>41</sup>

Bates declares the Sabbath a test for God's people at the end time. Nevertheless, he sees possibility of salvation for those who do not come to the knowledge of the Sabbath message and for the children of believers. He says, "it is true, some persons that are ignorant of this message may, and undoubtedly will be saved if they die before Jesus leaves the Holiest."<sup>42</sup>

The obedience of the law is not what gives salvation for the doers, but Jesus death on the cross. For him the law is only a guide to eternal life. It comes after salvation. He says: "Respecting the questions of the young man, and the lawyer, Jesus told them, that the way to enter into eternal life, was by keeping the commandments. How shall we ever find the way there,

<sup>39</sup> Joseph Bates, "Duty to Our Children," *Advent Review and Sabbath Herald*, January 1851, 39.

<sup>40</sup> Joseph Bates, "Midnight Cry in the Past," *Advent Review and Sabbath Herald*, December 1850, 24.

<sup>41</sup> Joseph Bates, "New Testament Testimony," *Advent Review and Sabbath Herald*, November 1850, 11. [Emphases mine.]

<sup>42</sup> Bates, "Duty to Our Children," 39.



if there are none? Did our blessed Lord die to save men, and then point out such a path to walk in? No, no. He gave us the whole law of God to guide us into eternal life, and man cannot find any other way.”<sup>43</sup>

Bates conversion history is important when his views on salvation are discussed. He wrote his autobiography at the end of his life. If he believed at that time in salvation by works he would present it in his biography. The following quotations taken from his biography are important to clarify his understanding on salvation.

First he states forgiveness of sin and salvation without mention of works. “This was the 30th of September, twenty-six days from the capes of Virginia. From thence I felt a sinking into the will of God, resolving henceforward to renounce the unfruitful works of the enemy, and seek carefully for eternal life. I believe now that all my sins were forgiven about that time.”<sup>44</sup> He says of full and free salvation. “I was much disappointed also in not finding one professor of religion to converse with, among the many thousands of people here, but I was fully resolved to persevere for a full and free salvation.”<sup>45</sup>

Bates made a covenant with God that is symbol of his understanding of salvation.

Eternal and ever-blessed God: I desire to present myself before thee with the deepest humiliation and abasement of soul. Sensible how unworthy such a sinful worm is to appear before the Holy Majesty of Heaven, the King of kings and Lord of lords, [...] I come therefore acknowledging myself to have been a great offender. Smiting on my breast and saying with the humble publican, ‘God be merciful to me a sinner,’ [...] this day do I with the utmost solemnity surrender myself to thee. I renounce all former lords that have had dominion over me, and I consecrate to thee all that I am, and all that I have. [...] Use me, O Lord, I beseech thee, as an instrument of thy service, number me among thy peculiar people. Let me be washed in the blood of thy dear Son. To whom, with thee, O Father, be everlasting praises ascribed, by all the millions who are thus saved by thee. Amen.<sup>46</sup>

Bates remarks on his understanding of the covenant words at the time he wrote his biography demonstrate how much he believed in those words, because the words were more solemn for him at that time than when he had pronounced them years before. He says:

---

<sup>43</sup> Bates, "New Testament Testimony," 11.

<sup>44</sup> Bates, *Autobiography*, 184.

<sup>45</sup> *Ibid.*, 186.

<sup>46</sup> *Ibid.*, 185.



I wish that I could always have the resignation to the will of God that I felt the morning that I signed this covenant. Yet I could not believe then, nor for many months after this, that I had any other feelings than a deep conviction for sin. I am satisfied that I have not always regarded this covenant in the solemn light in which I now understand it. But I am very glad I made it, and that God has still spared my life to allow me yet to do all that I therein covenanted to do.<sup>47</sup>

Bates states that God graciously conceded pardon.

For something like eighteen months I had been unwilling to believe that the Lord had forgiven me my sins, because I had been looking for some evidence, or manifestation of his power, (I did not know how or in what manner), which would convince me beyond a doubt. My limited views of conversion, and strong desire not to be deceived in this important matter, caused me to overlook the simple manner in which God graciously condescends to pardon the guilty, pleading sinner.

After meeting, my tongue was loosed to praise God for what he had done for me so many months before. From this time, All doubts and darkness respecting my conversion and acceptance with God, passed away like the morning dew, and peace like a river, for weeks and months occupied my heart and mind. I could now give a reason of the hope within me, and say with the apostle, 'We know that we have passed from death unto life because we love the brethren.' 'Old things are passed away; behold all things are become new.' 1John iii,14; 2Cor.v,17.<sup>48</sup>

Bates connected conversion and salvation with change of life. He not only kept it for himself, but decided to put it as a rule—the Christian principles—on his boat. He forbade swearing, washing or mending clothes on Sunday, liquor on board, and stimulated good fellowship and God's worship on board. For him, salvation was freely offered by God, but the Christian responsibility was to be in covenant with God and avoid sin, that he stated to be the transgression of the law of God.<sup>49</sup>

#### **4. Type, Anti-Type and Atonement**

The great disappointment led Joseph Bates to do a deeper study of the whole sacrificial system of the OT tabernacle. The annual feasts of the Israelites were understood by Bates as shadows of Christ's ministry on earth and in heaven. He gave special attention to the three main

---

<sup>47</sup> Ibid.

<sup>48</sup> Ibid., 203.

<sup>49</sup> Ibid., 209-212.



feasts of the Mosaic law: Passover, Pentecost, and the Tabernacle which the Day of Atonement was associated. He pointed out that the same exactness of the fulfillment of the two first feasts—Passover and Pentecost—in Jesus ministry on earth should be repeated in all other types, mainly the third feast—the Tabernacles.

In his exposition of the biblical typology, Bates presents a solid understanding of the atonement connected with the sacrificial system of the OT. He presents two kinds of atonement: daily atonement and national atonement. In this section it will be explored how he connects the sanctuary ministrations of the OT with Jesus ministry, and his understanding of the atonement.

#### **4.1 Ministration on Earth and in the Holy Place**

Bates had a biblical view where God's plan was perfectly presented in symbols and types. For him the lack of understanding of biblical typology of many of the previous leaders of the Millerite movement was not in the biblical types, but in their limitations to comprehend God's word. He saw in the death of Christ on the cross the fulfillment of the lamb sacrificed in the Passover. He presented the whole feast of Passover as being fulfilled in the cross, and as proof of the correctness of Bible typology. He says: "Just see how perfectly to the very hour of the day our Savior fulfilled the type of the passover, about 1500 years from its commencement, at 3 o'clock in the afternoon, on the 14th day of the first month. Surely not one jot of the law failed here."<sup>50</sup> He used the pouring out of the Holy Spirit on the day of the Pentecost as another event to support his position.

Again, 50 days after this [Passover], the anniversary of the giving of the law by God to Moses at Sinai, called the feast of weeks, was fulfilled by the Holy Ghost descending like a rushing mighty wind, and as cloven tongues of fire. Here too was antitype answering to type. Here then are two feasts out of three entirely and forever fulfilled in this state."<sup>51</sup>

Bates emphasizes on the exact fulfillment of the first two feasts of the OT, Passover and Pentecost, was to show the necessity of a typological day of atonement to take place according to the biblical Israelite festival cycle. He says:

The first at the Passover, second 50 days after or the Pentecost, third and last seventh month at the ingathering of the harvest. Now here were types to be fulfilled as clearly as those which had already been, and my solemn conviction is that the feast of Tabernacles

---

<sup>50</sup> Bates, *Way Marks*, 80.

<sup>51</sup> *Ibid.*



at the ingathering of the harvest is to be fulfilled here by the ingathering of the whole Israel of God.<sup>52</sup>

Since all the feasts and sanctuary sacrifices were a shadow of Christ for him, Christ's ministry on earth and heaven should be explained according to the priesthood, sacrifices, and feasts of the old tabernacle.

#### 4.1.1 The Earthly Ministration

Bates emphasized the sacrificial aspects of Jesus earthly ministry. All the daily sacrifices offered in the earthly sanctuary are for him a symbol of Jesus death on the cross. He connects Jesus death not only with the daily sacrifices, but also with the Passover feast. The same way that in the Passover God delivered His people from Egypt, Jesus was the Lamb of God that was dead to deliver His people from sin.<sup>53</sup> He posits an exact fulfillment between the type and antitype when he applies the Passover to Jesus earthly ministry. He says:

The time in which God delivered his people from Egypt, about 3440 years ago, they were directed to kill a lamb at 3 o'clock in the afternoon, on the 14th day of the first month, viz: Abib or April; This was to be continued at its appointed season every year, and thus more than fifteen hundred years passed on to the 14th day of the 1st month, A. D. 31, even at three o'clock in the afternoon, and Jesus the Lamb of God yielded up the ghost. This certainly was exact.<sup>54</sup>

#### 4.1.2 The Heavenly Ministry

Bates divides the heavenly ministry of Jesus in to two phases: His work of mediation in the Holy Place and His work of judgment in the Most Holy Place. Bates division is based on his typological understanding of the Bible. Jesus work in the Most Holy Place as Judge could happen only in the typological and prophetic appointed time for the cleansing of the sanctuary. Up to this point, Jesus was ministering in the Holy Place the daily atonement for individual sins following the pattern of the Israelites feast cycle. Bates logic in this mediator work of Jesus in the Holy Place is:

Where did he commence his daily Ministration as Mediator for all the world? Ans. - In the Holy Place. Proof - Paul, Heb. 9:12; John, Rev. 1:12, 14; Jesus, Rev. 2:1. The proof is clear that he was in the Holy Place, where the Golden Candlesticks were, sixty-five years

---

<sup>52</sup> Ibid., 81.

<sup>53</sup> Bates, *Typical and Anti-Typical Sanctuary*, 6-7.

<sup>54</sup> Ibid., 3.



after his ascension, from A. D. 31 to 96, and that his daily ministration could not cease until the end of the appointed time, 2,300, 'Evening, Morning,' or 'daily Sacrifice.'<sup>55</sup>

Bates even argues that God the Father has His throne in the Holy Place not in the Most Holy Place during this mediatory ministration of Jesus Christ in heaven. He says: "The Ancient of Days, (God,) sets between the Cherubims, in the Most Holy Place. This is where he is sought unto when the National Atonement is made. Where then is His THRONE during the daily ministration? Ans. - In the type. See Exo. 29:42-44, and 30:6, 36. In the anti-type, Jesus says he sets on his Father's Throne, Rev. 3:21. John in vision sees the throne in the Holy Place where the seven lamps of fire are. See Rev. 4:1, 2 and 5; 5:1, 7. God was thereon."<sup>56</sup>

Bates uses the books of Hebrews and Revelation to demonstrate that Jesus' ministry in the heavenly sanctuary first took place in the Holy Place. He argues that when Paul was talking about Jesus' entrance into the heavenly sanctuary and His ministry there he only uses the word *holy places* as reference to the sanctuary itself not *holiest* as translated by the KJV in chapters 9:8 and 10:19-20. He posits that in the Hebrews' description of the sanctuary (Heb 9:1-6) the separation between the Holy and the Most Holy place was the second veil. For him it is clear that if there is a second veil there is also a first veil. He declares that the first veil was the one which Jesus entered at His ascension to heaven to become a High Priest and intercede for us. He continues saying that is impossible to go to the second veil without having passed before through the first one. He states that a careful look at the book of Hebrews shows more evidences for Jesus entrance into the sanctuary to be connected with the work of mediation than with the work of judgment. He presents a different text of Revelation—for example Rev 1:12, 14; 2:1—where Jesus is ministering in the Holy Place of the heavenly sanctuary.<sup>57</sup>

According to Bates, the beginning of the heavenly ministry of Jesus marks the end of all earthly sanctuary works. He posits that at that point the work of the school master of Galatians ceased because the *faith* came.<sup>58</sup> The real sacrifice and High Priest—Jesus—is in heaven mediating for the whole world. Following this work of mediation Bates argues that a work of judgment is necessary. On the day of atonement, the third feast must take place. He identifies the end of

---

<sup>55</sup> Ibid., 7-8.

<sup>56</sup> Ibid., 8.

<sup>57</sup> Ibid., 9-12.

<sup>58</sup> Ibid., 8.



2300 days prophetic period as the time when Jesus would start the cleansing of the sanctuary. He says: "Here his work ceased; Ministering and Mediating for the whole world forever; and he like his pattern in the type, entered the Most Holy Place, bearing upon his breast plate of Judgment the twelve tribes of the House of Israel."<sup>59</sup>

For Bates, the day of atonement is important not only in relation to the heavenly events—judgment and cleansing of the sanctuary—but also because of the events that should take place on earth. The attention of the Laodicean church should be directed to the eternal covenant of God, His commandments. This eternal covenant would allow God's people on earth to be purified and sealed. Bates argues that the sign of this covenant is the Sabbath and Sabbath observance will determine mortality or eternal life.<sup>60</sup> Bates posits that fidelity to all commandments of God is necessary to be sealed and prepared for events that come before the day of the Lord. In his prophetic framework, after the day of atonement is finished, Jesus leaves the sanctuary, a time of trouble begins for God's people until redemption comes, which he identifies with Jesus Himself coming to gather His people. His advice for the church is

with such a glorious prospect now before us, let us prayerfully, earnestly, and zealously seek for its holy, and sanctifying influence to be shed all about us, so that the seal of the living God may be so indelibly stamped in our foreheads that we shall pass through the mighty conflict of the great and terrible day of the Lord, unharmed and undismayed, clear down to the day of redemption. Amen.<sup>61</sup>

## **4.2 Daily and National Atonement**

Bates' views on atonement are connected with the blotting out of sin. As already stated his main focus is eschatological. He does not explain all the details about Jesus work as Mediator in the Holy Place and His judicial work in the Most Holy Place. However, he presents a clear distinction between these two works. One is the atonement for individual sins, and the other is atonement for the national sins.

### **4.2.1 The Daily Ministration**

The daily ministration is for Bates the atonement for individual sin. When a sinner took an offering in the old sanctuary or prays, after Jesus death on the cross, his or her sin was

---

<sup>59</sup> Ibid., 9.

<sup>60</sup> Bates, *Seal of the Living God*, 59-69.

<sup>61</sup> Bates, "The Holy Sabbath," 59.



transferred from him to the sanctuary. This transference was made through the sacrificial blood. The sinner was coming in the presence of God to be cleansed of his or her sin. The daily atonement is then for him a cleansing or transferring of sin through the mediation of Christ.<sup>62</sup>

#### 4.2.2 National Atonement

According to Bates, the national atonement is the day when the sanctuary is clean from all sins. This work he posits is made by Christ in the heavenly sanctuary, following the pattern of the old sanctuary. “This work of cleansing the Sanctuary is this; Jesus our Great High Priest, crowned and robed, in his royal court dress, (just like the high priest in the shadow,) rises up, and shuts to the door [Luke xiii,25,] where he had been the Mediator for all the world, and opens the door of the Most Holy Place, (or as John calls it, the Temple of God,) and there appears before God, as Daniel saw him [chap.vii,13,] with the whole Israel of God represented on his breast-plate of judgment, (like the high priest,) to plead with God, to blot out the sins of Israel.”<sup>63</sup>

All individual sins that had been brought to the sanctuary during the year would be taken out from the sanctuary and transferred to the scape-goat—the devil—the real author of sin. “When the high priest went in before God, to plead for the forgiveness of the sins of ancient Israel, on the day of atonement, in other words, to cleanse the Sanctuary, the people did not see him until the whole work was finished, and the scape-goat had gone away with all their sins.”<sup>64</sup>

Bates argues that the atonement for individual sins is effectuated when the whole sanctuary is clean from all sins transferred there through the blood of Christ. “Therefore, when the Sanctuary is cleansed, and the great day of atonement ended; which work will be the blotting out of all the sins of the true Israel of God; then we believe the Devil, [the scape-goat,] will be chained, or led away into a land uninhabited, bearing on him all the sins which are now being confessed by the whole Israel of God, in THEIR day of atonement.”<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> Bates, *Typical and Anti-Typical Sanctuary*, 5-7.

<sup>63</sup> Bates, "Midnight Cry in the Past," 22.

<sup>64</sup> Ibid.

<sup>65</sup> Ibid.



### **4.3 Summary**

Bates sees the ministry of Jesus in the heavenly sanctuary in two phases. The first phase is the Mediatory one in which Jesus, in the Holy place of the heavenly sanctuary atones for individual sins. The sins are transferred from the individual to the sanctuary. This is the individual atonement. The second phase is the Judicial phase in which Jesus analyzes the register of the individual confessed sins and transfers them to Satan, cleaning the sanctuary. This is the national atonement.

Atonement for him is not an event but a process. It begins with the coming of the sinner to God, has a transfer of sin from the sinner to the sanctuary through the blood of the sacrifice, and is finally transferred to the author of sin when the sanctuary is cleansed.

### **5. Summary and Conclusion**

This article sets out to analyze Bates' understanding on salvation and atonement. Bates' understanding on salvation and atonement are interrelated with his prophetic interpretation. After the introductory considerations of the first section, the second section portrayed the basic framework of Bates eschatology. He follows the Millerite historical method of prophetic interpretation. After the disappointment of 1844, he focused on the feasts of the OT and specifically on the day of atonement. From his studies, he came to the conclusion that Jesus began the work of judgment at the end of the 2300 prophetic days. The cleansing of the heavenly sanctuary and the purification of God's people on earth should begin after this time. The commandments of God and specifically the Sabbath should be restored before Jesus second coming. God's people should be sealed and the seal is the Sabbath. Those who will participate in the 144,000, the last generation of believers must accept the present truth—the Sabbath.

The third section discussed Bates' understanding on covenant, sin, and salvation. He believed in four everlasting covenants. All of them having as their base the ten commandments. The ten commandments are by themselves a covenant. The last generation of God's people will be in covenant with God. Those who reject this covenant will remain in sin. Sins committed willingly lead individuals to break the covenant with God and be lost. Salvation is offered



graciously by God and cannot be earned by works. Those who are in a covenantal relationship with God will have pleasure in obeying God.

The fourth section described Bates understanding on Jesus ministry as High Priest and its implications to atonement. Jesus priestly ministry in heaven has two phases. The Mediatorial phase takes place in the first compartment of the sanctuary—the Holy Place—where atonement for individual sin is made. The Judicial work takes place in the second compartment of the sanctuary—the Most Holy Place—where atonement for the whole nation is made. Atonement is not an event but a process of blotting out sins.

After this consideration, it can be concluded that Bates had a strong eschatological emphases in his theology. He is not the pioneer in most of the theological understanding adopted by the Seventh-day Adventist church. However, he is one of the first to put all the peaces together in a systematic and chronologic way. He was able to link almost all Seventh-day Adventist peculiar doctrines in a chronological eschatological framework.

In spite of the fact some accused him of legalistic statement, he posited that salvation is freely offered by God to human beings, but it is a process not an event. Conversion and salvation are more than a declaration of God. It is a life period of covenantal relationship with God resulting in a new born Christian and his or her submission to the will of God.

In the same way atonement, the blotting out of individual and national sins are a process and not an event. The final annihilation of sin will be when sinners will suffer for their sins and Satan will suffer for all sins brought to the sanctuary by Jesus' mediatory work.

Bates theological assumptions are more implicit than explicit in his writings. He was not concerned in explaining how it is the process of atonement in the Holy Place or Most Holy Place. In his prophetic framework atonement and salvation are part of the whole picture and are described according to their historical significance. The prophetic timeline and everything important for proper preparation for Jesus second coming were the focus of his biblical expositions. Bates had a great passion for the Bible and anxiously was waiting for Jesus second coming.



## 6. Appendix I

### 6.1 Miller's Rule of Interpretation<sup>66</sup>

- I. Every word must have its proper bearing on the subject presented in the Bible. *Proof*, Matt. v. 18.
- II. All Scripture is necessary, and may be understood by a diligent application and study. *Proof*, 2 Tim.iii.15 -17.
- III. Nothing revealed in Scripture can or will be hid from those who ask in faith, not wavering. *Proof*, Deut. Xxix. 29. Matt. X. John xiv. 13, 14; xv. 7. James i. 5, 6. 1 John v. 315.
- IV. To understand doctrine, bring all the Scriptures together on the subject you wish to know; then let every word have its proper influence; and if you can form your theory without a contradiction, you cannot be in error. *Proof*, Isa. xxviii. 729; xxxv. 8. Prov. xix. 27. Luke xxiv. 27, 44, 45. Rom. Xvi. 26. James v. 19. 2 Pet. i.19, 20.
- V. Scripture must be its own expositor, since it is a rule of itself. If I depend on a teacher to expound to me, and he should guess at its meaning, or desire to have it so on account of his sectarian creed, or to be thought wise, then his guessing, desire, creed or wisdom, is my rule, and not the Bible. *Proof*, Ps. xix. 7-11; cxix. 97-105. Mat. xxiii. 8-10. 1 Cor. ii. 12-16. Ezk. xxxiv. 18, 19. Luke xi. 52. Matt. ii. 7,8.
- VI. God has revealed things to come, by visions, in figures and parables; and in this way the same things are oftentimes revealed again and again, by different visions, or in different figures and parables. If you wish to understand them you must combine them all in one. *Proof*, Ps. lxxxix. 19. Hos. xii. 10. Hab. ii. 2. Acts ii. 17. I Cor. x. 6. Matt. xii. 13, 34. Gen. xli. 1-32. Heb. ix. 9, 24. Ps. lxxviii. 2. Dan. ii, vii and viii. Acts x. 9-16.
- VII. Visions are always mentions as such. II Cor. xii. 1.
- VIII. Figures always have a figurative meaning, and are used much in prophecy to represent future things, times and events, such as mountains, meaning governments, Dan. ii. 35,

---

<sup>66</sup> Quoted from Maxwell and Damsteegt, *Source Book for the Development of Seventh-Day Adventist Theology*, 18-19.



- 44; beasts, meaning kingdoms, Dan. vii. 8, 17; waters, meaning people, Rev. xvii. 1,15; day, meaning year, etc. , Ezk. iv. 6.
- IX. Parables are used as comparisons to illustrate subjects, and must be explained in the same “way as figures, by the subject and Bible. Mark iv. 13.
- X. Figures sometimes have two or more different significations, as day is used in a figurative sense to represent three different periods of time, namely, first, indefinite, Eccles. vii.14; second, definite, a day for a year, Ezk. iv. 6, and third a day for a thousand years, 2 Pet. iii. 8. The right construction will harmonize with the Bible, and make good sense; other constructions will not.
- XI. If a word makes good sense as it stands, and docs no violence to the simple laws of nature, it is to be understood literally; if not, figuratively. Key. Xii. 1, 2; xvii. 37.
- XII. To learn the meaning of a figure, trace the word through your Bible, and when you find it explained, substitute the explanation for the word used; and, if it make good sense, you need not look further; if not, look again.
- XIII. To know whether we have the true historical event for the fulfillment of a prophecy; If you find every word of the prophecy (after the figures are understood) is literally fulfilled, then you may know that your history is the true event; but if one word lacks a fulfillment, then you must look for another event, or wait its future development; for takes care that history and prophecy shall agree, so that the true believing children of God may never be ashamed. Ps. xxii. 5. Isa. xlv. 17–19. 1 Pet. ii. 6. Rev. xvii. 17. Acts iii. 18.
- XIV. The most important rule of all is, that you must have faith. It must be a faith that requires a sacrifice, and if tried, would give up the dearest object on earth, the world and all its desires, character, living, occupation, friends, home, comforts and worldly honors. If any of these should hinder our believing any part of God's word, it would show our faith to be vain. Nor can we ever believe so long as one of these motives lies lurking our hearts. We must believe that God will never forfeit his word; and we can have confidence that he who takes notice of the sparrow’s fall, and numbers the hairs of our head, will guard the translation of his own word, and through a barrier around it, and prevent those who sincerely trust in God, and put implicitly confidence in his word, from erring far from the truth.



## 7. Bibliography

Anderson, Godfrey Tryggve. *Outrider of the Apocalypse: Life and Times of Joseph Bates*. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1972.

Barnes, Albert. *Book of Revelation: With a Prefatory Essay on the Year-Day Principle*. [Illustrated annotated edition] London: Blackie, 1832.

Bates, Joseph. *The Opening Heavens or, a Connected View of the Testimony of the Prophets and Apostles, Concerning the Opening Heavens, Compared with Astronomical Observations, and of the Present and Future Location of the New Jerusalem, the Paradise of God*. New Bedford: Press of Benjamin Lindsey, 1846.

\_\_\_\_\_. *Second Advent Way Marks and High Heaps : Or a Connected View of the Fulfilment of Prophecy, by God's Peculiar People, from the Year 1840-1847*. New Bedford: Press of Benjamin Lindsey, 1847.

\_\_\_\_\_. *A Vindication of the Seventh-Day Sabbath and the Commandments of God : With a Further History of God's Peculiar People from 1847-1848*. New Bedford: Press of Benjamin Lindsey, 1848.

\_\_\_\_\_. *A Seal of the Living God. A Hundred Forty-Four Thousand, of the Servants of God Being Sealed, in 1849*. New Bedford: Press of Benjamin Lindsey, 1849.

\_\_\_\_\_. *An Explanation of the Typical and Anti-Typical Sanctuary by the Scriptures, with a Chart*. New Bedford: Press of Benjamin Lindsey, 1850.

\_\_\_\_\_. "Midnight Cry in the Past." *Advent Review and Sabbath Herald*, December 1850, 21-24.

\_\_\_\_\_. "New Testament Testimony." *Advent Review and Sabbath Herald*, November 1850, 10-13.

\_\_\_\_\_. "Duty to Our Children." *Advent Review and Sabbath Herald*, January 1851, 39-40.

\_\_\_\_\_. "The Holy Sabbath." *Advent Review and Sabbath Herald*, April 7 1851, 57-59.

\_\_\_\_\_. "New Testament Seventh Day Sabbath." *Advent Review and Sabbath Herald*, January 1851, 31-33.

\_\_\_\_\_. *The Autobiography of Elder Joseph Bates: Embracing a Long Life on Shipboard, with Sketches of Voyages on the Atlantic and Pacific Oceans, the Baltic and Mediterranean Seas, Also Impressment and Service on Board British War Ships, Long Confinement in Dartmoor Prison, Early Experience in Reformatory Movements; Travels in Various Parts of the World and a Brief*



- Account of the Great Advent Movement of 1840-44.* Battle Creek: Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association, 1868.
- Bates, Joseph, and Clarence Creager Crisler. *Life of Joseph Bates: An Autobiography.* Takoma Park, Washington, DC: Review and Herald Pub. Association, 1927.
- Bates, Joseph, and James White. *Early Life and Later Experience and Labors of Elder Joseph Bates.* Battle Creek, MI: Press of the Seventh-day adventist publishing association, 1877.
- Boundey, George Burton. "Spiritual Lineage from James White and Joseph Bates to George Boundey." Term paper, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1977.
- Bovee, Mark L. "Pioneers in the History of This Denomination." Term Paper, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary,
- Damsteegt, P. Gerard. *Foundations of the Seventh-Day Adventist Message and Mission.* Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. *How Our Pioneers Discovered the Sanctuary Doctrine.* Fall 1992. Accessed 26 March 2004. Article On-line. Available from <http://www2.andrews.edu/~damsteeg/pion.html>.
- \_\_\_\_\_. *Development of Seventh-Day Adventist Theology an Outline.* Berrien Springs, MI: Christian Heritage Media, 1995.
- Dick, Everett Newfon. *Founders of the Message.* Takoma Park, Washington DC: Review and Herald Publishing Association, 1938.
- Engen, Sadie Owen, and James Converse. *God Set the Sails.* Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1982.
- Froom, Le Roy Edwin. *The Prophetic Faith of Our Fathers ; the Historical Development of Prophetic Interpretation.* 4 vols. Washington, D.C.: Review and Herald, 1946-1954.
- Gordon, Paul A. *Pioneer Articles: On the Sanctuary, Daniel 8:14, the Judgment, 2300 Days, Year-Day Principle, Atonement, 1846-1905.* Washington, D.C.: Ellen G. White Estate, 1983.
- Henderson, Timothy Edwin. "Joseph Bates, Health Reformer." Term paper, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1977.
- "Historical Notes from the Land of Joseph Bates -- New Bedford and Fairhaven Massachusetts. James White Library.
- Joiner, James. *These Were the Courageous.* Nashville: Southern Pub. Association, 1968.
- Judd, Wayne. "Father Bates's Story." *Adventist Heritage*, Summer 1975, 63-64.



- Knight, George R. *Joseph Bates: The Real Founder of Seventh-Day Adventism*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2004.
- Leppanen, Veikko Olavi. "Itineraries of Joseph Bates in 1849-56." Photographic reproduction of typescript copy, Andrews University Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1975.
- Maxwell, C. Mervyn. "Joseph Bates and Seventh-Day Adventist Sabbath Theology." Typescript copy, 1977.
- Maxwell, C. Mervyn, and P. Gerard Damsteegt. *Source Book for the Development of Seventh-Day Adventist Theology*. Rev. ed., 1989.
- McGaughey, Ken. *Seventh-Day Adventist Roots*. 1998. Accessed April 1 2004. On line Magazine. Available from [http://www.steps2life.org/php/view\\_article.php?article\\_id=1079](http://www.steps2life.org/php/view_article.php?article_id=1079).
- Riley, Kenneth Randolph. "An Investigation into Whether Joseph Bates, E. G. White or F. M. Wilcox Taught Sabbath Observance as a Means of Salvation." Term paper, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1966.
- Robinson, Virgil E. *Cabin Boy to Advent Crusader*. Nashville: Southern Publishing Association, 1960.
- Shea, William H. "The Year-Day Principle: The Reckoning of Time in Apocalyptic Prophecy, 1981." Typescript.
- Stenberg, Clarence Edwin. "A Study of the Influence of Joseph Bates on the Denomination of Seventh-Day Adventists." Thesis, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1950.
- Thomas, N. Gordon. "Joseph Bates - Adventist Pilgrim Father." *Adventist Review*, 26 November 1987, 11-12.
- Wadworth, Kenneth. "Joseph Bates." Term paper, Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1971.
- Wilcox, Carl R. "The Travels of Joseph Bates." Term paper, Andrews University, Undergraduate Colleges, 1964.

## ARTIGOS

### DE FRENTE COM O INIMIGO

**Emilson dos Reis, Dr.**

Coordenador da  
Faculdade Adventista de Teologia do  
Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)  
[emilson.reis@unasp.edu.br](mailto:emilson.reis@unasp.edu.br)

**Resumo:** O artigo pondera a questão da possessão demoníaca e das doenças mentais. Seriam elas as mesmas coisas? Existem cuidados a serem tomados quando tais circunstâncias ocorrem? Tais questões serão analisadas e tratadas junto com um breve perfil de tais situações quando essas tendem a ser algo evidente.

**Palavras-chave:** Possessão, Doença Mental, Identificação.

#### “Facing the Enemy”

**Abstract:** This article investigates the issues of demonic possession and mental diseases. Is there any relationship between them? Is a Christian ministering fated to face demonic possessions? Are there some precautions to be taken when such circumstances occur? Such questions shall analyzed and treated along with a brief profile of the situations when these questions tend to be clear.

**Keywords:** Possession, Mental Disease, Identification.

Um pastor tem muitas alegrias em no ministério, tais como ver pessoas se convertendo e sendo santificadas na verdade mediante sua influência e liderança e receber o carinho e o reconhecimento de seu rebanho. Mas algumas vezes se depara com situações que podem ser bastante desgastantes e encher seu coração de pesar. Isso ocorre quando precisa comandar a aplicação da disciplina eclesiástica a um membro faltoso; quando é necessário realizar uma cerimônia fúnebre, especialmente se a pessoa era muito amiga e a morte chegou de modo inesperado; e quando deve prestar ajuda a uma pessoa possessa por espíritos maus.



Neste artigo nos propomos a tratar da tarefa de expulsar demônios quando a possessão fica bastante evidente pela grande alteração de comportamento do indivíduo. Esta é, provavelmente, a atividade cristã sobre a qual menos se têm escrito, talvez, por um lado, porque o assunto não seja agradável e, por outro, porque as Escrituras Sagradas não dizem muito a respeito, embora apresentem alguns exemplos.

Nossas considerações estão baseadas na Bíblia, nos escritos de Ellen G. White e na experiência pessoal que tivemos ao longo de nosso ministério pastoral. Elas não pretendem esgotar o tema e, sim, ajudar, na prática, aqueles que, porventura, tenham que enfrentar tal situação ao estarem trabalhando para Deus.

### **Possessão Demoníaca x Doença Mental**

Há indivíduos que não crêem que exista tal coisa como um ser humano ser totalmente controlado por agentes satânicos, e que, tais casos deveriam ser classificados como doenças mentais. Se bem que seja verdade que há certas enfermidades com sintomas um tanto semelhantes àqueles apresentados pelos que estão possessos, como a histeria e a epilepsia, não é possível explicar pela medicina ou pela ciência algumas demonstrações, tais como: extraordinária força física e o conhecimento, por vezes minucioso, de fatos secretos.

Nem sempre o possesso é muito falante, revela segredos ou demonstra possuir uma força descomunal, mas, pelo que temos observado, quando alguém está de fato endemoninhado, ele fica extremamente furioso e violento quando Cristo é exaltado, seja na leitura de um texto sagrado, seja numa oração ou no cantar de um hino. Já, quando o indivíduo possui uma doença qualquer que o perturba, ele não reage diante da exaltação de Cristo.

### **Perfil do Possesso**

Satanás não pode se apossar de qualquer pessoa que ele queira. Se isso fosse possível nosso mundo teria se tornado, há muito tempo, num gigantesco manicômio. Para que aconteça a possessão é necessário que o indivíduo se entregue a ele, o que comumente é feito pouco a pouco, quando segue suas sugestões para praticar o mal. Assim, um filho de Deus jamais poderá ficar possesso, porque sua vontade foi e permanece rendida a Cristo.



O tentador jamais nos poderá compelir a praticar o mal. Não pode dominar as mentes, a menos que se submetam a seu controle. A vontade tem que consentir, a fé largar sua segurança em Cristo, antes que Satanás possa exercer domínio sobre nós. Mas todo desejo pecaminoso que nutrimos lhe proporciona um palmo de terreno. Todo ponto em que deixamos de satisfazer à norma divina, é uma porta aberta pela qual pode entrar para nos tentar e destruir. (WHITE, 2005, p. 67).

Comentando o caso de um endemoninhado com o qual Jesus Se deparou, Ellen G. White declara:

A causa oculta da aflição [...] achava-se em sua própria vida. Fora fascinado pelos prazeres do pecado, e pensara fazer da vida um grande carnaval. [...] Julgou poder gastar o tempo em extravagâncias inocentes. Uma vez no declive, porém, resvalou rapidamente. A intemperança e a frivolidade perverteram-lhe os nobres atributos da natureza, e Satanás tomou sobre ele inteiro domínio. [...] Colocara-se no terreno do inimigo, e Satanás tomara posse de todas as suas faculdades (WHITE, 2006, p. 141).

Algumas vezes é possível nos depararmos até com crianças possesas. Essa foi a experiência do próprio Jesus. Certa feita um pai aproximou-se dEle e disse: “Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando.” (Mc 9:17 – 18).

Jesus, se dispondo a ajudar o menino, disse que o trouxessem. “E trouxeram-lho; quando ele viu a Jesus, o espírito imediatamente o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolvía-se espumando. Perguntou Jesus ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância, respondeu; e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar; mas, se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos” (vs. 20 – 22).

Julgamos que uma criança é muito inocente para se entregar ao maligno e que, nesses casos de possessão infantil, a causa encontra-se nos pais. Por uma vida iníqua ou por atitudes imprudentes colocam seus filhos sob o poder do maligno. A esse respeito Ellen G. White escreveu:

Não poucos, neste século e nação professamente cristãos, recorrem aos maus espíritos, em vez de confiarem no poder do Deus vivo. Velando ao pé do leito de enfermidade de seu filho a mãe exclama: ‘Não posso fazer nada mais. Não haverá médico que possa restaurar meu filho?’ Contam-lhe as maravilhosas curas realizadas por algum vidente ou operador de curas pelo magnetismo, e ela confia seu querido aos cuidados dele, colocando-o tão certamente nas mãos de Satanás como se ele lhe estivesse ao lado. Em muitos casos, a vida futura da criança é regida por uma força satânica, que parece impossível quebrar (WHITE, 2006b, p. 52-3).

Nesses casos de crianças endemoninhadas precisamos trabalhar também com os pais de modo que a causa do mal seja removida pelo poder de Deus.



## **Autoridade para Expulsar Demônios**

Uma pessoa pode ser possuída por um ou mais demônios. O menino possesso, curado por Jesus, fora controlado por um demônio (Mc 9:25 – 26), Maria Madalena fora possuída por sete (Mc. 16:9), enquanto que outro, o geraseno, fora dominado por uma legião (Lc. 8:30). Além disso, as hostes espirituais do mal estão distribuídas em várias ordens (Ef 6:12; Cl 2:15), de maneira que alguns demônios são mais poderosos do que outros e, por isso, parecem ter maior capacidade de resistência para abandonar sua vítima.

Em Seu ministério Jesus curou muitos endemoninhados (Mt. 8:16), o que era uma forte evidência de ser Ele o Messias tão longamente esperado pelo povo judeu. Isaías, profetizando à respeito dEle escrevera: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu [...], enviou-me para [...] proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados” (Is 61:1).

Ele fora ungido com o Espírito Santo e com poder e, por isso, possuía autoridade sobre os demônios. Tal autoridade foi compartilhada com seus discípulos quando por ocasião da escolha dos doze Jesus lhes deu autoridade para expelirem demônios (Mt 10:1). O evangelho de Lucas acrescenta que essa autoridade foi “sobre todos os demônios” (Lc. 9:1). Posteriormente, quando de sua ascensão, essa autoridade foi estendida aos demais seguidores, a fim de que a empregassem no cumprimento da missão (Mc. 16: 15-17).

Portanto, temos à nossa disposição todo o recurso necessário para enfrentarmos toda a sorte de anjos maus e alcançarmos a vitória. Por isso, quando formos colocados frente a frente com alguém possesso não há porque temer. Aliás, são os demônios que devem tremer na presença de um filho de Deus, porque “a mais débil alma que permaneça em Cristo é mais que suficiente para competir com o exército das trevas” (WHITE, 2006, p. 530) e “ao som da fervorosa oração todo o exército de Satanás treme” (WHITE, 2006, p. 121).

## **Como Expulsar os Demônios?**

É importante sabermos que há graus de possessão. Há pessoas que são mais dominadas do que outras, há pessoas nas quais a manifestação é mais freqüente. Temos observado que alguns têm crises uma vez por semana, outros diariamente, e outros,



ainda, várias vezes por dia. Contudo, em nenhum caso o indivíduo fica possesso o tempo todo. Todos os endemoninhados passam por períodos em que há maior lucidez. Comentando o caso de um endemoninhado que apareceu num sábado na sinagoga onde Jesus estava, Ellen G. White declara que:

em presença do Salvador, um raio de luz lhe penetrara as trevas. Foi despertado, e ansiou a libertação do domínio do maligno; mas o demônio resistia ao poder de Cristo. Quando o homem tentou apelar para Cristo em busca de auxílio, o espírito mau pôs-lhe nos lábios as palavras, e ele gritou em angústia de temor. O possesso compreendia em parte achar-se em presença de alguém que o podia libertar; mas, ao tentar chegar ao alcance daquela poderosa mão, outra vontade o segurou; outras palavras encontraram expressão por meio dele. Terrível era o conflito entre o poder de satanás e seu próprio desejo de libertação. (WHITE, 2005, p. 141).

Também discorrendo sobre o episódio que resultou na libertação dos endemoninhados gadarenos, um dos quais era dominado por uma legião de anjos maus, ela assevera que Cristo ordenou com autoridade aos espíritos imundos que saíssem deles. Suas palavras penetraram no espírito entenebrecido dos desventurados. Percebiam, fracamente, estar ali Alguém capaz de salvá-los dos demônios atormentadores. Caíram aos pés do Salvador para O adorar; mas, ao abrirem-se-lhes os lábios para suplicar-Lhe a misericórdia, os demônios falaram por eles. Gritando fortemente: "Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-Te que não me atormentes" (WHITE, 2005, p. 195).

Portanto, mesmo o mais possesso dos homens ainda pode perceber quando alguém se dispõe a ajudá-lo e pode desejar ser liberto. Para que um possesso volte à normalidade é imprescindível que outra pessoa atue como instrumento de libertação nas mãos de Deus. Esta precisa seguir a recomendação bíblica: "Sujeitai-vos, portanto a Deus; mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4:7). Assim, antes do diabo fugir, é necessário que resistamos a ele, e, antes disso, é preciso que nos submetamos a Deus. A Bíblia nos apresenta o exemplo de pessoas que tentaram expelir demônios sem, contudo, estarem submissas a Deus. O resultado foi um grande fiasco (At 19:13 – 16). Até os discípulos passaram por essa humilhante experiência.

Eles, que já haviam expelido muitos demônios, viram frustradas suas tentativas de libertarem um menino possesso. Mais tarde, depois de Cristo haver curado o garoto, eles indagaram ao mestre: "Por que não pudemos nós expulsá-lo? Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum]" (Mc 9:28 – 29).



Imediatamente antes desse episódio, Cristo escolheu apenas três discípulos e os levou ao cimo do monte onde, à vista deles, fora transfigurado. Os outros nove haviam permanecido ao pé do monte. As palavras de Cristo com respeito a Sua morte, haviam produzido tristeza e dúvida. E a escolha dos três discípulos para acompanharem Jesus ao monte excitara os ciúmes dos nove. Em vez de robustecer a fé pela oração e meditação das palavras de Cristo, demorou-se em seus desânimos e agravos pessoais. Foi nesse estado de sombras que empreenderam o conflito com Satanás” (WHITE, 2005, p. 252). “Sua incredulidade, que lhes vedava ter mais profunda simpatia para com Cristo, e a desatenção com que olhavam a sagrada obra a eles confiada, tinham causado o fracasso no conflito com os poderes das trevas (WHITE, 2005, p. 252).

Assim, no momento em que os nove foram procurados pelo aflito pai, os discípulos estavam envoltos em trevas, apartados da comunhão com Deus e, por isso haviam fracassado. A oração, num espírito humilde e submisso dar-lhes-ia a vitória. Quando somos completamente submissos a Deus, estamos em condição de resistir ao Maligno. A única maneira de se fazer isso é apelando para o nome de Jesus. “Torre forte é o nome do Senhor, à qual o justo se acolhe e está seguro” (Pv 18:10). “Satanás treme e foge diante da mais débil alma que se refugia nesse nome poderoso” (WHITE, 2005, p. 70). Satanás não suporta que se apele para seu poderoso rival, pois teme e treme diante de sua força e majestade.

Ao som da fervorosa oração todo o exército de Satanás treme. Ele continua a chamar legiões de anjos maus para conseguir seu fim. E quando os anjos todo-poderosos, revestidos com a armadura celeste, chegam em auxílio da fraca e perseguida alma, o inimigo e seus anjos recuam, sabendo muito bem que sua batalha está perdida (WHITE, 2006, p. 121).

Temos visto os demônios fugirem quando Jesus é exaltado, seja na oração, seja na leitura da Bíblia, seja no cantar de um hino. Contudo, de acordo com os exemplos bíblicos deve-se repreender os demônios e, em nome de Jesus, ordenar que eles saiam (Lc 4:33 – 36; 8:27 – 29; 9:42; Mc 16:17; At 16:16 – 18). Em alguns casos a pessoa fica liberta instantaneamente, enquanto que, em outros, os demônios relutam em se afastar. Mesmo quando Jesus ordenava que saíssem havia demônios que demoravam-se tentando argumentar e resistir e exibir sua força (Mc 5:6 – 13; 9:25 – 26). Havendo resistência, deve-se perseverar na luta contra as forças do mal até que o último demônio,



por mais poderoso que seja, se dê por vencido, o que pode levar algumas horas. Não esqueça que, embora possam resistir por algum tempo, eles sempre acabam saindo.

### **Quando o Demônio Vai à Igreja**

A maior parte das vezes em que um pastor se depara com um endemoninhado parece ser nas reuniões da igreja. Mesmo que o possesso vá à reunião com o sincero desejo de buscar ajuda, as intenções de Satanás, ao permiti-lo ir, são outras. Em Lc 4:31-36 encontra-se o relato de que Cristo estava numa sinagoga, num sábado, ensinando Sua doutrina, e que ali estava também um homem possesso o qual começou a bradar em alta voz. Então, “a atenção do povo se desviou de Cristo, e Suas palavras não foram escutadas. Tal era o desígnio de Satanás em levar a vítima à sinagoga” (WHITE, 2005, p. 141).

Sabendo que o objetivo do maligno é desviar a atenção de Cristo e do evangelho para si, não devemos de modo algum permitir que ele tenha êxito. Sugerimos que é melhor que alguns irmãos conduzam o possesso imediatamente para uma das salas contíguas à nave principal da igreja e que ali se proceda ao trabalho de expulsão, enquanto segue a programação da igreja. Essa tarefa de remoção certamente não será fácil nem agradável, todavia, se vários irmãos se unirem, por mais forte e violento que ele possa parecer, será possível. É necessário que, se o possesso estiver agressivo, outros o segurem e que o pastor fique livre para dedicar-se aos aspectos espirituais.

### **Cuidados Especiais**

Assim como há espíritos mudos, há os que são muito falantes. Ninguém deve, movido pela curiosidade, fazer perguntas a Satanás e nem dar crédito às suas palavras. Não esqueçamos que elas sempre têm o intuito de confundir, desviar, enfim, levar-nos à perdição. Para tanto ele pode misturar informações verdadeiras com falsas. Algumas vezes o demônio dirige-se a alguém e diz: “você é meu, porque faz isto ou aquilo”.

Muito cuidado! Pode ser verdade que o tal comportamento seja errado, pode não ser. Se não for, alguns serão enganados e passarão a pensar que é e discutirão com seus irmãos sobre isso, o que resultará em confusão na igreja. Se, todavia, o que ele disser for correto, poderá haver outro problema. Alguns passarão a evitar o tal procedimento, mas o motivo será porque o Diabo disse e não porque Deus, ou Sua palavra ou Seu



servo afirmaram. Somos inclinados a questionar tal tipo de “obediência”. Comentando a primeira tentação que Jesus enfrentou no deserto, Ellen White escreveu:

Esperava Satanás provocar o Filho de Deus, levando-O a empenhar-Se em controvérsia com ele; e esperava que, assim, em Sua fraqueza extrema e agonia de espírito, alcançasse vantagem sobre Ele. [...] O Salvador do mundo não teve controvérsia com Satanás, que [...] era capaz de qualquer engano (WHITE, 2007, p. 278-9).

Ela também aconselha:

Nossa única segurança é não dar lugar ao diabo; pois suas sugestões e intuítos são sempre para nos prejudicar e impedir-nos de nos firmar em Deus. [...] Não é seguro entrar em discussão ou parlamentar com ele (WHITE, 2006, p. 410-1).

Outro cuidado que todos devem ter é o de pensar e falar mais em Jesus, em seu poder e amor e menos em Satanás. Há cristãos que falam demais sobre o poder de Satanás. Pensam em seu adversário, oram a seu respeito, falam nele, e ele avulta mais e mais em sua imaginação. É certo que Satanás é um ser poderoso; mas, graças a Deus, temos um forte Salvador, que expulsou do Céu o maligno. Satanás regozija-se quando lhe engrandecemos a força. Por que não falar em Jesus? Por que não exaltar Seu poder e Seu amor? (WHITE, 2005, p. 289).

Mesmo quando Lúcifer se encontrava em seu estado de pureza junto ao trono do Altíssimo havia um abismo de diferença entre ele e o Filho de Deus. Um era criatura e o outro era Criador. Não há como compará-los em tempo de existência, em sabedoria, em poder. Cristo é infinitamente mais poderoso do que todos os demônios juntos. É compensador estar ao Seu lado. Lembremos sempre disso.

### **O que Fazer Depois da Libertação?**

Cristo ensinou que um indivíduo liberto pode voltar a ficar possesso. Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra. Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro (Mt. 12:43-45).

Tal situação não depende do servo de Deus a quem Ele usou no processo de libertação, mas das escolhas do próprio indivíduo liberto. A garantia para que isso não volte a ocorrer é não deixar a casa vazia, é convidar a Cristo para nela habitar, é efetuar a completa entrega da vida ao domínio de Cristo.



Por essa razão e porque logo após a libertação o indivíduo se encontra extremamente fatigado, física e mentalmente, recomendamos que aquele que expulsou os demônios procure se colocar no lugar da pessoa libertada fazendo uma oração de completa entrega a Deus, que será repetida por ela. Isso deve ser feito imediatamente após a libertação.

Quando a alma se rende inteiramente a Cristo, novo poder toma posse do coração. (...) A alma que se rende a Cristo, torna-se Sua fortaleza, mantida por Ele num revoltoso mundo, e é seu desígnio que nenhuma autoridade seja aí reconhecida senão a Sua. Uma alma assim guardada pelos seres celestes é inexpugnável aos assaltos de Satanás (WHITE, 2005, p. 186-7).

### **Maior Atividade das Forças do Mal**

Por meio dos escritos de Ellen White somos advertidos de que no grande e prolongado conflito entre o bem e o mal se destacam dois períodos em que as forças do mal estão em maior atividade: os dias do ministério de Cristo e os dias finais da história humana.

O período do ministério pessoal de Cristo entre os homens foi o tempo de maior atividade das forças do reino das trevas. Durante séculos Satanás e seus anjos haviam estado procurando controlar o corpo e a alma dos homens, para trazer sobre eles pecados e sofrimento; depois acusara a Deus de toda essa miséria. Jesus estava revelando aos homens o caráter de Deus. Estava a despedaçar o poder de Satanás, libertando-lhe os cativos. Nova vida e amor do Céu moviam o coração dos homens, e o príncipe do mal despertou para contender pela supremacia do seu reino. Satanás convocou todas as suas forças, e a cada passo combatia a obra de Cristo. [...] Assim será na grande batalha final do conflito entre a justiça e o pecado. Ao passo que nova vida e luz e poder descem do alto sobre os discípulos de Cristo, uma vida nova está brotando de baixo, e revigorando os instrumentos de Satanás (WHITE, 2005, 142).

Por isso, enquanto nos aproximamos do fim, podemos esperar maiores e mais freqüentes demonstrações de possessão demoníaca, sabendo, contudo, que nossa vitória é certa, pois “o Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio” (Sl 46:11).

### **Referencias Bibliográficas**



- WHITE. Ellen G, **O Desejado de Todas as Nações**. Tatuí-SP: CPB, 2005.
- \_\_\_\_\_, **O Grande Conflito**. Tatuí-SP: CPB, 2008.
- \_\_\_\_\_, **Mensagens Escolhidas**. Vol. 1, Tatuí-SP: CPB, 2007.
- \_\_\_\_\_, **Testemunhos Seletos**. Vol. 1, Tatuí-SP: CPB, 2006.
- \_\_\_\_\_, **Testemunhos Seletos**. Vol. 2, Tatuí-SP: CPB, 2006b.

## ARTIGOS

### PROCLAIMING THE EVERLASTING GOSPEL TO ALL PEOPLE: TOWARD A CREATIVE ADVENTIST MISSION RESPONSE<sup>1</sup>

**Wagner Kuhn, PhD**

Institute of World Mission  
Global Mission Issues Committee<sup>2</sup>  
wagner.kun@sda.org

**Abstract:** This paper deals with the major challenges of how the Seventh-day Adventist Church can more effectively and more broadly channel and use the ‘mission energy’ which is available and ready to serve (i.e. the many thousands of young adults as well as people of all ages that really want to serve God and the Church as missionaries). Important questions to some of the challenges are asked and several possible answers are provided as well. The task of preaching the Gospel to all peoples and nations is still an imperative to the Church, and more than ever it is becoming increasingly difficult and challenging to send larger numbers of people as missionaries to the ends of the earth.

**Keywords:** Adventist Mission; Strategies; Preaching the Gospel; Types of Missionaries; Methodologies; Modes of Mission; Mission Energy.

### PROCLAMANDO O EVANGELHO ETERNO A TODOS OS POVOS: TENTATIVA DE UMA RESPOSTA ADVENTISTA CRIATIVA DE MISSÃO

**Resumo:** Este artigo trata os principais desafios da Igreja adventista do Sétimo Dia em usar ou canalizar, de forma mais efetiva e abrangente, a energia missionária que se encontra disponível e disposta a servir (por exemplo, os milhares de jovens bem como

---

<sup>1</sup> Thank you to several colleagues who provided valuable suggestions while this paper was prepared, and also after it was presented and discussed at Global Mission Issues Committee. Although the responsibility of the writing of this article rests on the author, several church administrators, missiologists, as well as theologians engaged and concerned with missions provided valuable input and revision for this article. For various reasons including anonymity and also due to the sensitive nature of some information, names of those who contributed with ideas and suggestions are not mentioned.

<sup>2</sup> This article was prepared at the request of the chair of the Global Mission Issues Committee (GMIC) and by the directors of the Office of Adventist Mission and the Global Mission Study Centers, General Conference of Seventh-day Adventists. It was presented at the Global Mission Issues Committee of the General Conference on March 24, 2010. The articles (this one included) presented received a great deal of attention and generated serious discussion by the many members of the GMIC. Partially as a result of these papers and other efforts by some members of the GMIC, action was taken during this last GC Annual Council (October 2010), and a “Mission Board” has been established by the General Conference to deal with what needs to be done to more effectively channel the church’s mission energy, the mission of the Seventh-day Adventist church.



pessoas de todas as idades que realmente querem servir a Deus e a Igreja como missionários). Perguntas importantes em relação a estes desafios são feitas e várias possíveis respostas são apresentadas. A tarefa de pregar o evangelho a todas as pessoas e a todas as nações é ainda um imperativo para a Igreja, e, mais do que nunca, tem se tornado cada vez mais difícil e desafiador enviar grandes números de missionários aos confins da terra.

**Palavras-chave:** missão adventista; estratégias; pregação do evangelho; tipos de missionários; metodologias; modos de missão; energia de missão.

We understand well that the mission of the Seventh-day Adventist Church, as articulated in the church's mission statement, is to proclaim to all people the everlasting gospel in the context of the Three Angels' messages of Revelation 14:6-12. We also believe that the commission of Jesus Christ compels us to lead others to accept Jesus as their personal Savior, to unite with His church, and to nurture them in preparation for His soon return. That's at the heart of the church's mission and is accomplished through preaching, teaching and healing ministries.

**In this context, difficult and important questions are asked:**

- How will the church accomplish this almost impossible task?
- What more can be done (and in better ways) towards this overarching goal?
- How could the church channel the enormous “mission energy” there is?
- How can the church provide mission opportunities for people who want to serve in the mission field?
- Can new structures and platforms for mission be provided so more missionaries will serve in unentered areas (10/40 window, etc.)?
- How will we reach the urban masses, the urban poor, and the urban rich?
- Can we create more service opportunities on the continuum between IDE and AVS/tentmakers?

These and other questions must be brought before our Lord and Savior in a sincere and humble spirit, with prayer, fasting and supplication, and the One who invites us to lay our burdens upon Him<sup>3</sup> will provide the answers we so desperately need. Obviously one person does not have the answers, but as a community of believers, as the body of Christ,

---

<sup>3</sup> See Matthew 11:28-30.



together we can call upon His Name, and He will hear and answer us. Let's us pray that His will be done.

### **Initiatives taken within the last two decades**

About 20 years ago the Seventh-day Adventist Church established a "global mission" strategy aimed at reaching the whole world with the gospel. Thus the mission study centers to foster relationships and understanding with the major world religions--Buddhism, Hinduism, Judaism, and Islam were established by the Global Mission office of the church. Strategies for reaching postmodern and secular people have also been implemented more recently through a fifth center.

In addition, the Global Mission pioneer program began in 1993. Global Mission pioneers are Adventist lay members who volunteer at least a year of their time to establish a new congregation. Pioneers understand the culture, speak the local language and live and work within their own culture to establish new groups of believers. They extend the healing ministry of Jesus by helping people with physical and spiritual needs. The mission pioneer receives a small living stipend so the mission is carried forward.

Today, thousands of mission pioneers, student missionaries, tentmakers, contract workers, and IDE missionaries are working around the world, leading the way in taking the name of Jesus to people--often in extremely challenging areas. But the Adventist Church continues to face two major mission challenges today: the opportunities and "impossibilities" in the 10/40 Window area and the growing secular/postmodern population, particularly in urban areas.

### **Insights from the past: Initiatives to be taken**

I believe the history of Adventist missions is a history of Spirit-led initiatives as well as individual and institutional activities. In the past, many IDEs as well as non-IDEs were called and sent from the developing world to work for the denomination in underdeveloped places answering to other developing-world-type administrators and so various approaches for mission were needed and implemented. That system/structure has changed considerably since then.

Before 1901, in a few parts of the world, the church established some lines of communication and responsibility and generally some sort of oversight and nurture was



provided, so that mission outreach went forward in limited and semi-organized or structured manner.

About 110 years ago (1901-1903), or some five to six decades after the Adventist movement began (1844), a major re-organization took place that greatly helped the church to better serve the needs of mission. In some places schools and hospitals were established, in other places the publishing work flourished as missionaries and church leaders studied the best approaches in mission work and worked under the guidance of the Holy Spirit in reaching people to Christ. Most efforts of the church were aimed at mission work.

### **Restructuring for greater possibilities in mission**

As we continue with the church's mission in the 21<sup>st</sup> Century new forms of mission need to emerge. The church will re-think the way it does mission, and if needed, a re-organization for mission will happen. New forms and platforms for mission will be developed to mobilize the laity in serious mission, particularly in some of the more challenging regions of the world--places where access to more traditional types of mission is not possible.

One such example of this form of mission is tentmaking. Not only are tentmakers being recruited, they are also being developed from among the hundreds of Adventist laypeople who have already moved to emerging job markets and who seek to share their faith in these new contexts. This is a movement that will only continue and grow in a new globalized, flattened world.

As major shifts and changes are continually occurring in the world and these shifts have a direct impact on the church and the make-up of its resources (human and material) used for mission, the church will endeavor to fulfill its mission by looking at various different approaches and types of mission opportunities. Thus, several questions such as the following ones need to be asked:

- How can short-term volunteers become long-term tentmakers? And how can they be best positioned in order to fulfill a specific purpose?
- What is this major phenomenon called "short-term mission" and how can it be used to create long-term commitment for cross-cultural mission work?



- How can a multitude of people in a variety of occupations be trained for missions? What specific mission will they be sent for, and involved in? How can they best be organized for strategic mission?
- How can we coordinate pioneers, tentmakers, and institutional positions for the most effective sharing of the gospel?
- Can new structures and platforms for mission be provided so more missionaries will serve in least evangelized areas (10/40 window, etc.)?
- Can we create more service opportunities on the continuum between IDE and AVS/tentmakers? What methods should the church use to recruit specific people for specific mission tasks?
- “Why should not the members of a church, or of several small churches, unite to sustain a missionary in foreign fields? If they will deny themselves, they can do this.” (Ellen White, *Gospel Workers*, 466-467).

**Proposing new forms and structures:  
Strategically located missionary assignments**

An idea that may have special merit has been suggested. This would be to establish “strategically located missionary assignments”, within specific regions of the world (divisions/unions).<sup>4</sup> The individuals occupying these mission positions would be tasked with the coordination and oversight of the mission strategy and goals. Such individuals would be a link between the institutional church and the non-traditional missionaries such as tentmakers, pioneers, student missionaries, or Adventist Volunteer Services (AVS) volunteers within that region (example: 10/40 Window). These missionaries would be located at a point where travel throughout the region would be the least expensive and optimally possible. The person would be provided with a reasonable budget to realistically do the work assigned. It would also be well if this position had non-visible or indirect links to ADRA, AWR and Hope Channel.

These individuals, who will coordinate the recruitment and training of various missionaries (AVS volunteers, pioneers, tentmakers) should possess specific and relevant qualifications.<sup>5</sup> They will also need to be able to work and deal with various mission

---

<sup>4</sup> Reconfiguration of some division territories could focus more attention on the massive territories of the 10/40 Window.

<sup>5</sup> Spiritual sensitivity: They must give evidence of being able to move among and be accepted by spiritual people of all faiths. A biblically-based spirituality must be apparent and clearly operational. A merely “western” spirituality would be insufficient. Mission training: The basic training offered by the Institute of World Mission should be augmented by specific training in the local religious, political, social and economic histories of the area



platforms or structures and types of missionaries, and therefore must be able to identify with them, thus it would be well if the position was funded in a way that is meaningful for each context—taking into account the socio-political, economic, religious, ethnic, and geographic environments. Such approach would also provide them with justification for visa application and for explaining why they are living in the region. This is most often the case in restricted access countries.

Denominational support for these missionary supervisors would be a cooperative effort between the General Conference, other possible supporters, and the host region where the person will be assigned. Such missionary assignments or positions could be a process of “direct action” strategy of the General Conference.

### **Integrating and supporting new forms of mission**

A hybrid form of tentmakers/pioneer/AVS could be an attractive and viable way for the church to continue its mission outreach. Financial costs could be reduced significantly, and more people of various backgrounds deployed for mission service.

This form (hybrid) would involve a partially funded tentmaker/pioneer who is already working in a certain region. He/she would establish the “platform” for mission service through his/her professional skills or employment. The church would support this endeavor with a partial salary, so this person could recruit and support, nurture others (tentmakers, AVS, etc.) in the same or various other types of mission.

*Examples or cases where direct action is needed:*<sup>6</sup>

- T. and W. have been operating a school in Cambodia for the past 10 years. They serve as the family life directors voluntarily for the local mission, in addition to their busy schedule. They have a school with 350 students, 6 children’s homes, dormitories, a lay training program and various support for church planters in Cambodia. T. recently shared with an IDE colleague of mine, I love our church,

---

they will be located. An entrepreneurial worldview: These people will be dealing with the working world of non-traditional missionaries and must not be limited by a traditional, institutional worldview. Psychological training: These missionaries must be able to deal with people who are often living in spiritually oppressive and physically dangerous situations and must be prepared to do critical debriefing and referral. The individuals must be emotionally stable. Seriously committed to the mission of God: These people and their families will be living and working in difficult and often isolated environments.

<sup>6</sup> Other examples are the following:

a) Brunei is still waiting for a strong witness, again a very difficult nation to enter.

b) In many countries tribal barriers exist within nations, that even if Global Mission pioneers are sent who share the same language, would have a more difficult time sharing the gospel than someone from outside the culture altogether. The barriers to a national with a different tribal background make a new focus on tentmakers more necessary.



but the mission structure has no place to recognize us as missionaries. We are proud to be Adventists, but there is no place in the structure for volunteer missionaries who have no financial ties to the church—except for AVS which is usually for 1-2 years.

- At a recent planning meeting there was a heightened awareness of need to place a witness in B. A. [place], the place hardest hit by the 2004 Tsunami. After searching for some answers for witnesses, the local church officials said that no Global Mission pioneers would be willing to go to A. [place] because it is predominately Muslim. While an IDE budget sounded good, it would take a year to process and place someone. An Adventist who has worked in A. decided to go immediately, self funded, rather than wait for the long processes to take place.
- Myanmar is one of the World's hardest to access nation, with a population that is very resistant. Over the past few years Korean tele-dramas have become wildly popular in Myanmar, along with anything to do with Korean culture. Korean restaurants have blossomed in Yangon. While Evangelical Korean businessmen are setting up a tactful and respectful witness in Yangon, we wait for a chance to send a foreign IDE, but unless chosen carefully will not see or be able to capitalize on the recent fascination with Korea that much of Asia is experiencing.

### **Are we as Seventh-day Adventists doing enough?**

If the Mormons, who have far fewer members than the Adventist Church, have at any given moment 50,000 missionaries serving in various places around the world,<sup>7</sup> why couldn't the Adventist Movement have at least 100,000 pioneers serving in the mission field in various capacities and forms of mission service? We have an integrated church structure and system that should facilitate the training and sending of tens of thousands and even hundreds of thousands of all kinds of missionaries, paid and non-paid, skilled and non-skilled, highly trained or not.

This past December (2009), I witnessed two young Mormon missionaries—an American and a Brazilian—working side by side in my home town in Brazil. They were going from house to house in mission service, and in a way I was proud of them. I felt urged to do more for Christ, to do more with our church, to engage in mission teaching more intentionally, and to be able, if at all possible, to see our church creating tens of thousands of mission opportunities.

---

<sup>7</sup> See Mormons, Missionary Work (<http://www.mormon.org/mormonorg/eng/basic-beliefs/membership-in-christ-s-church/missionary-work>). Accessed, March 18, 2010.



Could the church create an Adventist “Peace Corp” to send carefully selected and trained young people into the difficult areas for two years with mentors and to work with experienced nationals or missionaries?

Last week, while visiting an IDE family in Monterrey, Mexico, someone knocked at the door of the house. The visitors were Jehovah’s Witnesses offering quite intentionally their message. Sure, there is a strange feeling as issues of theology and their legitimacy comes to mind, but one cannot help admire and appreciate their zeal and commitment for Christ as they endeavor to witness.

### **Frustration and discouragement grows**

Ten days ago I was in Montemorelos University (March 10-14) teaching 150 university students who want to be involved in mission service. Several of these talented students inquired of the possibilities of serving as missionaries. What could I offer? What should I answer them? When I tried to explain about the different structures that deal with mission possibilities many of them mentioned that others have said the same thing. I suggested that a medical student contact the AVS office, and she told me of her story of frustration in trying to find an opportunity to serve. And, adding insult to injury, my balanced and diplomatic answer only added to her frustration.

Cases such as this are common—in fact, there are hundreds and thousands. I believe that we all can share in the frustration that comes because we cannot help, because the church cannot provide opportunities for talented and capable, willing young people. The more you are part of the system, the more you feel the frustration of not being able to refer someone who would like to become a missionary and work with the church somewhere in the world.

Many share this same experience, which reflects a level of frustration that continues to grow as we endeavor to help others to be part of God’s mission, but find ourselves oftentimes incapable of helping. In many ways it is very difficult to become a missionary. Few possibilities exist and thus only a selected group will eventually go to the mission field. It’s easier to say to potential candidates: “I’m not responsible for recruitment,” “this is not my area of expertise or involvement,” and “it is better that I do not interfere with the responsibilities of others, like GC secretariat, Adventist Volunteer



Services, division secretary, etc. It has been suggested that many become cynical, tired and discouraged along the way.

### **What is the answer to this problem or frustration? Suggestions and recommendations to these challenges**

*Please provide your suggestions based on the following observations:*<sup>8</sup>

- What are new, practical, and concrete ways that tens of thousands of people can be sent as missionaries?
- What will re-organizing the church for mission look like in practice?
- What new structures, forms and platforms for mission can you suggest as a way to send thousands of more missionaries?

### **Sharing our Ideas and suggestions**

(These suggestions were given by various individuals, church administrators, former and current missionaries, and officers of the General Conference)

*The Seventh-Day Adventist Church needs to:*

1. Establish a Seventh-day Adventist Mission Coordinated Strategy – “Strategic Plan” for mission (long-term): Theologically and biblically sound, missiologically appropriate, and structurally practical.
2. Establish a coordinating mission body/board - for the Adventist Church worldwide.
3. Create fresh guidelines and policies that will help coordinate and set parameters for missionary sending (and receiving).
4. Carefully choose and strategically send mission-visioning teams.
5. Establish some advisories where we actually seek input and advice (think tanks) and not just make reports to them.<sup>9</sup>
6. Assign a portion of the delegates to GC Session based on population instead of membership (and hopefully do the same at divisions and unions later). Even if it was just 100 of the 300 delegates the GC can assign.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> A church leader suggested some ideas by asking these questions: “Is it possible that one major problem we have is that we don’t do mission strategizing from a world perspective much anymore? Could it be that we pretty much leave it all up to the divisions and unions whose leaders are wonderful but generally have not being exposed with a global experience or perspective? Should we vision mission from the GC with the input from division and union leaders?”

<sup>9</sup> Suggestion: “There could be some made up of young people, others of returned missionaries, retired leaders, supporting ministries. Maybe even have one ADCOM a quarter where the whole time was spent on brainstorming. How about a day at Annual Council spent in brainstorming and visioning?”



7. Establish and welcome new partnerships aiming at integrating and working with “supporting ministries” – to enlarge the mission vision and mission work.
8. Create a virtual volunteer network which would allow people with skills in marketing, PPT preparation, databases, photo editing, graphic design, etc. to volunteer to help the church in various parts of the world (or even the GC) with projects we either don’t get done or spend a lot of precious funding on.
9. Invite mission practitioners to work in closer cooperation with GC so their input affects day to day plans and decisions in regards to mission service.
10. Appoint a full time coordinate for the tentmaker program—to recruit people, find openings for interested individuals, coordinate training, mentor and support those who go.
11. Create new categories between IDE missionaries on the one hand and AVS volunteers on the other. For example:
  - a. Volunteers who also get service credit and retirement benefits.
  - b. Missionaries with a hybrid contract arrangement (shared costs).
  - c. Missionaries sent to a different territory/division and supported by home/local church/conferences.
  - d. Missionaries sent by church-affiliated institutions such as publishing houses/departments, Adventist Health International, ADRA, etc.
  - e. Relatively young, but just retired, Adventist lay professionals that would go as missionaries on a volunteer basis.
12. Use returned missionaries as mentors for new ones (may require a phone budget and even one trip a year to go visit).
13. Have a system of tracking former IDEs, volunteers, and people who have expressed interest so we can quickly fill positions when they come open.<sup>11</sup>
14. Require GC traveling staff to use a percentage of their travel and department budget on things that directly support the 10/40 Window (and other regions), so they begin to see and think about those needs.
15. Train a group of long-term missionaries with advanced skills for cross-cultural mission service among the least evangelized peoples.

---

<sup>10</sup>Suggestion: “We may not even find people who could be delegates from an area but then would assign someone else to be the delegate from that place and they would have to study and be prepared to speak and vote for that area. If a few of them ended up on the executive committee based on population instead of membership that would be great too. You might start to see some distributions of resources being different since there would now be someone who was thinking about the fact that they represented those unreached areas.”

<sup>11</sup> An example is the excellent “Adventist Employment” system that SPD is implementing.



16. Examine GC or Division staffing and see if there is a way to release 10 budgets that GC would continue to fund but would send to the 10/40 Window.<sup>12</sup> Adequate and effective use of resources needs to be taken into account as the church plans for mission work in various least evangelized and difficult or unentered areas of the world such as the 10/40 Window. Ellen White states that “to send missionaries into a foreign field to do missionary work, unprovided with facilities and means, is like requiring bricks to be made without straw” (*Medical Ministry*, 330).
17. Require division officers to spend 2-3 months each quinquennium shadowing their counterpart in another division. It would help to widen our eyes to opportunities and needs, help to create mission partnerships, and foster unity as we share and learn with each another.<sup>13</sup>
18. The specific mission<sup>14</sup> given by God to the Seventh-day Adventist Church will be placed as priority by the worldwide church leadership in planning, supporting, and implementing the work of the church.

### **Recommendation and Conclusion**

Overall, this paper proposes that a commission/group/study committee prepare a comprehensive proposal/recommendation to GC ADCOM on what needs to be done to more effectively channel the church’s mission energy.

As we plan for the future, let us contemplate the promises of God in expectation that through His guidance, wisdom and power, more workers will be sent out into His harvest field, responding to His call and fulfilling the church’s assigned mission.<sup>15</sup> God is with us, He will fulfill His promise!<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup> A church administrator commented that “we need to relook at all the project giving we are sponsoring from here at the GC. I am not saying it is wrong, but again, it isn’t being strategically aligned with a global view of what needs to be done. It is a case of who can get to the donors first and with the most heart tugging message, not necessarily the needs that are the greatest. Maybe we need to start some listserves that connect people with parts of the world and have returned missionaries monitor what goes up on them. That would keep people’s identities secure but allow an exchange of ideas, reporting, pictures, etc with those who have an interest in a particular area.”

<sup>13</sup> Suggestion: “Give each division 2 fully funded IDE positions (total of 26). These would not be to replace a national division or union officer but to allow them to add an officer (assistant to the president, associate secretary, associate treasurer, etc). The agreement would be that the GC would choose someone to fill that slot in consultation with the division leadership. The purpose would be to give someone the GC felt had promise as a world leader some international experience. Right now we have VERY few potential leaders we can draw on for the GC who have a global perspective. They are wonderful people but have served their entire lives in their areas. Many of them don’t even understand the rest of their own division let alone the rest of the world.”

<sup>14</sup> See Revelation 14:6-12; Matthew 28:18-20.

<sup>15</sup> See Matthew 9:38.

<sup>16</sup> See also Revelation 7:9-17: God’s Promise: the Great Multitude in White Robes.

## ARTIGOS

### A PUBLICIDADE VENDEU A RELIGIÃO?

**Rodrigo Follis**

Mestrando em Comunicação Social  
pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)  
Bolsista do CNPq.  
[rodrigo@follis.com.br](mailto:rodrigo@follis.com.br)

**Resumo:** Utilizando-se as teorias sociais e as contribuições da teologia, este artigo discute as transformações nos processos religiosos e socioeconômicos da sociedade atual. O objetivo é entender as composições das interações entre mídia e religião, a partir da indagação acerca da substituição (ou não) da mensagem religiosa pela imagem publicitária.

**Palavras-chave:** Teorias da Publicidade, Relações de Consumo, Mídia e Religião, Publicidade e Propaganda, Teologia.

### DID PUBLICITY SELL OUT RELIGION?

**Abstract:** Through the usage of the social theories and the contributions of theology, this article discusses the transformations in the religious and socioeconomic processes in today's society. The objective is to understand the compositions of the interactions between media and religion, and to enquire about the replacement (or not) of the religious message by advertising image.

**Keywords:** Theories of Publicity, Consume Relationships, Media and Religion, Publicity and Advertisement, Theology.

Será que a religião tinha a função de dar sentido à vida e agora, devido à secularização da sociedade, passa a ser insuficiente para atender tal demanda, sendo substituída, muito possivelmente pelo consumo e pela publicidade, na função inevitável de dar um sentido encantado à vida? O propósito desse trabalho é estudar as interfaces da mídia com a religião. Acima de tudo, pretende discutir o conceito de secularização da sociedade, assim como a uma possível substituição do encanto religioso pelo encanto dos produtos e serviços oferecidos pelo sistema capitalista e anunciados na publicidade.

Embora existam estudos na área de mídia e religião, poucos se dedicam a estudar mais profundamente as reações da vertente publicitária em associação com o



religioso, principalmente em associação com conceitos mais teológicos. Muitas vezes, as razões para isso estão calcadas em um preconceito *positivista* da academia quanto a tal união de temas ou, quem sabe, apenas não se despertou o interesse dos pesquisadores quanto à temática. Pode-se também acusar uma falta de interesse da Teologia e das Ciências da Religião, que se afastam demais de objetos do cotidiano popular, tais como, nesse caso, o consumo e a publicidade. Seja como for, é de vital importância o estudo de tais temáticas associadas entre si.

A maior utilização dos meios de comunicação e a frequente importância do modelo capitalista, ambos servindo cada vez mais como formas de mediação das relações humanas, parecem corroborar com a ideia de que a publicidade, entre outros inúmeros objetos, acabou por fazer da religião um produto à venda, a qual apenas sobrevive associada a esses instrumentos midiáticos, e, por conseguinte, é frequentemente destronada do local de encantar a vida humana.

Nas ciências sociais é muito frequente se reduzir o campo de estudo sobre a religião a uma vertente incompleta do fenômeno religioso, na maioria das vezes diminuindo-o ao campo fenomenológico, tanto a psicológica como a sociológica: ou a religião é pura manifestação de condicionamentos psicológicos, geralmente fruto de carências internas individuais, ou é pura manifestação sociológica, geralmente fruto de carências externas sociais.

É imperativo nesse debate fugir tanto do reducionismo imanente quanto do transcendente. É preciso escapar da ilusão de autonomia do discurso teológico, enquanto explicação de todo o processo religioso, como da ilusão da dependência total desse discurso em relação às condições sociais ou psicológicas; elas explicam muitas coisas, mas não são capazes de atender a questões transcendentes inatas a tal fenômeno. Esse trabalho estará focado em construir possibilidades de junções de ambos os campos de estudo, visando entender as relações entre religião (teologia) e a publicidade (sociologia/comunicação),

### **Bases, objetivos e métodos**

Como observa Lucia SANTAELLA (1996, p. 309-35), desde Foucault, começa a entrar em desuso a análise crítica do social à luz da divisão triádica da estrutura social, dividida em Economia, Política e Ideologia. Com ele, é possível afirmar que é inaugurado outro tipo de estratégia teórico-interpretativa a qual abandona o suporte das



metateóricas (ou metanarrativas), em uma clara rejeição a qualquer concepção mais holística do capitalismo (assim como da sociedade em geral). Depois de Foucault, essa tendência acaba por se acentuar, até se exacerbar na chegada dos teóricos da assim chamada condição pós-moderna.

As características mais nítidas nesses últimos teóricos é a colocação como definidoras, principalmente, na pulverização das metanarrativas e na explosão da cultura em todos os aspectos da vida, implicando a estetização dos domínios social, político e econômico. A ideia geral é que toda a estrutura social se desvai em redes dispersas de micropoder, não sendo possível concentrá-las nas três formas tradicionais acima descritas. Quando tal ideia é levada às últimas consequências, acaba-se por dissolver o poder numa uniformidade indiferenciada que o neutraliza por inteiro. O que acaba por acontecer é que ao se relegar conceitos como Classe, Estado e Ideologia, no final o pesquisador será conduzido até a “mistificação que visava denunciar”. (SANTAELLA, 1996, p. 324).

Partindo da divisão triádica (econômico, político e ideológico/cultural), o pesquisador brasileiro Robert SROUR (1987) argumenta que não se deve restringir o modo de produção apenas ao econômico (feito muito comum dentro do marxismo clássico). O que na prática indicaria a existência de relações de trabalho não apenas no nível econômico, mas também no nível político e cultural. Pode-se, sim, aceitar, como querem os pós-modernos, que a cultura é de fato uma forma de produção material, que se realiza dentro do conjunto de práticas, que segundo lembra-nos SROUR (1987, p. 21), onde os agentes específicos se defrontam, atravessados pelas contradições próprias do político e das relações econômicas.

Em outras palavras, nem tudo é cultura (no sentido simbólico), embora essa esteja entremeadada em todos os demais campos (sendo a recíproca também verdadeira). Em resumo, todo agente social ocupa uma posição dentro das relações sociais de produção material, ou seja, cada agente social está enredado nas práticas econômicas, políticas e culturais/simbólicas de determinado modo. Parece importante a observação feita pelos Estudos Culturais, o qual, por enxergar a cultura de maneira mais ampla (como um todo, e não apenas no sentido simbólico), pode afirmar que essa “não é uma prática, nem é simplesmente a descrição da soma dos hábitos e costumes de uma sociedade. Ela atravessa todas as práticas sociais e constitui a soma das suas inter-relações” (Hall apud Wolf, 2005 p. 103).



Sendo a mediação entre o mundo interior e exterior pelo uso de símbolos, signos e alegorias. Pode-se conceituar tal “energia” que se formaliza visando materializa-se em ações, realizadas através desses símbolos, como “imaginário”. O autor CASTORIADIS (1997) entende que desvendar o imaginário significa, pois, revelar o substrato simbólico das ações concretas dos personagens sociais tanto no tempo como no meio em que vivem. O processo de criação e instalação das significações imaginárias é elucidado na distinção entre imaginário e significações imaginárias: imaginário seria o produto final de uma série de significações agrupadas (CASTORIADIS, 1986, p. 169-70). O psicanalista Deleuze acrescenta que o imaginário não é nem o real nem o irreal, mas justamente a “indiscernibilidade entre o real e o irreal. Os dois termos não se correspondem, eles permanecem distintos, mas não cessam de trocar sua distinção (...) O imaginário é esse conjunto de trocas” (DELEUZE, 1992, p. 84-86).

Para um entendimento mais complexo da sociedade é proposto por ele o conceito de agenciamento do imaginário, o qual reporta também a Guattari. Agenciamento é “uma noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto da ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária” (GUATTARI, 2005 p. 317). Eles nunca são autônomos; novos agenciamentos surgem o tempo todo. Agenciamento é qualidade do que o imaginário faz, da forma como ele opera, como as suas diferentes significações se encontram. É também um lugar onde as significações se encontram.

Associada a todo esse arcabouço teórico é importante a contribuição fornecida na tese de SCHULTZ (2005) quanto a possível ampliação do quadro referente aos instrumentos metodológicos na análise do fenômeno religioso, o qual embora não se restringe ao campo midiático, objeto de atenção especial aqui, será importante no entendimento da relação entre eles. É através da contribuição da teologia como uma ciência válida na análise dos fenômenos religiosos que esse trabalho irá se ancorar propondo uma ampliação do arcabouço teórico social clássico. Mas, antes de entrar em tal assunto, será preciso definir o conceito de secularização da sociedade e da religião, ponto importante dentro de toda análise teórica aqui proposta.

### **Sociedade, religião e secularização**

A crescente safra de programas religiosos na mídia tem conduzido teóricos a conclusões parecidas quanto ao já antigo conceito de secularização da sociedade, logo da religião, a qual não apenas perderia a exclusividade de ser a única associada com um



encantamento mágico (FONSECA, 2003, p. 271), como também, ao que tudo indica, transferiria toda (ou pelo menos parte) dessa magia para a mídia e para a publicidade. MARTÍN-BARBERO (1997, p. 112), ao falar sobre tais fatores, afirma que:

para a grande maioria das pessoas a mídia é misteriosa, mágica, excitante e encanta com as novelas, as estrelas, a habilidade de criar eventos como os Jogos Olímpicos, o frenesi das disputas esportivas e o espetáculo dos reavivamentos religiosos. Além disso, a mídia eliminou a distância entre sagrado e profano. Televisão é o local para a visualização de nossos mitos comuns, ela articula e catalisa a integração dos mitos da nossa sociedade (ídolos e artistas). (...) O que estamos testemunhando, não é o conflito da religião com a modernidade, mas a transformação da modernidade em encantamento por intermédio das ligações das novas tecnologias de comunicação com a lógica da religiosidade popular.

Há tempos se apregoa que está em andamento um rearranjo, dentro de toda a sociedade, mas principalmente no campo religioso. O que inclui, especificamente, uma alteração substancial na forma de trabalho das instituições religiosas, o que, sendo causa ou mesmo em detrimento, afeta também toda mídia. Cada vez mais existe uma união entre as linguagens midiáticas e religiosas, nunca vista antes. Com isso, a antiga religião institucionalizada tenderia a se fragmentar e se tornar apenas uma mera escolha de consumo para o praticante, o qual leva em consideração apenas o local onde pode se usufruir do melhor show transcendental. Ao sofrer tal fragmentação, a religião passa a ser apenas um mero ato individualizado, conseqüentemente perdendo qualquer relevância social comunitária.

Esse fato finalmente sentencia que os meios de comunicação, além de divulgar, estão se tornando as principais armas na batalha simbólica por fiéis e condição fundamental para a existência e manutenção das atividades religiosas (Cf. MARTINO, 2003, p. 42). Talvez a maior conseqüência desse processo seja a possibilidade da existência do caminho inverso, onde a TV, a mídia e a cultura secular acabam por sofrer um processo de sacralização, destronando a religião como o único local onde se encontraria tais características (Cf. KLEIN, 2006, p. 222; CONTRERA, 2006, p. 108).

Por outro lado, sem necessariamente desconsiderar a possível realidade mágica da mídia, é cabível, dentro do processo de elucubrações acadêmicas, levantar questionamentos acerca da ideia de secularização da sociedade e, por conseguinte, da religião. Parece ser real que na atual sociedade se obtém uma rejeição das palavras e uma substituição dessas por imagens (visuais). Essa parece ser a conseqüência natural, quando se pensa na perspectiva das invenções recentes, como o cinema, a TV e o constante aperfeiçoamento das tecnologias da internet (Cf. KLEIN, 2006, p.21). Embora



essa suposta realidade levada aos extremos é perigosa, pois fornece uma projeção de futuro pelo qual não vale lutar, ela não deve ser descartada em sua totalidade. Embora também não seja prudente aceitar tais visualizações acerca das modificações sem antes existir um pensamento crítico quanto às mesmas.

A clássica definição fornecida no *Curso de Filosofia Positivista* de Augusto Comte anunciava o fim de um período da humanidade onde a religião ainda seria necessária, em outras palavras, ocorreria um processo de secularização. Após tal etapa, denominada de teológica, viria uma fase intermediária metafísica que abriria terreno para a última fase, a positiva, que seria dominada não mais pela teologia (religião), nem pela metafísica (filosofia), mas pelas ciências empíricas, que trariam uma definição “verdadeira” da realidade (GUIZZARDI e STELLA, 1990, p. 208).

Aqueles que assim procedem, poderiam ver a perda do espaço da religião na sociedade, se não foi vencido o sentimento metafísico (provavelmente transferido ao consumo, diriam alguns) ao menos a religião como se via até então perdeu seu papel. Embora todas essas críticas sejam coerentes e, muitas vezes, parecem totalmente verdadeiras, elas se esquecem, ao se utilizar da tradição positivista, o que a Teologia vem dizendo há tempos: parece ser óbvio que o ser humano se predispõe a ser religioso. É correto afirmar que houve, através e pela mídia, mudanças nas estruturas litúrgicas da religião (tanto no uso da religião como no seu entendimento).

O sociólogo Peter Berger, ao discutir as questões relacionadas a uma suposta secularização da sociedade, enfatiza que sempre existiu uma continuidade do impulso religioso na sociedade, principalmente no contexto latino-americano. Isso mostra que a “busca de um sentido, que transcenda o espaço limitado da existência empírica neste mundo, tem sido uma característica perene da humanidade (isto é uma afirmação antropológica, e não teológica – um filósofo agnóstico ou mesmo ateu pode muito bem concordar com ela)” (BERGER, 2001, p. 19).

É certo que, como afirma RIVERA (2010, p. 54), o argumento acerca do crescimento dos grupos religiosos na América-Latina “não constitui um retorno à época da heteronomia da religião. Muito pelo contrário: o enfraquecimento das tradições traz como consequência a proliferação de opções religiosas e o declínio do compromisso religioso”. Não que seja impossível acreditar em tais aparentes fatos, mas, ao colocarmos que esse seja o futuro definitivo da humanidade, paramos de fazer ciência e, sem bases seguras, começamos a profetizar. O futuro, por mais que pareça óbvio, não está traçado (ou pelo menos não podemos provar que está).



Parece ser este um equívoco comum dentro das ciências sociais, e que ganha força no chamado movimento “pós-moderno”, no qual se coloca na cultura/simbologia (e por consequência, na mídia) forças tão poderosas que não possam ser mudadas, sendo elas que hão de mudar o ser humano e nunca o contrário.

E aqui a teologia deverá entrar na discussão, enfatizando que não se deve, mesmo perante a tais fatos, negar a continuidade do impulso religioso, pois dentro da análise do fenômeno religioso deve existir espaço para a aceitação de certa “condução transcendente” da história, a qual mesmo não podendo ser comprovada, pode ser aceita dentro de um quadro que considere as alegações teológicas básicas.

### **Ícone religioso, publicidade e teologia**

Muitos teóricos, ao partirem da ideia de que o homem é um ser unicamente simbólico, relegam as demais partes da estrutura triádica defendida na primeira parte deste trabalho. Por essa ideia, é coerente pensar que, através do simbolismo antes encontrado no contato com o transcendente por meio da religião e que agora tendia a um esgotamento, poderemos perceber a existência de um vácuo “simbólico” que seria preenchido pela publicidade e pelo consumo.

Em outras palavras, dentro de um processo de desencantamento da religião/da sociedade, obteremos um ser humano necessitado de encantamento. Afinal, estamos falando de um ser simbólico, “que precisa encontrar na vida a “magia” que em grande parte deixou de existir nos moldes em que conhecia”. Dessa forma, a propaganda assumiria um “papel fundamental, pois é com sua capacidade de construir e associar simbolismos aos produtos que o encantamento pode realizar-se, por meio do consumo” (SILVA, 2008, p. 12).

Em tal entendimento, é percebida indiretamente a visão *positivista*, acima discutida, de se eliminar a teologia da discussão realizada, associada com o ideal pós-moderno de colocar a cultura/simbólico como sendo o principal marco teórico-interpretativo. O que auxiliará no pensamento de que a publicidade deva ser criticada e “demonizada”, afinal de contas nela encontra-se tudo o que de pior pode existir no sistema capitalista, a saber, a “manipulação” das massas em forma de compras de produtos “encantados e mágicos”, dos quais não importam a utilidade, pois o que está sendo vendido/comprado é a imagem midiática criada acerca destes.

Em outras palavras, o consumismo seria equiparado a uma prática religiosa, sendo por isso, preciso combatê-lo. Podemos associar essa interpretação acerca da falta

de “escrúpulos sociais” do sistema capitalista e, conseqüentemente da publicidade, a uma continuidade (ou, pelo menos, a não resolução) do sentimento positivista de que ainda não foi superada a segunda fase proposta por Comte, onde a humanidade ainda seria regida através de uma lógica metafísica, e claro, acrescido do sentimento de que tal coisa seja ruim.

É certo que não se pode duvidar da grande influência obtida pela mídia e pelo capitalismo/consumo nas últimas décadas. Mas é preciso pensar a publicidade/capitalismo (assim como toda a mídia) como um processo comunicativo constitutivo de determinadas práticas culturais, e não apenas como mero instrumental mercadológico a serviço do capitalismo. Para tanto, é importante a contribuição dos estudos culturais como uma perspectiva viabilizadora de uma abordagem processual e cultural da publicidade, capaz de envolver as instâncias da produção, da recepção e de seus discursos, em um único cenário, que permite explorar suas inter-relações. Antes de serem agentes positivos ou negativos, os meios de comunicação carregam “as contradições das sociedades em que se inserem” (MELO Apud PIEDRAS & JACKS, 2006, p. 3). Se tanto a religião como a publicidade (e o capitalismo) são partes de uma construção social, não nos é permitido fazer uma separação tão brusca entre eles.

É possível que a publicidade e a religião sejam consideradas como culturas separadas e bem delimitadas, mas é ainda sim é mais provável que haja um embate entre elas. Muitas vezes tal realidade ambígua e mútua é pouco notada, em detrimento ao *status* que ganha o capitalismo dentro da sociedade atual, explicação devidamente registrada por NOVA (2010, p. 61; Cf. CASTORIADIS, 2004, p. 90-1):

Em verdade, esta “legitimação” é importante aspecto do contemporâneo como marca-configurativa, encarnada na dimensão do campo simbólico que estrutura o cotidiano como seu referencial básico e permite entender a prática cultural do consumo. Todos os valores dominantes e até mesmo o estilo de vida contemporâneo, para atender as condicionantes de seu caráter massivo, urbano e pós-industrial, são apresentados como naturais, uma consequência irrecusável das características e lógicas humanas e não como construção social, contextualizada em um ambiente socioeconômico. A construção social de conceitos e valores, mais do que em qualquer outro momento da história, transforma-se em renovação repetitiva e circular necessária à produção, ao consumo, à consolidação e ao exercício da hegemonia. A legitimação da práxis social das democracias liberais proporciona um início de século com o capitalismo como cultura e estilo de vida irrefutáveis, fortalecido pela sua globalização mercantil e financeira. A constante renovação dos preceitos, mesmo que secundários, condiciona a vida à circularidade cotidiana e dá guarida à pretensão de identificar, neste, um ‘novo momento histórico’, uma pós-modernidade ou hipermodernidade. Esta seria marcada



pela fragmentação e indeterminação, sem possibilidade de qualquer discurso universalizante, pondo em xeque a própria historicidade da construção social.

Não acreditando que tais processos tenham sua origem primária na mídia e menos ainda que o fazer publicitário seja primordial para tais modificações sociais, e ainda sim lembrando do papel desempenhados por ambos dentro de todo o processo social; A publicidade precisa ser vista como um processo condicionado dentro de uma estrutura social, o qual está dentro da história, mas ao mesmo tempo é um possível sistema de articulação das práticas cotidianas dos sujeitos. Sendo assim, entenderemos que a política, a economia, a cultura/simbologia e também a religião, entre outras são formas validas de entender a realidade social que nos cerca (assim como entender a própria publicidade), como participantes do mesmo substrato/agenciamento imaginário.

A religião, sofrendo modificações ou não, é parte importante na atual construção social da sociedade, sendo evidenciado que tais culturas, de um lado a religiosa de outro a de consumo se encontram em lados opostos de uma lógica construtora da sociedade. Se apenas o consumo mercadológico fosse suficiente para construir o imaginário social, muito provavelmente a associação publicitária com outras construções seriam desnecessárias.

Como nos relembra SCHULTZ (2005, p. 186), o problema é quando a religião é confundida com o imaginário. Os estudos sobre a religião precisam considerar aquilo que a diferencia de outras significações imaginárias: a pertinência da Revelação de Deus (ou seja, o elemento divino que funda a religião). Enquanto a sociologia e a antropologia analisam as funções e o papel da religião, mais interessadas nas suas estruturas simbólicas, a teologia, sem desconsiderar tais procedimentos, abre-se para a análise do divino. Se a teologia estuda a religião considerando a Revelação e a Transcendência, não o faz crendo que ela sozinha possa dar conta de explicar todas as partes do fenômeno religioso. Apenas insiste na importância teórica de não se relativizar o peso imanente nos estudos acerca da religião.

A teologia afirma que a religião é agenciada no plano imanente, mas não por isso esquece que todo esse processo pode estar carregado do divino. Entender que toda significação religiosa do imaginário existe em relação às significações sociais, psicossociais e antropológicas é parte do processo. Mas a teologia não relega a tais matérias a origem do fenômeno religioso. “No limite da ação afirmativa, a teologia afirma que a religião tem um fundamento e uma origem *a priori*, totalmente



transcendente, e que o imaginário religioso é obra de Deus, lócus de sua manifestação. Os alicerces do imaginário religioso são, paradoxalmente, sustentados pelo Alto” (SCHULTZ, 2005, p. 197).

Durkheim, fundador da sociologia, reconhece ativamente como a religião, enquanto significação imaginária, é parte central da construção da sociedade. Para ele, a religião não é uma ilusão ou algo a ser superado; ao contrário, ela é responsável pela coesão social. “Rompendo com a tradição da época que considerava os fenômenos religiosos como um tecido de superstições, das quais os homens se libertavam desenvolvendo seus conhecimentos, Durkheim mostra que o fato religioso, ao contrário, é uma das bases essenciais da socialidade” (MAFFESOLI, IN: DURKHEIM, 1989, 3). Daí que as significações imaginárias nem sempre são consequência *de* ou uma fuga *de*. O Imaginário “tem que ser pensado, não como uma réplica irreal de um mundo real [...] Temos que pensá-lo como posição primeira, inaugural, irreduzível [...], tal como se manifesta cada vez numa sociedade dada” (DELEUZE, 1992, p. 86).

É possível dizer que a religião percebe no processo de modernização e consumo uma forma de se adaptar e continuar a ter importante relevância social, mas é inegável que o caminho inverso ocorra com a publicidade, e conseqüentemente com o consumo, que ao se apoderar de ícones religiosos, em um momento onde muitos se apegam na religião, são-nos dados indícios de uma busca de ambos por atenção de uma sociedade que sofre com o peso de tantas informações e cargas simbólicas. Mas sem nunca esquecermos as marcantes diferenças imanentes e transcendentais de ambas.

O questionamento atual não deveria se ater apenas quanto à validade obtida pelas imagens religiosas ao serem intermediadas pela tela e posteriormente consumidas pelos telespectadores. Parece óbvio inferir que o fiel, ao se postar diante da tela para ver e ouvir/consumir uma mensagem religiosa, realiza diversas ações sociais. A dificuldade é entender em qual momento os programas midiáticos e os religiosos, por diversas razões, acabam por se render à lógica do entretenimento consumista, funcionando apenas como um “show ou apresentação midiática” do que propriamente uma comunicação/culto com o transcendente (Cf. BERGER, Christa 2007, p. 30). Nesse ponto é importantíssima a participação da teologia, junto às demais análises sociais, na compreensão mais ampla de todo esse processo envolvendo mídia e a religião.

### **A título de conclusão**

Tais inferências levam a demonstrar, de forma breve, o local que a religião e a mídia ocupam na atualidade. Tal utilização tende a demonstrar que a religião, sofrendo modificações ou não, é parte importante na atual construção social da sociedade, sendo evidenciado que tais culturas, de um lado a religiosa de outro a de consumo se encontram em lados opostos de uma lógica construtora da sociedade.

Se apenas o consumo mercadológico fosse suficiente para construir o imaginário social muito provavelmente a associação publicitária com outras construções seriam desnecessárias. Assim como o próprio produto seria deslocado do centro da negociação (embora alguns teóricos afirmem que isso ocorra, é imprescindível perceber a importância das relações de produção existentes na manufatura de todos os produtos comercializados).

A religião pode, sim, ter no processo de modernização e consumo uma forma de se adaptar e continuar a ter relevância social, mas é inegável que o caminho inverso também pode ocorrer com a publicidade/consumo, os quais se apoderaram de ícones religiosos, em um momento onde muitos se apegam na religião, são-nos dados indícios de uma busca por atenção em uma sociedade que sofre com o peso de tantas informações e cargas simbólicas.

A atual propaganda obtém o poder de produzir um forte encantamento, o qual é possível ser ou não escolhido como estilo de vida válido. Nas propagandas não se busca uma verdade ou crença religiosa, e sim se concretizar um venda. O transcendente não está em jogo, quanto muito encontramos ali algo que emana sobre determinado produto anunciado, mas de forma absoluta parece-nos possível acreditar que nunca teremos ali o transcendente. Por mais válidas que possam parecer as críticas de alguns teóricos, parece-nos meio exagerado acreditar que o consumo ou a publicidade ocuparam o lugar da religião dentro da sociedade contemporânea.

A importância atribuída ao consumo, na sociedade contemporânea, por um grande número de teóricos deve ser vista com extrema cautela e, não, tomada como uma verdade auto evidente, por vários motivos. Primeiro, cidadania, filiação religiosa, tradição, desempenho individual, entre outros, continuam sendo, a despeito dos que declaram o “fim do social”, importantes na demarcação de fronteiras entre grupos e na “construção” de identidades (BARBOSA; CAMPBELL, p. 24).

Tanto a publicidade como a religião nada mais são do que uma das possíveis realidades existentes na cultura, as quais poderiam sobreviver separadas, mas ao trabalharem juntas, indicam uma forma de construção da realidade. É possível a atual



publicidade se revestir, em dados momentos, de uma sacralidade proveniente da religião ao vincular ideias mágico-religiosas, mas em última instância percebemos que a predominância maior será apenas em uma associação de ambos (com vias de mãos duplas).

Um resumo do que temos defendido é que a religião, o capitalismo, a publicidade e todas as demais formas de estruturas formadoras da sociedade nada mais são do que, em última instância, derivadas dos arranjos de composição desse substrato simbólico ou imaginário. No final, são válidas as preocupações de alguns teóricos acerca do futuro da religião, do capitalismo e da publicidade, embora não seja obrigatório que as “profecias” desses se cumpram.

Por outro lado, é importante salientar a ideia de uma sociedade onde todos os instrumentais sociais são na verdade criações estabelecidas por esta mesma sociedade, as quais podem ser trocadas, reconfiguradas e/ou modificadas, pelos agentes que dela usufruem, assim como do seu próprio uso. Mas em suma, precisamos buscar um modelo metodológico que ao mesmo tempo em que permite a retomada dos conceitos fundantes da teoria social, objetivando recuperar o equilíbrio no jogo das determinações mútuas entre o econômico, o político e o cultural/simbólico, também seja capaz de inserir de forma científica e metodológica a vertente teológica intrínseca a toda a discussão social. Aceitamos, portanto, o campo de estudo das relações humanas como sendo composto pelo Político, Econômico, Cultura/Simbólico e o Teológico/Religioso.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Orgs). **Cultura, Consumo e Identidade**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

BERGER, Christa. Tensão entre os Campos Religioso e Midiático. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (orgs.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo dos Campos-SP: Universidade Metodista, 2007.

BERGER, Peter. A Dessecularização do Mundo: Uma visão global. In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: n. 21/1, 2001. P. 9-23.

CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do Pensável: As encruzilhadas do labirinto VI**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CONTRERA, Malena Segura. A Dessacralização do Mundo e a Sacralização da Mídia: Consumo imaginário televisual, mecanismos projetivos e a busca da experiência comum. In: BAITELLO, Norval Jr (org). GUIMARÃES, Luciano (org). MENEZES, José Eugênio (org). PAIEIRO, Denise (Org). **Os Símbolos Vivem Mais que os Homens: Ensaios de comunicação, cultura e mídia**. São Paulo: Annablume, 2006.



CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho Novo em Odres Velhos**: Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese de doutoramento em Comunicação Social. São Paulo: ECA-USP, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: 1992.

DURKHEIM, Émilie. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**: O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1976

FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e Mídia no Brasil**. Bragança Paulista-SP: EDUSF, 2003.

GUIZZARDI, Gustavo; STELLA, Renato. **Teorias da secularização**. In: FERRAROTTI, F. (Org.). **Sociologia da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

JACKS, Nilda. Publicidade e o Universo Cultural. In: **Cadernos de Comunicação – FACOS/UFMS**. Ano 2, n.2, dez.1997.

KLEIN, Alberto. **Imagens do Culto, Imagens da Mídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006

LIPOVETSKY, Gilles. “Sedução, Publicidade e Pós-modernidade”. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 12, julho 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Mass Media as a Site of Resacralization of Contemporary Cultures**. In: Moraes, Hoover, Stewart; Lundy, Knut (org.). **Rethinking Media, Religion and Culture**. Londres: Sage, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e Poder Simbólico**: Um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003.

NOVA, Luiz Henrique Sá da. “Da Cultura como Mercadoria, ao Consumo como Prática Cultural” **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras** vol. 1 (1), 2007. <<http://www.ufrb.edu.br/reconcavos/n01/pdf/nova.pdf>> Acessado em 14/04/2010.

RIVEIRA, Paulo Barrera. **Pluralismo Religioso e Secularização**: Pentecostais naperiferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil. **Revista de Estudos da Religião**. Março de 2010, pp. 50-76. In: <[http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2010/t\\_rivera.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2010/t_rivera.pdf)> Acessado em 09/10/2010.

SANTAELLA, Lucia. **Produção de Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

SILVA, Deborah Pereira da. A Comunicação Publicitária como Reencantamento: A relação entre publicidade e religião no Brasil e na América Latina. 2008. In: <[http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=118867](http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=118867)> Acessado em 14/05/2010.

SCHULTZ, Adilson. Deus está presente - o diabo está no meio: O protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro. In: <[http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Doutor/Schultz\\_a\\_td48.pdf](http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Doutor/Schultz_a_td48.pdf)> Acessado em 14/05/2010.

WOLF, Mauro. **Teoria das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

## ARTIGOS

### ADVENTISMO "APOCALÍPTICO" E "INTEGRADO"

**Carlos Henrique Nunes**  
União Sul Brasileira  
da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
carlos.nunes@uol.com.br

**Resumo:** A comunicação tem suas vertentes de estudos e o estudo do fenômeno midiático na era da indústria cultural pode ser aplicado à última profecia bíblica a se cumprir antes da Parousia. Essa aplicação possibilita uma via, que não seja apocalíptica e nem integrada, em relação à pregação do evangelho pela mídia de massa.

**Palavras-chave:** Evangelho, Pregação, Media, Adventismo.

#### “APOCALYPTIC” AND “INTEGRATED” ADVENTISM

**Abstract:** Communication has its lines of study, one of them being the study of the phenomenon of the Media in the Era of the Culture. Such line of study could be applied to tool for understanding the last biblical prophecy to be fulfilled before the Parousia. Such application opens up a path, which is not apocalyptic and neither integrated, in relation to the preaching the Gospel through the Mass Media.

**Keywords:** Gospel, Preaching, Media, Adventism.

Foi Umberto Eco quem cunhou, nas pesquisas acerca do fenômeno da indústria cultural<sup>1</sup> e dos mass media<sup>2</sup>, a expressão "apocalípticos e integrados"<sup>3</sup>. É dela que deriva, em última instância, praticamente tudo que temos lido e ouvido daqueles que se debruçam a pesquisar as implicações da comunicação de massa.

---

<sup>1</sup> Expressão criada por Adorno e Horkheimer, fundadores da Escola de Frankfurt, que abarca toda produção dirigida para o consumo das massas segundo um plano pré-estabelecido.

<sup>2</sup> Expressão que engloba os meios de comunicação em larga escala, notadamente aqueles que disseminam fatos, opiniões, entretenimento e informações em jornal, rádio, cinema, televisão, revistas, CDs e outras veículos.

<sup>3</sup> Expressão utilizada por Umberto Eco para designar os pensadores catastróficos quanto ao rumo das produções culturais afetadas pelos mass media e os alinhados que valorizavam o avanço tecnológico da era da reprodutibilidade em escala industrial dos bens de consumo culturais.



A discussão ganhou corpo, acirrando ânimos e polarizando campos do conhecimento, a partir do surgimento da reconhecida Escola de Frankfurt<sup>4</sup>. Em seu escopo doutrinário, a noção de que o advento dos meios de comunicação de massa em associação com a era da reprodutibilidade em escala industrial das manifestações culturais produziu um público acrítico, robotizado e manipulável.

As pesquisas em comunicação seguem polarizadas em pelo menos três campos do conhecimento: os frankfurtianos, os funcionalistas e os adeptos do grupo chamado "estudos culturais"<sup>5</sup>. O presente artigo tem por objetivo trazer à luz os postulados de tais campos de estudo do fenômeno midiático na era da indústria cultural, bem como aplicá-los à última profecia bíblica a se cumprir antes da Parousia.<sup>6</sup>

### **Os Caminhos Adventistas**

Mateus 24:14 revela a última condicionante para o retorno de Jesus e o que os cristãos evangélicos, em sua maioria, acreditam ser o fundamento para o estabelecimento de um novo reino: o celestial. Nesta passagem lemos que "este evangelho do reino será pregado a todo o mundo para testemunho a todas as nações e, então, virá o fim". Na esteira dessa verdade revelada, desde a Reforma Protestante do século XVI, uma infinidade de movimentos religiosos têm se erguido sob a prerrogativa de anunciar as boas-novas ao mundo.

Um grupo em particular tem na raiz profético-escatológica não só a razão de ser de seu surgimento como também a reivindicação escriturística para se autoproclamar a Igreja Remanescente de Apocalipse 14. Desde 1844, na esteira do movimento milerita, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem assumido essa condição, anunciando a salvação em Jesus Cristo.

Ocorre que, quando olhamos as dimensões territoriais do mundo a ser atingido pela mensagem salvadora, é inevitável que se estabeleça a conexão com o alcance globalizado dos fenômenos de comunicação de massa descritos por Marshall McLuhan<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> Linha de pensamento acerca da comunicação estruturada por Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Max Horkheimer, Theodor Adorno e Siegfried Kracauer.

<sup>5</sup> Campo interdisciplinar do estudo da comunicação que tem origens na Escola de Birmingham e que nasceu em contraposição à Escola de Frankfurt. Seus pressupostos levam em conta a teoria social, economia, política, história, comunicação, teoria literária e cultural e a filosofia.

<sup>6</sup> Termo grego que significa o retorno de Jesus.

<sup>7</sup> Canadense, ex-professor de literatura. Radicado nos Estados Unidos, assombrou o mundo quando, em 1963-64. Introduziu conceitos inéditos na comunicação de massa como a idéia de que cada meio de comunicação é a extensão de um sentido humano. É dele o famoso conceito de aldeia global.



Será possível evangelizar o mundo sem recorrer aos recursos da mídia universalizada que, hoje, une povos e culturas em toda parte do globo? Se admitirmos a hipótese de que essa será a única forma de cumprimento da última condição para o segundo advento de Cristo, teremos que, forçosamente, reconhecer que o adventismo "apocalíptico" e "integrado" precisa rever seus conceitos.

### **Os Apocalípticos**

Ainda soa como dogma que permeia os círculos adventistas, especialmente os de produção do conhecimento, uma visão que tende a espalhar o senso comum de algo que poderíamos chamar de 'demonização da mídia'. Neste contexto, é evidente o alinhamento dos adventistas 'apocalípticos' - aqueles que exaltam o caráter nocivo da mídia - com os adeptos da Escola de Frankfurt. De comum entre as duas posições, a ideia de que a mente sofre um bombardeio tão intenso de conteúdo midiático ideologizado que, em última análise, produz um efeito anestésico no ser humano. Como resultado desse vírus inoculado na corrente do pensamento humano, somos teleguiados a um universo de gostos, atitudes e comportamentos influenciado pela massificação, o que gera uma atrofia de nossas capacidades intelectuais. As implicações espirituais de tal fenômeno são evidentes se considerarmos esse um estratagema diabólico.

Os que não querem cair presa dos enganos de Satanás devem guardar bem as vias de acesso à alma; devem esquivar-se de ler, ver e ouvir tudo quanto sugira pensamentos impuros. [...] Os que desejam ter a sabedoria que vem de Deus devem tornar-se néscios no pecaminoso conhecimento deste século, para serem sábios. Devem fechar os olhos para não verem nem aprenderem o mal. (WHITE, 2000, p. 403-4).

As avenidas da alma (para ficar no jargão peculiar) são constantemente invadidas por mensagens 'subliminares' que subvertem nossos padrões morais, intelectuais e espirituais, dizem os adventistas "apocalípticos". Para os adeptos dessa linha de pensamento, nada mais adequado e pertinente, uma vez que os próprios comunicólogos já identificaram a disfunção narcotizante dos mass media.

O estar exposto a esta avalanche de informações poderá servir para narcotizar o leitor ou ouvinte mediano, ao invés de estimulá-lo. Assim como uma maior parte de tempo é dispensada em ler e ouvir, temos uma menor parcela disponível para a ação organizada. [...] O cidadão interessado e informado pode contentar-se com seu elevado grau de interesse e informação e negar-se a ver que se absteve de decisão e ação. [...] Por esta razão peculiar, as comunicações de massa podem-se incluir entre os mais respeitáveis e eficazes narcóticos sociais. (MERTON; LAZARFELD, 1990, p.115).



## Os Integrados

Que dizer, então, dos adventistas "integrados"? Bem, este parece ser o grupo ainda mais estigmatizado. Se, por um lado, os apocalípticos de plantão são vistos, hoje, como os mais ferrenhos críticos da mídia diabólica, os integrados surgem, no outro extremo, como o grupo liberalizado. São vistos como permissivos e, talvez, estigmatizados pela nota característica da produção musical com quem afirmam os apocalípticos, têm brindado os membros da igreja. São também, de um modo geral, responsabilizados pelo que se costumou chamar de secularização ou mundanismo.

O conflito entre apocalípticos e integrados tem criado uma tensão entre os valores e padrões religiosos impostos pela vida em congregação e aquilo que nosso código de conduta pessoal permite. Com isso, criou-se o vácuo por onde o mundanismo e a secularização - conceito derivado das epístolas de João - têm infiltrado no povo seus ditames. A luta entre o que cada indivíduo se permite em termos de comportamento e aquilo que o código de valores da igreja preconiza, estabelece o choque. É sensata e realista a já antiga afirmação de B. Häring:

O cristão, apesar de ser discípulo de Cristo e membro fiel da igreja, se encontra muitas vezes flutuando entre a incerteza e a audácia. Que o homem sinta inquietação diante da insegurança de suas decisões indica não há dúvida, que a consciência moral está desperta. O soberbo não duvida da certeza de seus juízos; lê-se seguro de seu poder; o homem moralmente obtuso não percebe os escolhos da vida moral. (HÄRING, 1995, p.284).

## A Terceira Via

Diante de o que até aqui foi exposto, resta clara a noção de que, como igreja que tem um papel decisivo a desempenhar no desenlace da história desse mundo, precisamos criar as condições para trilhar uma terceira via segura e coerente. Um caminho capaz de resolver a dicotomia entre "apocalípticos" e "integrados".

Mattelart (2001, p. 290) defende a ideia de que "escoa-se o tempo em que se interpretavam os procedimentos da internacionalização como se tratasse de um rolo compressor, um deus ex machina arrastando tudo à sua passagem". Seguindo em sua análise, o pesquisador afirma que estamos em um "vazio relativo" no que tange ao campo da história da comunicação. Para ele, isso gera um esquecimento da história como traço recorrente no pensamento sobre a comunicação.

Esse esquecimento explica, em particular, a razão pela qual, durante anos, o debate sobre a mídia ficou polarizado entre os "intelectuais apocalípticos", que a



denunciavam como portadora do "fim da cultura", e os "intelectuais integrados" que a celebravam por suas virtudes "modernizadoras". Ambos os setores revalidavam - sem o saberem - o mito de sua onipotência. (MATTELART, 2001, p. 290).

Como conciliar a verdade de que estamos diante da prerrogativa da pregação da tríplice mensagem angélica, mas, ao mesmo tempo, para tanto precisamos lançar mão de uma ferramenta demonizada, seja para "apocalípticos", por princípio, seja para "integrados", por influência? Utilizando a terceira via, a chamada escola de estudos culturais.

Para esta escola de conhecimento, "a cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes" (MATTELART, 2001, p. 290). No entanto, defendem, "o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios" (KELLNER, 2001, p. 11).

Em oposição à Escola de Frankfurt, os adeptos dos estudos culturais entendem que a posição frankfurtiana, de que toda cultura de massa é ideológica e aviltada, tendo como efeito engodar uma massa passiva de consumidores, é também questionável. Falando acerca do fenômeno de codificação/decodificação das mensagens midiáticas, Stuart Hall, importante teórico dos estudos culturais, afirma que "é bem possível para um indivíduo ou grupo, em um determinado momento, decodificar no que chamo de 'códigos hegemônicos' e, em outro momento, usar códigos de oposição ou contestários. Isso é simplesmente para explicar melhor a idéia de que a decodificação não é homogênea, de que se pode ler de formas diferentes e é isso que é leitura". (KELLNER, 2001, p. 11).

Para o estudioso, a transparência entre o momento da codificação e a decodificação é o momento de hegemonia. Hall explica que ser perfeitamente hegemônico é fazer com que cada significado que você quer comunicar seja compreendido pela audiência somente daquela maneira preservada. Ocorre que o autor não crê que a mensagem tenha somente um significado. Por isso, deseja apostar em uma noção de poder e de estruturação no momento de codificação que não elimina todos os outros possíveis sentidos. Hall cita como exemplo o fato de que uma afirmação da BBC de Londres sobre a Guerra das Malvinas não é totalmente aberta. Ela quer que você leia



essa mensagem de uma forma determinada, mas, para o autor, o elemento da leitura preferencial se situa no ponto onde o poder atravessa o discurso, está dentro e fora da mensagem.

Assim, não se pode dizer que eles são poderosos só porque controlam os meios de produção; eles tentam se infiltrar dentro da própria mensagem, para nos dar uma pista: 'leia-me desta forma.' Isso é o que quero dizer com leitura preferencial. Trata-se de uma tentativa de hegemonizar a audiência que nunca é inteiramente eficaz e, usualmente, não o é. Por quê? Porque a BBC não consegue conter todas as leituras possíveis do texto. O próprio texto que codifica escapa de suas mãos. Sempre se consegue lê-lo de outra forma. (HALL, 2006, p.345).

Se aplicarmos esse argumento ao nosso objeto de análise, resta uma questão: Os meios adventistas de comunicação, ao codificar mensagens evangelísticas em seus programas, não estariam incorrendo, segundo os apocalípticos, na tentativa de criar um público acrítico, uniformizado pelo seu código de valores? É aí que surge o postulado da escola de estudos culturais, propondo que, tais mensagens, ainda que hegemônicas, escapam ao próprio detentor, permitindo variadas leituras, distintas formulações, entre as quais: a correta compreensão das mensagens e dos valores bíblicos.

Os postulados desta escola derivam daqueles defendidos por Antonio Gramsci. Para o italiano considerado pai do construtivismo, "as sociedades mantêm a estabilidade por meio de uma combinação de força e hegemonia em que algumas instituições e grupos exercem violentamente o poder para conservar intactas as fronteiras sociais (ou seja, polícia, forças militares, grupos de vigilância, etc), enquanto outras instituições (como religião, escola ou a mídia) servem para induzir anuência à ordem dominante, estabelecendo a hegemonia ou o domínio ideológico de determinado tipo de ordem social". Baseando-se no modelo gramsciano de hegemonia e contra-hegemonia, os estudos culturais analisam as formas sociais e culturais "hegemônicas" de dominação, e procuram forças "contra hegemônicas" de resistência e luta.

Diante desses postulados teóricos analisados, surge um conflito para o adventismo: estaria a igreja agindo corretamente ao valer-se de o que entende ser ideológico, narcotizante e hegemônico para difundir a mensagem salvadora do evangelho?

Não há como negar o fato de que, há alguns anos, o adventismo vem priorizado os meios de comunicação como ferramenta de evangelização. O investimento da organização nas mídias tradicionais é inquestionável. Estruturas inteiras têm atuado a



fim de aperfeiçoar recursos técnicos e humanos na pregação da Palavra. Sem falar nas estruturas em redor, tais como as instituições de ensino de terceiro grau, que têm investido na formação de profissionais capacitados a lidar com os canais midiáticos.

Como lidar com o conflito iminente entre o conceito de hegemonia proposto por Gramsci? Se a igreja não está, segundo ele, entre as forças que exercem "violentamente" o poder para conservar as fronteiras sociais, ela está entre aquelas que servem para induzir anuência à ordem social dominante. Ao priorizar a pregação midiaticizada, a igreja não estaria consolidando um pensamento ideológico hegemônico? Não seria contra tal fenômeno que tanto os "apocalípticos", em especial, têm lutado?

### **A "Práxis" Adventista**

Até aqui vimos o papel frankfurtiano e o da escola de estudos culturais como referenciais para a compreensão do fenômeno da comunicação de massa. E verificamos que, inexoravelmente, a Igreja está sob a influência de um ou outro de seus paradigmas.

É fato que a práxis adventista de liturgia e adoração não escapa aos moldes do escaninho de Frankfurt. De resto, tudo que "consumimos", seja música, pregação, iluminação, recursos audiovisuais, têm um viés "industrial". Os pensadores de Frankfurt empregaram a expressão "Indústria Cultural" para identificar o núcleo de um amplo processo cultural que engloba a reprodução em série e o consumo de arte, entretenimento, música e cinema, e até jornalismo e literatura (ARAÚJO, 2001, 132).

Ao comentar Benjamin, em seu artigo "A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica", Luiz Costa Lima afirma que o autor redefine os conceitos de estética clássica a partir da experiência suscitada pelas técnicas de reprodução da obra. Para Benjamin, tal fato assume relevância porque essa nova realidade fere os valores que convertiam a obra numa espécie de sucedâneo de uma experiência religiosa. Para ele, "a relação de arte dependia da instauração de três elementos: aura, valor cultural, autenticidade". Daí inferirmos que a música de adoração que consumimos em nossos cultos religiosos, mediada pelo processo industrial de execução, já não guarda aura, valor cultural, tampouco autenticidade.

Tal fenômeno nos assalta quando, por exemplo, analisamos a gravação de um DVD de músicas de louvor e adoração. O que resta de aura, valor cultural e autenticidade da "obra de arte" quando a naturalidade da exteriorização sensorial do público é marcada pela "hora de aplaudir, de gravar, de refazer o discurso, de silenciar?"



Que nota marca a diferença entre o que está embutido no processo técnico do produto religioso e do produto secular, por exemplo, de um "acústico MTV"? O jogo de luzes quentes e frias determina aproximação/afastamento entre artista e platéia. A suposta informalidade da fórmula "banquinho e conversa descompromissada", na verdade, representa as pontes que dão sentido e cumprimento ao roteiro do programa.

Que dizer da febre audiovisual dos famosos "powerpoints"? Quem se atreve a louvar a Deus no que Paulo chama de "culto racional" sem a interface e mediação do seqüencial de slides? Somos capazes de nos alçarmos para o transcendente de Deus por meio da associação da letra de uma música com o quadro imagético de uma corredeira entre rochas, arbustos e animais em plano de vôo? É Deus quem trafega em nossa mente por essas associações de som e imagem ou Deus está presente em cada elemento imagético imanente?

Cumpra-nos reconhecer que estamos diante de um vasto campo de análise que, por certo, não recomenda postulados "apocalípticos", tampouco "integrados". Parece-nos evidente a urgência pelo conhecimento das implicações que se descortinam a cada movimento do fenômeno da comunicação de massa, se precisamos do seu instrumental para pregar o evangelho eterno.

### **Considerações Finais**

Com base nos referenciais teóricos observados, podemos elencar algumas considerações na tentativa de identificar e trilhar uma terceira via que concilie a pregação do evangelho e o pensamento adventista diante do fenômeno da indústria cultural e da mídia de massa.

O que consideramos, e que poderia fundamentar os investimentos adventistas na pregação "eletrônica" do evangelho, foi inicialmente considerado pelo jornalista e pesquisador Carlos Eduardo Lins da Silva. É dele o conceito que se convencionou chamar de "contrainformação".

O autor acredita no potencial crítico dos receptores das mensagens midiáticas e usa o raciocínio poético de Jorge Luis Borges para sintetizar suas idéias, valendo-se da comparação entre a interpretação de uma mensagem e a descida de um rio: "Ninguém desce duas vezes o mesmo rio, porque suas águas mudam".

A discussão, na verdade, diz respeito ao papel dos meios de comunicação de massa na manutenção da estrutura de dominação das sociedades capitalistas. Esse era o



debate que envolvia a grande maioria dos intelectuais nos anos 70 e início dos 80. Lins da Silva alinhava-se com aqueles que, embora trabalhando com uma perspectiva de análise "marxista" da comunicação de massa, questionavam as teorias da Escola de Frankfurt, sustentando uma crítica à idéia de que os meios de comunicação de massa funcionavam como um corpo homogêneo e bem organizado, todo poderoso no controle da opinião pública e capaz de produzir sujeitos alienados, que aceitassem passivamente a ideologia dominante. O que Lins da Silva condena é a "visão fatalista e monolítica" com que os seguidores da teoria crítica analisavam o fenômeno da comunicação de massa, atribuindo aos receptores um caráter de passividade e uniformidade na interpretação das informações.

Se estivermos diante da enormidade de uma tarefa que não pode ser repassada a outros e se o meio que dispomos, parece ser evidente, é a mídia de massa, o que parece que não precisarmos é dos "apocalípticos e integrados".

#### **Referências Bibliográficas:**

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HÄRING, B., In: AZPITARTE, E., **Fundamentação da Ética Cristã**. SP: Paulus, 1995.

MERTON, Robert K., LAZARSELD, Paul F., In: LIMA, Luiz Costa, **Teoria da Cultura de Massa**. RJ: Paz e Terra, 1990.

KELLNER, Douglas, **A Cultura da Mídia**. Bauru-SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

MATTELART, Armand. **Comunicação e Mundo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

MERTON, Roberto K.; LAZARSELD, Paul F. **FULANO FULANO**. IN: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**.

WHITE, Ellen G., **O Lar Adventista**. Tatuí -SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

## ARTIGOS

# O CRISTÃO E A POLÍTICA: O FILHO DE DEUS NO REINO DOS HOMENS

**Dênis Altivo Magalhães**  
União Norte Brasileira  
da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
[denis.magalhaes@uol.com.br](mailto:denis.magalhaes@uol.com.br)

**Resumo:** A simples menção da palavra “política” deixa muitos cristãos, sobretudo os mais conservadores, em estado de alerta. Como se isso não bastasse, a oposição à relação cristão-política encontra eco mesmo nas fileiras que estão à margem do cristianismo ou ocupam lugar em sua ala liberal. De forma natural surgem as perguntas: tal preocupação é legítima? Pode o cristão engajar-se em práticas políticas e ainda manter a sua posição de autêntico seguidor de Cristo? Que espécie de relação entre o cristão e a política seria eticamente aceitável e não colocaria o membro regular de uma denominação cristã em contraposição aos princípios bíblicos? Deve a igreja cristã envolver-se com essas preocupações? O presente artigo busca considerar esses questionamentos sob a ótica de algumas necessidades do mundo em sua esfera social e das contribuições que o cristianismo tem a oferecer.

**Palavras-chave:** Cristão, Política, Igreja.

## THE CHRISTIAN AND POLITICS: THE CHILD OF GOD IN THE KINGDOM OF MEN

**Abstract:** The mere allusion of the word "politics" leaves many Christians in a state of alert, especially the more conservative ones. And as it were not enough, the opposition to Christian and Politics finds an echo even in the marginal groups of Christianity and even among liberals. Naturally the questions arise: Is this a legitimate concern? May a Christian be engaged in political activities and still maintain his stand as an authentic follower of Christ? What kind of relationship would be ethically acceptable of a Christian and politics? Would this not place the regular Church-going member in opposition to biblical principles? Should the Christian Church involve itself with such concerns? This article seeks to consider these issues from the perspective of some needs of the world in its social sphere and from the contributions that Christianity has to offer.

**Keywords:** Christian, Politics, Church.



## **A Ordem Política é Fundamental**

Inicialmente, seria interessante reconhecer que a ordem decorrente da vigência de um sistema político numa nação, qualifica-o não apenas como necessário, mas fundamental para evitar o estabelecimento do caos ou da anarquia. Se graves problemas e equívocos podem ser encontrados em uma gestão ou sistema político, quão pior seria o quadro se cada cidadão fizesse o que parece melhor segundo suas perspectivas individuais.

Em segundo lugar, a Bíblia, regra de fé e prática para os cristãos em geral, não se encontra silente em relação a esse ponto no que diz respeito aos princípios. Em especial, quanto ao Novo Testamento, o problema da relação entre cristianismo e política se demonstra resolvido apenas por meio de dedução indireta, uma vez que seu texto é mais explícito ao tratar da relação Igreja-Estado (CULLMANN, 1968, p. 7). Contudo, tem-se ali algumas interessantes declarações que precisam ser consideradas.

Escrevendo aos romanos, o autor neotestamentário afirma que a autoridade civil é um instrumento de Deus para conduzir o cidadão para o bem e para fazer justiça aplicando penalidades a quem pratica o mal (ver Rm 13:1-7). O apóstolo Pedro, usando termos semelhantes, tem o seu pensamento alinhado ao de Paulo, como expresso em 1 Pedro 2:13-17. A linguagem deles dificilmente poderia ser confundida: a sociedade necessita de uma ordem política. Se tal necessidade, porém, pode prover um vínculo mais estreito entre essa ordem e os cristãos, temos aí outro assunto que se constitui um aspecto mais delicado da questão.

A compreensão do termo chave “política” pode trazer luz a tal discussão. “Política”, em seu sentido amplo, denota originalmente a vida da cidade (polis) e as responsabilidades do cidadão (polites). Relaciona-se, portanto, com toda a nossa vida dentro da sociedade. Neste aspecto, política é a arte de se viver em comunidade. Por outro lado, em sentido restrito, política é a arte de governar, relacionando-se com a elaboração de medidas governamentais buscando perpetuá-las na lei (STOTT, 1991, p. 13).

As definições etimológicas de política dadas por Jonh Stott são bem objetivas, mas para a discussão proposta é necessário clarificar estes termos e definir outros de igual importância. Sendo assim, a cientista política Marilena Chauí os expõe desta forma:



Polis é a cidade, entendida como a comunidade organizada, formada pelos cidadãos (politikos), isto é, pelos homens nascidos no solo da Cidade, livres e iguais, portadores de dois direitos inquestionáveis, a isonomia (igualdade perante a lei) e a isegoria (o direito de expor e discutir em público opiniões sobre ações que a Cidade deve ou não deve realizar). Tal politika são os negócios públicos, dirigidos pelos cidadãos: costumes, leis, erário público, organização da defesa e da guerra, administração dos serviços públicos (abertura de ruas, estradas e portos, construção de templos e fortificações, obras de irrigação, etc.) e das atividades econômicas da Cidade (moeda, impostos e tributos, tratados comerciais, etc.). Civitas é a tradução latina de polis, portanto, a Cidade como ente público e coletivo. Res publica é a tradução latina para ta politika, significando, portanto, os negócios públicos dirigidos pelo populus romanus, isto é, os patrícios ou cidadãos livres e iguais, nascidos no solo de Roma. Polis e Civita correspondem (imperfeitamente) ao que, no vocabulário político moderno, chamamos de Estado: o conjunto das instituições públicas (leis, erário público, serviços públicos) e sua administração pelos membros da cidade. Ta politika e res publica correspondem (imperfeitamente) ao que designamos modernamente por práticas políticas, referindo-se ao modo de participação política no poder, aos conflitos e acordos na tomada de decisões e na definição das leis e de sua aplicação, no reconhecimento dos direitos e das obrigações dos membros da comunidade política e às decisões concernentes ao erário ou fundo público (CHAUI, 2001, p. 371).

Aqui, pode ser muito útil, abordar a maneira como Aristóteles entendia o termo política do ponto de vista funcional. O filósofo descreveu na obra *Ética e Nicômaco* que: “a política se serve das outras ciências práticas e legisla sobre o que é preciso fazer e do que é preciso abster-se; assim sendo, o fim buscado por ela deve englobar os fins de todas as outras, donde se conclui que o fim da política é o bem propriamente humano” (ARISTÓTELES, apud CHAUI, 2001, p. 371).

Tendo em vista esses conceitos, seria oportuno levar em consideração algumas das suas implicações práticas. Elas podem ajudar na identificação de qual seja o papel do cristão, como ele deve portar-se diante de um sistema político e se deve ou não ter participação ativa nesse âmbito.

### **O papel do cristão na política**

Dietrich Bonhoeffer, analisando a reação do cristão à política, afirmou corretamente que o fator que provoca fácil oposição dos cristãos às autoridades é o fato deles se escandalizarem com os erros e injustiças cometidos por essas mesmas autoridades (BONHOEFFER, 1995, p. 161). No entanto, na tentativa de esquivar-se dos efeitos negativos desse sistema, alguns têm se encaminhado para os extremos da indiferença, omissão e conformismo, repudiando como pecaminoso um dos principais meios pelo qual o mundo poderia ser feito um lugar melhor para se viver.



De fato, para verificar se o vínculo entre o cristão e a política é passível de ser aceito, é preciso analisar a relação existente entre o “social” e o “político”, principalmente quando “político” é entendido no sentido estrito do termo, ou seja, o governo e a elaboração de políticas de governo. Essa distinção pode contribuir para a compreensão da participação do cristão no cenário da política.

Muito se fala do papel do cristão no serviço social. Atender às necessidades humanas e exercer a filantropia é visto pela igreja cristã e pela sociedade não apenas como privilégio do cristão, mas também como seu dever. Entretanto o que seria mais produtivo? Assistir às necessidades básicas do ser humano como alimentação, moradia e saúde ou atingir a raiz dessas mesmas necessidades buscando eliminar as causas dessas carências? Praticar atos de caridade ou minimizar as necessidades desses atos através da adoção de medidas político-econômicas que permitam reduzir as desigualdades sociais?

Clarificando, se existe uma avenida com um alto índice de atropelamento, a ação mais eficaz e inteligente, a princípio, não seria deslocar para aquela região um maior número de ambulâncias, mas sim, instalar redutores de velocidade, semáforos e passarelas ao longo dos pontos mais críticos da avenida. A partir dessa simples ilustração, pode-se ter um vislumbre de que os serviços sociais são importantes, porém, mais necessárias e eficientes são as ações sociais. As ações sociais visam à raiz do problema e abrangem um maior número de cidadãos, enquanto que os serviços sociais, embora importantes, preocupam-se principalmente com os efeitos do problema e tem um alcance mais restrito.

Parece plausível concordar que o compromisso do cristão, do ponto de vista da sociedade, abrange tanto o serviço quanto a ação social. Mesmo porque, existem casos em que as necessidades não podem ser supridas a não ser por meio da ação social. (BONHOEFFER, 1995, p. 14). É também compreensível que o cristianismo tenha o seu enfoque escatológico e primariamente volte a sua atenção para o “reino vindouro”. Porém, Oscar Cullmann aparenta ter razão ao propor que é “falso entender a expectativa cristã do fim, como equivalente à indiferença aos atuais valores terrenos. Ao contrário: é da expectativa cristã do fim que procedem impulsos fortes para as relações com o mundo” (CULLMANN, 1968, p. 8). Na realidade, a convicção cristã é que o fim já está realizado em Cristo, mas a consumação ainda está no futuro e a atual estrutura do mundo persiste (CULLMANN, 1962, p. 211-2). Como seria possível ignorá-la?



A omissão do cristão nesse tão importante campo de ação da esfera humana, dificilmente harmoniza-se com algumas das principais declarações de Cristo como a que se encontra em Mateus 5:13: “Vós sois o sal da terra.” Se por um lado um número expressivo de vozes alega ser necessário manter distância do meio político notoriamente secularizado<sup>1</sup>, por outro é preciso que o cristão atue como sal que é, preservando a sociedade da degeneração. A metáfora utilizada por Cristo sugere o poder de conservação do sal. Entretanto, para que possa exercer suas propriedades conservadoras, o sal precisa ser esfregado na carne a fim de impedir que ela entre em processo de decomposição. De maneira semelhante, os cristãos precisam estar em contato com a sociedade, em seu sentido mais amplo e em suas várias camadas, para retardar esse processo de degeneração (STOTT, 2001, p. 57). O sal precisa sair do saleiro.

Os cristãos deveriam buscar instituir uma cidade justa e boa em busca de práticas sociais que visem o bem comum – a finalidade última da política. Se os cristãos ficarem omissos em relação às práticas políticas na polis no sentido de torná-la boa e justa (obras para o bem comum) não será um pecado tanto quanto o é a ação corrupta? A ação desvirtuada nas práticas políticas (individualismo possessivo, privilégios destinados a certas classes sociais) não seria equivalente à omissão de práticas políticas para o bem comum?

Uma das principais vozes protestantes do século passado, Karl Barth, defendia abertamente que o cristão precisa buscar servir a Deus com tudo quanto esteja incluído no escopo de sua existência. Deve interessar-se pelos problemas de natureza política e social, tanto quanto se interessa pelos problemas individuais (HORDERN, 1979, p. 152).

Aludindo a essa questão, William Barclay, ao analisar a resposta de Cristo quanto à legitimidade de pagar impostos aos romanos (ver Mt 22:15-22) percebe nas palavras do Mestre, que todo cristão tem uma dupla cidadania – a celestial e a terrena! Um cidadão deve, portanto, fidelidade ao país em que vive, independentemente do tipo de estrutura política, social e econômica provida por esse Estado, a não ser que as reivindicações estatais choquem-se contra a revelada vontade de Deus. O comentarista pondera: “Posto que o cristão seja um homem honrado, deve ser um cidadão

---

<sup>1</sup>Para verificar discussão sobre a secularização dos políticos de forma quase generalizada e já na década de 1950, ver HYMA, A., **Christianity and Politics: A history of the principles and struggles of Church and State**. Birmingham, Mi: Brant Publishing Company, 1960, pp. 263-300.



responsável, e o fracasso como cidadão também significa um fracasso em seu dever como cristão. Qualquer país ou indústria em cuja administração os cristãos se neguem a participar e as deixem em mãos de pessoas egoístas, interesseiras, parciais e não cristãs podem sofrer inumeráveis problemas” (BARCLAY, 1973, p. 281).

Por outro lado, é necessário considerar que existem dificuldades específicas para o cristão que entra no campo político. Quando um cidadão se candidata, os constantes apelos à sociedade como um todo constituem uma característica inerente à campanha política. Busca-se, através da apresentação de propostas sociais e econômicas atingir a todos, sejam eles brancos ou negros, ricos ou pobres, patrões ou empregados e, crentes ou descrentes. Tal circunstância leva à necessidade do compromisso, e essa virtude é uma das principais qualidades que um eleitor espera do político. O candidato cristão deixaria claro, durante a sua campanha, que seus objetivos vão contemplar apenas uma fração da população? No afã de conquistar o eleitorado, advogaria objetivos que se chocam com os princípios da ética cristã? Isso precisa ser relevado.

Outro fator importante a ser considerado é a questão dos “fins” e dos “meios”. O cristão, ao estar inserido no cenário político, não se encontra livre para ser transigente a ponto de desviar-se da ética cristã e usar caminhos que podem ser os mais fáceis para se alcançar seus objetivos, mas não os moralmente corretos, ainda que as metas sejam as melhores. O velho jargão segundo o qual “os fins não justificam os meios” não deve ser perdido de vista nem mesmo para aqueles que estão sob a “pressão do grupo”. Tal situação é muito comum aos que se filiam a partidos políticos. A pressão não é uma escusa legítima para se esquivar de grandes responsabilidades. Além do mais, “o cristão não está sob pressão maior para sacrificar suas convicções éticas, em atividades políticas, do que em qualquer outra forma de atividade humana” (COWAN, 1957, p. 40).

Outro risco enfrentado pelo cristão, como candidato, é o de tentar usar sua posição ou a influência que desfruta junto à congregação que assiste ou à denominação religiosa a que pertence. Empenhar-se em conduzir o direito de voto facultado aos membros de sua igreja, de tal maneira que sirva aos seus interesses exclusivos, não se harmoniza com os princípios morais que buscam preservar o livre arbítrio.

A alegação de que o meio político nacional encontra-se muito corrompido, dificilmente poderia ser refutada. Mas, de acordo com algumas perspectivas, a liderança política de uma nação não é nada mais que um reflexo do nível da moralidade de seu



povo. Ao Reinhold Niebuhr afirmar que “indivíduos não são nunca tão imorais como a situação social na qual eles estão envolvidos e as pessoas as quais eles representam” (NIEBUHR, 1960, p. 248). fica patente que grandes serão os desafios e as dificuldades daqueles que concorrem a um cargo político ou são nomeados para exercê-lo num ambiente já caracterizado pela desonestidade. Ela e suas implicações, não estão restritas à classe política. Está na própria base da sociedade – o povo. Às vezes, isso chega mesmo a fazer parte da cultura de um povo. Contudo, não constitui um obstáculo intransponível para aqueles que se sentem comissionados para tarefa de tamanha importância ou um impedimento para tais aspirações, em virtude do próprio ambiente no qual já se encontram.

Essas são apenas algumas das dificuldades que serão encontradas por aqueles que optarem por percorrer tal caminho. Contudo, o candidato ou político cristão não é o único que tem responsabilidade nesses assuntos. Cidadãos cristãos em geral bem como líderes de igrejas têm a mesma tarefa de tornar claro para a comunidade a plena relação entre a ética cristã e a prática política (NIEBUHR, 1960, p. 155).

### **A Igreja e a política**

Em 1948, Emil Brunner escreveu uma carta a Karl Barth criticando sua postura política e sugerindo-lhe que não procurasse opor-se ao comunismo, como anteriormente fizera ao nazismo. O teólogo suíço respondeu-lhe chamando a sua atenção para o fato de que a Igreja, na obediência que devota a Cristo, deverá enunciar-se tendo em vista situações concretas e não apenas em termos de princípios gerais. À Igreja, caberá o dever de procurar a vontade divina para o tempo presente (HORDERN, 1979, p. 45).

Barth não tentou demonstrar com isso que a Igreja deva se empenhar numa luta política por uma ou outra forma de governo. De fato, para o teólogo neo-ortodoxo, “não podemos dizer que a democracia, ou o socialismo, ou a ditadura ou a livre união de estados federados devem ser essenciais, permanentes e um postulado cristão universal, para serem mantidos em todas as circunstâncias” (BARTH, 1944, p. 39).

O requerimento cristão absoluto é a preservação da ordem, da justiça e da liberdade, independentemente da forma de administração pública. A Igreja, porém, assevera Barth, deve guardar-se da “identificação” com uma causa política e em “nenhuma circunstância” e nem mesmo dentro dos mais modestos limites, deveria estabelecer-se tal identidade (BARTH, 1944, p. 32;40).



Ela não deve atacar e nem endossar a um partido ou candidato político em particular. Não pode, em virtude da sagrada posição que ocupa, vincular sua imagem ou os seus ideais com os de um político, candidato ou partido político. Seus interesses precisam se manter em uma posição apolítica. Contudo, ela também não pode ser omissa em questões vitais para a sociedade como um todo. A falha da igreja protestante na Europa ao não expor os males do fascismo e do nazismo, no século passado, constitui uma advertência que não pode ser ignorada (COWAN, 1957, p. 47).

E, se bem que “a religiosidade profunda não se iludirá supondo que a perfeita justiça pode ser alcançada em um mundo cheio de pecado” (NIEBUHR, 1987, p. 111) não parece coerente, à luz de sua missão, que tais preocupações sejam alijadas de seu seio. Ela não pode, à semelhança do levita e do sacerdote da parábola do bom samaritano, “passar de largo” do mundo que necessita de auxílio.

### **Conclusão**

Tendo em vista as considerações abordadas, parece plausível concluir que a ética cristã pode e precisa ser aplicada às práticas políticas tanto quanto a outras formas de ação social. Em sua totalidade, a sociedade carece da influência cristã com suas inerentes preocupações voltadas para o bem dos seres humanos. Excluir o cenário político e suas vertentes do raio de ação do cristianismo parece, em realidade, atestar contra a própria fé cristã.

Se por um lado a igreja deva manter-se em uma posição apolítica concernente a candidatos, políticos eleitos e partidos, por outro o cristão, como um indivíduo, e a igreja, como um corpo organizado, não podem se omitir nessa tão importante questão abrangendo as ações sociais. Os princípios cristãos são grandiosos demais para ficarem confinados às quatro paredes de uma igreja.

### **Referencias Bibliográficas**

BARCLAY, W., **O Nuevo Testamento Comentado por William Barclay**. Buenos Aires: Editorial La Aurora, vol. 2, 1973, p. 281.

BARTH, K., **The Church and the War**. New York: The MacMillan Company, 1944, p. 39.

BONHOEFFER, D., **Discipulado**. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1995, p. 161.

COWAN, W. [Ed] **What the Christian Hopes for in Society?** New York: Association Press, 1957, p. 40.



CHAUÍ, M., **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2001, p. 371.

CULLMANN, O., **Cristo e Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 1968, p. 7.

CULLMANN, O., **Christ and Time**: The Primitive Christian Conception of Time and History. London: SCM Press, 1962, pp. 211 e 212.

HORDERN, W., **Teologia Protestante ao Alcance de Todos**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979, p. 152.

NIEBUHR, R., **Moral Man and Immoral Society**: A Study in Ethics and Politics. New York: Charles Scribner's Sons, 1960, p. 248.

NIEBUHR, R., **An Interpretation of Christian Ethics**. San Francisco: Harper & Row Publishers, 1987, p. 111.

STOTT, J., **La Fe Cristiana Frente a Los Desafios Contemporâneos**. Buenos Aires, Nueva Creacion, 1991, p. 13.

STOTT, J., **A Mensagem do Sermão do Monte**: Contracultura cristã. São Paulo, ABU Editora, 2001, p. 57.

## ARTIGOS

### **SUICÍDIO, UM ATO DE ESPERANÇA?** UMA REFLEXÃO SOBRE A POSTURA DE DEUS EM RELAÇÃO AOS SUICIDAS VÍTIMAS DE DEPRESSÃO

**André Flores**

União Sul Brasileira  
da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
andre.flores@uol.com.br

**Resumo:** Neste artigo é debatida a questão do suicídio em torno dos dez mandamentos, seria ele aceitável como consequência de depressão ou seria ele proibido de maneira direta ou indireta por causa das leis divinas? Para realizar tal relação serão analisadas algumas possíveis causas do suicídio, com foco para a depressão.

**Palavras-chaves:** suicídio; depressão; mandamentos.

### **SUICIDE, AN ACT OF HOPE?** A REFLECTION ABOUT GOD'S STAND IN RELATION TO A SUICIDAL PERSON VICTIM OF DEPRESSION

**Abstract:** The present article discusses the question of suicide in relation to the Ten Commandments. Would it be acceptable act if it were the result of a depression or is it directly or indirectly forbidden by the divine law? In order to advance such inquiry, I shall probe into some possible causes of suicide, with a focus for depression.

**Keywords:** Suicide; Depression; Commandments.

Nos Dez Mandamentos, encontramos um que diz: “Não matarás” (Ex 20:13). É certo que a expressão negativa enfática de não matar se refere às mais variadas formas que levam à morte. Dentre elas, lembramos do assassinato, da eutanásia e do aborto. O suicídio também é considerado como a quebra desse mandamento, tendo em vista que



significa autodestruição, ou negação da própria vida. O termo se origina do latim *sui*, que quer dizer a si mesmo, e *caedere* que significa cortar, matar.

No mundo cristão, é fácil notar como são lembrados aqueles que cometeram suicídio. Na maioria das vezes, os suicidas são vistos como excluídos da oportunidade de salvação e, por essa razão, os familiares tentam ocultar a real causa da morte. Devido o constrangimento, a família tende a alegar que o indivíduo morreu de infarto do miocárdio, acidente, derrame cerebral entre outros. Na Idade Média, a Igreja Católica Romana condenou o suicídio e, conseqüentemente os suicidas. Aqueles que morriam dessa forma não eram enterrados, os corpos ficavam ao ar livre para serem devorados pelas ‘feras’ e aves de rapina (SANSANO, 1992, p. 35; 71).

O teólogo Hans Ulrich Reifler, no livro *A Ética dos Dez Mandamentos*, corrobora essa idéia, dizendo que “todos os teólogos de todas as épocas e todas as tradições cristãs condenam o suicídio”. Para ele, quer seja por desespero ou descontrole emocional-mental, a pessoa peca por não crer na intervenção divina (REIFLER, 1992, p. 122-3).

Seria certo rotularmos todos aqueles que cometeram o suicídio como alienados da salvação, sendo julgados como achados em falta na balança divina? Analisaremos uma possível resposta a essa pergunta considerando: (1) que fatores podem levar uma pessoa a cometer tal ato; (2) a relação entre depressão e suicídio; (3) um breve panorama bíblico.

### **Possíveis Causas**

A taxa de suicídio varia muito de país para país. As pesquisas mostram que é na Europa que aparecem os maiores índices. Para se ter uma idéia, na Finlândia ocorrem cerca de 28 suicídios para cem mil habitantes. Já a Suíça fica em segundo lugar, com cerca de 24 suicídios para cada cem mil habitantes. Na lista, outros 18 países antecedem a Grécia e o Brasil, ambos com uma taxa de três mortes para cada cem mil habitantes (ALZUGARAY, 1999, p 89).

As pessoas que cometem suicídio podem ser levadas a fazê-lo por vários motivos. Há aqueles que se matam por motivos religiosos, outros por ideais políticos e, até mesmo por orgulho, como é o caso daqueles que não suportam a idéia de sentirem-se derrotados. Infelizmente, existem até mesmo os que tiram a vida com o intuito de fazer recair a culpa sobre outros.



Entretanto, as pesquisas mostram que o principal motivo que leva as pessoas a cometer o suicídio é a depressão. Ela é responsável por 70% dos casos. Apenas nos Estados Unidos, cerca de trinta mil pessoas morrem a cada ano com problemas depressivos (SANSANO, 1992, p. 119). Assim, nesse artigo a atenção será detida na análise do suicídio relacionado com o estado depressivo.

A depressão afeta pessoas de ambos os sexos, embora as mulheres sejam as vítimas mais comuns, são os homens que se mostram mais propensos ao suicídio (ATKINSON, 2002, p. 563). Porém, após os 65 anos, tanto homens como mulheres acabam sofrendo igualmente da doença. Ademais, pelo menos um dentre cinco adultos terá depressão em algum momento da vida (ALZUGARAY, 1999, p 9).

Aqueles que estão passando por algum período de depressão muitas vezes se perguntam: Porque/para que viver? Qual é o objetivo da vida? Vale a pena seguir vivendo? Esse pensamento é típico daqueles que possuem uma forte tendência ao suicídio e necessitam seriamente de ajuda (SANSANO, 1992, p. 7).

### **A Doença**

O psiquiatra Charles Nemeroff chama o cérebro de órgão da mente (BEAR, 2002, 691). Por ser um órgão, se ele adoecer, o cérebro deve receber tratamento. Esse é o caso da depressão. Uma pessoa depressiva pode apresentar vários sintomas, tais como constante cansaço, problemas de sono, lentidão mental e física, perda de apetite, desinteresse pelo sexo e outros. Em diagnóstico de quadro depressivo, os sintomas se apresentam no intervalo de duas semanas a dois anos. Os episódios duram geralmente entre três a 12 meses, com uma média de seis meses (DALGALARRONGO, 2000, 190; 192).

Porém, qual seria a causa desses sintomas? Eles podem ser causados pelo baixo nível neurotransmissores, determinadas substâncias químicas no cérebro. Isso, por sua vez, pode ser resultado do estresse. Dependendo do caso, para se tentar normalizar os níveis dessas substâncias, algumas pessoas são medicadas (ALZUGARAY, 1999, p 19).

### **Um Tiro pela Culatra**

Alguns remédios usados no tratamento da depressão possuem algumas reações um tanto curiosas e, até mesmo contraditórias. O site da agência BBC11 (<http://www.bbcbrasil.com>) em reportagem publicada em 15 de outubro de 2004,



informa que os fabricantes de anti-depressivos nos Estados Unidos seriam obrigados a colocar nas embalagens avisos de que os remédios podem estimular tendências suicidas entre os jovens. Já o site do *British Medical Journal*<sup>1</sup>, na edição de 19 de fevereiro de 2005, adverte que drogas anti-depressivas podem estar associadas com um risco aumentado de comportamento suicida. Outro site, o do jornal *Correio da Manhã*<sup>2</sup>, de Portugal, em reportagem publicada em 27 de abril de 2005, traz que o suicídio juvenil é potencializado pelo uso de anti-depressivos (como o Prozac). A mesma fonte afirma que a ligação entre atos suicidas ou de violência e a fluoxetina – substância ativa do Prozac – já tinha sido estabelecida em doentes adultos.

Essas notícias nos deixaram intrigados, e nos levaram a pesquisar algumas bulas de remédios. Veja o que encontramos em três deles:

(1) Lexotan® CR (Bromazepam): dentre os efeitos indesejáveis destacamos o embotamento emocional e confusão mental. Podem ocorrer algumas reações paradoxais como inquietação, agitação, agressividade, delírios, pesadelos, alucinações e etc.<sup>3</sup>

(2) Valium® (Diazepam): “Benzodiazepínicos não são recomendados para tratamento primário de doença psicótica. Eles não devem ser usados como monoterapia na depressão ou ansiedade associada com depressão, pela possibilidade de ocorrer suicídio nestes pacientes”;<sup>4</sup>

(3) Dormonid® (Maleato de midazolam): “Benzodiazepínicos não devem ser utilizados isoladamente para tratar depressão ou ansiedade associada a depressão, pois podem facilitar impulso suicida em tais pacientes”.<sup>5</sup>

### **Um Caso Esclarecedor**

Em suma, uma pessoa depressiva está mentalmente doente, passando por distúrbios mentais e muitas vezes fazendo uso de determinados medicamentos que, mesmo em casos raros, podem levá-la ao suicídio. Como avaliar as ações de alguém nesse estado? Uma pessoa com um quadro assim pode estar fazendo pleno uso da sua faculdade da razão? Portanto, voltamos agora à pergunta do início: seria certo rotularmos todos aqueles que cometeram o suicídio como alienados da salvação, sendo

<sup>1</sup> <http://www.emedix.com.br/not/not2005/05fev17psi-bmj-sbc-suicidio.php>

<sup>2</sup> <http://www.correiodamanha.pt/noticia.asp?id=158124&idselect=10&idCanal=10&p=94>

<sup>3</sup> [http://www.roche.com.br/bulas/web/produtos\\_descricao.asp?codproduto=68](http://www.roche.com.br/bulas/web/produtos_descricao.asp?codproduto=68)

<sup>4</sup> [http://www.roche.com.br/bulas/web/produtos\\_descricao.asp?codproduto=25](http://www.roche.com.br/bulas/web/produtos_descricao.asp?codproduto=25)

<sup>5</sup> [http://www2.roche.com.br/bulas/web/produtos\\_descricao.asp?codproduto=16](http://www2.roche.com.br/bulas/web/produtos_descricao.asp?codproduto=16)



julgados como achados em falta na balança divina? Estariam certas as enfáticas afirmações de Reifler?

Para tentar clarificar ainda mais nosso pensamento, usaremos o pertinente caso de Phineas Gage. Ele era um contramestre de 25 anos de idade, que trabalhava na construção de uma linha férrea. No dia 13 de setembro de 1848, estava fazendo preparativos para uma explosão, socando pó explosivo em um buraco com uma barra de ferro. Em um dado momento, a barra atingiu uma pedra produzindo uma faísca. Quando a carga explodiu, a barra com um metro de comprimento, pesando cerca de seis quilos atravessou-lhe a cabeça abaixo do olho esquerdo, passando seu lobo frontal saindo pela parte superior do crânio. O buraco tinha mais de nove centímetros de diâmetro. Apesar de tudo, após um mês ele estava fora da cama e caminhando pela cidade.

Aqueles que o conheciam, relatam que Gage estava aparentemente normal, exceto num aspecto: sua personalidade havia sido séria e permanentemente alterada. Quando voltou ao antigo emprego, os colegas notaram que aquele que tinha uma mente equilibrada, que era um trabalhador perspicaz, eficiente e muito persistente em seus trabalhos, tornara-se indeciso, grosseiramente irreverente e impaciente. Seus amigos disseram que ele “não era mais o Gage”. O instrumento lesionou gravemente o córtex cerebral de ambos os hemisférios, particularmente os lobos frontais. Foi essa lesão que fez com que o jovem se portasse de maneira diferente a anterior. Há relatos de que sua personalidade foi alterada muito mais que sua inteligência (ALZUGARAY, 1999, p. 586-7).

O caso de Phineas Gage nos mostra que após o acidente ele passou a ser agressivo, impaciente e irreverente. Assim sendo, fazemos pelo menos duas perguntas: (1) levando em consideração o antes e o depois do acidente, até onde o Senhor levará em consideração o tempo em que Gage tinha plena razão da sua consciência? E, (2) será Phineas Gage julgado nas cortes celestes pelo que era, ou pelo que se tornou após o acidente?

### **E Agora?**

A Bíblia, embora nunca mencione a palavra suicídio, fala do assunto. Ela revela algumas pessoas que desejaram e até cometeram atos suicidas. Dentre os casos daqueles que pediram a morte nos lembramos de Moisés e Elias. É certo que você poderá pensar que nesses dois casos não há pecado, por se tratar simplesmente de um pensamento,



mas não podemos nos esquecer que Jesus, em Mateus 5:28, diz: “Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela”. Jesus dá a entender que não é somente o ato que nos faz pecar, mas que o desejo do coração já é considerado pecado.

Temos o caso de Saul, que em sua aberta rebelião contra Deus, em seu íntimo orgulho, joga-se sobre sua espada para não ser morto pelos filisteus (1Sm 31:3 e 4). Judas, também é um caso de rebelião e afastamento declarado de Deus. Mas o que dizer de Sansão? O próprio Reifler, que diz que o suicídio é sempre errado, esquece que o nome de Sansão encontra-se na galeria dos heróis da fé, em Hebreus 11. Eu diria que a história de Sansão é um caso clássico de que Deus não julga os casos de suicídio da mesma forma.

Logo, embora o suicídio não seja aprovado por Deus, cremos que Ele é justo juiz, e que “há de julgar todas as coisas até as que estão escondidas”. Muitas pessoas quitaram suas vidas não por rebelião aberta e afastamento declarado de Deus, mas, quem sabe, por estarem mentalmente doentes. Pessoas que provavelmente foram levadas a cometerem um ato que não fariam em sã consciência, fazendo pleno uso da faculdade da razão. Àqueles que perderam algum ente querido nessas condições, podemos consolar sugerindo que esperem no Senhor. No tempo determinado Ele certamente revelará a Sua justiça.

### **Referências bibliográficas**

ALZUGARAY, D. **IstoÉ - Guia da Saúde Familiar: Depressão**. Ed. Especial n.º 8: Cajamar-SP: Três, 1999

ATKINSON, R. L. **Introdução a Psicologia de Hildgard**. Ed. 13ª. Porto Alegre: Artmed, 2002

BEAR, M. F. **Neurociências: Desvendando o Sistema Nervoso**. Ed. 2ª. Porto Alegre: Artmed, 2002

DALGALARRONGO, P., **Psicopatologia e Semiologia dos Tratamentos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

REIFLER, H. U. **A Ética dos Dez Mandamentos**. São Paulo: Vida Nova, 1992

SANSANO, R. **Suicídio: Buscando alternativas**. Barcelona: Clie 1992.

## ARTIGOS

### **"NÃO MATARÁS": UMA REFLEXÃO SOBRE OS ARGUMENTOS CONTRA A PENA DE MORTE À LUZ DO SEXTO MANDAMENTO**

**José Flores Junior**  
União Central Brasileira  
da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
[jose.flores@uol.com.br](mailto:jose.flores@uol.com.br)

**Resumo:** O propósito deste artigo é analisar as opiniões a respeito da pena capital. Comparar tais posições com o que parece ser o consenso bíblico e chegar a uma conclusão. Para tanto serão analisadas diversas posições existentes no meio cristão para ponderar a respeito de uma postura cristã em relação a esse assunto.

**Palavras-chave:** Matar, Pena Capital, Mandamentos.

### **“YOU SHALL NOT KILL”: A REFLECTION ABOUT THE ARGUMENTS AGAINST THE DEATH PENALTY IN THE LIGHT OF THE SIXTH COMMANDMENT**

**Abstract:** The aim of this article is to analyze the opinions concerning the capital punishment. It searches to compare such opinions with what seems to be the biblical consensus on the issue and thereby reach a conclusion. With this purpose, it will examine the various positions existing among Christians in order to consider the Christian stance in relation to this matter.

**Keywords:** Kill, Death Penalty, Commandments.

Todas as vezes que um crime hediondo é cometido, surge a pergunta sobre o que deve ser feito com o criminoso. Neste ponto inicia-se uma grande discussão a respeito da pena capital. Qual deveria ser a posição cristã neste assunto? Existem diferentes



posições acerca deste debate<sup>1</sup>. Deste modo, é importante um estudo ético a respeito deste tema.

O propósito deste artigo é analisar as opiniões a respeito da pena capital. Comparar tais posições com o que parece ser o consenso bíblico e emitir uma conclusão final. Para tanto tentaremos responder às seguintes questões: Como harmonizar o sexto mandamento com as leis que exigem a morte do transgressor? Não haveria uma contradição entre o sexto mandamento e o procedimento de Deus ao exterminar completamente pela morte as nações pagãs? Como harmonizar a misericórdia e o perdão divino com tais procedimentos? Se a condenação do pecado é a morte, será que o ser humano poderia executar a sentença, ou esta seria uma prerrogativa apenas divina?

### **Por que não Aplicar a Pena Capital?**

Como já mencionamos, há diferentes opiniões acerca deste assunto. Entre as opiniões contrárias à pena capital, podemos encontrar os seguintes argumentos: (1) A proibição de matar é encontrada nos Dez Mandamentos; (2) É anticristã, pois entra em contradição com o princípio do perdão dado a todos; (3) O caso de Caim e o da mulher adúltera; (4) A pena de morte é pessimista, porque tira a oportunidade de arrependimento do transgressor; (5) Pode haver erro no julgamento e neste caso isso seria fatal; (6) Seria desumana e desnecessária; (7) Não seria eficaz para a diminuição dos delitos cometidos, portanto, se mostraria inútil; (8) É injusta, pois a própria sociedade gera um comportamento violento.

### **Um Olhar Mais Profundo**

Tais argumentos parecem bastar para por um ponto final a questão, mas é preciso analisá-los mais profundamente em seus aspectos positivos e negativos. Antes, porém, é importante verificar o que a Bíblia de modo geral tem a dizer sobre a pena

---

<sup>1</sup> As opiniões sobre a pena de morte se mostram divergentes entre a população e também entre vários autores cristãos. Numa pesquisa feita em setembro de 2001 pela Confederação Nacional dos Transportes, 44,9% da população brasileira era a favor da execução sumária, enquanto 48,2% era contrária. O que demonstra um empate técnico. Em 1999, o Ibope contabilizou que 63% dos brasileiros eram favoráveis à pena de morte. (SUPER INTERESSANTE, Dez. 2001). Entre os autores contrários à pena de morte estão: VIDAL, Marciano. **Dicionário de Moral**: Dicionário de ética teológica. Aparecida-SP: Ed. Santuário. 1992. E entre os que são a favor citamos: GEISLER, Norman L, **Ética Cristã**: Alternativas e questões contemporâneas. São Paulo: Vida Nova. 1991.



capital. A Bíblia claramente mostra que o castigo para o pecador deve ser a morte (Gn 2:16 e 17; Dt 30:15; Pv 14:12; Ez 18:4; Mt 25:41; Rm 5:12; 6:23; Ap 20:14 e 15; 21:8). Neste caso pode se concluir que a pena de morte será aplicada por Deus para a destruição final do pecador. Se fosse de outra forma, Cristo não precisaria ter morrido na cruz, pois a morte não seria requerida do transgressor. A questão que se levanta nesse momento é se os seres humanos estão capacitados a aplicar tal pena a algum transgressor? Essa não seria uma prerrogativa apenas divina?

Desde o princípio constata-se que Deus permitiu que o povo de Israel aplicasse a pena capital para tipos específicos de transgressão. Gênesis 9:6 diz: “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu. Porque Deus fez o homem segundo a Sua imagem”. Aqui se encontra a primeira referência bíblica acerca da prática da pena de morte como sentença judicial aplicada pelo ser humano. O texto explica que a pena de morte deve ser aplicada pelo valor da vida humana, pois Deus fez a humanidade segundo a imagem dEle.

Segundo John Davis a referência à imagem de Deus dá razão à pena de morte (DAVIS, 1993. p. 179). Charles C. Ryrie observou que “Quando uma violência na forma de assassinato é feita a um homem. Esta violência é de fato cometida contra Deus” (RYRIE apud DAVIS, 1993. p. 179). Por todo o Pentateuco pode-se encontrar leis que requeriam a morte do transgressor. E esta morte não era sempre executada pela ação direta de Deus, mas também por pessoas, por exemplo, nas mortes por apedrejamento.

A declarações de Paulo em Atos 25:11 e Romanos 13:4 mostra que ele admite que há crime digno de morte e que o Estado pode punir tais crimes com a espada. Ele declara também que as autoridades que existem, foram por Deus instituído (neste caso Paulo se referia a uma nação não teocrática, como é o caso do Império Romano) e que estas autoridades devem ser temidas apenas por aqueles que fazem o mal e não por aqueles que fazem o bem (Rm 13:1-7).

As leis de Deus exigem o justo castigo e a própria existência dessas leis é um testemunho contra o transgressor (Dt 31:26-29). O consenso bíblico parece mostrar que a justiça e não a vingança exige a morte do transgressor. No livro de Malaquias, Deus afirma que não é inútil servir-Lo (Ml 3:18-4:1). Este pensamento de servir a Deus em vão, surge quando o ser humano não encontra justiça na prosperidade daquele que é contra Deus. Seria justo Deus dar o mesmo tratamento a todo o tipo de pecador? Deus então reafirma a justiça declarando que as diferenças entre o que o serve e os que não o



servem serão em mostrada no dia do julgamento final da Terra. Pois chegará o dia em que Deus vai destruir aqueles que destroem a Terra (Ap 11:18). Com base nestes pensamentos os argumentos contra a pena de morte serão aqui analisados.

*(1) A proibição de matar é encontrada nos Dez Mandamentos*

Para muitos o sexto mandamento já seria motivo suficiente para anular a validade da pena de morte. Mas este pensamento se mostra simplista demais ao deixar de lado outros textos em que Deus está ordenando a morte<sup>2</sup>. Se o mandamento proíbe matar em qualquer circunstância então como explicar a morte de Golias, executado por Davi? Isto para citar apenas uma dentre as várias vezes em que um servo de Deus usou a espada para fazer a vontade de Dele.

O mandamento “não matarás” seria melhor expresso na forma “não cometerás homicídio”, pois não é uma proibição contra a supressão da vida em qualquer circunstância (STOTT, 2001. p. 76). Desta forma, o que o mandamento está proibindo é matar uma pessoa sem justa causa. Segundo James F. Kecnan, “ninguém pode, em nenhuma circunstância, reivindicar para si o direito de destruir diretamente um ser humano inocente” (KECNAN, 2001. p. 45). O que está em jogo aqui é a morte de um inocente.

Norman Geisler (1991. p. 197) defende que nem sempre tirar uma vida é assassinato. Como já mencionamos antes, há diversos casos na Bíblia em que tirar a vida não é moralmente errado. Para que a morte de alguém possa ser considerada assassinato, ela deve ter sido praticada de forma intencional, ou seja, não pode ter havido um acidente. Deste modo, a proibição de matar pessoas inocentes não exclui a justiça de tirar a vida de um homicida culpado. Parece que proibir a pena de morte com base apenas no sexto mandamento não é um argumento claro.

---

<sup>2</sup> Gn 9:6; Ex 21:12-14; Nm 35:30-31; Dt 19:11-13,21; A morte também é exigida no caso de sequestro (Ex 21:16; Dt 24:7); adultério (Lv 20:10-21; Dt 22:22); homossexualismo (Lv 20:13); Incesto (Lv 20:11-12,14); Bestialidade (Ex 22:19; Lv 20:15-16); delinquência incorrigível (Dt 17:12; 21:18-21); ferir ou amaldiçoar os pais (Ex 21:15;Lv 20:9; Pv 20:20; Mt 15:4; Mc 7:10); oferecer sacrifício humano (Lv 20:2); falsa profecia (Dt 13:1-10); Blasfêmia (Lv 24:11-14,16,23); profanação do sábado (Ex 35:2; Nm 15:32-36); sacrificar a falsos deuses (Ex 22:20); praticar magia e adivinhação (Ex 22:18); ausência de castidade sexual (Dt 22:20-21); estupro (Dt 22:23-27).



### *(2) A pena de morte é anticristã*

Jesus ao ensinar que o Cristão deve perdoar sempre e a todos (Mt 18:21,22), não estaria anulando o direito de matar um culpado? Não se deve dar o perdão como Cristo ensinou? O fato é que quando se fala de pena de morte, não se refere, necessariamente, a morte eterna. Muitos confundem tais conceitos. Se for falado que Deus quer dar o perdão, mesmo àquele que praticou um crime hediondo, isso não necessariamente elimina as conseqüências deste crime. Um doente terminal de câncer está sofrendo, pois poderia ter desobedecido a um conselho como o de não fumar. Ele pode pedir e receber o perdão divino por fazer algo ‘errado’ mesmo que com isso não alcance a cura.

Outros afirmam que a partir do Novo Testamento a graça de Cristo impede a pena de morte. Isto seria afirmar que no Antigo Testamento a salvação não seria pela graça, pois lá os culpados eram mortos. O caso do ladrão que se arrependeu na cruz ao lado de Cristo é um exemplo disto (Lc 23:39-43). Jesus lhe prometeu a salvação, mas não o livrou da cruz. Ele recebeu a vida eterna sem ser livrado da pena de morte.

### *(3) O caso de Caim e da mulher adúltera*

Por que Deus proibiu a morte de Caim? Por que Jesus não permitiu a morte da mulher pega em flagrante adultério? Seria isto justificativa contra a pena de morte? No caso de Caim, Deus disse que o sangue de Abel clamava por justiça (Gn 4:10). Podemos notar que Caim esperava ser morto pelo crime que cometeu (v. 14). Notamos também que a pena de morte foi pronunciada contra os supostos assassinos de Caim (v. 15). A escritora Ellen G. White comenta a este respeito:

Poupando a vida do primeiro homicida. Deus apresentou diante de todo o Universo, uma lição que dizia respeito ao grande conflito. A história de Caim foi uma ilustração de como teria sido o resultado de permitir o pecador viver para sempre, para prosseguir em sua rebelião contra Deus. Quinze séculos depois de pronunciada a sentença sobre Caim, o universo testemunhou os frutos de sua influência e exemplo, no crime e corrupção que inundaram a terra (WHITE, 1995 p. 40).

Logo, Deus não estava proibindo a pena de morte e sim mostrando ao mundo o que pode acontecer se um criminoso como Caim continuasse com vida. No caso da mulher adúltera, Cristo pergunta pelas testemunhas (Nm 35:30) que são exigidas para que a pena capital fosse aplicada. “Ninguém te condenou?” (Jo 8:10). Não havendo testemunhas, Ele disse: “Eu também não te condeno. Vá e não peques mais”. (v. 11). Ele, em nenhum momento disse que ela não deveria morrer caso fosse provada haver culpa nela. (GEISLER, 1991. p. 207).



*(4) A pena de morte tira a oportunidade de arrependimento*

Para aqueles que afirmam que a pena de morte pode tirar a oportunidade de arrependimento podemos citar o depoimento de Clarisse Muxfeldt Gularte (REVISTA VEJA, 02/03/2005, p. 11-5), 60 anos, mãe de Rodrigo Gularte, 32 anos, que foi condenado à morte por tráfico de drogas na Indonésia. Ela declara:

Eu tento pensar que se o Rodrigo não tivesse sido pego, iria se enredar de vez nesta vida. Agora pelo menos está isolado, sem drogas, pode refletir sobre o que fez. Talvez seja uma chance que Deus está dando a ele.

A morte eminente pode levar de fato a uma reflexão e ao arrependimento. O que, como já mencionamos, não é motivo para eliminarmos as conseqüências do ato criminoso. Deste modo, não podemos eliminar a pena de morte com base neste argumento.

*(5) Pode haver erro no julgamento, o que seria algo irreparável*

“O fato de que erros serão feitos por seres humanos falíveis na aplicação deste castigo não é um bom argumento para aboli-la completamente” (GEISLER, 1991. p. 209). Mesmo sem haver pena de morte, como é o caso de nosso País, um erro pode acabar com a vida de uma pessoa. Nem por isso se deixa de julgar os criminosos e colocá-los na cadeia, mesmo correndo-se o risco de haver um equívoco. Médicos também cometem erros e nem por isso se elimina a medicina.

A discussão em questão não é a administração da justiça, mas se em caso de não haver nenhuma dúvida quanto à culpa do criminoso, ele deve ou não morrer. Sabemos que para que uma pessoa fosse condenada na Bíblia era necessário um julgamento justo, no qual existissem testemunhas oculares (Nm 35:30). De nenhum modo, é incentivada a morte de alguém sem o devido julgamento do caso.

*(6) Seria desumana e desnecessária*

Aqueles que consideram a pena capital desnecessária defendem que basta colocar o indivíduo na cadeia para que ele se recupere (VIDAL, 1992 p. 490). O que vemos, no entanto, é que aqueles que vão para as prisões se tornam piores do que quando entraram. Principalmente entre aqueles que cometem crimes hediondos. Outros afirmam que a pena de morte é desumana. Para estes a sociedade estaria cometendo o



mesmo erro que pretende combater, mas este não é o caso. O que o criminoso fez com a vítima também deve ser considerado desumano. Norman Geisler afirma que:

Há uma estranha mudança de lógica no chamar a pena capital de desumana. Foi a desumanidade na forma de crime que exigiu as conseqüências capitais. O ato desumano foi realizado pelo criminoso no ato do assassinato, não contra o criminoso na pena capital (GEISLER, 1991. p. 209).

*(7) A pena de morte seria inútil para a eliminação dos crimes hediondos*

Nos países em que é aplicada a pena capital podemos observar que tais penalidades não diminuem a criminalidade. Mas a pena de morte nos moldes bíblicos não visa à diminuição de tais delitos. A morte do criminoso somente garante que o mesmo crime jamais será praticado pela mesma pessoa. A pena de morte é exigida porque a justiça exige tal punição. Não é um ato de vingança, mas um assassinato não pode ser justificado. Aliás, nenhum pecado pode ser justificado. No caso de assassinato, o pagamento bíblico é a morte do assassino para que a justiça seja feita. A penalidade por tirar a vida de um inocente é dar a própria vida.

*(8) A pena de morte é injusta, pois a própria sociedade gera a violência*

Este é um grande argumento contra a pena de morte. A sociedade educa seus filhos na busca pelo poder e isto gera violência. Deste modo, aplicando a pena de morte ela nega-se a reconhecer seus próprios frutos tentando eliminá-los<sup>1</sup> (VIDAL, 1992 p. 490). Este argumento também não elimina completamente a utilização dessa penalidade.

Uma sociedade pode gerar cidadãos violentos, mas nem todos os cidadãos da mesma comunidade se tornam criminosos. Ou seja, não podemos dizer que só porque alguém não teve oportunidades, este alguém se tornará um criminoso. Uma sociedade não igualitária pode explicar alguns casos, mas não justificar todo comportamento violento. Se este fosse o caso, em países desenvolvidos não haveria crimes hediondos.

## **O Veredicto**

Tendo em vista os vários argumentos contra e a favor da pena capital, chega-se à conclusão que os governos que aplicam tal pena não estão transgredindo o sexto mandamento da lei de Deus. O que o mandamento proíbe, na verdade, é a morte intencional de um inocente. Pode-se perceber isto através das aplicações da pena de morte no contexto bíblico. Estas aplicações nos levam a concluir que nem sempre tirar uma vida é assassinato.



É certo que a pena de morte deve ser aplicada depois de detalhada investigação, respeitando o direito de defesa do suposto assassino. Ninguém, portanto, deve agir por conta própria sem que haja um julgamento justo. A pena de morte não deve ser aplicada por vingança e nem para aplacar a ira dos familiares da vítima. Não se deve pensar que tal pena seria a maneira mais eficaz para conter os índices de homicídios. A pena de morte é tão somente a penalidade aplicada contra o assassino.

Quem exige tal penalidade é a própria justiça. É a justiça que requer o sangue do assassino. Deus é amor, mas este amor não elimina a justiça. “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifarás” (Gl 6:7). O amor de Deus é infinito e este amor é infinitamente manifestado em favor da vítima. Este amor pede uma retribuição do assassino, que neste caso é a morte.

Aquele que é condenado à morte, Deus dá ainda a chance de arrependimento para que possa ter a vida eterna. O perdão divino está disponível ao assassino, embora este perdão não obrigue a Deus a retirada das conseqüências do assassinato, que é a morte. Portanto, a aplicação da pena de morte não elimina o princípio da salvação do pecador arrependido, mas sim a sensação de que não há ninguém que possa defender o inocente. “Bem-aventurados aqueles que têm fome e sede de justiça, pois serão fartos”. (Mt 5:6). A justiça de Deus há de prevalecer, e então todos verão a diferença entre o que serve a Deus e o que não serve.

### **Referências Bibliográficas**

DAVIS. John J, **Evangelical Ethics: Issues facing the Church today**. 2º .Ed. New Jersey, EUA: Publishing. 1993.

ELWEL. Walter A [Ed.], **Enciclopédia: História teológica da Igreja Cristã**. 1º Ed. V. III. São Paulo: Vida Nova. 1990.

GEISLER. Norman L, **Ética Cristã: Alternativas e questões contemporâneas**. São Paulo: Edições Vida Nova. 1991.

HARRELSON. Walter J, **The Ten Commandments and Human Rights**. Philadelphia, EUA: Fortress Press. 1980.

HORMANN. K. **Dicionário de Moral Cristiana**. 3º Ed. Nápolis, Espanha: Editora Herder. 1985.

KECNAN. James F. **Os Dez Mandamentos: Rocha da ética Cristã**. São Paulo: Edições Loyola. 2001.

**REVISTA SUPERINTERESSANTE**. Ed. 171. Editora Abril: São Paulo. Dez. 2001.



**REVISTA VEJA.** São Paulo: Ed. Abril. Edição 1894, ano 38. No. 9. 02-03-05 p. 11.

STOTT. John R. W. **A Mensagem do Sermão do Monte:** Contracultura Cristã. 3º Ed. São Paulo: ABU Editora. 2001.

VIDAL. M. **Dicionário de Moral:** Dicionário de ética teológica. Aparecida-SP: Ed. Santuário. 1992

WHITE. Ellen G. **Patriarcas e Profetas.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira. 1995.

## ARTIGOS

### MIGUEL: IDENTIDADE E FUNÇÃO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA BÍBLICA

**Luan Henrique Gomes Ribeiro**

Discentes da Faculdade Adventista de Teologia  
do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)  
Apresentada em forma de monografia em novembro de 2009  
[luan.ribeiro@uol.com.br](mailto:luan.ribeiro@uol.com.br)

Este estudo é uma pequena proposta para identificarmos quem, dentro do contexto das Escrituras, é o arcanjo Miguel e quais seriam as suas principais funções. Os escritos a respeito do arcanjo Miguel remontam pelo menos até o 3º século a.C. Visto que em toda a história houve diferentes opiniões sobre o assunto, este trabalho apresenta não somente uma análise histórica, mas também um estudo exegetico em todas as passagens bíblicas onde a figura de Miguel aparece. O método utilizado é o gramático-histórico, de modo que é dada uma ênfase no aspecto gramático-teológico das passagens

**Palavras chave:** Arcanjo, Miguel, Anjo do Senhor, Príncipe, Céu.

### MICHAEL: IDENTITY AND FUNCTION FROM A BIBLICAL PERSPECTIVE

This research is a brief attempt of identification, within the context of the Scriptures, of the archangel Michael and his main functions. The writings on the archangel Michael go back as far as the Third Century B.C. In view that, throughout history, there has always been different opinions about this subject, the present study will not only present a historical analysis of the subject, but it will also engage into an exegetic study of all the biblical texts where the figure of Michael appears. I will use a grammatical-historical approach, emphasizing the theological-grammatical aspect of these passages.

**Keywords:** Archangel, Michael, Angel of the Lord, Prince, Heaven.



É comum nas comunidades religiosas onde se tem por deus um único ser (religiões monoteístas) a crença de que existem seres celestiais que interferem na vida das pessoas, ajudando-as, se fizerem parte do grupo pertencente a Deus, ou levando-as à desgraça, caso sejam seres em inimizade contra Deus. Estes seres são chamados de anjos (Gr: *αγγελος*<sup>1</sup>, Hb: *מַלְאָכִים*<sup>2</sup>).

A Bíblia apresenta seres celestes com várias características, atuando em diferentes situações (Gn. 22:11, 12; Js. 5:14, 15<sup>3</sup>), obedecendo a uma aparente hierarquia (2Sam. 22:11; Sal. 18:10; Ez. 9:3; Ez. 10:2, 4, 7, 9, 14; Ez. 28:14, 16; Ez 41:18; Is 6.24), sendo descritos como inferiores a Deus e não podendo receber adoração (Cl. 1:16; Ap. 22:8-9).

Dentro desta hierarquia a Bíblia apresenta um personagem identificado como Miguel (Dn. 10:13, 21; 12:1; Ap 12:7) ou Arcanjo Miguel (Jd 9)<sup>5</sup>. Como podemos interpretar a figura de Miguel nestes cinco versos? Seria Miguel divino ou apenas um poderoso anjo?

O objetivo deste trabalho é esclarecer a identidade do Arcanjo Miguel e apontar quais seriam as suas funções dentro do contexto bíblico. Para isso, será apresentada uma análise dos textos e contextos envolvidos. Certamente deve ser frisado que este trabalho não tem a pretensão de ser a resposta final na dúvida de ser ou não Miguel e Jesus a mesma pessoa, porém outra pesquisa em busca de maior elucidação sobre o problema.

## Metodologia

O método usado ao longo do trabalho será o gramático-histórico, porém a maior ênfase será dada no contexto gramático-teológico das passagens.

No primeiro capítulo, será feita uma análise sobre as diferentes interpretações a respeito de Miguel ao longo da história. No segundo, serão analisadas as diferentes

---

<sup>1</sup> Carlo Rusconi, *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, (São Paulo: Paulus, 2005), 17.

<sup>2</sup> Nelson Kirst, Nelson Kilpp, Milton Schwantes, Acir Raymann, Rudi Zimmer, *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*, (São Paulo: Sinodal, Vozes, 2008).

<sup>3</sup> Existem exatamente cem versículos com a expressão “Anjo do Senhor”, sendo que cada grupo de textos representa uma situação diferente.

<sup>4</sup> *Concordancia de las Sagradas Escrituras : Revision de 1960 de la version Reina-Valera*. 2000, c1964 (electronic ed.). Nashville: Editorial Caribe.



características de Miguel no texto bíblico. No terceiro, verificaremos os diferentes tipos de paralelos presentes no livro de Daniel. Por fim, serão analisadas as passagens de Judas e Apocalipse, identificando através de seus diferentes contextos quem poderia ser Miguel. Ainda neste mesmo capítulo será feita uma análise léxico-sintática do termo “arcanjo”.

## **A Figura de Miguel no Decorrer Da História**

### **Na Tradição Judaica**

Embora a ideologia popular judaica moderna sustente que os anjos são uma invenção cristã refletindo uma quebra do monoteísmo puro, realmente o Tanakh fala deles, muitas vezes, e o judaísmo pós-Tanakh desenvolveu uma intrincada angelologia<sup>6</sup>, fazendo uma diferenciação entre grupos e categorias de anjos (Enoque 61:10; 2 Enoque 19:1-5), criando uma hierarquia no mundo angélico.<sup>7</sup>

Miguel é geralmente associado no início da tradição judaica com um grupo restrito de seres celestiais chamados “anjos da presença”. Em alguns textos, estes anjos são identificados como um grupo de quatro arcanjos (1 Enoque 9:1; 40:9; 54:6; 71:8, 9, 13; Ap. Moisés. 40:3) e em outros lugares são descritos como sete arcanjos (Tob. 12:15; 1 Enoque 20:1-7)<sup>8</sup>. No Papiro de Gizeh apenas seis nomes são mencionados, sendo que no final do papiro grego sobrevivente a lista termina com uma referência aos nomes de sete arcanjos (Gr: αρχαγγελου). Os nomes desses "anjos que vigiam" são: Uriel, Rafael, Raguiel, Miguel, Sariel, Gabriel e Remiel.<sup>9</sup> Nestes textos, Miguel é identificado como sendo um anjo poderoso, recebendo a função de levar as orações dos justos até o trono de Deus.

---

<sup>5</sup> A versão bíblica utilizada neste trabalho será a *Bíblia de estudo Almeida*, versão revista e atualizada, 2ª ed. (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999). Quando for usada outra versão está será identificada.

<sup>6</sup> D. H. Stern, *Jewish New Testament commentary : A companion volume to the Jewish New Testament* (Jd 9) (Clarksville, Md.: Jewish New Testament Publications, 1992).

<sup>7</sup> K. Toorn & B. Becking & P. W. Horst, *Dictionary of deities and demons in the Bible DDD* (2nd extensively rev. ed.), (Leiden; Boston; Grand Rapids, Mich.: Brill; Eerdmans, 1999), 82.

<sup>8</sup> D. E. Aune, *Vol. 52B: Word Biblical Commentary: Revelation 6-16*. (Dallas: Word, Incorporated, 2002), 691.

<sup>9</sup> Idem, 82.



Miguel também é identificado na literatura judaica com a figura de Metraton que é referido como o “Príncipe do Semblante”. Seu nome é uma combinação de duas palavras gregas, meta e thronos (μεταθρονιος), no sentido de “aquele que serve por trás do trono”.<sup>10</sup>

No ocultismo (cabalística judaica), Miguel é ainda mais exaltado. Ele novamente é associado ou mesmo identificado com o anjo Metatron, que por várias vezes é confundido com o próprio Messias,<sup>11</sup> ou até mesmo com a *Shekinah*.<sup>12</sup> Neste contexto, é dado a Miguel o papel de resgatar a alma dos justos, se tornando, portanto, a personificação da graça.<sup>13</sup>

### Nos Pais da Igreja

Em toda a patrística encontramos apenas uma referência ao arcanjo Miguel, a saber, em “O Pastor” de Hermas. Esta obra foi concebida a partir do livro do Apocalipse e foi escrita em 150 d.C pelo próprio Hermas.<sup>14</sup>

No livro “Similitude” (Sim. Hermas 8.3.3) é descrito uma visão a respeito de uma árvore que é podada pelo Anjo do Senhor. Uma vez que Hermas não entende a visão, o “pastor” lhe explica: “Esta árvore grande que lança sua sombra sobre as planícies, e montanhas, e toda a terra, é a lei de Deus que foi dada ao mundo inteiro, e esta lei é o Filho de Deus, proclamada até os confins da terra, e as pessoas que estão sob sua sombra são os que ouviram o anúncio, e creram nEle. E o grande e glorioso anjo Miguel é ele que tem autoridade sobre este povo, para governá-los pois é ele quem deu a lei no coração dos crentes”.<sup>15</sup>

---

<sup>10</sup> Gershom Scholem, “Metraton”, *Enciclopédia Judaica* (Rio de Janeiro: Sefer, 1990), 9: 341.

<sup>11</sup> D. H. Stern, *Jewish New Testament commentary : A companion volume to the Jewish New Testament* (Ap 12:7).

<sup>12</sup> J. A. Montgomery, *A critical and exegetical commentary on the book of Daniel* (New York: Charles Scribner's Sons, 1927), 419.

<sup>13</sup> D. H. Stern, *Jewish New Testament commentary: A companion volume to the Jewish New Testament*, (Jd 9).

<sup>14</sup> Earlie E. Cairns, *O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2008), 65.

<sup>15</sup> A. Roberts & J. Donaldson & A. C. Coxe, *The Ante-Nicene Fathers Vol. II : Translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325*. Fathers of the second century: Hermas, Tatian, Athenagoras, Theophilus, and Clement of Alexandria (Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997), 40.



O contexto da visão ilumina o texto, pois é dito que o Anjo do Senhor (identificado como Miguel, e o Filho de Deus) poda a árvore, que é a Lei, e que as pessoas recebem do Anjo esta lei, sendo ele próprio aquele que a grava no coração dos crentes.

### **Na Tradição Protestante**

Podemos encontrar pelo menos três claras referências dos reformadores a respeito da identidade do arcanjo Miguel.

Martinho Lutero num sermão sobre Jo. 3:16 diz que: Ele [Jesus] é Deus em pessoa, mas Ele também realiza o trabalho de Deus: Ele salva aqueles que crêem nEle. Em lugar algum, conta-se que a fé em qualquer anjo, seja Gabriel ou Miguel, ou João Batista ou a Virgem Maria, vai tornar uma pessoa um filho de Deus. Apenas do Filho que se diz que Ele salva da morte e dá a vida eterna. Assim, Cristo está estabelecido na Divindade, não só de acordo com a Sua pessoa e majestade, mas também de acordo com a Sua obra.<sup>16</sup> Confirmando a divindade de Jesus, Lutero apresenta Miguel como um ser distinto, que não possuía de dons salvíficos.

Contrariando a idéia de Lutero, João Calvino comentando Dt. 34:1-8 diz que foi o próprio Jesus que contendeu com o diabo.<sup>17</sup> Ele ainda afirma: “Alguns pensam que a palavra Miguel representa Cristo, e eu não vejo motivo para discordar deste parecer. Com suficiente clareza, se todos os anjos vigiam os fiéis e os eleitos, ainda mantêm a Cristo em primeiro lugar entre eles, porque ele é a cabeça, e usa o seu ministério e assistência para defender todo o seu povo... mas esta conclusão não é geralmente aceita”<sup>18</sup>

Participando da mesma linha de raciocínio de Calvino, Matthew Henry também diz sobre Dt. 34:1-8: “Miguel, que é Cristo, aboliu as ordenanças mosaicas, pregando-as na cruz”<sup>19</sup>. E ele completa: “Naquele tempo Miguel deve ficar de pé para o trabalho de nossa

---

<sup>16</sup> Abreviada e editada por Stephen Rost, *Heritage of great evangelical teaching: Featuring the best of Martin Luther, John Wesley, Dwight L. Moody, C.H. Spurgeon and others*. (Nashville: Thomas Nelson, 1997).

<sup>17</sup> J. Calvin, *Calvin's Commentaries: electronic ed.* (Dt. 34:6). (Garland, TX: Galaxie Software, 2000).

<sup>18</sup> J. Calvin, *Calvin's Commentaries: electronic ed.* (Dn 12:1).

<sup>19</sup> M. Henry, *Matthew Henry's commentary on the whole Bible: Complete and unabridged in one volume* (Dt. 34:5) (Peabody: Hendrickson, 1996).



salvação eterna, ou seja, o Filho de Deus encarnado deve ser manifestado para destruir as obras do diabo.<sup>20</sup>

### Na Teologia Moderna

A grande maioria dos teólogos modernos acredita que Miguel não passa de um poderoso anjo, chefe das hostes celestiais: D. E. Aune<sup>21</sup>, G. W. Bromiley<sup>22</sup>, K. Toorn, B. Becking, P. W. Horst<sup>23</sup>, R. J. Bauckham<sup>24</sup>. Outro ponto de vista seria que ele é uma invenção do folclore judaico: J. S. Lang<sup>25</sup>, J. A. Montgomery<sup>26</sup>, Georg Fohrer<sup>27</sup>.

Basicamente, existem apenas dois movimentos religiosos da atualidade que identificam Miguel com Cristo, os Adventistas do Sétimo Dia e os Testemunhas de Jeová. Estes últimos têm debatido amplamente sobre o assunto, afirmando que Miguel e Cristo são a mesma pessoa<sup>28</sup>, com o objetivo de comprovar a sua denominacional teologia ariana.

Os Adventistas do Sétimo Dia, refutam por completo a idéia de que Cristo seja um ser criado, mas concordam que Miguel é mais um nome de Jesus<sup>29</sup>. Apesar disso, afirmam que “como povo, não temos considerado a identificação de Miguel de relevância suficiente para insistirmos nela extensamente, quer em nossa literatura quer em nossa pregação”.<sup>30</sup>

---

<sup>20</sup> M. Henry, *Matthew Henry's commentary on the whole Bible: Complete and unabridged in one volume* (Dn. 12:1).

<sup>21</sup> D. E. Aune, *Vol. 52B: Word Biblical Commentary: Revelation 6-16* (Dallas: Word, Incorporated, 2002), 691.

<sup>22</sup> G. W. Bromiley, *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised* (Wm. B.: Eerdmans, 2002), 3:347-348.

<sup>23</sup> K. Toorn, B. Becking, & P. W. Horst, *Dictionary of deities and demons in the Bible DDD*, 82.

<sup>24</sup> R. J. Bauckham, *Vol. 50: Word Biblical Commentary: 2 Peter, Jude* (Dallas: Word, Incorporated, 2002), 59.

<sup>25</sup> J. S. Lang, *1,001 things you always wanted to know about angels, demons, and the afterlife* (Nashville: Thomas Nelson, 2000).

<sup>26</sup> J. A. Montgomery, *A critical and exegetical commentary on the book of Daniel* (New York: Charles Scribner's Sons, 1927), 419.

<sup>27</sup> Georg Fohrer, *História da Religião de Israel* (São Paulo: Academia Cristã e Paulus), 485.

<sup>28</sup> The Watchtower Reprints, November 11, 1879, 48.

<sup>29</sup> F. D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Volume 7*. (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2002), 809.

<sup>30</sup> *Questões Sobre Doutrina* (Tatuí, SP: Casa, 2009), 87



## Conclusão Parcial

Ao analisarmos as diferentes interpretações sobre a figura de Miguel ao longo da história, se faz notório que, em suma, existem duas interpretações dominantes: (1) que Miguel é um poderoso anjo e (2) que Miguel não é outro se não Cristo.

Na maioria dos escritos judaicos, Miguel aparece como um anjo chefe, porém ele também é identificado com Metraton, um anjo poderoso que por vezes é confundido com o Messias.

Na patrística, temos apenas o texto de Hermas que afirma ser Miguel o Filho de Deus. Também na época dos reformadores, J. Calvino e M. Henry afirmavam que Miguel era Cristo, ao contrário de Lutero, que refutava esta idéia.

Na teologia moderna, a linha de interpretação que diz que Miguel é apenas mais um anjo se tornou a dominante, restando quase que somente os Testemunhas de Jeová e os Adventistas do Sétimo Dia, que parcialmente compartilham a sua fé em Miguel.

## As Características do Arcanjo Miguel

Como foi discutido no capítulo anterior, muito se tem dito sobre a identidade de Miguel, sendo que basicamente se tem duas correntes de pensamento: Miguel como Cristo ou Miguel como um preeminente anjo. Neste capítulo, serão analisadas as evidências bíblicas que apontam para a correta interpretação.

### Características Bíblicas

O nome Miguel (מִיְכָאֵל) significa “Quem é como Deus?”<sup>31</sup>. Como uma pergunta, é entendida como sendo retórica, o que implica a resposta "ninguém é como Deus". Ele aparece três vezes no Antigo Testamento (Dn. 10:13, 21; 12:1) e duas vezes no Novo Testamento (Jd. 9; Ap. 12:7).

Em Dn. 10:13, Miguel é apresentado como “um dos primeiros príncipes”, um ser poderoso que vem batalhar em favor do povo de Deus e também dos anjos (o anjo que,

---

<sup>31</sup>Smith, S., & Cornwall, J. *The exhaustive dictionary of Bible names* (North Brunswick, NJ: Bridge-Logos, 1998), 174.



neste caso, pede a ajuda de Miguel provavelmente é Gabriel, que durante todo o livro acompanha o profeta Daniel). Neste verso, Miguel batalha contra o “Príncipe da Pérsia”. Este “Príncipe da Pérsia” pode ser facilmente identificado como um anjo, que, por batalhar contra um representante divino, só pode ser identificado como de procedência maligna.<sup>32</sup> O conflito angelical só chegou ao seu termino quando Miguel veio batalhar por seu povo.

Acompanhando o tema do conflito cósmico travado entre os representantes de cada nação, Gabriel informa a Daniel que, na verdade, ele teria de lutar novamente contra o “Príncipe da Pérsia” e, depois deste, ainda viria o “Príncipe da Grécia” (Dn. 10:20, 21). Miguel é identificado pelo anjo Gabriel como sendo o único ao seu lado na luta contra os anjos inimigos. É notório também perceber que, igual as demais nações, Israel também tem o seu representante, Miguel.<sup>33</sup>

Através das palavras de Gabriel, o autor (identificado como o próprio Daniel<sup>34</sup>) deixa transparecer a idéia de que, por si só, Miguel é suficiente para defender o seu povo, pois se assim não fosse, ele não teria ganhado a batalha, sendo necessária a intervenção de outro ser.

No fim da visão dada ao profeta Daniel, Miguel é identificado como o “Grande Príncipe, o defensor dos filhos do teu povo”. Note a progressão feita no livro de Daniel a respeito da figura de Miguel: Dn. 10:13 diz que ele é “um dos primeiros príncipes”, Dn. 10:21 o apresenta como “o vosso [único] príncipe” e Dn. 12:1 o intitula como “o Grande Príncipe”. Neste verso, Miguel “se levanta” num “tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo”, e é nesse contexto sombrio que ele consegue a salvação do seu povo.

Depois destas três referencias do livro de Daniel, o personagem Miguel volta a aparecer no Novo Testamento, em Jd. 9. Neste verso, é identificado como sendo o Arcanjo Miguel (a discussão sobre o termo arcanjo será apresentada no decorrer do estudo, num momento mais propício). Novamente, ele é apresentado numa batalha, desta vez o inimigo

---

<sup>32</sup> G. W. Bromiley, *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised*, 3:347-348.

<sup>33</sup> Georg Fohrer, *História da Religião de Israel*, 485.

<sup>34</sup> Peter-Contesse, R., & Ellington, J. *A handbook on the Book of Daniel*. UBS handbook series. (New York: United Bible Societies, 1993).



é claramente identificado como o diabo. Nesta história, Miguel foi o defensor de Moisés, servo de Deus em uma disputa legal com o seu acusador.<sup>35</sup>

A última referência a Miguel ocorre no capítulo 12 de Apocalipse. Neste texto, é descrita uma batalha que ocorreu no céu. Neste conflito “Miguel e seus anjos batalharam contra o Dragão. Também pelejaram o Dragão e seus anjos” (Ap. 12:7). Miguel é apresentado explicitamente como sendo o comandante das hostes celestes numa luta direta contra Satanás e seus anjos, que, ao final do conflito, foram novamente derrotados e desta vez atirados para a terra.

### **Conclusão Parcial**

Podemos ver através de uma leitura superficial algumas características marcantes do Arcanjo Miguel.

O arcanjo Miguel é apresentado principalmente nas literaturas apocalípticas, sendo que estas tratam principalmente de questões escatológicas e por consequência também de questões soterológicas.

Ele é apresentado explicitamente em batalhas em quatro dos cinco versos (Dn. 10:13; 10:21; Jd. 9; Ap. 12:7) onde é mencionado, sendo que em todas elas o confronto ocorre numa esfera celeste entre anjos que se colocam ao lado de Miguel ou de seu inimigo, o qual é identificado como Diabo, Dragão e Satanás em Apocalipse e Judas, mas que em Daniel é chamado de Príncipe da Pérsia e Príncipe da Grécia.

Em todas as batalhas travadas, Miguel aparece como vencedor, ou seja, quatro dos cinco versos onde é apresentado (10:13; 12:1; Jd. 9; Ap. 12:7).

### **A Figura de Miguel no Livro de Daniel.**

Como já visto, a maior parte das referências ao Arcanjo Miguel se encontra no livro do profeta Daniel, ou seja, é nesse livro que recebemos uma maior revelação sobre este personagem. Neste tópico, o estudo se concentrará no contexto gramático-teológico em que a figura de Miguel está inserida dentro do livro de Daniel.

---

<sup>35</sup> R. J. Bauckham, Vol. 50: *Word Biblical Commentary: 2 Peter, Jude. Word Biblical Commentary*, 59.



## Paralelismos

O paralelismo é a forma mais comum de um escritor bíblico transmitir o conteúdo proposto de forma poética. Pode-se dizer que “paralelismo” é a prática de contrabalançar um pensamento ou frase por outro que contenha uma correspondência de idéias.<sup>36</sup>

No livro de Daniel, nós podemos encontrar vários tipos de paralelismo, em palavras, em idéias e até mesmo na estrutura do texto. Se fizéssemos uma análise lingüística do texto, nós chegaríamos à seguinte estrutura:

A – Texto em hebraico (1:1-2:4a)

B – Texto em aramaico (2:4b-7:28)

A – Texto em hebraico (8:1-12:13)

Caso seja feita uma análise literária, a estrutura do texto seria algo simples:

A – Texto histórico (1-6)

B – Texto profético (7-12)<sup>37</sup>

Apesar das diferentes formas de se dividir o texto, será dedicada maior atenção na estrutura baseada nas diferentes idéias do livro. A estrutura proposta está retratada abaixo:

X – Dn. 1 – Introdução geral ao livro.

A – Dn. 2 – História do mundo: O sonho de Nabucodonosor.

B – Dn. 3 – Perseguição aos fiéis: Os três amigos de Daniel e a prova de fidelidade a Deus

C – Dn. 4 – Juízo de Deus sobre o rei Nabucodonosor.

C’ – Dn. 5 – Juízo de Deus sobre o rei Belsazar.

B’ – Dn. 6 – Perseguição aos fiéis: Daniel e a prova de fidelidade a Deus.

A’ – Dn. 7 – História do mundo: Primeira visão de Daniel (os quatro animais, o chifre pequeno, o juízo divino e o reino do Filho do Homem).

B’’ – Dn. 8 – Visão do conflito e do juízo.

a – Conflito entre Pérsia e Grécia (v. 1-8)

b – Roma implícita (v. 9)

<sup>36</sup> Gleason L. Archer, *Merece Confiança o Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2008), 383.

<sup>37</sup> F. D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Volume 4*. (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2002), 753.



c – O poder usurpador (v. 10-13, 23-25)

d – Tempo do fim (v. 14, 26)

e – Advento: “mas será quebrado sem o auxílio de mãos humanas”  
(v. 25b)

C’’ – Dn. 9.

a – Compreensão de uma profecia (v. 1-2)

b – Jejum e oração (v. 3-19)

c – Resposta divina (v. 20-27)

C’’’ – Dn. 10.

a – Compreensão de uma profecia (v. 1)

b – Jejum e oração (v. 2-3)

c – Resposta divina (v. 4-21)

B’’’ – Dn. 11 – Visão do conflito e do juízo.

a – Conflito entre Pérsia e Grécia (v. 1-4a)

b – Roma implícita (v. 4b)

c – O poder usurpador (v. 5-39)

d – Tempo do fim (v. 40-45a)

e – Advento: “mas chegará o seu fim, e não haverá ninguém que o socorra” (v. 45b)

A’’ – O fim da história humana.

a – Miguel se manifesta

b – Ressurreição e vida eterna

c – Últimas palavras sobre o tempo do fim<sup>38</sup>

Mesmo através de uma leitura superficial é fácil perceber que existe um tema que se repete ao longo do livro, o desenvolvimento da história (A, A’, A’’). Este tema se inicia no capítulo 2, quando Nabucodonosor tem um sonho, é repetido e ampliado no capítulo 7, com a primeira visão de Daniel, e novamente o tema da história do mundo é repetido e ampliado

---

<sup>38</sup> Jacques B. Doukhan, *Secretos de Daniel: Sabiduría Y Sueños de um Príncipe Hebreo en el Exilio* (Buenos Aires: Casa Sudamericana, 2007).



no final da última visão de Daniel. Logo, uma das características básicas do conteúdo profético do livro de Daniel é a “repetição para ampliação”.<sup>39</sup>

Reduziremos, portanto, o foco do estudo para os capítulos 2, 7 e 12, identificando os possíveis paralelos e argumentando sobre como estes podem nos ajudar no processo para esclarecer a identidade de Miguel.

O capítulo 2 de Daniel começa com a informação de que o então rei da Babilônia, Nabucodonosor, teve um sonho, e que num desejo de saber o conteúdo do seu sonho e a sua interpretação convoca “os magos, os encantadores, os feiticeiros e os caldeus” (Dn. 2:1-2). Todos estes não conseguem declarar ao rei nem o sonho nem a interpretação, fazendo com que o rei ordenasse “a morte de todos os sábios da Babilônia” (Dn 2:12).

Daniel e seus três companheiros, Hananias, Misael e Azarias, se colocaram a orar pedindo que Deus lhes revelasse o sonho do rei. Deus, ouvindo a oração dos jovens hebreus, revelou a Daniel o sonho e sua interpretação.

Nabucodonosor havia sonhado com uma grande estátua que “possuía a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze, as pernas de ferro e os pés, em parte de ferro, em parte de barro” (Dn. 2:32).

Na seqüência do relato, Daniel revela ao rei que ele também havia visto uma pedra ser lançada em direção à estátua, atingindo-a nos pés de barro e ferro e destruindo não somente eles, mas também todos os membros descritos anteriormente. Esta pedra, após ter destruído a estátua, se transformou numa grande montanha que encheu toda a terra (Dn. 2:34-35).

Daniel fez saber ao rei ainda que ele próprio (Babilônia) era a cabeça de ouro, e que os demais metais representavam reinos que haveriam de substituí-lo no domínio mundial<sup>40</sup>, sendo que nos últimos dias (pés de barro e ferro) Deus suscitaria um reino que não seria jamais destruído, antes destruiria a todos os reinos anteriores, da mesma forma como a pedra havia feito com os metais.

---

<sup>39</sup> Alberto R. Timm, *Sinais dos Tempos*, (Tatuí, Sp: Casa, agosto de 1998), 29.

<sup>40</sup> Para obter mais informações sobre a discussão dos reinos subsequentes ler: Joyce G. Baldwin, *Daniel, Introdução e Comentário. Série Cultural Bíblica*. (São Paulo: Vida Nova, 2008); C. Mervyn Maxuell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel*. (Tatuí, Sp: Casa, 2009).



Semelhante a esta visão do rei Nabucodonosor, Daniel, cerca de 50 anos depois<sup>41</sup>, teve um sonho, e neste ele viu quatro grandes animais que subiam do mar (Dn. 7:2-3). O primeiro era semelhante a um leão, diferente pelo fato de possuir asas como de uma águia. Enquanto Daniel olhava, as asas do leão foram arrancadas e este foi posto de pé, e foi dado a ele mente humana.

A visão deste animal é uma narrativa em símbolos da experiência de Nabucodonosor descrita no capítulo 4 onde ele, depois de ter tido um sonho, foi avisado que iria se tornar um animal caso não pusesse um fim em seus pecados e em suas iniquidades. O relato diz que “todas estas coisas sobrevieram ao rei Nabucodonosor” (Dn. 4:28). Este, porém, do mesmo modo como fora dada capacidade ao leão de andar sobre duas pernas e de ter uma mente de homem, se recuperou de seu antigo estado e passou novamente a conviver com os homens.<sup>42</sup> O leão com asas do capítulo 7 representava o reino da Babilônia na pessoa do rei Nabucodonosor, da mesma forma como a cabeça de ouro do capítulo 2 (v. 37-39).

O segundo animal era semelhante a um urso, o qual tinha um de seus lados maior que o outro. Este carregava entre seus dentes três costelas (Dn 7:5). O terceiro era como um leopardo, só que, diferente de todos os outros, este possuía quatro asas de águia e também quatro cabeças (Dn. 7:6).

O quarto animal foi descrito como “terrível, espantoso e sobremodo forte”. Seus dentes eram de ferro, ou seja, o mesmo metal descrito como compo as pernas da estátua de Nabucodonosor, que semelhante ao “animal espantoso” também era o quarto da lista (Dn. 2:33).

É importante notar a semelhança na descrição do reino representado pelas pernas de ferro do capítulo 2 e o “animal espantoso” do capítulo 7. Semelhante ao ferro, aquele reino seria forte, “quebrando, despedaçando e esmiuçando a tudo” que encontrasse. Da mesma forma, o reino representado pelo animal do capítulo 7 “devoraria, faria em pedaços e pisaria a tudo que sobejasse”.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Samuel J. Shultz, *A História de Israel no Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2009), 426-432.

<sup>42</sup> J. E. Goldingay. *Vol. 30: Word Biblical Commentary: Daniel*. (Word Biblical Commentary. Dallas: Word, Incorporated, 2002), 162.

<sup>43</sup> J. H. Charlesworth, *Vol. 2: The Old Testament Pseudepigrapha* (Garden City, NY/London: Doubleday/DLT), 1983-1985.



Tendo em vista que a cabeça de ouro da estátua representa o mesmo reino que o leão com asas de águia e que as pernas de ferro são também o “animal espantoso”, se torna uma questão de lógica afirmar que os peitos de prata são também o urso com as três costelas na boca e que os quadris de bronze representam o mesmo reino que o leopardo de quatro cabeças e quatro asas de águia. Lembrando sempre que, como já foi dito, a visão do capítulo 7 não só repete a do capítulo 2, mas também a amplia.

Tem sido sugerido também que os dez chifres vistos por Daniel na cabeça do “animal espantoso” fariam um paralelo com os dez dedos da estátua, sendo que cada um desses seria um diferente rei (Dn. 7:24).<sup>44</sup>

O paralelo, porém, que é mais relevante para a nossa discussão está relacionado com a figura do Ancião de Dias, um dos títulos dados a Deus, que só aparece neste trecho da Bíblia. Ele é descrito como num trono, e rodeado deles, deixando implícito o fato de que está prestes a julgar. Este julgamento se confirma no v. 10 quando é dito que “assentou-se o tribunal, e se abriram os livros.”

Neste contexto de julgamento é que se chega ao Ancião de Dias alguém chamado de “Filho de Homem”, a quem é dado o “domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem” (Dn. 7:14). E da mesma forma como é dito sobre a pedra do capítulo 2 que “o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído” e que “este reino não passará a outro povo”, é dito sobre o reino do Filho do Homem que “o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído”. Com isso, chegamos à conclusão de que a “pedra” que atinge a estátua é também o Filho do Homem.<sup>45</sup>

O capítulo 12 de Daniel começa com a declaração de que “Nesse tempo [do fim] se levantará Miguel”. Ao contrário dos outros dois capítulos estudados, este não descreve o decorrer da história humana, antes inicia o seu relato já nos últimos dias desta história. É dito também que Miguel se levantará num “tempo de angústia, qual nunca houve”, e as pessoas que neste tempo seriam salvas teriam a vida eterna (Dn. 12:1-2).

---

<sup>44</sup> G. Kittel and G. Friedrich (eds.), *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* (Stuttgart: Kohlhammer, 1933- 1978 = *Theological Dictionary of the New Testament*, tr. G. W. Bromiley [Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976]).

<sup>45</sup> J. E. Goldingay, *Word Biblical Commentary: Daniel*, 168.



Faz-se notório que um “reino que jamais seria destruído” haveria de ser suscitado quando a “pedra” atingisse a estatua, que o Filho do Homem seria rei num “domínio eterno”, e que pessoas viveriam eternamente quando Miguel se levantasse. Só se resta afirmar que a “pedra”, o Filho do Homem e Miguel são descrições de um mesmo ser.

### **A Identidade do Filho do Homem**

O capítulo 7 de Daniel descreve o Ancião de Dias, facilmente identificado como Deus, como tendo “sua veste branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente.” (v. 9).

Não é a primeira vez que um ser divino é visto e descrito desta forma. Ezequiel em sua primeira visão descreve o Onipotente dizendo que “havia algo semelhante a um trono; sobre esta espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um homem. Vi-a [figura semelhante a um homem] como metal brilhante, como fogo ao redor dela, desde os seus lombos e daí para cima, e desde os seus lombos e daí para baixo, vi-a como fogo e um resplendor ao redor dela.” (Ez. 1:26-27). O profeta termina dizendo que “esta era a aparência da glória do SENHOR (YHWH)”.

O Filho do Homem descrito em Daniel e Ezequiel é um ser divino tanto quanto o Ancião de Dias, pois possuem as mesmas características. Tendo isto em mente, podemos analisar a declaração de João em Apocalipse ao descrever a Jesus.<sup>46</sup> Ele escreve que viu

um semelhante a filho de homem, vestido de uma roupa talar, e cingido à altura do peito com um cinto de ouro; e a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve; e os seus olhos como chama de fogo; e os seus pés, semelhantes ao bronze polido que fora refinado numa fornalha; e a sua voz como a voz de muitas águas...e seu rosto brilhava como o sol na sua força. (Ap. 1:13-16)

O Filho do Homem descrito em Ezequiel e em Daniel é identificado por João como sendo Jesus. O mesmo Jesus que representa a pedra que atinge a estátua do sonho de Nabucodonosor, que é também Miguel, aquele que um dia se levantará para ressuscitar os mortos e dar ao seu povo a vida eterna.

---

<sup>46</sup> M. Casey, *Son of Man*. (London: SPCK, 1979), 144-145.



## A Figura do Príncipe

Como já visto, Miguel é identificado como “um dos primeiros príncipes”, “o vosso [único] príncipe”, e “o grande príncipe” (Dn. 10:13, 21; 12:1). A palavra hebraica para príncipe é  $\text{רִשָׁא}$ <sup>47</sup>, e pode significar também alguém que é representante do rei, soberano, líder ou comandante.<sup>48</sup>

Ainda no livro de Daniel, ela é utilizada em outras situações. No capítulo 8, Daniel descreve uma de suas visões, e nesta é visto um bode com quatro chifres, sendo que de um desses chifres surge outro chifre, só que pequeno. É dito que este chifre pequeno “cresceu até atingir o exército dos céus” (v. 10), e que “engrandeceu-se até ao príncipe do exército [dos céus]” (v. 11). A partir do v. 21, estes chifres são identificados como reis, sendo que o rei representado pelo chifre pequeno se levantaria contra o “Príncipe dos príncipes”, ou seja, contra o próprio Deus.

Em Dn. 9, o anjo Gabriel, falando sobre as setenta semanas, diz que “desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe” (v. 25) deveriam ser contadas sessenta e nove semanas. A palavra para Ungido é  $\text{מָשִׁיחַ}$  (māšiyah)<sup>49</sup>, palavra que é utilizada para o Messias, aquele que seria o libertador de Israel, cuja tradução no grego é  $\text{Χριστός}$ <sup>50</sup>, título que na Bíblia é dado a Jesus.

Sendo que o mesmo anjo que chama o “Ungido” de Príncipe é também aquele que chama Miguel de “o Grande Príncipe”, é incoerente dentro do contexto das Escrituras, afirmar que este é maior do que aquele, porém é lógica a afirmação de que ambos sejam a mesma pessoa.<sup>51</sup>

---

<sup>47</sup> W. Baker. *The complete word study dictionary: Old Testament* (Chattanooga, TN: AMG Publishers, 2003), 1196.

<sup>48</sup> Nelson Kirst, Nelson Kilpp, Milton Schwantes, Acir Raymann, Rudi Zimmer, *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*, 239.

<sup>49</sup> Benjamin Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* (Peabody, MA: Hendrikson, 2007), 520.

<sup>50</sup> A. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Louisville, Ky: Logos, 2006), 1289.

<sup>51</sup> W. M. Nelson, J. R. Mayo, *Nuevo Diccionario Ilustrado de la Biblia* (Nashville: Editorial Caribe, 2000), 704.



### **Conclusão Parcial**

Tendo em vista a estrutura em forma de paralelo que o livro de Daniel possui, é possível afirmar que (1) a pedra que atinge a estátua do sonho de Nabucodonosor corresponde ao Filho do Homem, o qual, por sua vez, também é Miguel; (2) o Filho do Homem é identificado como um ser divino, identificado no Novo Testamento como sendo Jesus; e que (3) o título dado ao Ungido (Cristo ou Messias) é também dado a Miguel, então se pode concluir que ele não pode ser um simples anjo, mas o próprio Jesus.

### **A Figura de Miguel nos Livros de Judas e Apocalipse**

Visto que a conclusão do capítulo anterior é que Miguel não pode ser um anjo comum por ter características divinas, e que através das evidências citadas tudo leva a crer que ele seja o próprio Jesus, este capítulo terá a função de analisar as citações dos livros de Judas e Apocalipse, a fim de confirmar ou não a conclusão anterior.

#### **Miguel no Livro de Judas**

O texto que menciona Miguel, aqui chamado de arcanjo, se encontra no v. 9, e diz assim: “Mas quando o arcanjo Miguel, contendia com o Diabo, disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou [no sentido de condenar a Satanás<sup>52</sup>] pronunciar contra ele juízo de infamatório, mas disse: O Senhor te repreenda.”

Este verso está inserido num contexto de repreensão contra os homens que, causando confusão espiritual e depravação moral, arrastavam pessoas aos ensinamentos e práticas dos falsos profetas.

Judas apóia suas idéias com figuras e representações do Antigo Testamento. Começa descrevendo a incredulidade dos egípcios e a sua destruição (v. 5), se refere aos anjos que não guardaram seu estado original e que estão esperando a condenação no Juízo do Grande Dia (v. 6), e utiliza as cidades de Sodoma e Gomorra como exemplos de punição por terem se entregado à prostituição (v. 7). De forma semelhante, os homens contra quem ele escreve

---

<sup>52</sup> R. J. Bauckham, *Vol. 50: Word Biblical Commentary: 2 Peter, Jude*, 47.



são chamados de ímpios que transformaram em libertinagem a graça do Soberano Deus e do Senhor Jesus Cristo (v.4) e que rejeitam governo e autoridades superiores (v. 8).

Em contraste com estas figuras se encontra o arcanjo Miguel, que na disputa pelo corpo de Moisés, ao invés de condená-lo preferiu deixar que Deus o fizesse.<sup>53</sup> Num comportamento contrário ao do arcanjo, aqueles homens “a tudo quanto não entendem, difamam” (v. 10). Com respeito a estes Judas diz: “Ai deles! porque foram pelo caminho de Caim, e por amor do lucro se atiraram ao erro de Balaão, e pereceram na rebelião de Coré.” (v. 11).

Não há dúvida de que Miguel poderia condenar o diabo. O ponto é que, Miguel, que foi o advogado e não o juiz, não rejeitou a acusação do diabo como calúnia maliciosa, ao contrário, ele apelou para o julgamento do Senhor.<sup>54</sup>

Apesar de ser uma citação livre e secundária no decurso da interpretação<sup>55</sup>, o v. 9 de Judas pode nos esclarecer um pouco mais sobre a figura de Miguel. Para tanto, será feita uma análise léxico-sintática da palavra arcanjo e um paralelo de idéias da expressão “o Senhor te repreenda”.

### Ἀρχαγγελος

A palavra grega αρχαγγελος aparece apenas duas vezes no texto bíblico, em Jd. 9 e em 1 Ts 4:16<sup>56</sup>. Esta palavra é composta de duas partes αρχ e αγγελος, sendo que, ao contrário de sua raiz principal (αγγελος), existem pelo menos três possibilidades para o prefixo: ἀρχή, ἄρχων e ἀρχι<sup>57</sup>.

A palavra αγγελος certamente deriva do verbo αγγελω, que é utilizado no sentido de referir, anunciar, contar<sup>58</sup>. O substantivo se refere a um mensageiro, embaixador, anunciador, alguém que é enviado por Deus a alguém<sup>59</sup>.

<sup>53</sup> M.P. Horgan, *Pesharim: Qumran Interpretations of Biblical Books, Catholic Bible Quarterly - Monograph Series 8* (Washington, D.C.: Catholic Biblical Association of America, 1979), 79.

<sup>54</sup> R. J. Bauckham, *Vol. 50: Word Biblical Commentary: 2 Peter, Jude*, 60.

<sup>55</sup> *Idem*, 44.

<sup>56</sup> James Richard Denham, *Vol. 1: Concordância Fiel do Novo Testamento* (São José dos Campos, SP: Fiel, 1994), 91.

<sup>57</sup> *Questões Sobre Doutrina*, 90.

<sup>58</sup> Carlo Rusconi, *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, 17.

<sup>59</sup> *Ibid.*



A palavra ἀρχή aparece 55 vezes no texto bíblico, sendo traduzida por princípio, início, inicialmente (Mt. 19:4, 8; 24:8, 21; Jo. 1:1, 2; Hb. 1:10; 2:3; Ap. 21:6; 22:13), príncipe, governadores, jurisdição (Lc 12:11; 20:20; Tt 3:1), sendo utilizada tanto para anjos quanto para demônios, assim como para Jesus (Jo1:1,2; Cl 1:18; Hb. 1:10; 1 Jo 1:13, 14, Ap. 21: 6; 22:13)<sup>60</sup>.

A palavra ἄρχων aparece 37 vezes no Novo Testamento<sup>61</sup>, sendo geralmente traduzido por chefe, maioral, governador, magistrado, autoridade, príncipe ou soberano (Mt. 9:18, 23, 34; Jo. 3:1; 7:26, 48; Rm. 13:3; Ap. 1:5). Este termo aparece relacionado a Cristo apenas uma vez no Novo Testamento (Ap. 1:5), sendo também utilizado na Septuaginta para descrever a Cristo como príncipe (Is. 55:4) e como condutor de Israel (Mq. 5:2)<sup>62</sup>.

Por fim, a palavra ἀρχι é, na verdade, um prefixo inseparável que diante de uma vogal assume a forma ἀρχ. De uma forma ou de outra, este prefixo se refere ao verbo ἀρχω e pode ser traduzido por começar, chefear, governar, senhorear, estar à frente ou dominar<sup>63</sup>. Esta palavra aparece apenas duas vezes no Novo Testamento, em Mc. 10:42 quando Jesus está se referindo aos governadores deste mundo e em Rm. 15:12, onde é dito a respeito de Jesus que ele é a “raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gentios”<sup>64</sup>.

Tendo em vista a breve análise feita, pode-se afirmar que um arcanjo é um anjo governante, o “cabeça” dos anjos<sup>65</sup>, aquele que comanda outros anjos ou um anjo principal, um anjo chefe.<sup>66</sup>

Jesus é apresentado com essas características. É dito que ele é “superior aos anjos” e que possui “mais excelente nome do que eles” (Hb. 1:4), acima do nome de qualquer anjo no Céu (Ef. 1:20-21). Os anjos lhe estão sujeitos (1 Pe 3:22), encurvam-se diante dele (Fp 2:10) e o adoram (Hb 1:6). Mesmo sendo identificado como um anjo, Cristo não perde a

---

<sup>60</sup> James Richard Denham, *Vol. 1: Concordância Fiel do Novo Testamento*, 91.

<sup>61</sup> Idem, 94.

<sup>62</sup> *Questões Sobre Doutrina*, 90.

<sup>63</sup> Carlo Rusconi, *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, 80.

<sup>64</sup> James Richard Denham, *Vol. 1: Concordância Fiel do Novo Testamento*, 93.

<sup>65</sup> J. S. Lang, *1,001 things you always wanted to know about angels, demons, and the afterlife*.

<sup>66</sup> J. P. Louw, E. A. Nida, *Vol. 1: Greek-English lexicon of the New Testament : Based on semantic domains, electronic ed. of the 2nd edition* (New York: United Bible societies, 1996), 144.



sua divindade, pois mesmo tendo assumido uma natureza muito pior que a dos anjos quando esteve aqui na Terra ele continuou sendo Deus (Jo. 1:1, 14; 1 Tm. 4:10)<sup>67</sup>.

### “Que o Senhor te Repreenda”

Estas palavras freqüentemente têm um sentido mais forte do que “repreensão”. A palavra ἐπιτιμῶν, como a tradução do נָגַל, carrega a conotação de um conflito com os hostis poderes divinos, cujo resultado é a emissão de uma poderosa palavra, fazendo com que as forças demoníacas sejam colocadas sob controle<sup>68</sup>. Nos livros apócrifos, estas palavras são utilizadas num contexto de subjugação escatológica de Deus para com seus inimigos (2 Apoc. Barra. 21:23, Asc. Isa. 4:18). Nos evangelhos, a palavra ἐπιτιμῶν é utilizada por Jesus em exorcismos, curas e admoestações (Mt. 8: 26; 17:18; Mc. 1:25; 3:12; 9:25; Lc. 9:21, 42, 55)<sup>69</sup>.

No livro do profeta Zacarias, existe uma construção frasal semelhante aquela encontrada em Judas. Descrevendo sua quarta visão, Zacarias menciona que Deus lhe mostrara “o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor. Mas o Anjo do Senhor<sup>70</sup> disse a Satanás: Que o Senhor te repreenda, ó Satanás” (Zc. 3:1-2).

A figura do Anjo do Senhor é bem conhecida em toda a Bíblia. Certamente este ser chamado de Anjo possui uma grande autoridade, pois da mesma forma que Miguel ele apela para o julgamento divino, a fim de que Satanás seja punido.

É interessante notar o fato de que o Anjo do Senhor em muitas passagens é identificado com o próprio Senhor. Em Gn. 16, conta-se o episódio quando Agar foi humilhada por Sarai, esposa de Abrão. O v.7 diz que tendo fugido da presença de Sarai, o Anjo do Senhor a encontrou e lhe prometeu que o filho ao qual daria à luz seria o pai de uma longa descendência. Grata pela promessa feita, Agar invocou o nome do Senhor

<sup>67</sup> *Questões Sobre Doutrina*, 87, 88, 90.

<sup>68</sup> H. C. Kee, *The Terminology of Mark's Exorcism Stories*. (New Testament Studies, 1968), 238.

<sup>69</sup> James Richard Denham, *Vol. 1: Concordância Fiel do Novo Testamento*, 300.

<sup>70</sup> *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, (Zc 3:2). (Stuttgart: German Bible Society, Westminster Seminary, 1996), 1925. Diz SENHOR (YHWH) ao invés de anjo do SENHOR.



dizendo: “Tu és Deus que vê” (v.13). Porém, este mesmo Anjo do Senhor se refere a outro Senhor (YHWY) (v. 11).

Quando Abraão estava prestes a sacrificar seu filho, eis que “do céu bradou o Anjo do Senhor: Abraão, Abraão!” (Gn. 22:11). Um pouco mais a frente no relato, o mesmo Anjo do Senhor se autodenomina SENHOR jurando por si mesmo que abençoaria a Abraão e multiplicaria a sua descendência (v. 17-17).

Em Jz. 6:11-24, o Anjo do Senhor aparece a Gideão debaixo do carvalho de Ofra e lhe abençoa dizendo: “O SENHOR é contigo homem valente”. Depois da lamentosa resposta de Gideão, o texto diz que “o SENHOR se virou para ele e disse: Vai nesta tua força e livra Israel da mão dos midianitas”.

Atos 7:30-33 relembra a memorável cena de quando Moisés se deparou com uma sarça que, mesmo pegando fogo, não se consumia. No v. 30, o autor diz que um anjo estava entre as chamas, enquanto no v. 32 o SENHOR disse a Moisés: “Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”. Em Ex. 3:1-6, é descrita a mesma cena, sendo que o anjo é chamado de Anjo do SENHOR. Novamente, é possível notar o Anjo do Senhor assumindo prerrogativas divinas.

Em todos estes exemplos, o Anjo do Senhor é identificado agindo como o próprio Deus, fazendo com que seja possível que Miguel e o Anjo do SENHOR sejam a mesma pessoa, ou mais seguramente que os dois tenham a mesma natureza divina, assim como Jesus é Deus.

### **Miguel no Livro de Apocalipse**

O capítulo 12 do referido livro descreve a perseguição do dragão, identificado no v. 9 como sendo Satanás, à mulher descrita como “vestida de sol e tendo a lua debaixo dos pés”. Esta narrativa vai desde o v. 1-6 e do v. 13-17, sendo que numa abrupta interrupção se encontra a descrição de uma batalha celestial onde Miguel batalha contra o dragão<sup>71</sup>. Este “parênteses” na narrativa tem por objetivo explicar o porquê de o dragão ter sido atirado para a terra.

---

<sup>71</sup> D. E. Aune, *Vol. 52B: Word Biblical Commentary: Revelation 6-16*. (Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 2002), 691.



O início deste comentário explicativo descrito por João se inicia no v. 7 e diz que “houve peleja no céu”. Antes de se prosseguir na análise do texto, deve-se verificar se este “céu” é um lugar físico, lugar da habitação de Deus, ou se este termo é utilizado como que num plano espiritual.

Analisando a expressão “céu” nos escritos joaninos, pode-se chegar à conclusão de que este céu (οὐρανός)<sup>72</sup> não representa simplesmente um lugar físico, geográfico. João, em seu evangelho (3:13), retrata a Cristo dizendo que “ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem”. Este versículo, ao contrário do que possa parecer em uma primeira leitura, não fala sobre a ascensão de Jesus ao céu, pois isso ainda não havia ocorrido.

Na conversa com Nicodemos, Jesus não se referia a sua futura subida ao céu, mas a sua missão de revelar Deus ao mundo através de si, missão esta que foi cumprida em seu ministério terrestre.

Cristo pode falar das “coisas celestiais” (Jo 3:12) porque sabia como estas coisas eram e as tinha visto (v. 11). Ele é o único que “subiu ao céu”, isto é, que penetrou o conhecimento destas coisas, e que “desceu do céu”, isto é, que entrou em comunhão conosco pela encarnação, para nos trazer o conhecimento destas coisas.<sup>73</sup>

Neste céu, âmbito espiritual, “Miguel e seus anjos pelejaram contra o dragão”. O dragão é identificado no v. 9 como “a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o acusador de todo o mundo”. Como resultado desta batalha o dragão foi atirado para a terra, juntamente com os seus anjos.

Ao ser expulso o dragão, ouviu-se no céu uma voz que anunciou quatro fatos decorrentes desta vitória: “veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo” (v. 9a). Deve-se frisar, com fins didáticos, que estes quatro fatos só foram possíveis porque “foi expulso o acusador de nossos irmãos” (v. 9b), sendo que o acusador foi expulso por Miguel (v. 1). Conceitos tão vitais na teologia bíblico-cristã como salvação e a própria autoridade de Cristo só foram possíveis graças à vitória de Miguel.

---

<sup>72</sup> G. Kittel, G. W. Bromiley & G. Friedrich, *Vols. 5-9: Theological dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1976), 5:514.

<sup>73</sup> José Carlos Ramos, *Programa de Curso para Daniel e Apocalipse* (Engenheiro Coelho, SP: Faculdade Adventista de Teologia, 2003), 167.



O v. 11 diz que aqueles que eram acusados pelo diabo “o venceram por causa do sangue de Cristo”. O mesmo Miguel que vence Satanás e o expulsa do céu é também o Cordeiro, que através da sua própria vitória também concede vitória a todos aqueles que estavam sendo acusados pelo Diabo.<sup>74</sup>

A batalha vencida por Miguel, cujo resultado foi a expulsão do dragão, foi travada na cruz do calvário. O próprio Jesus se referiu a este evento quando falou sobre a sua morte: “chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso” (Jo. 12:31).

### **Conclusão Parcial**

Através da análise do contexto em que a passagem de Jd. 9 está inserida é possível determinar que a referência feita a Miguel serve para ilustrar uma atitude contrária a dos falsos mestres inseridos em meio àqueles que originalmente receberam a carta. Pode-se concluir também que o título dado a Miguel, arcanjo, é provavelmente um dos títulos dados a Cristo, assim como Anjo do Senhor, identificado como tendo predicativas divinas em várias passagens tanto do Antigo quanto do Novo Testamento (Gn. 16; 22; Jz. 6:11-24; Ex. 3:1-6; Atos 7:30-33).

Semelhante afirmação também pode ser aplicada a Ap. 12:7-12. Através de uma atenta leitura destes versos, tendo em mente conceitos próprios da literatura joanina, chega-se à conclusão de que Miguel não é outro senão Cristo, que, com sua morte na cruz, venceu o dragão e o lançou por terra.

### **Conclusão**

Vimos que, mesmo antes da nossa era, a discussão sobre quem seria o arcanjo Miguel já existia. Na literatura judaica é possível identificar duas interpretações: Miguel é um dos quatro ou sete arcanjos que ministram sobre a terra, ou ele é Metraton, um ser com prerrogativas divinas que por vezes é confundido com o Messias. Este debate sobre a figura de Miguel se arrastou através da reforma até chegar a nós, sendo que hoje a maioria dos intérpretes bíblicos nega que Miguel e Cristo sejam a mesma pessoa, restando apenas os

---

<sup>74</sup> F. D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Volume 7, 809.



Adventistas do Sétimo Dia no grupo dos que associam Miguel à pessoa de Jesus, crendo que este possui uma natureza divina, assim como Calvino, M. Henry e Hermas pensavam.

Estabelecida a necessidade de um estudo nesta área, analisamos o arcanjo Miguel ao longo da Bíblia e chegamos a cinco conclusões sobre a identidade de Miguel: (1) através do paralelismo do livro de Daniel vê-se que Miguel e o Filho do Homem são a mesma pessoa, sendo que este último é identificado em Ezequiel tendo ações divinas e no Apocalipse como sendo o próprio Jesus; (2) da mesma forma que Gabriel chama Miguel de “príncipe”, ele o faz com o Ungido (Hb: māšiyah), tornando-os um mesmo ser; (3) por agirem da mesma forma, Miguel e o Anjo do Senhor possivelmente sejam a mesma pessoa, sendo que o Anjo do Senhor possui características divinas; (4) o título “arcanjo” dado a Miguel possivelmente é mais uma função de Cristo, já que ele é apresentado como tendo um nome melhor do que todos os anjos, e que todos eles o adoram; (5) a vitória de Miguel sobre Satanás e seus anjos foi, na verdade, a vitória de Jesus na cruz.

Frente a todas as evidências apresentadas ao longo do trabalho e às conclusões chegadas, fica claro que Miguel não pode ser outro senão Jesus, sendo que na figura dele, Cristo assume três aparentes funções: (1) intercessor, pois ele mesmo desce para defender seu povo, sejam estes homens ou anjos (Dn. 10:13, 21; Jd. 9); (2) resgatador, sendo que num contexto escatológico é Miguel que se levanta para acabar com toda angústia e para conferir vida eterna a todos que estiverem escritos no livro; (3) salvador, pois, afinal, os “irmãos” só puderam vencer o Acusador através do sangue do Cordeiro que foi a vitória de Miguel sobre o Dragão na cruz do Calvário. Miguel é Jesus, aquele que nos protege, que nos deu a vitória e que um dia se levantará para nos conceder vida eterna ao seu lado.

### **Referência Bibliográfica**

Archer, Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2008), 383.

Aune, D. E. *Vol. 52B: Word Biblical Commentary: Revelation 6-16*. (Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 2002), 691.

Baker, W. *The complete word study dictionary: Old Testament* (Chattanooga, TN: AMG Publishers, 2003), 1196.

Baldwin, Joyce G. *Daniel, Introdução e Comentário. Serie Cultura Biblia*. (São Paulo: Vida Nova, 2008)



Bauckham, R. J. Vol. 50: *Word Biblical Commentary: 2 Peter, Jude. Word Biblical Commentary.* (Dallas: Word, Incorporated, 2002), 59.

*Bíblia de estudo Almeida*, versão revista e atualizada, 2ª ed. (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999).

*Biblia Hebraica Stuttgartensia* (Stuttgart: German Bible Society, Westminster Seminary, 1996), 1925.

Bromiley, G. W. *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised* (Wm. B. Eerdmans, 2002), 3:347-348.

Cairns, Earlie E. *O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 20s08), 65.

Calvin, J. *Calvin's Commentaries: electronic ed.* (Dt. 34:6) (Garland, TX: Galaxie Software, 2000).

Casey, M. *Son of Man* (London: SPCK, 1979), 144-145

Charlesworth, J. H. Vol. 2: *The Old Testament Pseudepigrapha* (Garden City, NY/London: Doubleday/DLT), 1983-1985.

*Concordancia de las Sagradas Escrituras : Revision de 1960 de la version Reina-Valera.* 2000, c1964 (electronic ed.). Nashville: Editorial Caribe.

Davidson, Benjamin *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* (Peabody, MA: Hendrikson, 2007), 520.

Denham, James Richard, Vol. 1: *Concordância Fiel do Novo Testamento* (São José dos Campos, SP: Fiel, 1994), 91.

Doukhan, Jacques B. *Secretos de Daniel: Sabiduría Y Sueños de um Príncipe Hebreo en el Exilio* (Buenos Aires: Casa Sudamericana, 2007).

Fohrer, Georg. *História da Religião de Israel*, (São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2008), 485.

Goldingay, J. E. Vol. 30: *Word Biblical Commentary: Daniel.* (Word Biblical Commentary. Dallas: Word, Incorporated, 2002), 162.

Henry, M. *Matthew Henry's commentary on the whole Bible: Complete and unabridged in one volume* (Dt. 34:5) (Peabody: Hendrickson, 1996).

Horgan, M. P. *Pesharim: Qumran Interpretations of Biblical Books, Catholic Bible Quarterly - Monograph Series 8* (Washington, D.C.: Catholic Biblical Association of America, 1979), 79.

Kee, H. C., *The Terminology of Mark's Exorcism Stories.* (New Testament Studies, 1968), 238.

Kirst, Nelson. Kilpp, Nelson. Schwantes, Milton. Raymann, Acir. Zimmer, Rudi. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*, (São Paulo: Sinodal, Vozes, 2008).

Kittel, G. & Bromiley, G. W. & Friedrich, G. Vols. 5-9: *Theological dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1976), 5:514.



Kittel, G. and Friedrich, G. (eds.), *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* (Stuttgart: Kohlhammer, 1933- 1978 = *Theological Dictionary of the New Testament*, tr. G. W. Bromiley [Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976]).

Lang, J. S. *1,001 things you always wanted to know about angels, demons, and the afterlife* (Nashville: Thomas Nelson, 2000).

Louw, J. P. & Nida, E. A. *Vol. 1: Greek-English lexicon of the New Testament : Based on semantic domains, electronic ed. of the 2nd edition* (New York: United Bible societies, 1996), 144.

Maxwell, C. Mervyn. *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel*. (Tatuí, Sp: Casa, 2009).

Nelson, W. M. & Mayo, J. R., *Nuevo Diccionario Ilustrado de la Biblia* (Nashville: Editorial Caribe, 2000), 704.

Nichol, F. D. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Volume 4*. (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2002), 753.

Nichol, F. D. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Volume 7*. (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2002), 809.

Peter-Contesse, R., & Ellington, J. *A handbook on the Book of Daniel*. UBS handbook series. (New York: United Bible Societies, 1993).

*Questões Sobre Doutrina* (Tatuí, SP: Casa, 2008), 90.

Ramos, José Carlos. *Programa de Curso para Daniel e Apocalipse* (Engenheiro Coelho, SP: Faculdade Adventista de Teologia, 2003), 167.

Roberts, A. & Donaldson, J. & Coxe, A. C., *The Ante-Nicene Fathers Vol. II : Translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325*. Fathers of the second century: Hermas, Tatian, Athenagoras, Theophilus, and Clement of Alexandria (Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997), 40.

Robertson, A. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Louisville, Ky: Logos, 2006), 1289.

Rost, Stephen (Abreviada e editada), *Heritage of great evangelical teaching: Featuring the best of Martin Luther, John Wesley, Dwight L. Moody, C.H. Spurgeon and others*. (Nashville: Thomas Nelson, 1997).

Rusconi, Carlo, *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, (São Paulo: Paulus, 2005), 17.

Scholem, Gershom, "Metatron", *Enciclopédia Judaica* (Rio de Janeiro: Sefer, 1990), 9: 341.

Shultz, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2009), 426-432.

Smith, S., & Cornwall, J. *The exhaustive dictionary of Bible names* (174). (North Brunswick, NJ: Bridge-Logos, 1998).

Stern, D. H. *Jewish New Testament commentary : A companion volume to the Jewish New Testament* (Clarksville, Md.: Jewish New Testament Publications, 1992).



The Watchtower Reprints, November 11, 1879, 48.

Timm, Alberto R. *Sinais dos Tempos*, (Tatuí, Sp: Casa, agosto de 1998), 29.

Toorn, K., Becking B., Horst, P. W. *Dictionary of deities and demons in the Bible DDD* (2nd extensively rev. ed.), (Leiden; Boston; Grand Rapids, Mich.: Brill; Eerdmans, 1999), 82.

## ARTIGOS

### ESTUDO DA APATIA ESPIRITUAL DOS ADOLESCENTES ADVENTISTAS NO BRASIL

**Bruno Perreira, Emerson T. de Oliveira, Paulo L. Aguiar e Mábio Coelho**

Discentes da Faculdade Adventista de Teologia

do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)

Apresentada em forma de monografia em novembro de 2009

Orientador: Adriani Milli Rodrigues, Ms.

**Resumo:** Pelo estudo da população dos adolescentes adventistas do Brasil, na faixa etária de 11 a 18 anos, a proposta desta pesquisa é investigar quais são as causas primárias da apatia espiritual desses adolescentes? Esta pesquisa ajudará a estabelecer hipóteses – que deverão ser testadas *a posteriori* – para responder quais são as causas da apatia espiritual dos adolescentes adventistas.

**Palavras-chave:** Adolescentes, Adventistas, Apostasia.

### STUDY OF THE SPIRITUAL APATHY AMONG ADVENTIST TEENAGERS IN BRAZIL

**Abstract:** By the study the Adventist teenager population in Brazil, between ages of 11 to 18 years old, the goal of this research is to investigate what are the primary causes of the spiritual apathy among these teenagers? This research will help to establish hypotheses – which should be tested *a posteriori* – in an essay to answer what are the causes of such apathy spiritual among Adventists teenagers.

**Keywords:** Teenagers, Adventists, Apostasy.



A despeito das muitas atividades dedicadas aos adolescentes, da faixa etária de 11 a 18 anos, na Igreja Adventista do Sétimo Dia, ainda é notória a apatia espiritual desta população. Neste trabalho, o termo “Apatia Espiritual” representa o interesse superficial nas coisas espirituais que parece ser característico de uma parcela dos elementos desta faixa etária.

### **Definição do Problema**

Ao estudar a população dos adolescentes (que compreende a faixa etária de 11 a 18 anos) adventistas no Brasil, a proposta desta pesquisa é levantar quais são as causas primárias da Apatia Espiritual dos Adolescentes Adventistas no Brasil?

### **Objetivos**

O objetivo geral deste trabalho é compreender quais são as causas primárias da Apatia Espiritual dos Adolescentes Adventistas no Brasil. Os objetivos específicos deste trabalho são: (1) Observar se o nascimento na igreja é um fator diferenciante ou atenuante quanto ao grau de Apatia Espiritual do Adolescente Adventista; (2) Observar se a cultura cibernética hodierna é uma causa primária da apatia espiritual na população estudada, ou apenas a manifestação de outra causa mais profunda; (3) Observar se as causas e fatores identificados podem ser aplicados em nível nacional para todas as comunidades adventistas.

### **Justificativa**

Esta pesquisa ajudará a estabelecer hipóteses – que deverão ser testadas *a posteriori* – para responder quais são as causas da apatia espiritual dos adolescentes adventistas. Sendo de relevância para Igreja e para a Família Adventista, pois quase inexistem trabalhos publicados (até esta data) que tratem do tema, investigando suas causas e não os sintomas. Tal conhecimento – como o que será proporcionado neste trabalho – ajudará a Igreja e a Família a pensar em soluções mais efetivas para a problemática da espiritualidade na adolescência no âmbito da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os resultados desta pesquisa são também relevantes para o SALT e para futuros pesquisadores, pois pode dirimir (ou



confirmar) certos mitos sobre o assunto pesquisado e a iniciar discussões que busquem soluções para o problema em questão.

### **Limitação**

Em relação a apatia espiritual dos respondentes, esta pesquisa limita-se a formar um “auto-retrato” evitando metodologias para medir a espiritualidade – tais como o *faith maturity scale*<sup>1</sup> e que foi amplamente divulgado no meio adventista no trabalho que ficou conhecido como *Valuegenesis*<sup>2</sup> – pois, segundo alguns críticos, estas metodologias tendem a ser altamente influenciadas por características sócio-culturais<sup>3</sup> e muito cuidado tem de ser tomado para evitar o excesso de generalizações que tais métodos incorrem.<sup>4</sup>

Nesta pesquisa o termo “apatia espiritual” não é equivalente ao interesse deste grupo com as coisas da Igreja (mesmo porque pode haver um aparente interesse na sociabilização que a Igreja proporciona), e sim o seu comprometimento com Deus<sup>5</sup>.

A pesquisa bibliográfica limitou-se a fontes que abordassem especificamente os diversos ângulos da espiritualidade do adolescente adventista, no entanto – em casos limitados – foram utilizadas fontes bibliográficas que, devido ao tempo em que foram escritas, precisaram ser contemporizadas para os nossos dias, procurando-se captar a essência/princípio do referido texto.

### **Metodologia**

A metodologia utilizada será o da pesquisa exploratória entrevistando-se alguns poucos indivíduos das seguintes igrejas: (1) Central de Artur Nogueira; (2) Centro

---

<sup>1</sup> Center for Spiritual Development in Childhood & Adolescence. “Religious Measures: Faith Maturity Scale.” *Center for Spiritual Development*. Disponível em <http://www.spiritualdevelopmentcenter.org/Display.asp?Page=measure1#maturity>; Internet (Consultada em 15 de setembro de 2009).

<sup>2</sup> Roger L. Dudley, *Valuegenesis : faith in the balance* (Riverside, CA: La Sierra University Press, 1992).

<sup>3</sup> Eugene C. Roehlkepartain, “What Makes Faith Mature,” *Christian Century*, May 9, 1990, 496-499.

<sup>4</sup> Daniel E. Hall, Keith G. Meador, and Harold G. Koenig, “Measuring Religiousness in Health Research: Review and Critique,” *Journal of Religion and Health* 47, no. 2 (June 2008): 134-163.

<sup>5</sup> General Conference of the Seventh-day Adventists' Executive Committee Annual Council on Autumn 1996, “Total Commitment to God”. disponível em

[http://www.adventist.org/beliefs/other\\_documents/other\\_doc7.html](http://www.adventist.org/beliefs/other_documents/other_doc7.html); Internet (Consultada em 16 de abril de 2009). Este documento contém uma visão adventista de consenso sobre comprometimento com Deus.



Universitário Adventista Campus AN/EC; (3) Central de Louveira. Através das entrevistas e pesquisas bibliográficas, o método exploratório de pesquisa possibilitará a consolidação do conhecimento para o estabelecimento das hipóteses que serão verificadas em pesquisa subsequente. Os resultados serão analisados de modo qualitativo.

Serão entrevistados 12 sujeitos em cada igreja, divididos nas seguintes classes: 6 filhos de casais adventistas estáveis (3 nascidos na Igreja e 3 que vieram para a Igreja recentemente) e 6 sujeitos filhos de pais separados (3 nascidos na Igreja e 3 que vieram para a Igreja recentemente). Também dividir-se-á igualmente os sujeitos entre os gêneros masculinos e femininos. Também entrevistar-se-á um pai/mãe, escolhido aleatoriamente, de cada grupo.

Depois de concluída a primeira fase exploratória, utilizar-se-á do método descritivo – através de questionários e do site relacionamentos ORKUT – para verificar os resultados trabalhados com um público maior na Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil, analisando os resultados de modo quantitativo.

Os questionários para a fase descritiva da pesquisa serão aplicados por conveniência (abordagem não-probabilística) com os alunos dos três campi do UNASP. Além de alunos do UNASP, utilizar-se-á da Internet e outros meios para aplicar questionários adicionais de modo a garantir que um mínimo de 25% da amostra seja de residentes fora do estado de São Paulo, visto que é um dos objetivos desta pesquisa se testar a transculturalidade das causas da apatia espiritual contrastando-se os resultados revelados pela amostra dos residentes e não residentes em São Paulo.

### **Fundamentação Teórica – Uma Visão Geral**

Apesar de praticamente inexistirem obras publicadas sobre as razões da apatia espiritual do adolescente Adventista do Sétimo Dia, tomou-se por base uma amostra da literatura disponível no meio evangélico para agregar ao que foi produzido sobre o assunto da espiritualidade adolescente no meio adventista nos últimos 30 anos. Quando possível, foram utilizadas fontes bibliográficas referentes a população específica dos adolescentes Adventistas do Sétimo Dia (ASD), apenas utilizando-se materiais abordando adolescentes



de outros grupos religiosos quando inexistissem referências bibliográficas aplicáveis a um determinado tópico da espiritualidade juvenil no meio Adventista ou quando este material sobre outros grupos agregasse e/ou expandisse os pontos abordados na literatura sobre a espiritualidade do adolescente ASD.

### **O que é “Apatia Espiritual”**

Como declarado anteriormente, a ênfase deste trabalho está no estudo das causas da “Apatia Espiritual” adolescente na IASD. O foco do estudo não é a “Apatia Religiosa” - ou, em outras palavras, o esfriamento das relações institucionais com a Igreja – por vezes manifesta nos adolescentes da IASD, pois quase a totalidade da produção acadêmica disponível versa sobre este tema. O foco deste estudo é o descobrimento das causas da Apatia Espiritual – i.e., o esfriamento da relação íntima com Deus e alienação as coisas espirituais – que assola a adolescência dentro da IASD.

O pesquisador adventista Roger Dudley, dos Estados Unidos, dá um diagnóstico da apatia espiritual de uma grande parcela da juventude adventista nos Estados Unidos. Depois de entrevistar 1.523 jovens, concluiu que apenas 13% liam a Bíblia diariamente e só 12% faziam o culto familiar, no entanto iam regularmente a Igreja.<sup>1</sup> Por isso este trabalho adotará como medida da espiritualidade o grau de afastamento da norma de comprometimento do membro de igreja com Deus, conforme definida pelo Comitê Executivo da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia:

Total commitment involves, primarily, total acceptance of the principles of Christianity as outlined in the Bible and as supported by the Spirit of Prophecy. [...] Each Seventh-day Adventist, whether denominational employee or layperson, is promised the gift of the Holy Spirit which will enable spiritual growth in the grace of the Lord and which will empower the development and use of spiritual gifts in witness and service. The presence of the Holy Spirit in the life of the believer is demonstrated by maintaining, where possible, a Christian home where the standards and principles of Christ are both taught and exemplified, experiencing a life that rejoices in the assurance of salvation, is moved by the Holy Spirit to effective personal witness to others, and which experiences in Christ a gracious character that is consistent with God's will as revealed in His Word, using the spiritual gifts God has promised each one, dedicating time, spiritual gifts, and resources, prayerfully and systematically, in Gospel proclamation and, individually as well as part of a church family, becoming the Lord's

---

<sup>1</sup> Roger L. Dudley, *Why our teenagers leave the church : personal stories from a 10 years study* (Washington, D.C.: R&H Publishing Association, 2000), 42.



salt and light through sharing His love in family life and community service, always motivated by the sense of the soon return of the Lord and His command to preach His Gospel both at home and afar.<sup>1</sup>

A apatia espiritual não é binária (i.e., sim/não) pois, de acordo com Dudley, “é difícil, se não impossível, colocar um ponto na escala acima onde os estudantes começam a ficar alienados [espiritualmente]. Alienação e não-alienação não constituem uma dicotomia clara, mas um continuum gradual”.<sup>2</sup>

A espiritualidade adolescente, contrariando o senso comum e os mitos prevalentes, não é caracterizada por alienação às coisas espirituais (i.e., “apatia espiritual”) ou hostilidade contra a religião (“apatia religiosa”). É igualmente errado assumir que a apatia espiritual e mesmo a apatia religiosa seriam componentes naturais a psiquê adolescente ou uma fase necessária ao seu desenvolvimento.<sup>3</sup> David Ausbel, em sua obra sobre desenvolvimento adolescente afirma: “Just as adolescence brings no great upheaval in moral structure, it effects no revolution in religious belief or activity. Contrary to widespread opinion there is no rampant repudiation of religion during the adolescence.”<sup>4</sup>

Muitos pesquisadores indicam que o período da adolescência são os anos nos quais o adolescente tem crescente interesse em assuntos espirituais. Em uma obra sobre psicologia adolescente, Dorothy Rogers afirma:

Typically, the adolescent subscribes to traditional beliefs and, to a considerable degree, practices the ritualistic aspects of religion. His knowledge of his religious faith is probably low, although his concern and interest in religion is quite high.<sup>5</sup>

### **Possíveis Causas**

Em toda a bibliografia consultada sobre a espiritualidade adolescente constatou-se uma concentração de obras na fase pré-apostasia – onde o jovem já está esfriando suas

---

<sup>1</sup> General Conference of the Seventh-day Adventists' Executive Committee Annual Council on Autumn 1996, “Total Commitment to God”.

<sup>2</sup> Roger L. Dudley, *Why teenagers reject religion... And what to do about it.* (Washington, D.C.: R&H Publishing Association, 1978), 24.

<sup>3</sup> *Ibid.*, 14.

<sup>4</sup> David P. Ausubel, *Theory and Problems of Adolescent development* (New York, NY: Grune and Strantton, 1954), 268, citado em Dudley, *Why teenagers reject religion...*, 24.

<sup>5</sup> Dorothy Rogers, *The Psychology of the Adolescence*, 2nd ed. (New York, NY: Appleton-Century-Crofts, 1972), 215.



relações institucionais com a igreja e já, por vezes, manifesta antagonismo a religião – que neste trabalho identifica-se como apatia religiosa. A despeito disso observaram-se algumas causas prováveis desta apatia, que ainda necessitam de validação em capítulos posteriores.

### **Nascimento ou não em Família Adventista**

Neste ponto da pesquisa, não se pode afirmar com certeza se o nascimento em família adventista tem influência positiva ou é um atenuante a apatia espiritual do adolescente. No entanto é digno de nota o fato de que a Bíblia reafirma seguidamente em suas páginas as palavras de Salomão sobre a importante função da família. Ellen White ampliou estes conceitos nos parágrafos abaixo:

Em sua sabedoria, o Senhor determinou que a família seja a maior dentre todos os fatores educativos. [...] Ali, tendo os seus pais como instrutores, terá a criança de aprender as lições que devem guiar por toda a vida – lições de respeito, obediência, reverência, domínio próprio. As influências educativas do lar são uma força decidida para o bem e para o mal. [...] Se a criança não é instruída corretamente ali, Satanás a educará por meio de fatores de sua escolha. Quão importante pois é a escola do lar. Olhai para o círculo do lar como uma escola, onde estais preparando os filhos para o cumprimento de deveres no lar, na sociedade e na igreja.<sup>1</sup>

Além disso, “o Dr. Loren Moshen, do Instituto Nacional de Saúde Mental, analisou dados do censo americano e descobriu que a ausência de um pai é um fator mais forte que a pobreza que contribuem para a delinquência juvenil”<sup>2</sup>. Profissionais da área de aconselhamento familiar reconhecem a importância dos pais como modelos de comportamento, especialmente em assuntos espirituais.

Mantenha um comportamento cristão todo o tempo. As experiências cotidianas influem muito na experiência religiosa da criança. Os pais que dão instrução religiosa ao seu filho devem levar em conta este fator. Se queremos que nossos filhos adquiram valores espirituais, devemos dar-lhes um bom exemplo. a Imagem visual que a criança faz de Deus pode ser uma combinação dos quadros que contempla sobre Ele e das histórias que escuta.<sup>3</sup>

Em vista do que foi dito até aqui, percebem-se indicadores de que – mais do que

<sup>1</sup> Ellen G. White, *O Lar adventista*, 13ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 182.

<sup>2</sup> Josh McDowell, *The Father Connection: How You Can Make the Difference in Your Child's Self-Esteem and Sense of Purpose* (Nashville, TN: Broadman & Hoffman, 1996), 4.

<sup>3</sup> Nancy Van Pelt, *Filhos: Educando com sucesso* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), 133.



nascer em um lar adventista – pertencer a uma família cristã sincera e dedicada no cumprimento, por preceito e exemplo, da ordem bíblica de instruir os filhos nas coisas de Deus (Dt 6:6-7) é um fator determinante para a saúde espiritual.

A pedagoga e teóloga Alexandra guerra, em um de seus livros, faz uma declaração que captura a essência da problemática ao afirmar:

Uma das características do século XXI é a terceirização, ou seja, passar para terceiros a realização de determinadas tarefas. Para evitar trabalho e dores de cabeça, contrata-se um profissional especializado para cuidar de determinados setores. Chegamos ao ponto de terceirizar até a criação de nossos filhos!<sup>1</sup>

### **Mídia e Tecnologia**

Hodiernamente é substancial o tempo que a mídia, em especial a televisão e a internet, e os jogos eletrônicos tem tomado do cotidiano de crianças e jovens. À luz de Filipenses 4:8 e outros textos bíblicos, isto é muito preocupante. Especialistas em educação familiar tem sido unânimes em afirmar que “Toda a atividade que absorva uma grande porção do tempo da criança ou adolescente exercerá uma influência poderosa em seu caráter. Como a criança, em média, assiste a umas três horas de televisão por dia, isso a influência grandemente”.<sup>2</sup>

Apesar da fonte não citar a explicitamente a internet ou jogo eletrônicos – provavelmente pelo fato desta não ser tão onnipresente na data de publicação como hoje – tudo o que foi dito pode ser igualmente aplicado para mídias mais tecnológicas como videogames e a Internet. A qualidade do conteúdo e o tema de maior preocupação dos pais modernos, de acordo com a seguinte citação de Van Pelt:

O Tema da televisão impressiona a maioria dos pais no sentidos positivo e negativo; reconhecem que ela pode servir para entreter seus filhos, mas muitos se preocupam com o conteúdo dos programas que aparecem na tela. Um estudo sobre o assunto demonstrou que nos últimos anos, o número de programas relacionados a violência aumentou cerca de noventa por cento.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Alexandra Guerra, *Infância: O melhor tempo para semear* (Belo Horizonte: Betânia, 2006), 51.

<sup>2</sup> Van Pelt, *Filhos...*, 130.

<sup>3</sup> Ibid.



Esta preocupação e particularmente preocupante se analisado conjuntamente com a caracterização da realidade de hoje oferecida pela seguinte declaração:

A formação do caráter agora é eletrônica: A tela e os jogos cuidam disso. Muitas meninas se vestem e agem imitando todas a sensualidade das apresentadoras de TV; maquiagem e "cantadas" nos meninos já são comuns. Os garotos falam e se portam seguindo os modelos que têm de violência e desrespeito; chutam, batem e quebram. A educação moral e cristã já virou função da Igreja. Pais cristãos levam as crianças para as classes bíblicas, a fim de descansarem de mais essa responsabilidade. Muitos nem sabem se seus filhos já confessaram a Jesus como Senhor e Salvador.<sup>1</sup>

Apesar das fortes influências audiovisuais da internet, televisão e jogos, deve-se notar os princípios que atuam na mente, independente do meio, que são sumarizados nas seguintes palavras de Ellen White:

Satanás sabe que, em alto grau, o espírito é afetado por aquilo de que se alimenta. Está tentando dirigir tanto os jovens como os de idade madura à leitura de romances, contos e outra literatura. Os leitores de tal literatura tornam-se incapazes para os deveres que têm pela frente. Vivem uma vida irreal, não sentindo desejo de buscar as Escrituras para se alimentar do maná celeste. A mente que necessita se robustecer é enfraquecida, perdendo o poder de estudar as grandes verdades relacionadas com a missão e obra de Cristo - verdades que revigorariam a mente, despertariam a imaginação, ateando um forte e fervoroso desejo de vencer assim como Cristo venceu.<sup>2</sup>

Assim, meios menos tecnológicos, presentes em todas as culturas, podem afetar negativamente a espiritualidade. Sobre a música, Ellen White tem, dentre muitas, a seguinte declaração:

A música tem ocupado as horas que deviam ser devotadas à oração. A música é o ídolo adorado por muitos professos cristãos observadores do sábado. Satanás não faz objeções à música, uma vez que a possa tornar um caminho de acesso à mente dos jovens. Tudo quanto desviar a mente de Deus, e empregar o tempo que devia ser votado a Seu serviço, serve aos fins do inimigo. Ele opera através dos meios que mais forte influência exerçam para manter o maior número possível numa agradável absorção, enquanto se acham paralisados por seu poder. Quando empregada para fins bons, a música é uma bênção; mas é muitas vezes usada como um dos mais atrativos instrumentos de Satanás para enredar almas. Quando mal empregada, leva os não consagrados ao orgulho, à vaidade, à tolice. Quando se lhe permite tomar o lugar da devoção e da prece, é uma terrível maldição.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Guerra, *Infância...*, 63.

<sup>2</sup> Ellen White, *Mensagem aos jovens*, 13ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 271-272.

<sup>3</sup> *Ibid.*, 295.



## **Outras Possíveis Causas**

Numerosas outras causas podem ser apontadas, mas na literatura que versa sobre o adolescente adventista, sobressai-se a questão dos sermões de Sábado. Roger Dudley, em seu primeiro trabalho<sup>1</sup> no assunto, reconhece que o sermão de Sábado pode ser chato e massante, não se aproxima da vida vivida por nossos jovens e adolescentes. Mesmo adolescentes desinteressados em coisas espirituais expressarão apreciação por mensagens que realmente toquem seu coração. Em suas pesquisas mais recentes<sup>2</sup> este indicador continua presente.

A segunda causa mais citada em suas pesquisas<sup>3</sup> são relacionadas com a constatação de que os adolescentes não vem a importância de "pertencer" a Igreja e não vêem a beleza que da parte que ela (a igreja) tem no plano de Deus para eles. Eles, as vezes, não sentem orgulho de pertencer à Igreja e não tem o senso de importância e realização que o trabalho cuidando uns dos outros (e também o trabalho de evangelização) traz.

## **Transculturalidade das Causas**

Todas as pesquisas sobre religiosidade adolescente, especialmente dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, foram conduzidas regionalmente. Felizmente algumas poucas pesquisas foram conduzidas a nível nacional, ao longo de três décadas, produzido resultados consistentes. Os resultados destas, pesquisas conduzidas e/ou coordenadas pelo pesquisador americano Roger Dudley, parecem indicar que, até certo ponto, pode-se extrair resultados consistentes em uma pesquisa a nível nacional, mesmo com diferenças culturais entre as populações estudadas e ainda assim produzir resultados úteis.

## **Resumo**

O apanhado bibliográfico, revisado neste capítulo, forneceu diversos subsídios para a definir apatia espiritual como um esfriamento do relacionamento íntimo com Deus e a

---

<sup>1</sup> Dudley, *Why teenagers reject religion...*, 22.

<sup>2</sup> Dudley, *Why our teenagers leave the church ...*, 46-108.

<sup>3</sup> Dudley, *Why teenagers reject religion...*, 23.



alienação das coisas espirituais. Além disso, a demolição do mito de que a apatia espiritual é intrínseca a esta fase da vida, contribui para a análise clara das causas da apatia espiritual dos adolescentes da IASD.

Apesar de, neste estágio da pesquisa, não se poder afirmar com certeza sobre as causas da apatia espiritual do adolescente adventista, existem fortes indicações na literatura de que pertencer a uma família genuinamente adventista que vive e suporta os princípios bíblicos aparenta ser mais importante como fator mitigante do que ter nascido em família nominalmente adventista.

Há indicações fortes de a mídia, jogos eletrônicos e a internet também sejam fatores que podem contribuir para a evolução positiva ou negativa da apatia espiritual. Aparentemente, o fator preponderante de como este quadro vai evoluir – i.e., se a influência será positiva ou negativa no relacionamento espiritual do adolescente – são a qualidade do conteúdo e a quantidade de tempo que os jovens ficam expostos a estes. Infelizmente, não há muitas pesquisas sobre este tema que tenham sido realizadas em escala nacional, mas os poucos trabalhos deste porte culminaram em resultados consistentes.

### **Conclusão Parcial**

Neste capítulo fizemos uma breve exposição bibliográfica dos fundamentos teóricos que embasarão o restante deste trabalho. Vimos que, longe de ser algo binário, a Apatia Espiritual do adolescente adventista é um continuum gradual. O capítulo removeu mitos sobre o fenômeno da apatia espiritual adolescente na IASD – o que permite maior clareza e objetividade para a consecução da pesquisa – e delineou várias indicações de quais as causas deste fenômeno que serão testadas no restante deste trabalho.

### **Pesquisa Exploratória**

Este capítulo tem por objetivo relatar as entrevistas realizadas, de 31 de maio à 17 de junho, com adolescentes adventistas (de 12 à 18 anos) da Igreja Central de Artur Nogueira, Louveira e da Igreja do UNASP, conforme proposto na introdução – no subtítulo “Metodologia” – deste trabalho. Apesar de, devido a exiguidade do tempo, serem



entrevistados apenas seis sujeitos, procurou-se manter um sujeito em cada categoria definida na metodologia. Na escolha dos sujeitos, procurou-se diversificar a seleção, escolhendo-se pessoas com variados graus de comprometimento com Deus.<sup>1</sup>

Todas as entrevistas – de, em média, 30 minutos – foram gravadas e os entrevistados estavam cientes disso, tendo assinado o termo de consentimento livre e esclarecido, cujo o modelo está em anexo. As entrevistas foram, em sua maioria, conduzidas nos domicílios dos entrevistados, provocando reações muito boas em todos os sujeitos, sendo que em muitos casos os entrevistados (e seus pais) intentaram em colaborar com o pesquisador sugerindo novas perguntas para “enriquecer” a entrevista.

Este capítulo fará o breve resumo das entrevistas, contrapondo-as com o levantamento bibliográfico previamente realizado e, por isso, terá a mesma estrutura de tópicos do capítulo anterior.

### **O que é “Apatia Espiritual”**

Como declarado anteriormente, a ênfase deste trabalho está no estudo das causas da “Apatia Espiritual” adolescente na IASD, de acordo com o conceito previamente definido.<sup>2</sup> Como já discutido anteriormente, o adolescente não é alienado as coisas espirituais ou possui hostilidade a religião. Todos os entrevistados, independente do grau de comprometimento com Deus, demonstraram preocupação e insatisfação com sua vida espiritual. A entrevistada 3, quando perguntada o que ela mudaria em sua vida espiritual, respondeu o seguinte:

Queria fazer ano bíblico que eu tenho vontade de fazer. E mais oração também, porque eu acho que oração intercessória é muito importante. Ah... leria mais livros também, principalmente Ellen White, pois sempre citam no sermão e eu fico curiosa, mas acho que não é por falta de tempo, é preguiça mesmo.

Também confirmando o que já foi descrito anteriormente, apesar do conhecimento do adolescente em coisas espirituais poder ser baixo, o seu interesse nelas é alto. Todos os

---

<sup>1</sup> Ver o documento da General Conference of the Seventh-day Adventists' Executive Committee Annual Council on Autumn 1996, “Total Commitment to God”, citado anteriormente neste trabalho.

<sup>2</sup> O esfriamento da relação íntima com Deus e alienação as coisas espirituais – que assola a adolescência dentro da IASD.



entrevistados, quando perguntados se – ao observar os acontecimentos – achavam que Jesus logo voltaria, foram unânimes em afirmar que sim, e muitos demonstraram o desejo de estarem lá com suas famílias. Sobre este tema, a Entrevistada 3 se pronunciou da seguinte maneira:

Sinto pelos acontecimentos ultimamente, guerra, eh o amor que iria se esfriar, todo mundo ta meio que esfriando, e há esses acontecimentos de avião caindo, esses negócios que passam no jornal.

### **Possíveis Causas da Apatia Espiritual**

Como evidenciado na seção anterior, o adolescente pode manifestar sinais de apatia espiritual, mas não é indiferente a esta situação. Todos os entrevistados manifestaram-se insatisfeitos com sua vida espiritual. Por isso deve-se observar com cuidado ao investigar as possíveis causas.

### **Nascimento ou não Em Família Adventista**

Todos os adolescentes entrevistados enfatizaram a importância da influência familiar em sua vida espiritual. Mesmo aqueles que tinham pais não-adventistas enfatizaram a influência destes em sua vida espiritual. Dos sujeitos entrevistados, aqueles que aparentavam ter um maior comprometimento com Deus, atribuíam este fato a influência dos pais. O Entrevistado 2, quando perguntado sobre a influência de seus pais, respondeu:

Bom, graças a Deus, a influência dos meus pais tem sido muito boa. Acho que foi graças a eles que eu comecei a ter uma boa comunhão com Deus e pouco a pouco eu comecei a fazer o culto sozinho, mais meus pais foram uma grande ajuda pra eu ter uma boa comunhão com Deus.

Como já afirmado anteriormente na pesquisa, aparentemente o fato de pertencer a um lar cristão, de pais devotos e dedicados é mais importante do que nascer na igreja. Sobre isto, é interessante notar a declaração do entrevistado 1 – que é adventista apenas há 3 anos – que afirmou o seguinte:

Minha mãe, ela me influencia bastante porque ela gosta muito que eu fique na igreja. Então



ela me influencia sim. Mas as vezes fico meio frio só que ai busco mais também nos amigos e mais a minha mãe me influencia sim porque ela gosta muito que eu fique na igreja. Ela sempre me influenciou desde pequeno. Porque, cria o menino no caminho em que ele deve andar e quando ele crescer ele vai seguir sempre. Então ela foi desde sempre assim.

Neste quesito notou-se que os adolescentes que tem pais genuinamente cristão – que ensinam por preceito e exemplo – tem vantagem sobre os outros, pois os seus pais os incentivam e estimulam constantemente em seu crescimento espiritual.

### **Mídia e Tecnologia**

A tecnologia faz parte da vida dos adolescentes. Mesmo os que não tem um contato maior com a internet, possuem computador pessoal, MP3, iPod, Video-games e celulares de última geração que levam a internet com eles por onde quer que eles vão, sem contar o fone de ouvido que não desgrudam de seus ouvidos por nada.

A entrevistada 3, por exemplo, usa cerca de seis horas diárias de internet, possuindo status de “POP” no Orkut, com mais de mil amigos, cerca de dezesseis mil scraps (recados) postados e mais de mil e oitocentos amigos no MSN. A entrevistada 4 relata que se os seus pais permitissem, ela ficaria mais tempo na internet:

Ah, meu pai não deixa muito não, a gente fica pouco, não fica muito não. Nem todo dia eu entro, mas quando eu entro, tipo assim, fico uma hora ou duas. Mas não fico, pois meus pais não deixam, mas se deixassem ficaria mais.

Para eles, a internet dividiu as eras. Conforme discorrido anteriormente, especialistas em educação familiar tem sido unânimes em afirmar que “Toda a atividade que absorva uma grande porção do tempo da criança ou adolescente exercerá uma influência poderosa em seu caráter.”<sup>1</sup>

### **Outras Possíveis Causas**

Ao entrevistá-los, imerge-se em seu mundo em contextos diversos, sente-se que outras questões pouco estudadas afetam sua espiritualidade. Em seus relatos observa-se que a igreja em que freqüentam tem feito pouco ou quase nada por eles. Se pudessem,

---

<sup>1</sup> Van Pelt, *Filhos...*, 130.



todos fariam algo para mudar a igreja, inserindo programas voltados diretamente a eles, cultos jovens mais constantes e atividades sociais mais rotineira. Sentem que precisam melhorar espiritualmente, mas sentem também que a igreja precisa melhorar para que isso aconteça na vida deles. Respondendo o que mudaria na igreja, a entrevistada 4 respondeu o seguinte: “[silêncio] Acho que menos panelas e mais visão, mais cultos voltados para os jovens, e é bem isso, acho que falta mais espaço, às vezes, para os adolescentes participarem”.

A entrevistada 5 expande este conceito ao deixar transparecer que os adolescentes querem estar mais envolvidos com as questões da igreja e sentir-se mais acolhidos. Ela afirmou:

Eu dividiria em pequenas igrejas. [Freqüenta a igreja do UNASP] tipo a igreja ser uma família, entendeu? Se reconhecer a igreja como uma família, quanto menor o grupo seria melhor, pois a gente conheceria todo mundo e poderia debater assuntos, é isso.

Muitos deste tem no culto de sábado a sua única oportunidade de relacionamento com Deus, e se isso não acontece é desastroso para eles. O entrevistado 1, acrescentou também a música como um fator de forte influencia em sua vida espiritual ao afirmar:

Agora, elas só vão me deprimir e me deixar como era antes de entrar na igreja. Porque eu ouvia muito elas antes de entrar na igreja. Então eu era um moleque muito deprimido, então se eu ouvir elas de novo eu vou voltar a ser deprimido de novo igual eu era antes. Não quero não. Não quero mesmo.

Muito embora a maioria dos entrevistados não percebesse a influencia da música em sua vida, o entrevistado 2, que nasceu em família adventista, reconheceu também esta influência e desejou mudar de atitude em relação a música que ouvia. Ao ser questionada que tipo de música ouvia, ele respondeu: “Bom, teve um período que eu estava escutando músicas que eram do mundo e agora meu computador, meu ipode e o meu mp3 só tem música cristã”.

### **Transculturalidade das Causas**

Entrevistou-se jovens de diversos extratos sociais, provenientes de vários países (Estados Unidos, Peru e Brasil) e que vivem e comunidades diversas. Observamos pelos



relatos das entrevistas que as dificuldades e necessidades são muito semelhantes, fornecendo uma indicação de que, sem sua maioria, o impacto cultural sobre a questão é pequeno.

### **Resumo**

O apanhado bibliográfico ao ser contraposto com as entrevistas revisadas neste capítulo, consolidaram a ideia, já apontada na pesquisa bibliográfica, de que a apatia espiritual não é intrínseca à psiquê adolescente. Notou-se também que, apesar de por vezes não possuir muitas informações e conhecimentos em questões espirituais, seu interesse nelas é grande. A pesquisa exploratória também consolidou a hipótese de que pertencer a uma família genuinamente cristã, independente do tempo que esta frequenta a Igreja Adventista do Sétimo Dia, é um dos fatores que mais contribui para o fortalecimento espiritual do adolescente.

O tempo que os adolescentes entrevistados gastam na internet e em outras mídias é preocupante, pois, conforme discorrido na fundamentação teórica deste trabalho, tudo aquilo que absorve o tempo acaba influenciando o caráter. As indicações muito fortes no conteúdo das entrevistas que o adolescente sente falta de uma igreja mais unida e que atenda melhor as suas necessidades espirituais, não apenas sociais. Quanto a transculturalidade das causas, até aqui se observou que, apesar de ter sua influência sobre o tema, esta é pequena.

### **Conclusão**

Neste capítulo foi feito um breve resumo da pesquisa exploratória, realizada através de entrevistas. Observou-se que ao se comparar a fundamentação teórica com o observado nas entrevistas, pode-se afirmar que os adolescentes que pertencem às famílias adventistas que vivem e praticam os preceitos desta denominação aparentam ter um comprometimento maior com Deus, estando mais imunes à apatia espiritual. Não se pode deixar de notar que, mesmo entre aqueles que tem pais adventistas, há os que praticam a paternalidade cristã, mas não a sacerdotal, ou seja, compram a lição mais não estudam com eles; levam-os à



igreja, mas não se assentam com eles; limitam o tempo de uso da internet mas não controlam o conteúdo por eles vistos; pedem para baixar o volume do som mas não interferem no estilo de músicas que eles ouvem.

Nota-se também que a igreja necessita atender melhor as necessidades espirituais dos adolescentes, desenvolvendo projetos e cultos (não shows, que também não é o que eles demonstraram querer) que os envolvam e atendam, pois muitos adolescentes tem no culto de sábado o seu único alimento espiritual para a semana. Uma alternativa que parece ser viável é o que parece ter sido sugerido por um dos entrevistados (entrevistada 5), que é a criação de pequenos grupos por e para adolescentes.

A sinceridade com a qual os adolescentes responderam a entrevista, especialmente quando se perguntou sobre seus sonhos, a volta de Jesus e o que eles mudariam em sua vida espiritual, demonstram que estes amam a Jesus e, em essência, entendem que precisam ter um compromisso formal com Ele, mais por questões diversas não tem conseguido vivenciar tal experiência, fazendo-nos pensar que a Igreja pode e deve (com urgência) realizar algo em favor destes, pois estes estão abertos e ansiosos por estas mudanças.

### **Pesquisa Descritiva e Análise de Dados**

A pesquisa – descritiva em sua natureza e de cunho quantitativo – foi realizada entre cinco e treze de novembro de 2009 e nove com adolescente de 11 à 18 anos. O instrumento de coleta foi um questionário fechado (em anexo) e foi aplicado com usando-se uma abordagem não-probabilística (por conveniência) com os alunos dos três campi do UNASP, totalizando 270 questionários. Em adição a estes, quarenta e cinco questionários adicionais foram aplicados, utilizando-se o julgamento dos pesquisadores, a sujeitos de outros para aumentar a representatividade da amostra, a nível nacional. O tamanho da amostra – de 315 questionários – foi calculado com base numa população total assumida de aproximadamente 131.000 adolescentes<sup>1</sup>, considerando uma margem de erro amostral de 5%, 95% de probabilidade e um desvio padrão de 5,1.

---

<sup>1</sup> Números obtidos computando-se o número de Desbravadores em todas as uniões brasileiras, conforme fornecido no relatório de estatísticas do Ministério Jovem da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que gentilmente cedeu os dados.



As questões foram elaboradas para traçar um perfil dos entrevistados, procurando abranger as situações de relacionamento pessoal com Deus, com a família e com a igreja, bem como descobrir como eles gastam seu tempo para que assim fosse possível se traçar paralelos e fazer análises para estudar as causas da indiferença latente no adolescente adventista do Brasil.

Neste capítulo serão apresentados o perfil da amostra e os resultados de cada um dos grupos de de questões individualmente que caracterizam as influências, respectivamente da família, da mídia e da igreja, na apatia espiritual do adolescente adventista no Brasil. Para que se possa analisar objetivamente a influência cultural e as influências da globalização no objeto de pesquisa, serão realizados cruzamentos entre questões extraídas de alguns grupos e o estado de residência.

### Perfil da Amostra

Para analisar corretamente os dados da pesquisa, é preciso conhecer o perfil dos respondentes, que apresentou as seguintes características: A média de idade é de 15,14 anos, com predominância da faixa etária de 15 anos de idade com 24,76%.

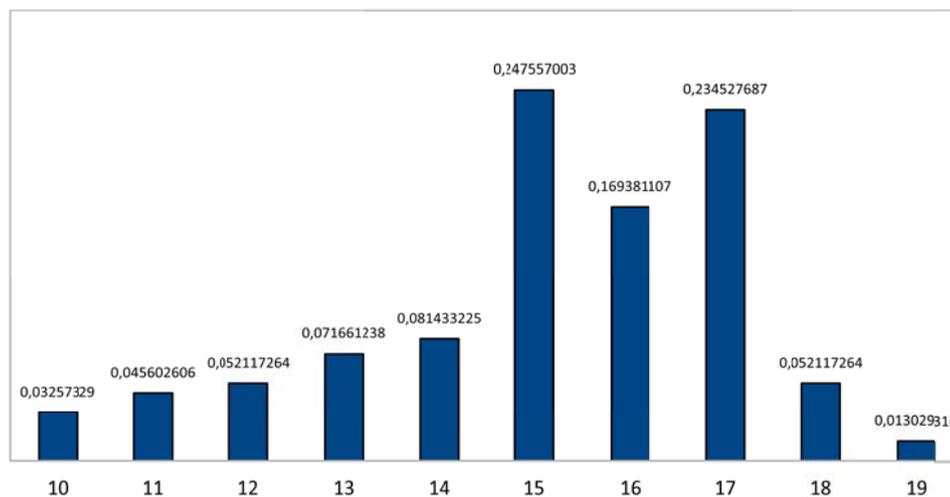


Figura 1: Distribuição etária



No que diz respeito ao sexo, apresentou-se uma predominância de respondentes do sexo feminino (57,47%). Veja o gráfico abaixo:

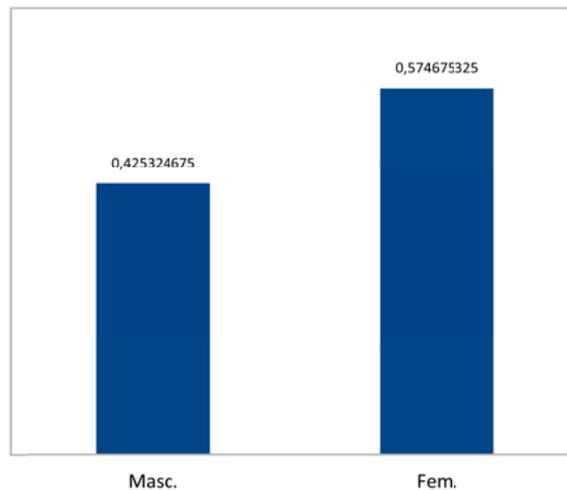


Figura 2: Sexo

Todos os respondentes eram adventistas, mas apenas 85,86% eram batizados na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), conforme demonstrado no gráfico abaixo:

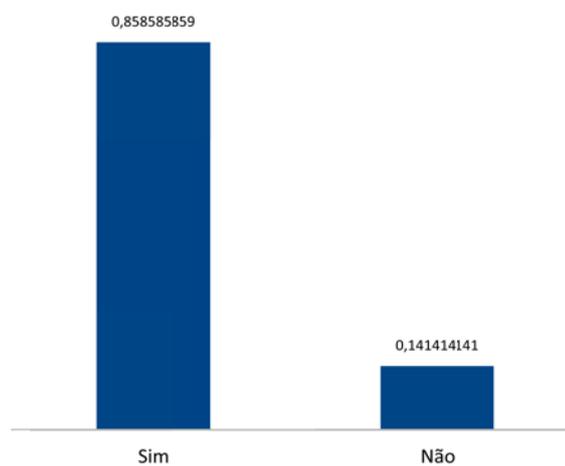


Figura 3: Adventista batizado

Uma expressiva porcentagem da amostra (90,76%) tem família adventista (veja),



conforme demonstrado no Gráfico abaixo:

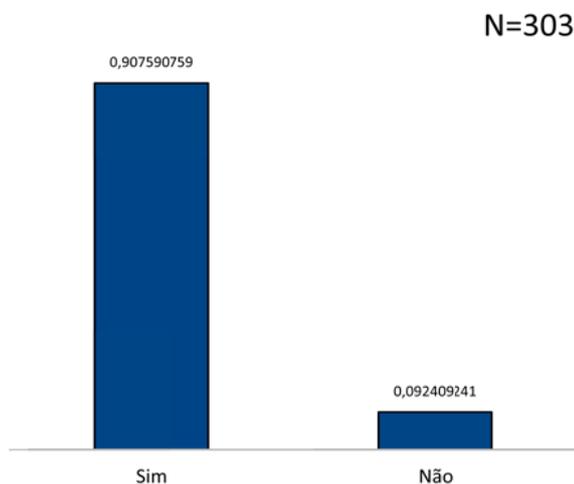


Figura 4: Família adventista

A figura 5, abaixo, apresenta que entre os respondentes foi destacam-se os que já nasceram em família adventista. Nota-se ainda que apenas 4,73% dos respondentes tem menos de cinco anos na IASD.

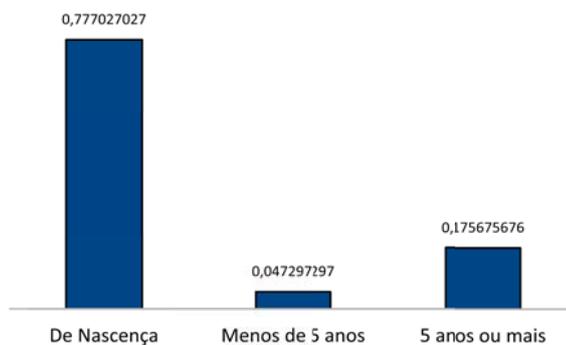


Figura 5: Tempo de adventismo

Analisando a questão do local de residência, destaca-se o estado de São Paulo com um percentual de 75,46%, sendo os restantes 24,54% tem representação de Brasileiros de diversos estados(incluindo-se três atualmente residentes no exterior)



Figura 6: Local de residência

Parte desta predominância pode ser explicada pelo fato de que mais da metade da amostra serem alunos internos, cursando ensino básico ou médio, em um dos três campi do UNASP, conforme demonstrado na tabela abaixo:

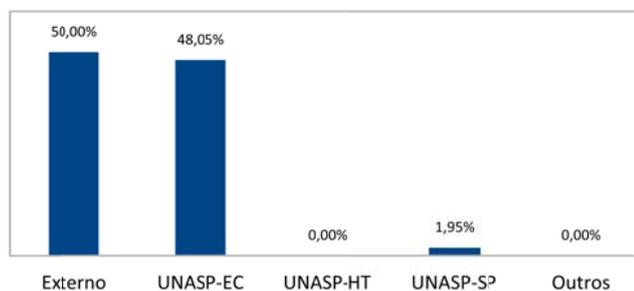


Figura 7: Internato x externato

### Relacionamento com a Igreja

Procurando conhecer de maneira objetiva a percepção que os respondentes tem de si mesmos, observou-se que a população estudada (com base na amostra) tem um grande número de elementos (41,91%) que, apesar de frequentarem regulamentarmente a pelo menos uma reunião da igreja, são meros frequentadores (em sua própria percepção), conforme ilustrado no gráfico abaixo:

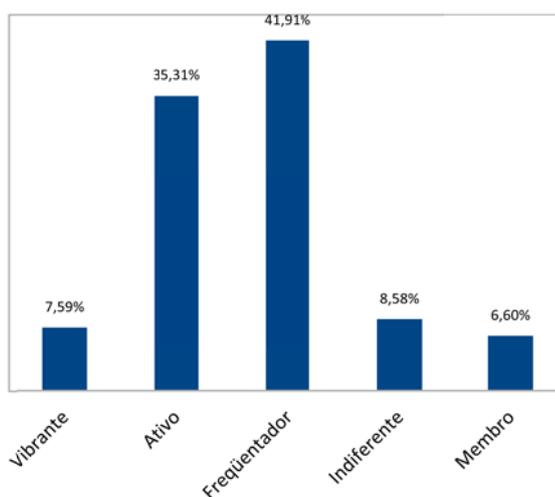


Figura 8: Relacionamento com a igreja

A maior parte dos entrevistados (91,69%) informou que frequenta regularmente apenas o culto de sábado, muito embora apenas 82,06% afirmaram assistir a escola sabatina. Veja o gráfico abaixo para visualizar a distribuição de frequência em cultos da amostra:

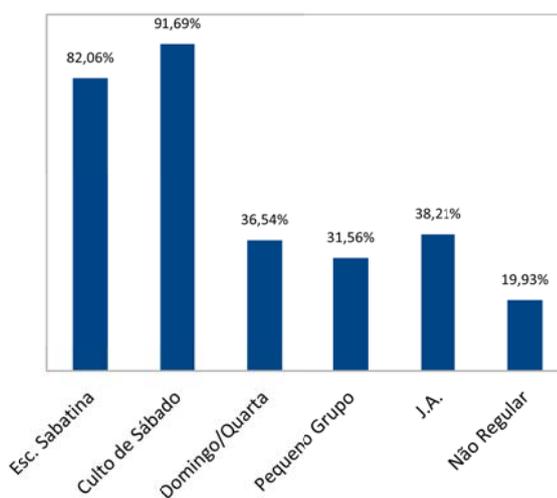


Figura 9: Frequência em cultos

Focalizando as motivações que os levam a igreja, percebe-se que a maior parte do grupo (71,43%) vai à igreja por amor a Jesus, resultando no quadro a abaixo:



Figura 10: Motivos para ir à igreja

Destes que marcaram o amor a Jesus como sua principal motivação, apenas 36,23% marcaram somente esta opção, sendo que daqueles que marcaram mais de uma opção, predomina a influência de amigos para incentivá-los a ir aos cultos, conforme ilustrado:

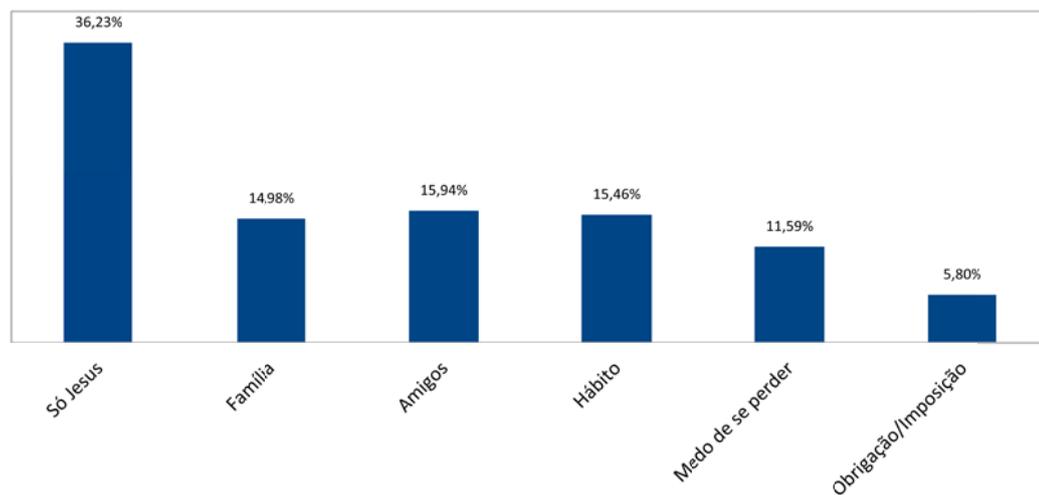


Figura 11: Motivos secundários

### Comprometimento com Deus



Para caracterizar o “auto-retrato” da amostra, foram preparadas 19 questões, utilizando-se escalas de Likert de cinco pontos para extrair o grau de comprometimento do adolescente com Deus, não sobre uma ótica adulta, em sua própria ótica. Calculou-se o ranking médio (61,10%) e então tomou-se as principais situações do relacionamento com Deus e avaliando-as em uma escala de ocorrência/importância resultando na tabela abaixo:

TABELA 1  
SITUAÇÕES DE COMPROMETIMENTO COM DEUS

Situação	Grau de ocorrência
----------	--------------------

*Acima da média (maior relevância)*

Crê na criação	94,54%
Sentimento da presença de Deus	76,82%
Sente que Deus se importa com você	71,81%
Sente-se próximo de Deus quando ora	71,81%
Fé envolve e abarca toda sua vida	70,96%
Prioridade quanto relacionamento com Deus	70,44%
Sinceridade no viver	70,42%
Suscetibilidade a apelos	70,01%
Possuí lição de Escola Sabatina	69,54%
Condução da vida por princípios cristãos	64,51%

*Abaixo da Média (menor relevância)*

Estado do relacionamento com Deus	57,84%
Engajamento na pregação do evangelho	54,10%
Temor escatológico	53,07%
Sentimento de salvação	48,92%
Envolvido na proclamação	48,76%
Freqüência de estudo da lição	47,74%



Frequência de oração diária	47,53%
Satisfação com a vida espiritual	36,85%
Frequência de leitura da bíblia	35,28%

O estudo destas situações revela um perfil do adolescente que, ao contrário do mito prevalente, não é alienado das coisas espirituais, que entende que, à sua maneira, a fé é algo todo envolvente, abarcando toda a vida (i.e., algo prático que deve ser exercido não só na igreja, mas no dia-a-dia), e vê a importância de priorizar seu relacionamento com Deus.

O paradoxal é que a amostra também demonstra que apenas uma minoria (23,21%) ora diariamente (i.e., ora mais do que a prece para as refeições) e apenas 39,13% estudam a lição diariamente de maneira sistemática. Uma estatística notável é que uma grande porção dos respondentes demonstrou temer a volta de Jesus e os eventos finais. Veja o gráfico abaixo:

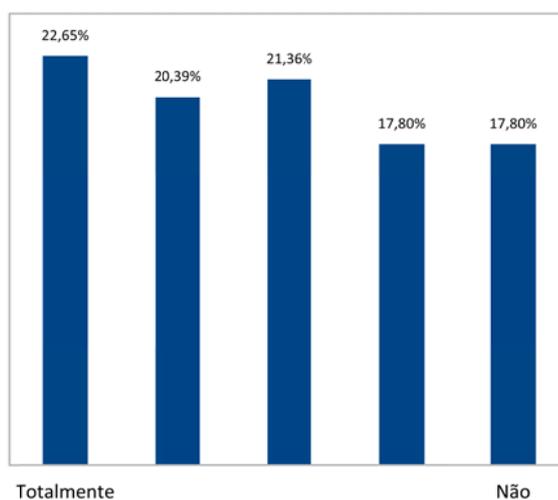


Figura 12: Medo escatológico

Também é digno de nota o gráfico abaixo que mostra o sentimento dos respondentes em relação a sua certeza de salvação, o que reforça que eles têm ciência de sua condição



espiritual. Observe o gráfico abaixo:

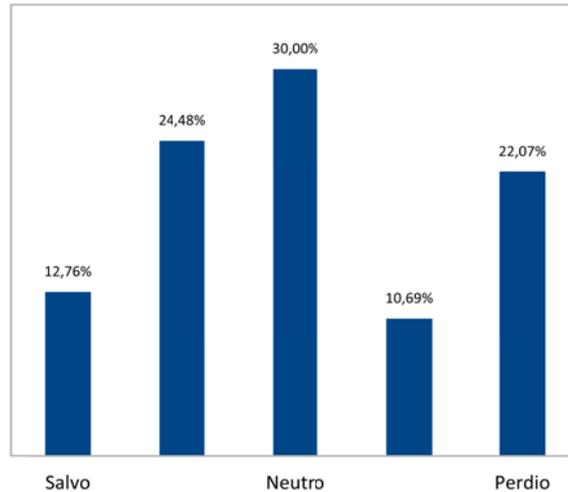


Figura 13: Certeza da salvação

Corroborando as evidências coletadas, o gráfico abaixo indica a insatisfação latente, pelo que demonstrado na amostra, que os adolescentes têm em relação a sua própria espiritualidade:

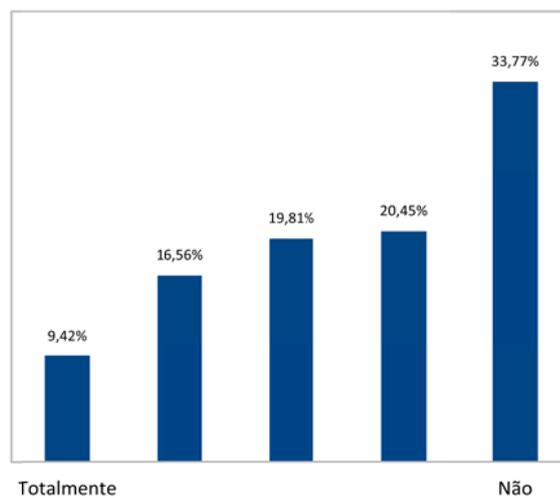


Figura 14: Satisfação com a espiritualidade

### **Relacionamento com a Família**

Tomando as principais situações do relacionamento com a família e avaliando-as



numa escala de importância/ocorrência as situações mais apontadas foram as que dizem respeito aos “Maior influência na vida espiritual” seguido pelo “Influência da família na vida espiritual”. O ranking médio para considerar se a situação é relevante ou não é de 71,19%. Veja a tabela abaixo:

TABELA 2  
SITUAÇÕES DE INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA

<b>Situação</b>	<b>Grau de ocorrência</b>
<i>Abaixo da média (maior relevância)</i>	
Quem mais te influencia espiritualmente(Família x Meio)	81,17%
Influência da família na vida espiritual	71,35%
<i>Acima da Média (menor relevância)</i>	
A quem você pede ajuda para coisas	70,76%
Culto familiar	71,05%

Analisando-se as questões de maior relevância, observa-se que os adolescentes, de acordo com a amostra pesquisada, percebem que a família e, em menor escala, os amigos próximos são as maiores fontes de influência espiritual (positiva ou negativa) no que diz respeito a influências recebidas de outros. O gráfico a seguir resume visualmente este dado:

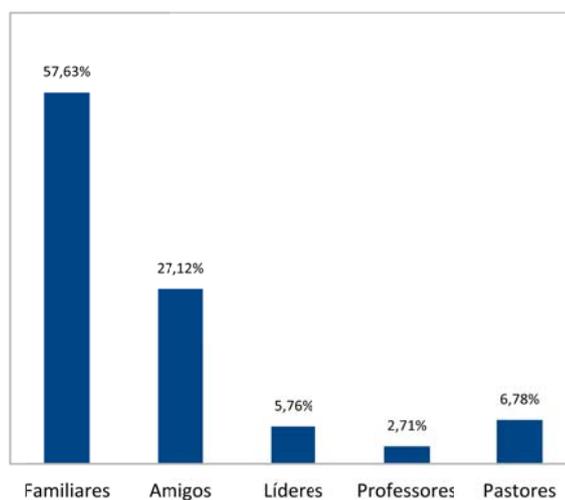


Figura 15: Família x Meio

O quadro acima, que demonstra a percepção que o adolescente tem dos fatores que o influenciam, colabora para confirmar o que foi levantado no embasamento teórico-conceitual de que pertencer a uma família sólida é um fator importante na formação espiritual com influência direta na resultante apatia (ou ausência dela) espiritual dos adolescentes adventistas.

Corroborando estes números, evidencia-se que na percepção adolescente a influência da família é forte. Ao analisar-se as respostas à pergunta objetiva se o relacionamento com a família influencia sua vida espiritual, obtêm-se o seguinte gráfico:

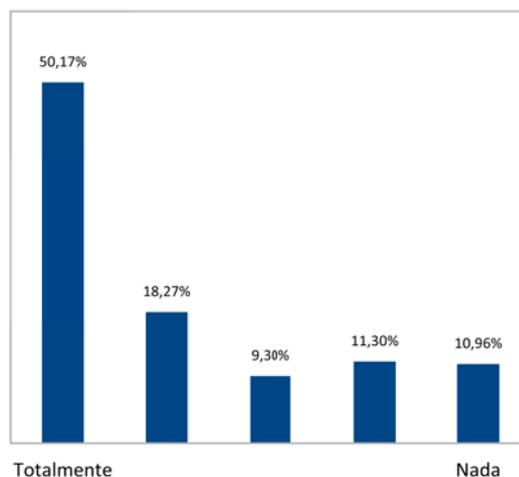


Figura 16: Influência da família espiritual

É digno de nota que 54,75% dos respondentes recorrem em primeiro lugar à sua família quando em dúvida sobre coisas espirituais. Apesar disso, observa-se que apenas 35,23% das famílias dos respondentes fazem com regularidade o culto familiar em suas casas.

### **Influência da Mídia**

Para quantificar a influência da mídia sobre os adolescentes e captar a percepção destes em relação a primeira, foram preparadas 3 questões de múltipla escolha, 2 questões utilizando-se escalas de Likert de cinco pontos e 4 questões utilizando-se escalas de Likert reversas. Calculou-se, após a normalização dos dados, o ranking médio de 51,96%, e então tomou-se as principais situações sobre a influência da mídia e avaliando-as em uma escala de ocorrência/importância resultando na tabela abaixo:

TABELA 3  
SITUAÇÕES DE INFLUÊNCIA DA MÍDIA

Situação	Grau de ocorrência
<i>Acima da média (maior relevância)</i>	



Tempo gasto em video-games	78,16%
Frequência em cinemas	70,82%
Tempo gasto na TV	69,01%
Tempo gasto no Orkut e/ou MSN	63,44%
Tempo gasto na internet	57,76%
<i>Abaixo da Média (menor relevância)</i>	
Qualidade da música ouvida	50,00%
Influência da Internet no relacionamento com Deus	46,75%
Qualidade do tempo assistindo TV	21,97%
Qualidade da programação de TV assistida	9,70%

Além das obviedade do excesso de exposição à mídia da juventude, é curioso notar que esta população, de acordo com a amostra, não tem a compreensão de como a internet e outras mídias os afetam. Observe o gráfico abaixo que ilustra a percepção dos respondentes sobre se a Internet influencia a espiritualidade:

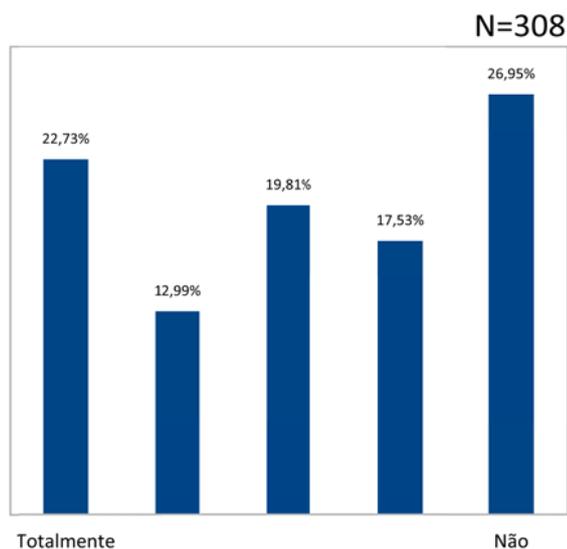


Figura 17: Influência da Internet na espiritualidade

### Influências da Igreja

Para mensurar a influência que o grau de satisfação do adolescente com a igreja tem sobre o quadro geral de indiferença espiritual, foram preparadas 1 questão de múltipla escolha, 10 questões utilizando-se escalas de Likert de cinco pontos.

Calculou-se, após a normalização dos dados, o ranking médio de 63,16%, e então tomou-se as principais situações sobre a influência da Igreja e avaliando-as em uma escala de ocorrência/importância, as situações mais apontadas foram “O que pode ser melhorado no culto de sábado”, seguido por “Orgulho de ser adventista” e “Sentimento de pertencer a família da igreja”. Observe o resultando na tabela abaixo:

TABELA 4  
SITUAÇÕES DE INFLUÊNCIA DA IGREJA

Situação	Grau de ocorrência
----------	--------------------

*Acima da média (maior relevância)*

O que pode ser melhorado nos cultos de sábado	83,78%
Orgulho de ser adventista	80,80%



Sentimento de pertencer à família da igreja	68,83%
Sentir-se amado pela igreja	65,83%
Grau de Interesse nos sermões de sábado	63,77%
Grau de satisfação das necessidades espirituais pela Igreja	63,21%
<i>Abaixo da Média (menor relevância)</i>	
Igreja instruí seus membros apropriadamente	62,87%
Como você avalia sua Igreja	61,80%
Grau de aproveitamento nos sermões de sábado	60,84%
Doutrina bíblica que chama mais atenção	46,46%
Doutrina bíblica menos compreendida	37,01%

A amostra revelou que existe uma insatisfação grande com o culto de sábado. Dentre os itens a serem melhorados, destacam-se a reverência (53,85%) e a qualidade dos sermões (28,43%). Observe o gráfico abaixo:

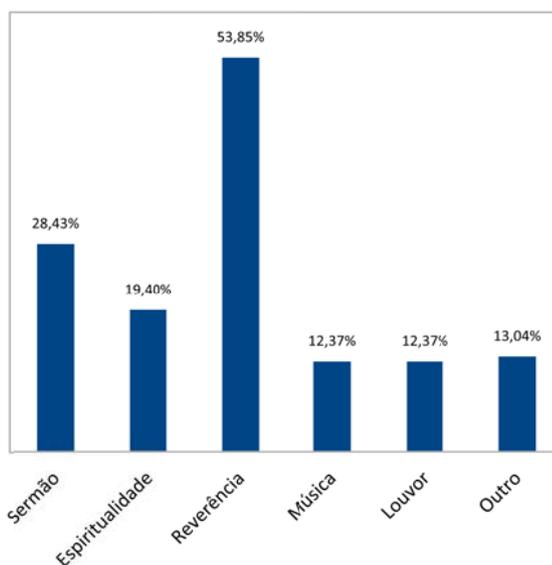


Figura 18: O que melhorar no culto

Os dados, exibidos graficamente acima, são corroborados por outras situações corolárias, que serão mencionadas brevemente aqui. Dos respondentes, 26,78% não tem interesse no sermão de sábado (estão em posição de neutralidade) e cerca de 16,71% manifestam achar o sermão “chato” conforme ilustrado no gráfico abaixo:

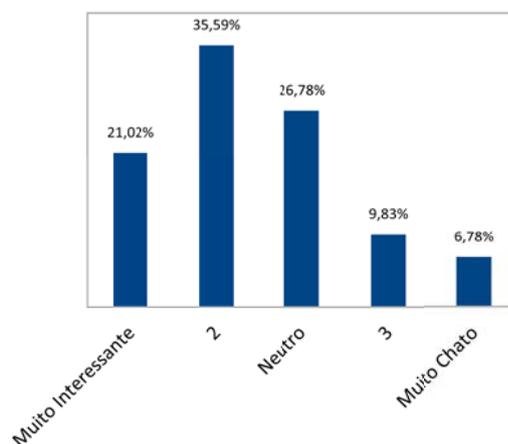


Figura 19: Grau de interesse no sermão



Analisando-se outra situação, percebe-se que, pelo menos em parte, este desinteresse pode ser explicado pelo fato de que, de acordo com a amostra, existe pouco ou nenhum aproveitamento do sermão por uma grande parcela da população adolescente (provavelmente como um reflexo da falta de relevância da mensagem para este grupo). Observe o gráfico abaixo que ilustra a situação:

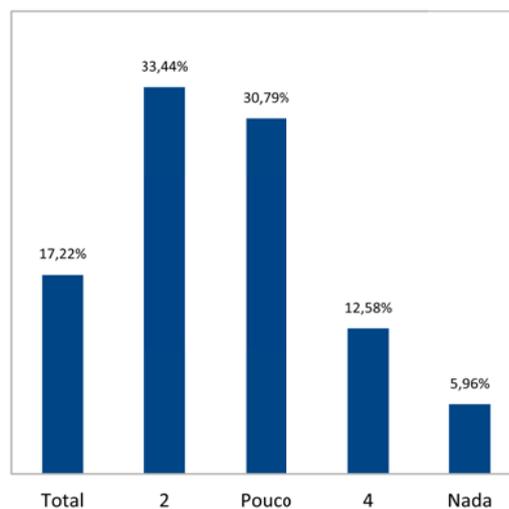


Figura 20: Grau de aproveitamento do sermão

Segundo a amostra pesquisada, o que eles mais se interessariam em ouvir, dando assim relevância a pregação, é sobre o juízo final, o santuário e a volta de Jesus, conforme ilustrado no gráfico abaixo:

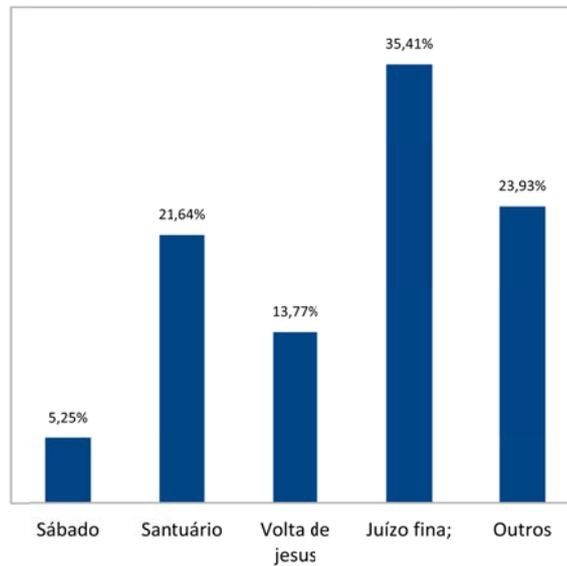


Figura 21: Temas mais interessantes

É interessante notar que isto também vem de encontro com as maiores dúvidas doutrinárias relatadas pelos respondentes, conforme ilustrado abaixo:



As estatísticas acima ajudam a explicar o porque, com já anteriormente enunciado, uma grande porcentagem desta população tem medo da volta de Jesus e tem o sentimento de estar perdido.

### **Transculturalidade das causas**

Um das hipóteses investigadas nesta fase da pesquisa é a transculturalidade das causas. Por isso, aproximadamente 25% da amostra foi escolhida entre não-residentes no estado de São Paulo. Para a verificação desta hipótese analisou-se alguns cruzamentos interessantes entre situações escolhidas de cada um dos grupos de questões estudadas (influência da mídia, influência da igreja e influência da família) e o estado de residência do respondente, divididos entre residentes em São Paulo e fora do estado.

### **Influência da família**

Observe o gráfico abaixo que mostra a influência da família na vida espiritual, conforme percebida pelos respondentes residentes fora de São Paulo:

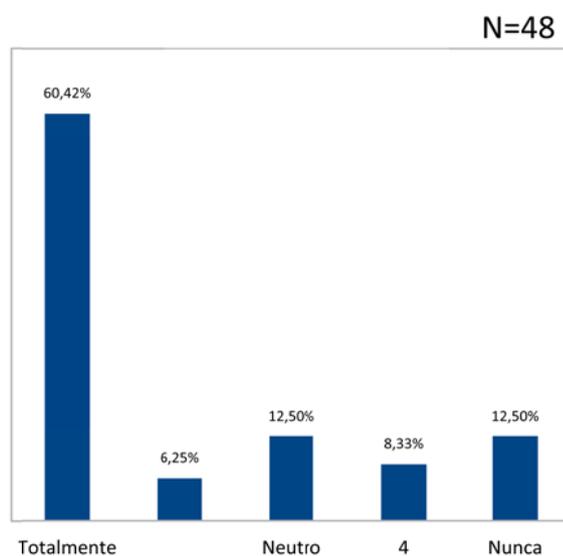


Figura 23: Influência da família fora de SP



Reproduzindo o mesmo gráfico com respondentes do estado de São Paulo, obtêm-se o seguinte resultado:

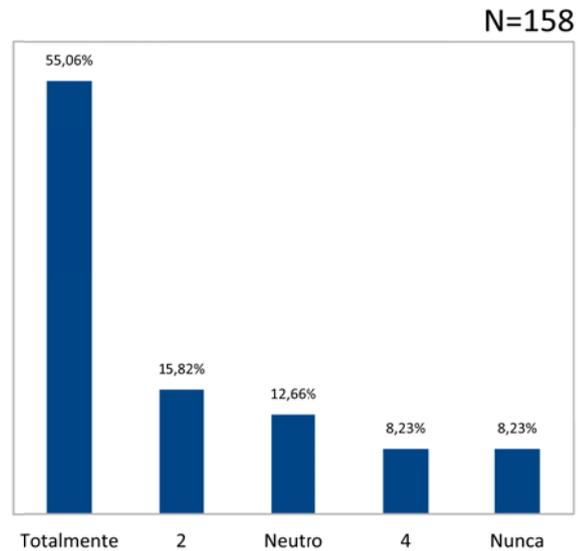


Figura 24: Influência da família em SP

A variância média nos dois cenários é inferior a 1% (especialmente fora do eixo de neutralidade). Isto parece indicar que neste grupo, dentro da amostra pesquisada, a influência cultural/regional não é muito relevante, ou pelo menos não é fator definitivo no resultado.

### **Influência Da Igreja**

Outros ponto importante a se verificar quanto a transculturalidade das causas é o impacto que a cultura têm sobre a percepção da igreja e suas doutrinas pelos adolescentes. Como exemplo tomou-se uma das situações de maior ocorrência, que informa o que pode ser melhorado no culto e obteve-se o resultado ilustrado no gráfico abaixo:



### Figura 25: O que pode melhorar no culto de sábado

Neste caso, há uma variância maior que 1% mas menor que o desvio padrão do total da amostra. Neste cenário, as preferências não mudaram e as proporções são semelhantes em cada item. Isto parece indicar que, apesar de uma maior influência de características regionais (no que diz respeito a forma de culto), estas não são determinantes para influência o resultado geral.

O fenômeno ilustrado acima apenas ocorre nas situações em que as respostas tem relacionamento com questões relacionadas a externalidades (i.e., coisas como preferências de doxologia, preferências musicais, etc.). Em outros tipos de ocorrência, tais fenômenos não foram observados.

Como uma maneira de ilustrar a asserção acima, selecionamos outra ocorrência deste grupo que não tem forte relação com aspectos exteriores da adoração e do relacionamento com a Igreja. Observe o gráfico abaixo, que demonstra as preferências de assunto entre os adolescentes da amostra pesquisada:



Figura 26: Preferências doutrinárias - Comparação entre SP e resto do Brasil

Observa-se também neste cenário uma nítida proporcionalidade entre as duas fatias da amostra.

### **Resumo e Conclusões**

O perfil da amostra demonstra uma população que frequenta a igreja pelo menos uma vez por semana e são, em sua própria percepção, meros frequentadores. A parcela dos indiferentes somando-se àqueles em que a indiferença beira a rejeição (caracterizam-se como membros da igreja “mas não de coração”), apesar de relativamente baixa, é igualmente expressiva (15,18%). A maioria da amostra (91,69%) declarou que frequenta apenas o culto de sábado de forma regular. Quando indagados sobre suas motivações para ir à igreja, uma expressiva massa (71,43%) afirmou que sua motivação principal era o amor de Jesus. Cruzando-se com outras variáveis colocadas no questionário para validação, verificou-se que apenas 36,23% consistentemente afirmaram que Jesus era sua única motivação para ir à igreja (note que este número é muito próximo dos cerca de 35,31% e dos 7,59% dos respondentes que declararam-se respectivamente ativos e vibrantes em seu relacionamento com a igreja).

Outra caracterização importante observada no perfil é o “auto-retrato” do



relacionamento com Deus fornecido pela amostra é aquela que revela uma população que, apesar de se preocupar em seu relacionamento com Deus, não tem uma vida devocional condicente com os seus pretensos anseios (apenas 23,21% ora diariamente e 39,13% estudam a lição sistematicamente). Outra característica relevante é que em torno de 60% da amostra tem medo da volta de Jesus e uma proporção semelhante acha que estaria perdido se Jesus voltasse hoje.

Em relação as causas da apatia espiritual, a pesquisa demonstrou que a família tem um grande peso na definição da espiritualidade adolescente (57,63% de influência ), havendo pouca ou nenhuma diferença entre os grupos que nasceram na igreja e aqueles ingressantes na IASD, confirmando a hipótese de que é mais importante pertencer a uma família sólida do que ter nascido em família adventista. Verificou-se também que o excesso de exposição a mídia, de maneira não supervisionada tem contribuído, o que mais uma vez reforça o papel do pais como determinante.

Em relação a transculturalidade das causas, concluiu-se que a influência do componente cultural em relação a incidências das causas apontadas nesta pesquisa só causou diferença em questões que tem haver com externalidades (i.e., formas), como, por exemplo, o formato do culto mais apreciada. No entanto, mesmo em questões estéticas, estas diferenças não foram determinantes ao ponto de alterar os resultados, alterando apenas de maneira sutil as proporções.

### **Conclusão Geral**

O objetivo desta pesquisa é compreender as causa primárias apatia espiritual do adolescente adventista no Brasil. Esta apatia não é caracterizada pelo esfriamento das relações institucionais com a IASD (aqui identificada pelo termo “apatia religiosa”, mas caracteriza pelo esfriamento do relacionamento íntimo com Deus que antecede a apatia religiosa e a alienação as coisas espirituais. Ademais, a pesquisa tem como objetivos específicos observar o grau de influência da família e da mídia na formação (ou não) do quadro de apatia espiritual no adolescente adventista no Brasil. Finalmente, é objetivo desta pesquisa observar se as causas apontadas para o problema desta pesquisa (i.e., as



causas da apatia espiritual dos adolescentes adventistas no Brasil) são influenciadas pela cultura ou são em si transculturais.

No capítulo da fundamentação teórica foi feito uma breve exposição bibliográfica dos dos fundamentos teóricos deste trabalho. Em acréscimo definiu-se a apatia espiritual como um continuum gradual – e não como algo binário (i.e., sim ou não) – e, além de demolir o mito de que a apatia espiritual é intrínseca a esta fase da vida, contribuiu para a análise clara das causas da apatia espiritual dos adolescentes da IASD.

O capítulo da pesquisa exploratória consolidou o conceito já apontado na fundamentação teórica de que a apatia espiritual não é necessariamente intrínseca à psiquê adolescente. Nas entrevistas notou-se que os adolescentes estão longe de estarem alienados as coisas espirituais pois percebeu-se que, apesar de por vezes não possuir muitas informações e conhecimentos em questões espirituais, seu interesse nelas é grande. Semelhantemente, evidenciou-se também que a espiritualidade adolescente é, em grande medida, é um reflexo da religião dos adultos a sua volta.<sup>1</sup>

Durante este capítulo, cristalizou-se a hipótese de que pertencer a uma família genuinamente cristã, independente do tempo de filiação a IASD é um dos principais fatores para o fortalecimento espiritual do adolescente. Outrossim evidenciou-se que a igreja precisa melhor atender as necessidades desta população através de programas (não shows, pois eles também não demonstraram querer isso) e cultos (especialmente o de sábado) que os envolvam e atendam.

O capítulo da pesquisa descritiva evidenciou um perfil da amostra que, de acordo com sua auto-avaliação, encontra-se claramente num quadro de apatia espiritual (54,22%, que pode subir para 74,03% se adicionarmos aqueles que estão, estatisticamente, no eixo de neutralidade). Em acréscimo, confirmou-se a hipótese de que a influência dos pais e da família genuinamente cristã – que ensina por preceito e exemplo – é um fator decisivo para o fortalecimento espiritual do adolescente e que o simples evento estatístico de nascer em uma família adventista têm pouca ou nenhuma influência.

---

<sup>1</sup> Christian Smith and Melina L. Denton, *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* (Virgin Islands, USA: Oxford University Press, 2005), 170-171.



No tocante às causas, conclui-se que a família tem um enorme peso (57,63% de influência, versus apenas 27,12% de influência dos amigos) na definição da espiritualidade adolescente. Em sua própria percepção, o adolescente vê a família com a maior influência em sua espiritualidade (68,44%) e 54,75% desta população têm na família seu referencial para coisas espirituais. É sintomático que apenas 25,23% das famílias fazem o culto familiar regularmente em suas casas. Se por um lado este segmento importante da igreja é difícil de atingir diretamente com ações isoladas, a primeira medida a ser tomada para reverter este quadro deve ser trabalhar com a família para fortalecê-la em sua vida devocional. Quanto ao problema de pesquisa, conclui-se então que mais importante do que nascer em família adventista é ser membro de uma família com princípios firmes e vida devocional saudável.

É nítido nos sintomas e inquietações demonstrados pelos respondentes – tanto dos questionários quanto das entrevistas – uma forte tendência à terceirização da educação e do cuidado desta população (e, provavelmente, dos mais novos também) o que limita a influência positiva que poderia advir da família. Ao observar-se o grupo daqueles que se classificaram como membros ativos/vibrantes e desfrutando de um bom relacionamento com Deus, seguros da certeza da salvação em Jesus, percebe-se uma proporcionalidade com aqueles que declararam que são acompanhados pelos pais e que tem uma vida devocional familiar saudável.

Em relação à influência da mídia na composição das causas da apatia espiritual do adolescente, percebeu-se que há a alta exposição, de forma não supervisionada, a mídia. Um número expressivo dos respondentes (45,29%) declarou que gasta mais de 6 horas diárias na internet enquanto que outros 39% despendem igual proporção de tempo à TV. Quando se analisa a qualidade deste conteúdo (quer seja programas de TV mais visto ao conteúdo internetiano) percebe-se que a qualidade deste é objetável (ou no mínimo duvidoso, quando não supervisionado).

É interessante notar que existe um relacionamento forte (expresso na similaridade das proporcionalidades da população) entre aqueles que afirmaram temer a volta de Jesus e não ter certeza da salvação com aqueles que passam muito tempo “consumindo”, de forma



não supervisionada, conteúdo de baixa qualidade. Neste caso, também, famílias mais ativas, com pais mais presentes, poderiam contribuir para uma melhoria deste quadro limitando o tempo gasto na TV ou na internet e acompanhando o conteúdo “consumido” pelos membros de sua família. Além destas duas causas originalmente propostas nos objetivos específicos deste trabalho, constatou-se que a Igreja também tem sua participação na composição do problema.

Foi evidenciado o fato de que, de acordo com a amostra, existe uma insatisfação muito grande com o culto de sábado (mais de 80% dos respondentes). A segunda maior área que, segundo a percepção adolescente, necessita ser melhorada foi a que saltou mais a atenção: A qualidade dos sermões. Na amostra, 26,78% não tem interesse no sermão de sábado (estão em posição de neutralidade) e cerca de 16,71% manifestam achar o sermão “chato”. Isto pode ser melhor compreendido se notarmos que 49,33% tem pouco ou nenhum aproveitamento do sermão.

A causa mais provável segundo esta pesquisa é, provavelmente, a falta de relevância dos temas, pois os temas que eles mais anseiam em ouvir dos púlpitos são o juízo final (35,41%), santuário (21,64%) e volta de Jesus (13,77%). Ao observar-se que estas três doutrinas também são as menos compreendidas pela população estudada e que 86,10% do medo da volta de Jesus é explicado por este fato, conclui-se que a igreja deve estimular os seus pregadores a usarem o púlpito, especialmente no culto sabático, para transmitir a mensagem apropriada com os temas relevantes para esta população. Quanto ao último objetivo desta pesquisa, conclui-se que a hipótese da transculturalidade das causas aparenta ser verdadeira pois, segundo a amostra, observou-se que os resultados do grupo de respondentes residentes no estado de São Paulo não diferiu significativamente entre o grupo de respondentes dispersos em outras regiões (i.e., 25% da amostra).

Contudo, apesar da pesquisa ser estatisticamente válida e coerente, o tamanho da amostra foi inferior ao idealizado pelos pesquisadores. No decorrer da pesquisa, outras possíveis linhas de pesquisa foram definidas as quais não foram exaustivamente exploradas para evitar sair do foco da pesquisa principal (por exemplo, qualidade dos sermões pregados nas igrejas adventistas, temas mais relevantes a serem pregados, estratégias mais



eficientes para alcançar os adolescentes através de suas famílias e quais as atividades/programações que mais eficientemente, de maneira corporativa, servem as necessidades espirituais do adolescente). Conseqüentemente, propõe-se que o escopo desta pesquisa seja ampliado em pesquisas posteriores para se obter um retrato ainda mais preciso e confiável das causas apatia espiritual adolescente no Brasil. Semelhantemente, é recomendável que pesquisas similares sejam realizadas com os jovens (19 a 35 anos), pois estes também sofrem do mesmo fenômeno (apatia espiritual) com a ressalva de, em muitos casos, não terem mais o suporte e apoio de familiares.

### Referências Bibliográficas

- Ausubel, David P. *Theory and Problems of Adolescent development*. New York, NY: Grune and Strantton, 1954.
- Benson, P.L., and M.T. Donahue. *Valuegenesis: Report 1: A Study of the Influence of Family, Church, and School on the Faith, Values, and Commitment of Adventist Youth*. Minneapolis, MN: Search Institute, Inc., 1990.
- Center for Spiritual Development in Childhood & Adolescence. "Religious Measures: Faith Maturity Scale." *Center for Spiritual Development*. Disponível em <http://www.spiritualdevelopmentcenter.org/Display.asp?Page=measure1#maturity>; Internet (Consultada em 15 de setembro de 2009).
- Dudley, Roger L. *The Complex Religion Of Teens: A Lifetime of Research Reveals How Adolescents Relate to Spiritual Matters*. Washington, D.C.: Review and Herald, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Valuegenesis : faith in the balance* . Riverside, CA: La Sierra University Press, 1992. <http://www.unasp.edu.br/biblioteca/c2/index.html>.
- \_\_\_\_\_. *Why our teenagers leave the church : personal stories from a 10 years study*. Washington, D.C.: R&H Publishing Association, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Why teenagers reject religion... And what to do about it*. Washington, D.C.: R&H Publishing Association, 1978.
- GC's Executive Committee at the Annual Council Session. "Total Commitment to God." *General Conference of the Seventh-day Adventists*, October 10, 1996. Disponível em [http://www.adventist.org/beliefs/other\\_documents/other\\_doc7.html](http://www.adventist.org/beliefs/other_documents/other_doc7.html); Internet



(Consultada em 16 de abril de 2009).

Guedes, Meibel M. *Educar filhos: um ato de amor*. CIDADE/Estado: SERGRAF, 2004.

Guerra, Alexandra. *Infância: O melhor tempo para semear*. Belo Horizonte, MG: Betânia, 2006.

Hall, Daniel E., Keith G. Meador, and Harold G. Koenig. "Measuring Religiousness in Health Research: Review and Critique." *Journal of Religion and Health* 47, no. 2 (June 2008): 134-163.

McDowell, Josh. *The Father Connection: How You Can Make the Difference in Your Child's Self-Esteem and Sense of Purpose*. Nashville, TN: Broadman & Hoffman, 1996.

Roehlkepartain, Eugene C. "What Makes Faith Mature." *Christian Century*, May 9, 1990.

Rogers, Dorothy. *The Psychology of the Adolescence*. 2nd ed. New York, NY: Appleton-Century-Crofts, 1972.

Smith, Christian, and Melina L. Denton. *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers*. Virgin Islands, USA: Oxford University Press, 2005.

Tageson, Caroll F. "Spiritual Direction of the Adolescent." In , edited by Raymond J. Steimel. Washington, D.C.: The catholic university of america Press, 1962.

Van Pelt, Nancy. *Filhos: Educando com sucesso*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

White, Ellen G. *Mensagem aos Jovens*. 13ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Lar Adventista*. 13ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.



## Apêndice I - Termo De Consentimento Livre e Esclarecido



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa – *Espiritualidade Adolescente* -, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador(a) ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador(a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

**NOME DA PESQUISA:** Espiritualidade Adolescente

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Mábio Ramos Coelho Neto

**ENDEREÇO:** Av. Jacarandá, 177, Eng. Coelho - SP

**TELEFONE:** (19) 3858-5151

**PESQUISADORES PARTICIPANTES:** Emerson Tomaz de Oliveira e Paulo Leal

**PATROCINADOR:** Prof. Adriani Milli Rodrigues

**OBJETIVOS:** Objetivo geral desta pesquisa é estudar a espiritualidade do adolescente adventista do sétimo dia na região administrativa da RMC (Região Metropolitana de Campinas).

**PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:** Se concordar em participar da pesquisa, você terá que participar de uma entrevista (que será gravada para posterior consulta e referência pelos pesquisadores) sobre a vida espiritual e relacionamento com Deus. A gravação da entrevista será transcrita, total ou parcialmente, para posterior análise e correlação pelos pesquisadores. As anotações e transcrições de entrevista serão mantidas anonimamente (i.e., sem nomes ou quaisquer identificação) e as gravações serão inutilizadas e descartadas após a transcrição. Não será arquivado ou anotado pelos pesquisadores quaisquer dados pessoais.

**RISCOS E DESCONFORTOS:** Os procedimentos (i.e., a entrevista) não acarretarão riscos e prejuízos de qualquer espécie.

**BENEFÍCIOS:** O participante poderá se beneficiar indiretamente, pois as comunidades adventistas pesquisadas certamente beneficiar-se-ão entendendo melhor como atender e atender melhor as necessidades de seus adolescentes.

**CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE:** Os participantes da pesquisa não arcarão com nenhum gasto decorrente da sua participação assim como também não receberão qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa.

**CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** Os pesquisadores garantem a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, informando que somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa.

**Assinatura do Pesquisador Responsável:** \_\_\_\_\_

Campus EC/AN

Estr. Municipal Pastor Walter Boger, S/N  
CEP 13165-000 – Eng. Coelho – SP  
Telefax (0XX19) 3858-9000



### **CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pelo pesquisador(a) \_\_\_\_\_, dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

#### **LOCAL E DATA:**

Nome da cidade, data, ano.

#### **NOME E ASSINATURA:**

\_\_\_\_\_

(Nome por extenso)

\_\_\_\_\_

(Assinatura)

#### **NOME E ASSINATURA DO RESPONSÁVEL (se menor de 21 anos):**

\_\_\_\_\_

(Nome por extenso)

\_\_\_\_\_

(Assinatura)

---

Estr. Municipal Pastor Walter Boger, S/N  
CEP 13165-000 – Eng. Coelho – SP  
Telefax (0XX19) 3858-9000

Camp<sup>us</sup> EC/AN



## Apêndice II- Transcrição das Entrevistas

ENTREVISTADO Nº 1 - LOUVEIRA, 11 DE JUNHO DE 2009.

1- Qual o seu nome completo?

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2 Qual é a sua idade?

R: 18 anos.

3- A quanto tempo você é adventista?

R: A três anos mais ou menos, adventista do sétimo dia, três anos.

4- Você já participou de alguma pesquisa antes? Igual a que agente está fazendo agora?

R: Nenhuma. Ainda não.

5- Me diga como você se converteu?

R: Eu havia perdido um amigo e ai eu fiquei muito solitário com os outros amigos sendo ignorado e eu vim pra igreja aqui que o André me trouxe e ai eu fiquei muito desejoso pelo Sábado e ai vim no Sábado no dia e quis ficar o dia todo no Sábado. E ai nesse dia no Sábado era o dia de ficar o dia todo por que tinha que entregar panfleto e doar sangue e aí eu fui entregar panfleto junto com o Wagner. E ai quando eu fui entregar panfleto junto com o Wagner eu achava ele mó chato. Falei pô vou entregar panfleto com esse cara. E ai eu fui entregar panfleto com ele e vi que ele era totalmente diferente e demo risada pra caramba, ele me chamou pra almoçar na casa dele e ai assim foi eu fui estudando junto com Manoel, com seu Manoel, e ai eu fui estudando junto com seu Manoel e comecei a assistir alguns DVDs do Luiz Goncalves. E ai foi meio apreensivo aquela coisa toda e ai foi indo eu vir que queria ficar mais e ai eu resolvi me batizar. Eu me batizei e foi a melhor coisa que eu fiz.

6- Mas assim, o que você sente que o que mais te motivou a ser batizado?

R: Foi saber realmente o que seria o céu pra mim e através do que eu estudei. Foi do Grande conflito de entender o Apocalipse e saber como seria o céu de verdade toda a história e aí eu percebi que a verdade estava ali e ai eu fiquei sem medo nenhum pra me batizar.

7- Quanto tempo você passa em comunhão com Deus?

R: Lendo de manhã cedo, as vezes eu passo uma hora. Só que nesse dia pra cá to meio difícil pra leitura só que eu passo o dia todo meditando, porque cada coisa que acontece comigo eu vou meditando por que aconteceu e por que que não aconteceu.

8- Como é o seu relacionamento com Deus?



No início eu Chego pra falar com Deus e ai eu vejo que estou muito cheio de pecado , sabe, e ai eu começo a orar e vejo que to me aproximando mais e que Deus ta me amando e me perdando e ai eu fico eufórico novamente e bem mais perto de Deus.

9- Você fez o ano bíblico alguma vez?

R: Não. Tentei mas não consegui.

10- Até que ponto vc já conseguiu ler algum livro?

R: Eu Ja li Juizes 5 vezes, Atos 2 vezes pela metade e já li Gen. Várias vezes e vou lendo juízes e ai leio Josue, algumas vezes pego crônicas. Só que eu nunca acabo eles entendeu. Ou seja, nunca cheguei a fazer uma seqüência .

11- Mas na comunhão vc sempre lê alguma coisa?

R: Sempre leio e fico matutano.

12- Você frequenta os cultos regularmente?

R: Todos eles. Não gosto de perder nenhum porque, ah, não me sinto bem. As vezes eu fico assim: Não eu não vou hoje, não vou. Ai eu chego bravo e quando eu vou chegando a 500 metros da igreja já some aquele negócio e já não guento ficar sem ir no culto mais não.

13- Como vc reage aos apelos feitos, você sente vontade de ir lá na frente, sente vontade de se entregar mais a Deus?

R: Sim. Muito, muito mesmo. Pode ser o pregador mais humilde possível que tiver lá na frente assim como o Seu Luis Paulo. Pelo amor de Deus é eu fico assim com vontade de falar assim: Valeu!!! Eu gosto muito! Passa uma coisa muito boa.

14- Qual tem sido a influencia dos seus pais em relação a sua vida cristã?

R: Minha mãe, ela me influencia bastante porque ela gosta muito que eu fique na igreja. Então ela me influencia sim. Mas as vezes fico meio frio só que ai busco mais também nos amigos e mais a minha mãe me influencia sim porque ela gosta muito que eu fique na igreja. Ela sempre me influenciou desde pequeno. Porque, cria o menino no caminho em que ele deve andar e quando ele crescer ele vai seguir sempre. Então ela foi desde sempre assim.

15- Então de alguma forma ela lhe influenciou para que você tomasse essa decisão do batismo?

R: Influenciou porque agente era adventista da promessa antes então eu já conhecia um pouco e ai nisso quando eu descobri foi batata. Foi aquilo mesmo. Influenciou bastante mesmo. Minha mãe me ajudou muito.

16- Que tipo de música você costuma ouvir hoje em dia?

R: Ah, as músicas da igreja. Eh, Fernando Iglesias, Terra seca, Mais além, Remido fui do quarteto, só essas músicas hoje em dia. Foi difícil largar as aquelas músicas antigas, muito difícil mesmo. Só que eu consegui. Hoje em dia eu não gosto mais daquelas. Elas me



deprimem. Hoje é só essas músicas e só. Da nossa igreja.

17- O que você acha sobre o fato de os jovens escutarem músicas que não são da igreja?

R: Acho ruim. Acho ruim porque eu sei que aquilo não faz bem pra ele. Porque aconteceu a mesma coisa comigo. A maior dificuldade minha de largar de todas as coisas foi a música. E aí eu fico meio apreensivo só que eu faço como eu queria que fizesse comigo. Eu espero, entendeu. Porque eu sei que é meio difícil largar, mais, eu fico meio chocado.

18- Como você acha que essas músicas que não são da igreja, poderiam influenciar em sua vida?

R: Agora, elas só vão me deprimir e me deixar como era antes de entrar na igreja. Porque eu ouvia muito elas antes de entrar na igreja. Então eu era um moleque muito deprimido, então se eu ouvir elas de novo eu vou voltar a ser deprimido de novo igual eu era antes. Não quero não. Não quero mesmo.

19- Como a música na igreja tem influenciado o seu relacionamento com Deus?

R: Muito, muito mesmo. A mais além do Fernando Iglesias eu tava ouvindo ela e me sentido muito bem! E eu fui escrever pra Dani. Que é lá de coisa... ta querendo se batizar também, ex-namorada do Wagner. Ai eu estava escrevendo pra ela, aí ela foi contar a história e tal, tal, tal. Que um cara gritou do fundo do ônibus, que ela precisava se converter e que Deus amava ela assim, assado, sabe. E aí ela falou agora essa música que você me escreve tal, tal, tal. Mas eu estava gostando muito. Fui escrever pra ela pelo MSN. E também a Riane Junqueira, hoje de manhã eu indo pra loja e imaginando, né. Como é que eu Senhor, um pecador, posso receber tantas bênçãos assim dentro de uma semana, duas semanas. Gritando querendo saber o por quê e até agora to. E aí a Riane Junqueira junto com aquele rapaz moreno que canta, é... "Eu não vejo a razão, do seu amor"... E aí eu , conversando com o Wanderson. Falei assim, bicho! Ô, essa música assim, escrevendo pra ele, ô, é a resposta das minhas orações e tal, tal, tal. Sabe, a música hoje em dia que ta falando pra mim. É a Riane Junqueira hoje de manhã, eu estava ouvindo ela no youtube. É muito bom! Nossa...(Ele estava muito empolgado).

20- Quais são seus passatempos prediletos?

R: Meu passatempo predileto? Predileto! É... desbravador, pequeno grupo, visitar o pessoal e a Igreja, ta sendo a Igreja. Porque...minha namorada é da Igreja(já pode-se dizer assim). E pequeno grupo, social, é...desbravador é tudo da Igreja. Então meu passatempo predileto é as coisas de Deus. A música de Deus, da Igreja. É tudo da Igreja. Não vejo mais nada que me seja mais chamativo.

21- Quanto tempo você dedica a internet?

R: A única coisa que eu uso na internet é pra conversar com quem eu preciso conversar e pra mandar emails, no caso pra o desbravador e pra ver no meu Orkut os meus familiares, como é que eles estão lá, pra saber se eles estão bem ou não, se minha prima ainda está indo à Igreja, essas coisas todas, querendo saber o que acontece e pra uso da minha loja também, porque eu preciso. Hoje em dia estou passando oito a nove horas na internet. O dia



todo. Não, não na internet, mas no computador, por causa do trabalho. Mas acho que não me faz muito bem, também não. Porque tira muito a atenção.

22- O que você sente mais falta na Igreja?

R: Agora pra mim tá difícil responder isso, porque...é...faltar...falta a Igreja ser perfeita, só isso. E de se empenhar mais também. Falta agente se empenhar. Mas não tem como, o pessoal está se empenhando muito. Vai ter JÁ aí, vai ter social em seguida de fogueira e um monte de coisa...então, o que falta na Igreja é ir pro céu! Só isso. (Notei muita emoção em sua face)

23- O que você mudaria em sua vida espiritual?

R: Eu preciso me organizar mais. Saber o que fazer na hora certa. Mas fazer bastante coisa, entendeu. Tipo, me organizar porque eu sou secretário dos desbravadores e então eu tenho que me organizar pra ir no desbravadores, ir no pequeno grupo, pra fazer o JÁ, pra cuidar da minha loja e pra mandar os emails, essas coisas todas. Me organizar pra fazer tudo certinho. Preciso voltar a ler bastante e acordar mais cedo.

24- Qual é o seu maior sonho?

R: Meu maior sonho agora...é ir pro céu e levar o máximo de pessoas possíveis.

25- Você sente que Jesus vai voltar logo?

R: Sim. Porque todos os sinais estão se cumprindo. Tudo mostra que Jesus está voltando.

#### ENTREVISTADO Nº 2- ENGENHEIRO COELHO, 16 DE JUNHO DE 2009

1- Qual é o seu nome completo?

R: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2- Qual é a sua idade?

Eu tenho 17 anos.

3- A quanto tempo você é adventista?

R: Eu sou adventista desde que nasci.

4- Você já participou de alguma pesquisa antes?

R: Ah, eu acho que não. Não lembro mas acho que não.

5 Me diga como você se converteu?

R: Bom, quando eu comecei a ter mais noção da vida, eu comecei a entender que existia um Deus. E esse Deus era um Deus de verdade e com os ensinamentos que o meu pai me dava, eu



comecei a entender melhor quem é esse Deus. E mais ou menos aos 12, 8, 10 anos eu comecei a perceber que esse Deus tava perto de mim e eu comecei a aceitá-lo. Até que eu me batizei e pouco a pouco eu comecei a crescer na fé e ter mais comunhão com Deus.

6- O que motivou o batismo?

R: O que me levou? A vontade de estar mais perto de (Nesse momento percebi que a partir ele ficou mais pensativo ).

7- Quanto tempo você dedica para comunhão pessoal?

R: Bom, desde que eu me batizei, meus pais me ajudava pra fazer minha comunhão com Deus, assim, ler a Bíblia. Mais daí teve um programa implantado lá onde eu morava onde agente tinha que fazer as madrugadas; foi aí que eu comecei a fazer mesmo de verdade o culto sozinho. Desde então eu comecei a pegar a prática e eu acho que tenho dedicado mais ou menos umas meia hora por dia pra Deus.

8- Como você se relaciona nesse momento de comunhão?

R: Bom, sempre eu tento acordar cedo, mais ou menos umas cinco e meia, cinco e quarenta pra fazer meu culto e eu faço até mais ou menos às seis, depois aí eu vou arrumar e sempre tento fazer uma oração longa, uma comunhão com Deus depois do almoço e antes de dormir e as vezes eu fico lendo a Bíblia antes de dormir ou uma, ou os livros de Ellen White, pra entender melhor tudo o que acontece entre agente.

9- Você fez o ano bíblico alguma vez?

R: É, completo ainda não. Eu to fazendo, to fazendo e não falta muito pra acabar. (Aqui ocorreu a impressão de que ele ficou sem graça)

10- Você frequenta os cultos regularmente? Quais?

R: Bom, eu to conseguindo frequentar os cultos regularmente aqui não, no internato. Os cultos? Normalmente eu vou de noite e de manhã também eu vou e são esses dois que tem. Ah, e os cultos de Sábado que eu sempre vou também, JÁ.

11- Como você reage quando é feito um apelo na Igreja?

R: Bom, depende do apelo também, né? Mais normalmente eu sinto que, é... Deus atua em cada, que Deus é...como eu posso falar...ele tem um plano para cada um da gente e no apelo eu acho que Ele demonstra que Ele quer te aceitar e quer ser teu guia, então, sempre quando eu sinto que Deus fala forte pra mim eu vou pra frente.

12- Qual tem sido a influencia dos seus pais em sua vida cristã?

R: Bom, graças a Deus, a influência dos meus pais tem sido muito boa. Acho que foi graças a eles que eu comecei a ter uma boa comunhão com Deus e pouco a pouco eu comecei a fazer o culto sozinho, mais meus pais foram uma grande ajuda pra eu ter uma boa comunhão com Deus.

13 E como eles influenciaram em sua decisão?



R: Muito, muito. Com o exemplo que eles davam, me ajudou muito a ter uma boa comunhão com Deus.

14 Que tipo de música você ouve?

R: Bom, teve um período que eu estava escutando músicas que eram do mundo e agora meu computador, meu ipode e o meu mp3 só tem música cristã.

15 Como você acha que essas músicas influenciaram sua espiritualidade?

R: No começo eu achava que não, mas depois, com o tempo, eu percebi que eu não tinha mais vontade de escutar música da igreja, não tinha mais vontade de, de..sei lá, de ter, mais...sentir a voz de Deus pela música, eu só tava escutando música ruim, atrapalhava. Mas graças a Deus eu decidi e mudei pouco a pouco.

16 Quais são seus passatempos prediletos?

R: Passatempos? Assim, o que eu faço nas minhas horas vagas? Toco violão, piano, vou jogar bola. Às vezes fico lendo, vou falar com meus amigos, é...são as coisas normais que cada um de nós faz.

17- Quanto tempo você se dedica a internet?

R: Aqui no internato, quase nada. Pouco, porque o meu quarto não tem internet e pra internet tem que descer e eu fico mais preocupado com as coisas, as tarefas, tudo isso e mais ou menos uma hora por semana, duas no máximo.

18- O que você sente mais falta na Igreja?

R: O que eu mais sinto falta na Igreja...(falou com um suspiro). É...é bem difícil, né. Cada Igreja precisa de amor, cada Igreja tem um déficit de alguma coisa, mas...dá prioridade pros jovens.

19- O que você mudaria na Igreja?

R: Bom, eu primeiro daria prioridade pros jovens, fazendo um bom JÁ, convidando os jovens para eventos após o Sábado, fazendo refletir nos jovens que não tenha somente religiões mais também sociais. E assim juntando tudo isso eu acho que a maioria dos jovens que estão na Igreja, é...tenham vontade de voltar e...em consequência aceitando a Deus.

20- O que você mudaria em sua vida espiritual?

R: É...guardar um tempo maior pra Deus. Eu acho que isso precisa ser mudado.

21- Qual é o seu maior sonho?

R: Ah, meu maior sonho! É...poder levar as pessoas através do meu exemplo, através da...que as pessoas possam ver que eu to perto de Jesus. E assim as pessoas se converterem e também ter a capacidade de levar o evangelho para as outras pessoas.

22- Você sente que Jesus vai voltar logo?

R: É...claro que sim (Aqui houve um pouco mais de emoção em sua declaração).



23- Quem você gostaria de encontrar no céu?

R: Ah, que não morreu ou que ta vivo? Ah, eu gostaria de encontrar minha família, né? Minha família, meus avós. Gostaria de encontrar o meu avô que morreu, faz pouco tempo. Eu acho, eu tenho quase certeza que eu vou achar ele, se eu for.

### ENTREVISTADO NO. 3 - *ARTUR NOGUEIRA, 18 DE JULHO DE 2009*

Perguntas introdutórias (quebra gelo) para o sujeito da pesquisa.

1- Qual seu nome?

R: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2- Qual a sua idade?

R: 17 anos

3- Onde você estuda?

R: UNASP

4- Quanto tempo você é adventista?

R: Desde de nascimento

5- Você já participou de uma pesquisa antes?

R: Sim

Perguntas Diretas.

6- Como você se converteu?

R: Ah... minha mãe já era, quer dizer, minha família, a Débora, daí eu já conhecia desde pequena, só que daí eu fui gostando, gostando, gostando, e me decidi batizar.

7- O que motivou o batismo?

R: O que motivou batizar? Então, quando eu morava em Criciúma tinha o tio Deto, a Tuca, daí a gente sempre conversava sobre isso, daí eu se lá, fui tomando interesse pelo batismo, daí me batizei.

8- Quanto tempo você dedica para a comunhão pessoal?

R: Hum..... atualmente, hum..... Nada. ( cara de vergonha e auto reprovação) ( silêncio) Só



à noite que vou dormir que eu oro. Somente com oração.

9- Você estuda a lição da escola sabatina?

R: A lição sim.

10- Você já fez o ano bíblico alguma vez?

R: Não terminei, só comecei mas não cheguei a completar, por duas vezes.

11- Você frequenta os cultos regularmente? Quais?

R: Só sábado, ultimamente só sábado.

12- Como você reage quando é feito um apelo na igreja?

R: Ah... eu sempre fico emocionada, dependendo do pastor é claro. Às vezes eu tomo atitudes, mas conforme a semana eu vou me esquecendo.

13- Qual tem sido a influencia de seus pais em sua vida cristã ? ( da mãe)

R: Ah... ela dá o exemplo, porque ela lê a Bíblia, estuda a lição, ora, mas só que eu... (silêncio) preguiça.

14- Que tipo de músicas você ouve?

R: Hum... black, e música romântica e música gospel.

15- Como você acha que essa músicas influenciam sua espiritualidade?

R: Não acho que elas influenciam, até porque a maioria é em inglês e eu não entendo nada, mas acho que não influenciam não.

16- Quais são seus passatempos prediletos?

R: Sair, sair com as amigas, então a gente sai pra comer, vai na casa de alguém assistir filme ou às vezes vai pro shopping, tipo assim.

17- Quanto você se dedica à internet?

R: Umas 5 ou 6 horas. Por aí. ( pergunto se a internet também é passatempo) Sim é.

18- O que você mais sente falta na igreja?

R: Programa para jovens. JA tipo assim, eu gosto muito do JA. Temos JA que eles fazem que é muito legal, mas só que não que parou, ta muito desanimado.

19- O que você mudaria na igreja?

R: O que eu mudaria, eu..... ( pensou). Olha, acho que eu sei lá, ah eu faria tipo assim, eu chamaria as pessoas pra fazer pôr-do sol de sexta-feira, e eu também iria fazer um JÁ mais animado. A música também, porque o ministério de louvor tá muito fraco, só tem o coral, se não fosse o coral não teria nada de sexta-feira à noite e sábado à tarde.

20- O que você mudaria em sua vida espiritual?



R: Queria fazer ano bíblico que eu tenho vontade de fazer. E mais oração também, porque eu acho que oração intercessória é muito importante. Ah... leria mais livros também, principalmente Ellen White, pois sempre citam no sermão e eu fico curiosa, mas acho que não é por falta de tempo, é preguiça mesmo.

21- Qual seu maior sonho?

R: Hum... ganhar meu carro, pois o carro facilita tudo, ,esmo porque eu gosto de sair, fica melhor.

22- Você sente que Jesus vai voltar logo?

R: Sinto pelos acontecimentos ultimamente, guerra, eh o amor que iria se esfriar, todo mundo ta meio que esfriando, e há esses acontecimentos de avião caindo, esses negócios que passam no jornal.

23: Quem você gostaria de encontrar no céu?

A minha mãe, meus familiares e meus amigos.

#### ENTREVISTADO 4 - ARTUR NOGUEIRA, 18 DE JULHO DE 2009

Perguntas introdutórias (quebra gelo) para o sujeito da pesquisa.

1- Qual seu nome?

R: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2- Qual a sua idade?

R: 17 anos

3- Onde você estuda?

R: UNASP- ensino médio – 3º ano

4- Quanto tempo você é adventista?

R: Eu nasci num lar adventista, meus pais já eram adventista, mas eu me batizei faz dois anos.

5- Você já participou de uma pesquisa antes?

R: Não.

Perguntas Diretas.



6- Como você se converteu?

R: Bom, eu já conhecia pelo meu lar, muito pela escola e o professor de religião me deu um curso e me pediu para batizar, e eu aí me batizei.

7- O que motivou o batismo?

Eu achei que estava na hora, e que eu precisa me batizar. É que o professor me estimulou bastante.

8- Quanto tempo você dedica para a comunhão pessoal?

R: Muito pouco, deveria me dedicar mais, to procurando isso, mas... muito pouco.

9- Como você se relaciona com Deus nesse momento de comunhão?

R: Estou procurando sempre que eu acordar ler a Bíblia e a lição, aí as vezes, nem sempre, nós fazemos o culto com meu pai, e à noite na hora do pôr –do –sol, a gente faz outro culto, cantamos hinos e a meditação, e às vezes lê um pouco da Bíblia e faz oração.

10- Você estuda a lição da escola sabatina?

R: Não, estou procurando isso, mas não é todos os dias.

11- Você já fez o ano bíblico alguma vez?

R: Já, várias vezes, mas nunca cheguei a terminar, umas 3 vezes quando eu era desbravadora. Tive estudos bíblicos antes de batizar. Tive dois estudos.

12- Você frequenta os cultos regularmente? Quais?

R: De sábado, às vezes domingo, mas de quarta não vou.

13- Como você reage quando é feito um apelo na igreja?

R: Às vezes eu vou , até assim, pois tenho vontade mas às vezes não. Até sinto vontade, mas não vou, acho que nem sempre preciso estar lá na frente, pois posso refletir do banco mesmo. Já ta bom assim.

14- Qual tem sido a influencia de seus pais em sua vida cristã ? ( da mãe)

R: Ah... acho que boa, meu pai sempre procura fazer os cultos em família, sempre dando conselhos, falando pra gente pôr Deus em primeiro lugar.

15- Que tipo de músicas você ouve?

R: Ai, várias, internacional, nacional, cê ta falando assim, estilo black, pop, ai, esses estilos mais assim.

16- Como você acha que essa músicas influenciam sua espiritualidade?

R:Olha, (pensou um pouco) acho que sim né? Só que eu assim né, sei lá, eu ouço para mim sabe, para mim não tem nada a ver, mas sei que influenciam sim, mas não sei te falar como, tem música que por eu ser adventista, não devia estar ouvindo mais.



17- Quais são seus passatempos prediletos?

R: Computador, ir dormir (risos), ver TV, filmes e sei lá... sair com os amigos, a gente vai pra lugar, pra comer, tipo lanchonete e casa de amigos.

18- Quanto você se dedica à internet?

R: Ah, meu pai não deixa muito não, a gente fica pouco, não fica muito não. Nem todo dia eu entro, mas quando eu entro, tipo assim, fico uma hora ou duas. Mas não fico, pois meus pais não deixam, mas se deixassem ficaria mais.

19- O que você mais sente falta na igreja?

R: (pensou bastante) Hum... (silêncio 25 segundos) Eu acho que tinha que ter mais coisas pra gente fazer, mas assim, tipo pra gente querer ficar mais na igreja, pra gente participar mais.

20- O que você mudaria na igreja?

R: (silêncio) Acho que menos panelas e mais visão, mais cultos voltados para os jovens, e é bem isso, acho que falta mais espaço, às vezes, para os adolescentes participarem.

21- O que você mudaria em sua vida espiritual?

R: Ah... muitas coisas, tinha que levar mais à sério, eu acho, e começar a pôr em primeiro lugar Deus, tipo assim, quando eu fosse para a igreja não fosse uma rotina, eu ir realmente para assistir ao culto e não só encontro de amigos, e não só aos sábados, também ir mostrar que sou diferente, que não sou igual a todo mundo, e que sou adventista, né? Acho que Deus não está satisfeito com minha espiritualidade, devo focar mais em Deus e não me deixar influenciar pelas pessoas, Colocar Deus em primeiro lugar.

22- Você sente que Jesus vai voltar logo?

R: Hum... ah, pelos acontecimentos, pelos últimos acontecimentos, as tragédias noticiadas na TV e já pelo que as profecias vem falando e que cada vez mais coisas que você nunca imaginava, eu acho que está perto.

23- Quem você gostaria de encontrar no céu?

R: Toda minha família, meus amigos de escola, a Bruna, a Gabi.

24- Como é o seu relacionamento com a igreja? Se você pudesse dar uma nota, qual seria?

R: Não muito como eu deveria, já até me chamaram para participar na recepção, mas acho que eu deveria me empenhar, mas acho que eu me daria uma nota 7.

25- Já estudou a Bíblia com alguém?

R: Sim, umas 3 pessoas.



*ENTREVISTADO 5 - ENGENHEIRO COELHO, 19 DE JULHO DE 2009*

Perguntas introdutórias ( quebra gelo) para o sujeito da pesquisa.

1- Qual seu nome?

R: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2- Qual a sua idade?

R: 13 anos

3- Onde você estuda?

R: UNASP- 8º ano

4- Quanto tempo você é adventista?

R: De berço

5- Você já participou de uma pesquisa antes?

R: Não de igreja.

Perguntas Diretas.

6- Como você se converteu?

R: Na verdade eu nasci na igreja, eu sempre ouvi muitas histórias, tipo eu tomei a decisão na terceira série, com nove anos, eu acho, daí eu acabei me batizando.

7- O que motivou o batismo?

R: Bem, eu confesso que na época eu me batizei só pelo eba, eba, só que agora eu vejo que essa é a doutrina certa, até porque não tem nenhuma outra que segue a Bíblia tão à risca, e que vê que os sinais estão acontecendo. Na verdade por ser adventista de berço, tipo assim todo mundo.

8- Quanto tempo você dedica para a comunhão pessoal?

R: Aí depende do dia, tipo, se às vezes a gente acorda um pouco atrasada é um pouco menos, é isso, eu oro, eu falo do dia anterior, confesso meus pecados, faço meus pedidos, aí eu leio a Bíblia, lia a minha lição, agora não tenho lido, pois eu perdi a minha lição.

9- Você estuda a lição da escola sabatina?

R: Estudava sim , mas agora eu perdi, né?

10- Você já fez o ano bíblico alguma vez?



R: Aí está, eu já li até o capítulo 40 e alguma coisa do gênesis, mas eu acho muito chato, tipo assim, se vai tentar ler o gênesis e não consegue, por isso estou ainda no capítulo quarenta e poucos, mas eu vou chegar no final.

11- Você já fez algum estudo bíblico alguma vez?

R: Sim, com os desbravadores.

12- Você frequenta os cultos regularmente? Quais?

R: Hum... o de sábado e o de sábado. Geralmente não vamos ao culto de domingo e quarta.

13- Como você reage quando é feito um apelo na igreja?

R: Depende, se o apelo for, tipo assim, para um caso como o meu, e eu penso num assunto... se tipo assim, não tem nada a ver comigo eu deixo de lado mesmo.

14- Qual tem sido a influencia de seus pais em sua vida cristã ?

R: Geralmente eles sempre dão uma moral, é falando sobre Bíblia, tipo assim, o pai sempre associa um episódio com a Bíblia.

15- Que tipo de músicas você ouve?

R: Bem, geralmente eu ouço as músicas que meu irmão coloca pra tocar no computador, que eu não de chegar muito de chegar no computador, , que eu não de chegar muito de chegar no computador, e por isso mesmo eu não tenho minhas músicas, coisa assim temas de filmes, tipo Madagascar, Jack Donisen, Colld Play, Dimiro Cray, e várias outras. Gosto de algumas e outras não.

16- Como você acha que essa músicas influenciam sua espiritualidade?

R: (silencio, e pensa um pouco) sinceramente não. Acho que não atrapalha em nada.

17- Quais são seus passatempos prediletos?

R: Assistir TV, pular na cama elástica e brincar de futebol com meu irmão. Internet, como eu disse eu não gosto de computador, entendeu?

18- Quanto você se dedica à internet?

R: Como eu disse eu não gosto de computador, então nada. Só quando é um trabalho assim muito importante, mas geralmente eu fico com a parte mais artística no negócio. Na verdade, eu tenho um orkut, já tive msn, acho que uns 5, e um monte de e-mails, mas acaba expirando pois eu não uso, não sou muito de ir no computador me esquecendo da senha..

19- O que você mais sente falta na igreja?

R: (duvidas) Nessa? Comunhão entre os irmãos.

20- O que você mudaria na igreja?

R: Eu dividiria em pequenas igrejas. ( frequenta a igreja do UNASP) tipo a igreja ser uma família, entendeu? Se reconhecer a igreja como uma família, quanto menor o grupo seria



melhor, pois a gente conheceria todo mundo e poderia debater assuntos, é isso.

21- O que você mudaria em sua vida espiritual?

R: Eu dedicaria mais tempo em fazer o culto, tipo tem dia que eu acordo mais tarde e acabo não fazendo, ou fazendo pouco, entendeu? Fazendo só uma oraçãozinha.

22- Qual seu maior sonho?

R: Ir colportar e ser aluna interna.

23- Você sente que Jesus vai voltar logo?

R: Pelos sinais dá pra ver bastante coisa, tipo essa crise, as coisas que estão acontecendo, se ler a Bíblia se vê um monte de coisas, tipo assim, às vezes ta falando com os amigos e às vezes eles mesmo acabam falando sobre alguma coisa, entendeu? Tipo se percebe que está perto da volta de Jesus.

24- Como é o seu relacionamento com a igreja? Se você pudesse dar uma nota, qual seria?

R: Nessa igreja realmente não tem nada pra fazer, mas no clube tem, tipo assim eu e uma outra amiga que, tipo assim, a gente quer ser pastora, inventamos umas histórias, mas tipo assim, eu e minha amiga a gente acaba tentando falar pras pessoas que não são adventistas da minha unidade, na escola sabatina eu acabo participando, faço observações e eu poderia fazer mais, e dou nota 6 pra mim. Essa igreja é muito grande e tem muita gente, e em tudo tem alguém melhor e não sobra oportunidade pra gente.

ENTREVISTADO 6- *ARTUR NOGUEIRA, 16 DE JULHO DE 2009.*

Perguntas introdutórias (quebra gelo) para o sujeito da pesquisa.

1- Qual o seu nome?

R: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2- Qual a sua idade?

R: 16 anos

3- Onde você estuda?

R: UNASP

4- A quanto tempo você é adventista?

R: 5 anos.



6- Você já participou de uma pesquisa antes?

R: Sim.

Perguntas Diretas.

7- Como você se converteu?

R: Me converti quando entrei na escola adventista, minha amiga Cecília me falou da igreja e me levou a Jesus.

8- O que motivou o batismo?

R: Minhas amigas que me motivaram.

9- Quanto tempo você dedica para comunhão pessoal?

R: 30 minutos no máximo (nesse momento houve uns segundos de silêncio, uma cara de insatisfação, decepção e vergonha).

10- Como você se relaciona nesse momento de comunhão?

R: Eu leio a Bíblia normalmente e oro também.

11- Você estuda a lição de escola sabatina?

R: Não. (nesse momento seus olhos se enchem de lagrima).

12- Você já fez o ano bíblico alguma vez?

R: Já antes de me batizar.

13- Você frequenta os cultos regularmente (quais)?

R: Frequentava, agora estou indo mais de sábado, mas também vou no J.A.

14- Como você reage quando é feito um apelo na igreja?

R: Ahn o que mexe bastante comigo é quando fala de família, é que meus pais não são da igreja, minha família não é da igreja. (Tatiane tem mais duas irmãs que também são adventistas e sujeitos desta pesquisa). (tanto Tatiane quanto sua Mãe Glória se emocionam e ficam com voz embargada).

15- Qual tem sido a influência de seus pais em sua vida cristã ?

R: (silêncio momentâneo, a mãe pede para que eu desligue o gravador para dar explicações e minimizar seu constrangimento). Meus pais me levam para a igreja e buscam sempre, compram nossas lições e materiais de igreja, bem como roupas e calçados.

16- Que tipo de músicas você ouve?

R: Sertanejo, é o que eu mais gosto.

17- Como você acha que essas músicas influenciam sua espiritualidade?

R: Sei lá, acho que não fazem mau.



18- Quais são seus passatempos prediletos?

R: Internet

19- Quanto tempo você se dedica a internet?

R: (cara de decepção e vergonha e então responde). De 3 a 4 horas por dia (risos. A Mãe interrompe e se explica dizendo que não deixa que elas fiquem até tarde da noite na internet.)

20- O que você mais sente falta na igreja?

R: O que eu mais sinto falta são os Cultos jovens.

21- O que você mudaria na igreja?

R: Eu que eu mudaria? Panelinhas, tem muitas panelinhas. No geral.

22- O que você mudaria em sua vida espiritual?

R: O que eu mudaria? Eu deixaria as coisas que não agradam a Deus assim, tipo internet, musicas, e, dedicaria tempo mais a Deus pois estou precisando.(algumas lágrimas brotam dos olhos. Silencio por uns instantes).

23- Qual o seu maior sonho?

R: Ver minha família na igreja.

24- Você sente que Jesus vai voltar logo?

R: Não tenho esse tipo de sentimento.( pergunto então se ela não associa os acontecimentos atuais tipo a queda recente do vôo da Air France com a volta de Jesus e ela me responde que não pensa muito nisso mas associa sim.)

25- Quem você gostaria de encontrar no céu?

R: Minha família minhas irmãs e a Bruna minha amiga.

26- Como é o seu relacionamento com a igreja, se você pudesse dar uma nota qual seria?

R: Eu daria 5, eu participo pouco. Também porque não tenho oportunidade, é sempre as mesmas pessoas que fazem sempre as mesmas coisas, e ultimamente não tem mais tido culto jovem, a igreja ta bem parada e quando tem J.A é sempre de auto ajuda.

Terminada a entrevista convidei-as para orarmos, então a adolescente pediu-me alguns conselhos e perguntou-me se poderia fazer um estudo Bíblico com ela, sugeri que fosse nas sextas as 19h e então, contei como minha Mãe se convertera e convidei sua Mãe para estudar conosco e ela prontamente aceitou. Nisso chegou o pai o Sr. Antônio depois de um quebra gelo, disse o motivo que me levava a sua casa e estendi o convite também a ele que de pronto aceitou. Foi uma experiência marcante para todos.



## APÊNDICE III - MODELO DE QUESTIONARIO



CENTRO UNIVERSITARIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO  
CAMPUS EC  
Faculdade Adventista de Teologia



- 1) Ano de Nascimento: 19 \_\_\_\_
- 2) Idade: \_\_\_\_\_
- 3) Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
- 4) É batizado na Igreja Adventista? ( ) Sim ( ) Não
- 5) Tem familiares próximos (pelo menos um dos pais ou um irmão) na igreja?: ( ) Sim ( ) Não
- 6) Nacionalidade: ( ) Brasileiro ( ) Outro: \_\_\_\_\_
- 7) Estuda em Internato: ( ) Não ( ) UNASP-EC ( ) UNASP-HT ( ) UNASP-SP ( ) Outro
- 8) Estado de Residência (Se aluno em Internatos, colocar estado de residência dos pais. Caso os seja no estrangeiro, colocar o nome do País): \_\_\_\_\_
- 9) Idade em que teve seu primeiro contato com a Igreja Adventista (0 se "nasceu" na igreja): \_\_\_\_
- 10) Como você se sente em relação a igreja?  
( ) Vibrante ( ) Ativo ( ) Freqüentador ( ) Indiferente ( ) Membro, mas não de coração
- 11) Marque que reuniões/cultos você freqüenta regularmente:  
( ) Escola Sabatina ( ) Culto de Sábado ( ) Culto de Domingo/Quarta ( ) Pequeno Grupo  
( ) JA ( ) Não freqüento assiduamente, vou a igreja só quando eu quero
- 12) Marque que reuniões/cultos você freqüenta só de vez em quando:  
( ) Escola Sabatina ( ) Culto de Sábado ( ) Culto de Domingo/Quarta ( ) Pequeno Grupo ( ) JA
- 13) Qual o culto que você mais freqüenta (marque apenas 1)?:  
( ) Escola Sabatina ( ) Culto de Sábado ( ) Culto de Domingo/Quarta ( ) Pequeno Grupo ( ) JA
- 14) Porque você freqüenta a igreja?:  
( ) Por amor a Jesus ( ) Por incentivo da família ( ) Amigos ( ) Hábito  
( ) Medo de perder a salvação ( ) Obrigação/imposição
- 15) Os cultos e programas de sábado de sua igreja são interessantes?(1=Muito interessante e 5=Muito desinteressante/chato): ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 16) você consegue entender e aproveitar para sua vida os sermões de sábado? (1=Totalmente e 5=Nada):  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 17) Você sente que está sendo preenchido espiritualmente ao freqüentar a igreja? (1=Totalmente e 5=Nada):  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 18) Você sente orgulho ao pertencer a Igreja Adventista do Sétimo Dia? (1=Totalmente e 5=Nada):  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 19) Você se sente amado pela sua igreja (onde você freqüenta)? (1=Totalmente e 5=Nada):  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 20) O relacionamento com sua família influencia em sua vida espiritual? (1=Totalmente e 5=Nada):  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 21) Como você avalia a sua igreja (onde você freqüenta)? (1=Muito Fervorosa e 5=Totalmente Fria):  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 22) Quem mais te influencia espiritualmente?:  
( ) Familiares ( ) Amigos ( ) Líderes ( ) Professores ( ) Pastor
- 23) Em casa, você pratica o culto familiar? (1=Sempre e 5=Nunca): ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 24) Quantas vezes você lê a Bíblia na semana?:  
( ) 7 ou mais vezes ( ) 5-6 ( ) 3-4 ( ) 1-2 ( ) Não leio habitualmente.
- 25) Você tem lição da Escola Sabatina?: ( ) Sim ( ) Não
- 26) Você estuda regularmente a sua lição? (1=Sempre e 5=Nunca): ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 27) Posso ser eu mesmo na igreja? (1=Sempre e 5=Nunca): ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 28) Que área do culto de sábado pode ser melhorado?:  
( ) Sermão ( ) Espiritualidade ( ) Reverência ( ) Música ( ) Louvor ( ) Outros
- 29) Concorda que a igreja seja uma extensão de sua família?(1=Totalmente e 5=Não):( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 30) Você crê num Deus Criador, que criou este mundo em seis dias literais? (1=Totalmente e 5=Não):  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5

**CENTRO UNIVERSITARIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO  
CAMPUS EC  
Faculdade Adventista de Teologia**

- 31) Você sente que Deus se importa com sua vida? (1=Totalmente e 5=Não): 1 2 3 4 5
- 32) Você frequentemente se sente próximo a Deus quando em oração?: (1=Totalmente e 5=Não):  
1 2 3 4 5
- 33) Sua fé envolve todos os aspectos de sua vida (não somente a igreja)? (1=Totalmente e 5=Não):  
1 2 3 4 5
- 34) Como está seu relacionamento com Deus? (1=Próximo e 5=Distante): 1 2 3 4 5
- 35) Quantas vezes você ora por dia?: 7 ou mais 5-6 3-4 1-2 Não oro habitualmente.
- 36) Você sente a presença de Deus em sua vida? (1=Sempre e 5=Nunca): 1 2 3 4 5
- 37) A volta de Jesus ou os eventos finais são algo que te assusta? (1=Totalmente e 5=Não):  
1 2 3 4 5
- 38) Você está satisfeito com sua vida espiritual e seu relacionamento com Deus? (1=Totalmente e 5=Não):  
1 2 3 4 5
- 39) Você conduz a sua vida por princípios cristãos/bíblicos, não só na igreja, mas em todos os lugares? (1=Totalmente e 5=Não): 1 2 3 4 5
- 40) Você emprega seus talentos sistematicamente para falar de Deus aos outros? (1=Totalmente e 5=Não):  
1 2 3 4 5
- 41) Qual é a prioridade que o seu relacionamento com Deus tem em sua vida? (1=Alta e 5=Baixa):  
1 2 3 4 5
- 42) Dos apelos que você ouve na igreja, você geralmente: Atende e tenta por em prática imediatamente Somente faz promessas para o futuro Se sente tocado mas não pensa em fazer mudanças Apelos não lhe causam efeito/geralmente não atende a apelos
- 43) Se Jesus voltasse hoje, você estaria: (1=Salvo e 5=Perdido): 1 2 3 4 5
- 44) Quantas vezes você joga video-game, em períodos superiores a uma hora, a cada semana?:  
7 ou mais 5-6 3-4 1-2 Não oro habitualmente.
- 45) Quantas horas você passa na internet por semana?: 10 ou mais 7-9 4-6 1-3  não uso habitualmente
- 46) Quantas horas de TV você assiste por dia?: 7 ou mais 5-6 3-4 1-2 Assisto só de vez em quando
- 47) Quantas horas você passa no Orkut e/ou MSN por semana?:  
10 ou mais 7-9 4-6 1-3 Não uso o Orkut/MSN habitualmente.
- 48) Você acha que a internet influencia o seu relacionamento com Deus? (1=Totalmente e 5=Não):  
1 2 3 4 5
- 49) Qual o Tipo de programa que você mais assiste?:  
Filmes Jornais Programas de Auditório (ex.: Domingo Legal, Calouros) Novelas Desenhos  
Reality Shows (ex: BBB, O Aprendiz) Esportes Outros
- 50) Que tipo de música você mais ouve?:  
Rock MPB Clássica Gospel Sacra (Música religiosa mais tradicional) Outras
- 51) Qual o canal que você mais assiste?:  
Globo Record Bandeirantes SBT Novo Tempo Cultura Outros
- 52) Costuma ir ao cinema? (1=Freqüentemente e 5=Nunca): 1 2 3 4 5
- 53) Quando você aprende algo novo sobre Deus ou a Bíblia, você sente vontade de:  
Falar a todos Compartilhar só com os da Igreja Sou indiferente  
Compartilhar só com os mais íntimos Não falar à ninguém
- 54) Quando você não entende alguma doutrina da igreja você procura resolver suas dúvidas com:  
Familiares Amigos Líderes Professores Pastor Somente estudo pessoal
- 55) Qual a doutrina bíblica que te chama mais atenção?: Sábado Santuário Volta de Jesus Juízo Final Outros
- 56) Qual doutrina bíblica que você acha mais difícil de entender?:  
Sábado Santuário Volta de Jesus Juízo Final Outros
- 57) Você acha que a igreja tem feito um bom trabalho em instruir os seus freqüentadores em todos os princípios bíblicos? (1=Totalmente e 5=Não): 1 2 3 4 5

**Muito Obrigado !!!**

## RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

### **O CASAMENTO ENTRE ADVENTISTAS E NÃO-ADVENTISTAS: ANÁLISE DO PROBLEMA E PROPOSTA DE PROCEDIMENTOS**

**Aroldo Ferreira de Andrade**

Tese defendida em setembro de 2009

Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP)

Orientador: José Carlos Ebling, Ed. D.

[praroldo@ig.com.br](mailto:praroldo@ig.com.br)

#### **Tópico**

Casamentos em jugo desigual envolvendo questões religiosas, e especificamente de adventistas e não-adventistas, foram estudados a partir do ponto de vista bíblico e de autores diversos, considerando o crescente número de lares sem estrutura religiosa que, evidentemente, podem chegar ao divórcio. A pesquisa de campo demonstrou a necessidade de uma proposta de orientação preventiva para a juventude e de uma ação terapêutica e evangelística aos adventistas casados em jugo desigual.

#### **Propósito**

Esta investigação tem como propósito analisar os efeitos dos casamentos mistos por questões religiosas sobre os adventistas, a partir de uma análise bíblico-bibliográfica, seguida de uma pesquisa de campo com dados fornecidos pelos próprios adventistas casados. Os resultados obtidos levaram a uma proposta de orientação aos jovens adventistas solteiros, bem como aos adventistas casados em jugo desigual, objetivando uma ação evangelística que alcance os cônjuges não-adventistas.

#### **Fontes**

A investigação baseou-se nas pesquisas bibliográfica e de campo. Os conceitos bíblicos foram extraídos de comentaristas e autores religiosos sob a perspectiva cristã. Os



seminários sugestivos apresentados ao final do estudo fundamentam-se em conceitos bíblicos que apoiam a visão de que um casamento harmonioso necessita que os cônjuges cultivem a unidade de crenças e valores espirituais.

### **Conclusões**

Desde a formação da família humana, da nação israelita, e da igreja cristã, Deus tem orientado Seus filhos acerca do casamento, a fim de protegê-los. Sendo o relacionamento conjugal a mais íntima das associações humanas, foi usado por Deus como símbolo da união entre Ele e Seus filhos. A presença divina como fator de união na família forma um elemento espiritual indispensável para que o casamento cumpra os divinos propósitos.

Na história bíblica, as advertências contra o casamento entre um adorador do Deus verdadeiro e um idólatra ou descrente, têm recebido ênfase. A desobediência a tais advertências trouxe um rastro de sofrimento e dor, que perdura até o presente, atingindo a família e de modo especial os filhos. Os casamentos dos adventistas do sétimo dia têm também sofrido a influência devastadora dos relacionamentos sem estrutura religiosa, que leva os matrimônios a durarem cada vez menos, aumentando os índices de separação e divórcio. A juventude adventista deve ser orientada ao dar os passos que conduzem ao matrimônio. Por outro lado, revela-se necessária a promoção de mecanismos de ação terapêutica que auxiliem os adventistas já envolvidos em relacionamentos mistos, incluindo ações de caráter evangelístico, visando alcançar os cônjuges não-adventistas.

### **MARRIAGE BETWEEN ADVENTISTS AND NON-ADVENTISTS: ANALYSIS OF THE PROBLEM AND PROPOSAL OF PROCEDURES**

#### **Topic**

Marriages of unequally yoke involving religious questions, specifically those of Adventists and non-Adventists were studied through the biblical point of view and through the point of view of various authors, considering the increasing number of homes without a religious structure, which may eventually lead to divorce. The field research showed the necessity of a proposal of preventive orientation for the youth and a therapeutically and evangelistically oriented action for those Adventists who are married of unequally yoke.



## **Purpose**

This research intends to analyze the effects of mixed marriages through religious questions about the Adventists, through a biblical-bibliographical analysis followed by a field research with data coming from the couples themselves. The results lead to a proposal for the orientation of the single Adventist youth, and also for the Adventists couples of unequal yoke, as an evangelistic action focused on reaching the non-Adventist spouses.

## **Sources**

The project was based on bibliographical and field research. The biblical concepts were extracted from commentators and religious authors with a Christian perspective. The suggestive seminars presented at the end of the study are founded on biblical concepts that strengthen the vision that a harmonious marriage needs both spouses to be united in their beliefs and spiritual values.

## **Conclusions**

Ever since the formation of human family, the Israelite nation, and the Christian church, God has oriented His children about marriage, in order to protect them. Since conjugal relationship is the most intimate of human associations, it was used by God to symbolize His union with His children. The divine presence is like a link in a family and it is an indispensable spiritual element in order for a marriage to fulfill its divine purposes.

In biblical history, the warnings against the marriage of a worshipper of true God and an idolater or unbeliever have received emphasis. The disobedience of such warnings has left a trail of suffering and pain, which lasts to today, affecting the family and especially the children. The marriages of Seventh-day Adventists people has also suffered the devastating influence of relationships without religious structure, which leads to marriages lasting less and less, increasing the rate of divorces. The Adventist youth should be oriented as it guides towards marriage. In the other hand, the necessity of a promotion of therapeutic mechanisms that helps Adventists already involved in mixed relationships, including those of evangelistic characters, aiming to reach the non-Adventist spouses is also revealed.

## **RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES**

### **A IRA DE DEUS: ESTUDO BÍBLICO TEOLÓGICO E PROPOSTA HOMILÉTICA**

**Emilson dos Reis**

Tese defendida em dezembro de 2009  
Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP  
Orientador: Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.  
[emilson.reis@unasp.edu.br](mailto:emilson.reis@unasp.edu.br)

#### **Tópico**

A pesquisa estudou a ira divina, como entendida por teólogos conservadores e por Ellen White, sistematizou o tema e ofereceu uma proposta homilética na forma de esboços de sermões.

#### **Propósito**

O objetivo da pesquisa é primordialmente pastoral, pois busca oferecer uma sistematização detalhada do tema da ira de Deus e uma série sugestiva de esboços de sermões, que esteja disponível para uma abordagem eficaz no âmbito da pregação.

#### **Fontes**

Este estudo foi fundamentado em pesquisa bibliográfica que investigou as análises e observações feitas por teólogos que estudaram o tema da ira de Deus nas Escrituras, e seguiram uma abordagem cristã conservadora, e os escritos de Ellen White.

#### **Conclusões**



A ira é uma das perfeições divinas e retrata sua aversão ao pecado. Os vocábulos hebraicos e gregos empregados no texto bíblico a descrevem tanto como uma paixão violenta como uma atitude racional frente ao pecado. Ela tem uma característica presente e outra escatológica. É uma expressão justa e natural de sua santidade, mas também do seu amor que foi desprezado ou abusado. Diferentemente da ira humana e da ira dos deuses da mitologia pagã, ela não inclui muitos dos aspectos negativos tão comuns a estas. Antes, é sempre seu desprazer e reação contra o mal, inteiramente previsível, coerente, constante e imutável, em perfeita harmonia com sua justiça e santidade. Até o dia final do julgamento será temperada com misericórdia, buscando de uma maneira adequada, preservar a ordem e promover a paz.

Esta ira de Deus tem sido uma realidade no mundo dos homens desde o surgimento do pecado e permanecerá atuante até a extinção do mal e a restauração de todas as coisas. Seus efeitos são percebidos em nossa própria natureza ímpia e perversa, no afastamento de Deus (o qual deixa o pecador contumaz seguir seu próprio caminho) e nas punições, sendo que algumas são conseqüências naturais dos atos de pecado e outras, penalidades diretas impostas por Deus como juiz. Em seu sentido escatológico a ênfase recai sobre o castigo que os ímpios – Satanás, seus anjos e os homens impenitentes – terão ao se encerrar a história humana. Ao final, todos compreenderão tanto a ira como o amor de Deus e proclamarão sua perfeita justiça.

Com respeito à relação de Cristo com a ira divina, o exame do texto neotestamentário demonstrou que a ira de Deus era uma característica tanto da vida quanto dos ensinamentos de Jesus e que, em todos os casos, ela despertou quando sua misericórdia foi desprezada. Mas ele não apenas possuiu essa ira, ele também a sofreu. Embora o derramamento de seu sangue tenha sido a revelação direta do amor do Pai para conosco, foi também o impedimento direto da ira do Pai contra nós. Sua morte foi tanto uma expiação quanto uma propiciação e, como tal, evidenciou o perdão de Deus, mas também sua justiça, como fundamento para esse mesmo perdão. Ali, Deus satisfez suas próprias exigências santas e voltou contra si mesmo sua ira justa que o pecador merece. Por essa razão, Deus pode ser, simultaneamente, justo e justificador de todo aquele que crê. Dando continuidade à sua obra de salvação, Cristo atua como intercessor, ouvindo nossa confissão de pecados e intercedendo continuamente por nós, aplicando em nosso benefício o que ele realizou na



cruz. Acrescente-se ainda que, se Cristo retratasse somente os atributos pacíficos de Deus, não seria a plena revelação de Deus, mas apenas uma revelação parcial. Por isso, ele também foi apontado como o executor da ira de Deus. Em sua soberania Deus estabeleceu que o destino eterno do homem estivesse ligado à sua pessoa. O homem se salva ou se perde em função de sua relação com Cristo. Ou aceita o sangue do Cordeiro ou a ira do Cordeiro.

Levando-se em conta a realidade de que o tema da ira divina se encontra distribuído ao longo de todo o texto sagrado e que, ao lado da misericórdia de Deus, é parte integrante da mensagem central da Bíblia e do Evangelho, pode-se considerar que a pregação cristã deve incluir mais do que a vida abundante que vem de Deus quando manifestamos fé em Cristo. Faz-se necessário pregar e ensinar sobre a ira divina e a condenação que vem sobre todos aqueles que recusam a misericórdia de Deus. Desse modo, o anúncio de salvação está indissolúvelmente ligado à pregação da ira de Deus sobre os homens e a comissão do pregador é proclamar a mensagem de que todos estão sob a ira de Deus até que eles creiam no Senhor Jesus Cristo.

## **THE WRATH OF GOD: A THEOLOGICAL BIBLICAL STUDY AND A HOMILETICAL PROPOSAL**

### **Topic**

This research has studied the divine wrath from conservative theologians' and Ellen White's perspective. It also systematized the theme and offered a homiletical proposal as sermons' outline.

### **Purpose**

The purpose of this research is primarily pastoral, since it aims to present a detailed systematization of God's wrath theme and a series of suggestive sermons outlines that will provide an effective approach on the topic for preachers.



## Sources

This study was based on an investigated bibliographical research with analysis and observations performed by theologians who studied the God's wrath theme on Scripture and followed a conservative Christian approach and Ellen White's writings.

## Conclusions

Wrath is one of the divine perfections and portrays God's repulse to sin. The Greek and Hebrew words used on the biblical text describe it as a violent passion as well as a rational attitude against sin. It has a current as well a scatological characteristic. It expresses God's holiness fairly and naturally, and also of His love that was abused and forsaken. Unlike the human wrath and the mythological pagan god's wrath, it does not include many of the negative aspects of both. Instead, it always shows His displeasure and reaction against evil, completely predictable, coherent, constant, and unchangeable in a perfect harmony with His justice and holiness. Even up to the final judgment day it will be mingled with mercy, trying in a proper way to preserve order and promote peace.

God's wrath has been a reality in men's world since sin appeared and will remain there until evil's extinction and the restoration of all things. Its effects are noticed in our own evil and perverse nature, in God's separation (which makes the hardhearted sinner follow his own way), and in the punishment, considering that some of them are natural consequences of sin, and others, direct punishment imposed by God as Judge. In its eschatological sense, the emphasis is on the punishment that the wicked – Satan, his angels and impenitent men – will have at the closing of human history. At the end, everyone will understand both, the wrath and the love of God and will proclaim His perfect justice.

In regard to the relationship between Christ and the divine wrath, the neo testamentary text presents God's wrath as a characteristic of Jesus' life as well as His teachings. Also, it was manifested in all instances when His mercy was forsaken. Yet, He not only manifested this wrath, He also suffered it. Even though the shedding of His blood has been a directly revelation from the love of the Father to us, it was also time the immediately obstruction of the Father's wrath against us. His death was atonement as well



as a propitiation act, and thus, it made clear not only God's forgiveness, but also His justice, as a foundation of the same forgiveness. At the cross, God fulfilled His own holy requirement and brought against Himself the wrath deserved by sinners. Therefore, God can be at the same time, just and the justifier of all who believes in Him. Throughout His work of salvation, Christ acts as intercessor, listening to our confessions and continuously interceding for us, and applying in our behalf whatever He realized in the cross. Furthermore, if Christ would have demonstrated only the peaceful attributes of God, He would not be the complete revelation of God, but only a partial one. As a result, He was also appointed the executer of God's wrath. In His sovereignty God established that the eternal destiny of men would be linked to Him. Man would be saved or lost due to his relationship to Christ, either choosing the blood of Christ or the wrath of the lamb.

Considering that both, the theme of the divine wrath, which is found throughout the sacred text and God's mercy, are part of the central message of the Bible and the Gospel, we come to the conclusion that the Christian preaching must include more than abundant life that comes from God as a result of our faith in God. It is necessary to preach and teach about God's wrath and the condemnation that comes over all who refuse God's mercy. Therefore, the proclamation of salvation is connected to the preaching of God's wrath over mankind and preachers ought to proclaim the message that everyone is under God's wrath up to the moment he or she believes in Jesus Christ.

## RESENHA

STEFANOVIC, Ranko. **Revelation Of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation**. Berrien Springs, EUA: Andrews University Press, 2002.

### Matheus Cardoso

Editor Assistente de livros na Casa Publicadora Brasileira

Editor associado da revista Conexão JA

Bacharel em Teologia (Unasp)

[matheus.cardoso@cpb.com.br](mailto:matheus.cardoso@cpb.com.br)

Ranko Stefanovic é doutor em Novo Testamento pela Andrews University e atualmente é professor de Novo Testamento na mesma instituição. Escreveu o livro considerado “o mais abrangente comentário adventista sobre o Apocalipse” (1ª edição, contracapa), o qual possui uma abordagem “focalizada no texto e centralizada em Cristo” (contracapa). Tendo a segunda edição, revisada e ampliada publicada originalmente em 2002 pela Andrews University Press.

Além da introdução (p. 1-50), do prólogo (Ap 1:1-8; p. 53-75) e do epílogo (Ap 22:6-21; p. 615-625), o livro é dividido em três partes: as mensagens às sete igrejas (Ap 1:9-3:22; p. 79-160), a abertura do rolo selado (Ap 4:1-11:19; p. 163-370) e o conteúdo desse rolo (Ap 12:1-22:5; p. 373-612). A obra possui também apresentação redigida por Jon Paulien (p. xiii-xiv), prefácio do autor (p. xv-xviii), bibliografia selecionada (p. 627-636), índice de autores modernos (p. 637-640), índice de referências bíblicas (p. 641-665) e índice de referências extrabíblicas (p. 667-668).

Cada seção inicia com um “panorama” que apresenta o sentido geral do texto e a mensagem teológica. A seguir, são incluídas uma tradução da passagem bíblica e “notas” acadêmicas sobre palavras-chaves. A “exposição” verso por verso do texto bíblico combina, simultaneamente, erudição e linguagem acessível aos leitores em geral. Cada seção conclui com um “retrospecto”, que muitas vezes apresenta a relevância prática e atual do texto discutido. Ao longo de todo o livro, existem quadros/tabelas que apresentam visualmente diversos aspectos do Apocalipse.

O rolo selado de Apocalipse 5 desempenha importante função no comentário de Stefanovic. Sua tese doutoral, intitulada *The Background and Meaning of the Sealed Book of Revelation 5* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1996), tratou



precisamente desse tema. De acordo com Stefanovic, o rolo selado tem seu antecedente no Livro da Aliança (i.e. Deuteronômio) que era entregue ao rei israelita na entronização (Dt 17:18-20; 2Rs 11:12). “O Livro da Aliança, que fora ‘selado’ na queda da monarquia israelita e no término do reinado davídico, agora é transferido a Cristo, o verdadeiro Rei davídico, a quem é submetido o senhorio do mundo” (abstract). Ao possuir esse direito legal, Cristo tem autoridade para revelar a Seu povo “as coisas que em breve devem acontecer”.

Paulien, na apresentação, afirma que “muito poucos comentaristas [cristãos] têm se envolvido em uma séria interação com o texto [do Apocalipse] em seu completo contexto literário e com detida atenção ao idioma original”. Os adventistas, por exemplo, geralmente estão “preocupados primariamente ou com a aplicação histórica (Uriah Smith, C. Mervyn Maxwell) ou em aperfeiçoar e esclarecer a compreensão adventista do livro do Apocalipse (Roy C. Naden, Hans K. LaRondelle)”. A contribuição de Stefanovic é o “ponto de partida” de “uma séria análise textual” do Apocalipse “em busca de seu sentido intrínseco e a intenção de Deus para a passagem” (p. xiii).

Apesar das inúmeras pesquisas exegéticas desenvolvidas por eruditos adventistas nas últimas décadas, não seria exagero dizer que a obra de Stefanovic é o primeiro – e único – comentário exegético completo do Apocalipse escrito de uma perspectiva adventista. Apesar de produzido por um erudito adventista, a obra será relevante para os leitores em geral. Longe de defender uma interpretação sectária, Stefanovic apresenta honesta exegese acadêmica. Provavelmente a maior característica do livro é a interpretação natural do texto bíblico, em vez da imposição de interpretações artificiais e arbitrárias. Mesmo leitores não adventistas perceberão que a interpretação adventista do Apocalipse não é apenas uma relíquia tradicionalista do século 19, mas resultado de profundo estudo das Escrituras.

A obra de Stefanovic, juntamente com a de G. K. Beale (*The Book of Revelation*, The New International Greek Testament Commentary [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999] e a de David E. Aune (*Revelation*, Word Biblical Commentary, v. 52a-c [Waco, TX: Word: 1997-1998]), pode ser considerada um comentário indispensável a todo estudioso do Apocalipse. Mas, embora Aune enfatize os supostos antecedentes da cultura mediterrânea presentes no livro, Beale e Stefanovic apresentam profunda análise de suas alusões ao Antigo Testamento e a outras fontes judaicas. Os dois últimos



comentários são mais féis à intenção original do autor, já que muitos estudos demonstram que o Antigo Testamento é a principal fonte literária do Apocalipse.

Apesar da qualidade da obra como um todo destacam-se algumas partes dela. A seção introdutória sobre princípios de interpretação do Apocalipse (p. 9-25) fornece o fundamento metodológico para o restante do comentário. Uma notável contribuição de Stefanovic é sintetizar sua tese doutoral e mostrar como ela se aplica à compreensão do Apocalipse como um todo. Isso é feito no “panorama” de Apocalipse 4 e 5 (p. 163-184). Outra seção útil é a exegese das sete trombetas, em que Stefanovic fornece a exposição bíblica de um tema que frequentemente é alvo de especulações (p. 281-323).

Os quadros/tabelas que comparam a Trindade divina (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) com a trindade satânica contrafeita (o dragão, a besta e o falso profeta) proveem relevante elemento para a compreensão da segunda metade do Apocalipse (p. 377-379). Especialmente os leitores adventistas serão beneficiados pela abordagem bíblica de Apocalipse 13, outra seção sobre a qual muitas vezes surgem especulações (p. 409-443). A nota sobre a “marca da besta” é possivelmente a melhor exposição breve feita por um adventista sobre o assunto (p. 422-424). Os comentários sobre o Armagedom (p. 492-503) ajudarão muitos a ter uma compreensão bíblica sobre esse controvertido tema. Apesar de existirem outras interpretações, a nosso ver a exposição de Stefanovic sobre os “sete reis” de Apocalipse 17 é a mais natural ao próprio texto bíblico (p. 511-533).

Sobre diversos textos do Apocalipse, existe divergência de interpretação mesmo entre adventistas. Stefanovic, em muitos casos, chega a conciliar duas interpretações geralmente consideradas conflitantes. Assim, ele conclui, por exemplo, que o “dia do Senhor” em Apocalipse 1:10 é tanto o sábado quanto o dia escatológico do Senhor (p. 94-98); que as “duas testemunhas” de Apocalipse 11 representam tanto o Antigo e Novo Testamentos quanto o povo de Deus (p. 352, 353-357-358) e que o “selo de Deus” é tanto o sábado (p. 422-424, 434-436) quanto o Espírito Santo (p. 261, 262, 265-266).

Nenhuma obra humana é perfeita, e cada leitor terá suas discordâncias em relação a Stefanovic. Alguns poderão achar muito breve a exposição sobre o uso do Antigo Testamento no Apocalipse (p. 18, 19), apesar da importância primordial do conceito em *Revelation of Jesus Christ*. Outro aspecto que poderia ser desenvolvido em uma nova edição é a estrutura do Apocalipse. O autor propõe que Apocalipse 12-22 consiste no conteúdo do rolo selado do capítulo 5, mas não apresenta realmente uma defesa dessa ideia. Alguns leitores adventistas concluirão que a interpretação tradicional adventista de Apocalipse 10 (p. 325-341) e 11 (p. 343-364) possui mais base exegética



que aquela sugerida por Stefanovic. Seguindo outros eruditos (tal como Jon Paulien), o autor afirma que a mulher de Apocalipse 17 é a mesma mulher do capítulo 12, mas apostatada (p. 522). Essa interpretação merece ser desenvolvida futuramente, em vez de ser apenas enunciada.

Como um livro “direcionado tanto para o erudito quanto para o não especialista” (contracapa, 1ª edição), *Revelation of Jesus Christ* é apropriado para todos os grupos de leitores. Estudantes de Teologia e teólogos serão beneficiados pelo elevado nível acadêmico da obra. É importante observar, no entanto, que o Apocalipse foi escrito para ser lido publicamente e estudado durante o culto cristão (Ap 1:3; 22:7; p. 55, 62), e não apenas ou primariamente de forma individual. As “notas”, de natureza mais popular, bem como o “panorama” e o “retrospecto”, podem ser utilizados em sermões, seminários e grupos de estudo.

As reuniões na igreja poderiam utilizar como introdução ao estudo as seções “Interpretando o livro do Apocalipse” (p. 9-11), “Como interpretar o livro do Apocalipse” (p. 15-17) e “A natureza simbólica do Apocalipse” (p. 17-22), presentes na introdução da obra, bem como a seção popular sobre o capítulo 1:1-8 (p. 53-75). Talvez o capítulo mais apropriado para dar início ao estudo da profecia propriamente dita seja Apocalipse 12, devido à sua função central no Apocalipse e à sua relativa facilidade de compreensão (p. 385-408). A seguir, poderiam ser estudadas as seções populares sobre Apocalipse 13 (p. 409-443) e 14 (p. 445-476), por sua relevância no cumprimento atual das profecias. A partir de então, o grupo poderia estudar a obra na sequência que estiver de acordo com seu próprio interesse e necessidade.

Diversos adventistas, tanto teólogos quanto não especialistas, sentem que às vezes existe um desequilíbrio na abordagem ao Apocalipse feita por adventistas: alguns autores menosprezam a exegese acadêmica em favor da interpretação tradicional; outros autores parecem concluir que a exegese levará à rejeição de diversas interpretações defendidas pelos adventistas.

A obra de Stefanovic mostra que uma aplicação consistente de sólidos princípios exegéticos, em vez de solapar a interpretação adventista, estabelece mais que qualquer interpretação descontextualizada do livro. A exegese acadêmica do Apocalipse levou Stefanovic a concluir que o historicismo (ou método histórico-contínuo), livre das distorções de muitos autores do passado, é o método mais natural e apropriado para interpretar esse livro. Ao estudarem detidamente *Revelation of Jesus Christ*, muitos leitores terão fortalecida sua confiança na mensagem escatológica adventista.